Alberto Silva

A PRIMEIRA MEDICA DO BRASIL



Pongetti

A PRIMEIRA MÉDICA DO BRASIL

de

ALBERTO SILVA

Dificilmente o historiador consegue estabelecer limites para um trabalho de paciente pesquisa como êste que agora apresentamos ao pûblico.

Inicialmente, tratava-se apenas de retificar o deslise involuntário em que incorrera conceituado programa radiofônico carioca, quando conferiu à dra. Ermelinda Lopes de Vasconcelos o título de *Primeira Médica do Brasil*.

O professor Alberto Silva, ilustre historiador baiano, possuia alguns elementos que o autorizavam a reivindicar para Rita Lobato Velho Lopes, formada pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1887, essa prioridade indiscutível. Havia exatamente um ano de antecedência sôbre a formatura da dra. Ermelinda, laureada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1888.

Lançado ao trabalho de reconstituir os fatos, verificou o historiador patrício a imensidade de subsídios existentes nos dois centros científicos e os que ainda poderia obter por via particular, desde que se dispuzesse a colhê-los. Ampliou-se extraordinàriamente o plano da obra e a tarefa se apresentava com tôdas as características de sedução para um especialista do gênero.

Desde logo, patenteou-se ao escritor a personalidade marcante da biografada. Mulher de rara inteligência, soube enfrentar galhardamente os preconceitos sociais da época e levar a bom têrmo um curso

A PRIMEIRA MÉDICA DO BRASIL

ALBERTO SILVA

Da Universidade da Bahia. Da Academia de Letras da Bahia. Do Instituto Historico da Bahia. Do Instituto Bahiano de Historia da Medicina. Do Centro de Estudos Bahianos. Da Associação Paulista de Historia da Medicina. Do Instituto Brasileiro de Historia da Medicina. Do Instituto Genealogico da Bahia. Do Centro de Estudos Etnograficos da Bahia. Do Circulo de Estudos Hispanicos da Bahia, etc, etc.

A PRIMEIRA MÉDICA DO BRASIL

ao dileto colega e bom amigo
Gilberto Rebouças, a homenagem
muito especial pelo transcurso
grande aniversário da
cordial e fraternal
com um abraço do amigo
Alberto Silva
15.12.91

1954
Irmãos PONGETTI — Editôres
RIO DE JANEIRO

Ac. 216768
Ex. 156229
156229

JUSTIFICAÇÃO

Êste livro possue, também, o seu motivo: o de representar, antes de tudo, uma empresa de honesta rehabilitação histórica. Não era possível permanecer a injustiça da concessão de uma prioridade de quem não possuia o necessário direito. E as pesquizas realizadas, à base de uma farta documentação, revelaram o seguinte: a primeira médica formada numa Faculdade brasileira, chamou-se Rita Lobato Velho Lopes e recebeu o seu diploma na Faculdade de Medicina da Bahia, a 10 de dezembro de 1887.

Tal o que prova e comprova êste trabalho, assegurando um direito que estava, até então, outorgado à outra colega, formada, entretanto, um ano depois.

ALBERTO SILVA

A Faculdade de Medicina da Bahia,
onde formei o meu espirito de Médico,
Homenagem do

AUTOR

PARTE PRIMEIRA

A MULHER E A MEDICINA

I

AMBIENTE HOSTIL

I

AMBIENTE HOSTIL

"A maior parte das mulheres designadas nas poesias e em outras obras como "médicas" deve incluir-se entre as diversas classes do pessoal sanitário e do curandeirismo".

P. DIEPGEN — "História da Medicina".

Lutou a mulher, tenazmente, séculos seguidos, para alcançar o direito, hoje natural e justo, de exercer a profissão médica. Uma resistência teimosa contrariou-lhe sempre, e por todos os meios, a exaltada pretensão. Houve mesmo em vários paizes civilizados, e desde remota antiguidade, uma certa intransigência ambiente, que permaneceu cerrada, profunda, inamovivel. Não se permitia concessão oficial alguma para a mulher exercer a medicina, o que, aliás, não impediu a existência de médicas no Egito, na Grécia e na Roma antiga, e, até já em plena idade-média, pelo resto da Europa.

Chegou-se mesmo a afirmar que "o exercício da medicina por mulheres se perde na noite do passado". (1) Mas,

---

(1) — "As mulheres formadas em Medicina, escreveu Artur Castiglione, também têm sido nossas companheiras desde os tempos de Trotula ou desde os tempos primitivos dos egípcios, caso aceitemos como verdadeira a mulher figurada na famosa estóla do menino com polimielite".

convenhamos que exemplos tais devem ser considerados como exceções, exceções transitórias que não firmam um direito e não concretizam um triunfo. Porque "a maior parte das mulheres designadas nas poesias e em outras obras como "médicas" deve incluir-se entre as diversas classes do pessoal sanitario e do curandeirismo". (2) Mesmo as "médicas" que clinicaram, temporariamente, naquele periodo da decadência romana não passaram, esta a verdade, de méras charlatãs, (3) sem autorização oficial para tanto.

Em Salerno (4) e mesmo em París (5) permitiu-se, durante certa quadra, o exercício da cirurgia pela mulher, e ainda o direito de lecionar a medicina e de escrever livros de assuntos médicos. Compreendamos, porém: somente a cirurgia. A medicina, não. E assim mesmo ficou de logo evidenciado "o insignificante papel desempenhado por essas cirurgiãs". (6) Concedeu-se, diziamos, que a mulher fôsse cirurgiã, proibindo-se, entretanto, na mesma ocasião, "a assistência feminina nas Universidades, onde se lhe tornou completamente impossivel o estudo científico da medicina interna". (7) Para contrabalançar, entretanto, tão rígida proibição, abriram-se em Salerno, as portas da "docencia universitária" ao elemento feminino, o que permitiu, de pronto, que mulheres famosas e até formosas "ensinassem medicina e escrevessem também obras profundas, clássicas, valiosas". (8)

---

(2) — A mitologia de vários lugares antigos criou deusas protetoras da medicina, como Isis, no Egito, Saravaste na India.

(3) — Três famosas parteiras romanas, Cleopatra, Salpe e Lais, exerceram ilegalmente, a medicina na Cidade Antiga e possuiam algumas noções apenas de patologia.

(4) — Cidade da Campania, Italia, capital da província do mesmo nome. Roberto Guiscardo fundou a sua escola de medicina cujo carater leigo, afirma A. Castiglione, permitia às mulheres serem admitidas às aulas e aos estudos.

(5) — Cidade do Departamento do Sêna, Capital da França. A Escola de Medicina faz parte, ao lado da de Direito, de Ciências e de Letras da sua famosa Universidade, cujo aspecto atual é reflexo de um decreto napoleonito de 1808.

(6) — P. Diepgen — Ob. cit.

(7) — P. Diepgen — Ob. cit.

(8) — Houve realmente, sobretudo na idade-média, (não mais hoje aquela "noite de dez séculos"), escritoras célebres cujos trabalhos científicos fizeram época. Uma delas foi a monja Hildegarda que no século 12 escreveu o livro intitulado "Causas e Métodos do Tratamento da Enfermidade". Outra mulher famosa foi também a salernitana Trótula, considerada por muitos autores a primeira médica da História, que escreveu no século 13 um alentado trabalho sôbre Obstetrícia em que "recomendava um modo primitivo de proteção do perinêo".

Certo é que existiu uma notória relutância em se conceder à mulher o direito da profissão médica, permitindo-se-lhe, apenas, e assim mesmo não de modo definitivo e nem num sentido geral, o direito de praticar a cirurgia. Sim, o exercício da medicina, vale dizer da medicina interna, acompanhado do seu estudo, das provas de competência e da necessária graduação, sempre foi restrito ao homem. A mulher, tal dissemos, exerceu transitoriamente a cirurgia (9) e nunca legalmente a medicina, pois havia profunda distinção nesses tempos entre o médico, isto é, o internista e o cirurgião. (10) Esta, pois, a razão precípua de se haver provisoriamente concedido à mulher o dirieto de praticar a cirurgia, negando-se-lhe igual direito quanto à medicina, isto é, à medicina interna. A cirurgia ainda era considerada uma profissão leiga, que os médicos olhavam com certo desprezo, pois gozavam de grande prestígio que lhes emprestava a sua profissão nobre, superior, distinta. O médico na idade media, e mesmo na idade moderna, possuia uma profunda compenetração do seu valor, por isso que, ao contrário do cirurgião, contava com uma aprendizagem científica, (11) que o transformou naquela personagem curiosa e secular replenada de sabenças e de orgulhos.

---

(9) — As Universidades de Salerno e de París aprovaram mulheres cirurgiãs, concedendo-lhes direito profissional. Um famoso édito de 1311, já no século 14, permitia em París que as mulheres fizessem exames para cirurgiãs e exercessem, portanto, de seguida, esta profissão.

(10) — Houve indiscutivelmente uma distinção e uma rivalidade profundas, seculares, entre o médico e o cirurgião. Sabe-se que na idade média viveram os médicos afastados dos cirurgiões, julgados profissionais de categoria inferior. Os médicos faziam um longo estagio nas Universidades, prestando, depois, exame de licenciatura para receberem, então, o título de Magister ou de Físico. No século 13 é que surge, mediante ato especial, o título de Doutor. Porque estudassem em Universidades, manuseassem obras científicas, prestassem exames, os médicos se consideravam de elevada categoria, encarando a cirurgia como profissão deprimente, humilhante, secundária. Daí no seu juramento, dizerem êles, solenosos e enfatuados: "jamais serei cirurgião e não operarei com "ferro et igne". Um famoso cirurgião arabe chamado Kelaf-Ben-Abbes-Abul-Cassia, cirurgião do Califa Abderrahman iniciou, porém, em pleno século 14 a rehabilitação da profissão cirurgica. Rodados dois séculos, Saliceto, de Bolonha volta ao mesmo ássunto, prosseguindo a nobre campanha do seu colega. Finalmente em meiados do século 16 Carlos 5.º considera, por uma resolução oficial, digna e honrosa a profissão cirurgica.

(11) — Tal aprendizagem científica estava concretizada: 1.º no conhecimento anatômico; 2.º na possibilidade de evitar a infecção cirurgica; 3.º nos métodos exatos, positivos e sistemáticos aplicados a

Quando, porém, se proibiu à mulher o exercício da cirurgia, já esta vinha praticando, desde séculos, a obstetrícia, (12) profissão que aprendera com rara sagacidade, sem, entretanto,

---

anestesia; 4.º na narcose. Médicos antigos e mediévos iniciavam a prática profissional sob as vistas de velhos companheiros. Depois faziam exame de licenciatura, têrmo dos estudos universitários, que lhes garantia o título de Magister ou de Físico ou mesmo de Doutor, já no século treze. O curso universitário constituia-se, então, de cinco anos: nos dois primeiros os alunos alcançavam "o bacharelato" e nos três últimos "a licenciatura", cujo exame, realizado perante professores da Faculdade, constava de comentários dos "Aforismos", de Hipocrates; da "Articela", de Galeno; do "Canon", de Avicenas; do "Coliget", de Averróes, do "Al-Mansore" de Razes do "Isagoghi" de Giovanizo etc. O "Doutorato" ou melhor a sua concessão ensejava u'a maneira especial, protocolosa, mística, constituida principalmente de grande cerimônia, realizada, a princípio, nas igrejas sob repiques nervosos de sinos, com a presença de todo o Corpo Docente da Faculdade. Por sua vez o exercício da clínica por parte do médico recem-formado tinha que obedecer a uma certa formalística. Uma das exigências, a que o médico se obrigava cumprir, era a de ser sempre amavel com os seus clientes. Outra era a de que tivesse bôa aparência. Outra, ainda, a de que gozasse bôa saúde.

(12) — Desde os egipcianos vêm as mulheres assistindo ao nascimento de crianças. Entre os hebreus, também o mesmo costume: as mulheres partejavam as suas clientes, vendendo-lhes, ainda, medicamentos secretos de finalidade abortiva. Ponah e Shiphra passaram à História como as mais famosas parteiras hebraicas. Da mesma forma Salpe, Lais e Cleopatra na antiga Roma. Essas parteiras antigas recebiam os nomes de "matronas" ou de "comadres". Em França houve no século 17 duas famosas "comadres" Louisie de Bourgeois, parteira de Maria de Medicis, esposa de Enrique 4.º, de França e Madame Depuis, parteira de Gabriel L'Estrées, amante do citado Rei. Madame Durocher, francesa, foi por sua vez a grande parteira do Brasil Imperial. Assistiu a alguns partos das Imperatrizes Leopoldina e Teresa Cristina. A Academia Imperial de Medicina instituiu um "Prêmio Madame Durocher". Tais "comadres" possuiam, na idade antiga, vários encargos. Acompanhavam tôda a "delivrance", cortavam o cordão umbelical, ajudavam a expulsão da placenta, lavavam a criança e a parturiente, dando conselhos sôbre a chegada do leite. Principiavam como aprendizes no serviço de uma companheira mais prática e idosa. Feito êste estágio, exerciam, então, a profissão por conta própria, recebendo, assim o título de "matrona" que chegou a ser oficial quando concedido por uma cidade após um rápido e simbólico exame de perguntas e respostas, perante uma comissão de físicos locais. Na Idade-Média êsses exames foram legalizados, permitindo desta sorte, que cada cidade possuisse a sua "comadre oficial", cujas honrarias e serviços eram regulamentados por ordenações especiais. Na Europa as mulheres foram parteiras exclusivas até fins do século 18, quando os homens começaram a penetrar na sua seàra. No Brasil primitivo, no Brasil aborigene acontecia, porém, o contrário: quem partejava não era a mulher, era o homem. Jean de Lery viu um brasilindio cortar com o dente o cordão umbelical de um recem-nascido, achatar-lhe o nariz, pintando-lhe, de seguida, o corpo todo de preto e encarnado.

desanimar na sua nobre perseverança de um dia lograr exercer legalmente a medicina. (13)

Esta, aliás, a razão do seu triunfo magnífico, depois de várias centúrias de luta intrépida. (14) Escôa-se, todavia, o século dezoito, e ainda um Gobieck teimava em considerar "que as mulheres deviam trabalhar nas roças e nas cozinhas para que nasceram". E Montannier julgava de sua vez, "constituir grande sacrilégio obrigar a mulher a ser médica por isso que perdia a sensibilidade e o pudor próprio do sexo, tornando-se indiferente à vista de coisas horríveis, acostumando-se a não tremer diante de espetáculos sanguinolentos, encarando assim tudo que corta os corações mais empederni-

---

(13) — O exercício da medicina foi a têrmo de contas um velho sonho de mulher. Teimosia? Vocação? Uma e outra coisa. Certa dama romana tentou penetrar, em dada ocasião, num templo de Hipocrates, sendo impedida. Vestiu-se, porém, no dia imediato, de trajos masculinos, despistou a vigilancia, penetrou no templo, lá ficando entre os homens. Caso semelhante sucedeu em principios do século dezenove com uma dama inglesa. "No ano de 1812, escreveu certo autor, um tal James Miranda Stuart Barry (1790-1865) alcançou o grau de doutor em medicina pela Universidade de Edinburgo, com uma tése intitulada "De Merocele". Barry entrou logo no serviço militar e após vários anos de trabalho em várias colônias britânicas, foi nomeado inspetor geral dos hospitais do exército canadense. Parece que Barry possuia uma voz clara e aguda, era de estatura baixa, franzino, imberbe, de gênio ríspido e exigia que o tratassem com o respeito devido à sua categoria. Em 1859 retirou-se do serviço e passou o resto da vida em Londres. Só depois de sua morte se verificou que êle era, na realidade ,u'a mulher. Conta-se que apenas o médico militar inglês Thomas Longmore (1816-1895), um dos fundadores da convocação de Genebra, era detentor desse segredo em vida de Barry, porém se mantivera fiel à promessa de não denunciar a mulher que foi a primeira a ostentar um grau de doutora na Grã-Bretanha".

(14) — Esta luta secular, em que a argucia feminina lançou mão de todos os ardis, começou desde o instante em que a mulher desejou ser médica. E atravessou, assim, a idade-antiga, penetrou na média, invadiu a moderna, extendendo-se à grande parte da contemporânea, quando surgiu o triunfo da sua perseverança. Aliás até os primeiros anos do século atual, como se verificará linhas adiante, persistia ainda o preconceito de afastar a mulher da profissão ou pelo menos de dificultar o seu ingresso nas escolas médicas. E as primeiras moças que no século passado pretenderam quebrar o tabú da época passaram por várias humilhações, sofreram perseguições de tôda espécie não só da parte dos homens, senão e sobretudo das próprias companheiras de sexo.

dos". (15) Gobieck e Mantannier refletiam, evidentemente, o pensamento de sua época, o século 18, a respeito da pretensão feminina de exercer a medicina. Dominava, por então, no particular, uma atitude hostil, reflexo evidente da mentalidade canhêstra e retrógrada provinda dos séculos anteriores.

(15) — Houve, porém, uma exceção que vale registada com seus louvores: em 1737 Echacher reconheceu com assombro geral "a capacidade da mulher em particar com proveito e eficiência a arte de Hipocrates em tôdas as suas provincias".

II

AÇÃO E A REAÇÃO

II

AÇÃO E A REAÇÃO

"Les femes docteurs ne sont point de mon gout".

MOLIÉRE

Ação e reação começaram a alçar o colo na Europa e na America, fortalecendo a impressão geral de que não tardaria muito o triunfo das aspirações femininas. A resistência ambiente, apesar de um pouco combatida, ainda assim procurava manter-se grosseira, pertinaz, inabalavel. Na maioria dos casos (16) tôda e qualquer tentativa da mulher em prol do seu almejado direito ao exercício da medicina redundava em fracasso, que antes de constituir motivo de desânimo fortalecia, inda mais, a sua disposição e a sua perseverança. A "batalha do diploma doutoral" transformou-se, desta maneira, numa cruzada magnifica em que mulheres de vários paizes desempenharam ação saliente., sofendo com estoicismo todos os revezes, (17) confiantes sempre na vitoria que não deveria

---

(16) — Em 1754, com assombro de tôda Europa ,a Faculdade de Medicina de Halle, Alemanha, concedeu o título de Doutor em Medicina à jovem Dorotéa Cristina Erxleben, aleman, que passou logo a exercer a sua clínica. Dorotéa Cristina Erxleben foi, assim, ao que parece, a primeira mulher a receber o diploma oficial de Doutora em Medicina.

(17) — Nos Estados Unidos as primeiras estudantes de medicina foram mal recebidas pelos seus companheiros de curso. Em 1809 estu-

tardar. Em certos paizes europeus a indisposição estudantil chegou ao auge de expulsar as primeiras moças que tentaram cursar medicina. (18) Aliás, devemos acrescentar: o meio (19) acirrou muitissimo esta odiosidade geral contra a secular pretensão feminina. O meio e a Imprensa (20) que é, a termo de contas, o seu reflexo. A Imprensa verberou, duramente, a

---

dantes americanos vaiaram com assobios e gritos, insultaram com frases grosseiras as alunas do "Female Medical College Of Pennazy Ivania" que tentaram praticar em certo hospital da cidade. Durante as aulas essas jovens recebiam, a todo instante, vezes muitas pelo rosto, pontas de cigarro, bolinhas de papel, etc. Tais descortezias continuaram ainda por muito tempo no referido hospital. Aconteceu o mesmo, também em Buenos-Aires com a primeira estudante argentina de medicìna, Cecilia Guierson. Segundo suas próprias declarações receberam-na os colegas com profunda zombaria, dificultando -lhe a princípio, o estudo no curso médico. Finalmente as jovens estudantes francesas e inglesas foram maltratadas, a princípio, pelos seus companheiros de estudos.

(18) — Não foram somente os estudantes norte-americanos que receberam mal as suas jovens colegas de curso. Também já o dissemos os estudantes franceses e ingleses. As moças francesas que frequentavam, em 1879, a Universidade de París eram a todo momento importunadas por manifestações de mau gosto de parte de seus colegas. E isto desde que entravam na Escola, continuando dentro das próprias aulas, até que as deixavam. Por sua vez algumas jovens que tentaram estudar medicina em Edinburgo passaram por momentos horriveis, não logrando, a termo de contas, os seus desejos. Sofreram tôdas as desconsiderações possiveis: foram vaiadas, apupadas e até apedrejadas pelos colegas que não permitiam, de forma alguma, semelhantes companheiras em sua Faculdade. E, então, para desfêcho de tôdas estas represálias, a Reitoria da Universidade de Edinburgo instaurou um inquérito que depois de vários dias de apurações chegou a esta conclusão paradoxal: as jovens estudantes eram as unicas culpadas de tôda aquela anormalidade, razão por que foram expulsas imediatamente da referida Universidade.

(19) — O meio atuou muito em prol da hostilidade sofrida pelas mulheres na luta por um direito justo. Vale, no lanço, o registo expressivo do que aconteceu com Miss Elizabeth Blackwell, estudante do "Genova College", dos Estados-Unidos, uma das primeiras doutoras norte-americanas. Elizabeth Blackwell, inglesa de nascimento, ao tentar matricular-se num curso médico sofreu a recusa peremptoria de onze escolas norte-americanas. Somente a decima-segunda o "Genova College", do Estado de Nova-York, permitiu a sua inscrição. Pelas manhãs, ao se dirigir ela às aulas, as mulheres de Genova afastavam-se com certo asco do seu caminho, "considerando que dama alguma possuidora de um pouco de decencia não se devia expor às coisas horríveis, ensinadas nas escolas médicas" — Preconceito!

(20) — Ação tenaz, impiedosa, profligadora mesmo, a da Imprensa na luta secular empreendida pela mulher em prol de uma das suas maiores aspirações: a de ser médica. No século passado a imprensa inglesa chamou de "sete semvergonhas" as sete moças que tentaram estudar medicina em Edinburgo. Nessa mesma ocasião o "Siglo Medico" considerava, por exemplo, "que mulher bonita em presença de um

pretendida admissão das mulheres às escolas médicas. Mesmo assim a grande campanha da vontade feminina alcança o seu apogeu no século passado, quando em luta lenta decisiva sentimos então o preconceito estremecer porém em seus alicerces seculares, desmoronando-se, aos poucos, sob os golpes profundos da constância, de audácia e da vontade femininas. Compreendeu-se, ainda, triunfar, finalmente, a vigorosa reação da mulher contra certa mentalidade canhêstra, retrógrada, absurda que durante vários séculos lhe trancara as portas das Universidades. Mentalidade que, varando todo o século dezenove, (21) prolongou-se ainda pelo começo do atual. (22) — Mas a reação venceu. E venceu, de todo, em

---

cadaver que serve para explicações anatômicas e de estudantes de gênio vivo demais, e não haverem olhares, gestos e frases mais ou menos picantes, francamente era coisa que não saberia explicar". E de seu turno também o "Escholastic Medical" — "Nada ha tão materialmente inaceitavel como uma doutora em medicina. Se ha paradoxo possível é a admissão da mulher na arte de curar. Não se percebe todavia que haja prazer possível em uma mulher conviver com as doenças mais repugnantes e passar os melhores dias de sua mocidade a dissecar cadaveres. Não pode haver mulher de gosto tão deploravelmente depravado. Sair tímida e honesta da casa de seus pais com o pudor de 20 anos para se acercar de cadaveres e, de escalpelo em punho, pedir a natureza todos os seus segredos. Se Deus tivera adivinhado que a mulher se havia de lembrar uma vez de ser doutora em medicina certamente não incomodaria o sono de Adão para lhe tirar a costela. Quebraria esta em suas mãos onipotentes antes de lhe dar o sôpro divino. E depois que médica! Compreendeis uma mulher sem pudor? Não podeis admitir também uma doutora sem êle. Se quereis defender a existência de mulheres dadas ao exercício da medicina para resguardades o pêjo de vossos esposos e de vossos filhos enganai-vos. Emancipação de mulher pela medicina! A que preço? Por que sacrifício? Privam-na dos melhores sentimentos, roubam-lhe os mais santos afetos, empanam-lhe a sua mais brilhante aureola, compram-lhe o coração, a alma, os sorrisos, as lagrimas, o amor, a poesia só para lhe deixarem... o que? A cabeça? A cabeça! A única coisa má da mulher"!

(21) — Em 1888 um jovem esculapio Manoel Pedreira, colega de formatura da Dra. Ermelinda de Vasconcelos, a segunda médica formada no Brasil, entendia, ainda, que "a Medicina afastava a companheira do homem de suas naturais aptidões, dificilmente se adaptando aos anfiteatros anatômicos, às lamentações dos doentes e aos espetáculos das salas de operações".

(22) — Mesmo nos princípios do século atual a opinião continuou desfavoravel, em grande parte, ao estudo da medicina pelas mulheres. Em 1905, indagado a respeito de tão palpitante assunto o então Kaiser Guilherme II, da Alemanha respondeu, com grande dose de ironia: "a mulher deve se ocupar exclusivamente dos três K". Perguntaram-lhe então quais eram estes três "K" e êle acrescentou: "Kuche — Kirde — Kender, "isto é, em português — "Cozinha, Igreja — Filho". Este o pensamento de quasi tôdas personalidades dos começos de nosso século, havendo, apenas, uma ou outra exceção honrosa.

nosso tempo, em que a igualdade de direito da mulher no que tange ao exercício da medicina é assunto pacífico, aceito, resolvido. De fato, que vêmos em nossos dias? Vêmos o triunfo absoluto de uma idéia levedada no sofrimento, mantida pela pertinacia e exaltada pela dedicação, triunfo absoluto que se espalha por tôda parte, impressionando, maravilhando mesmo os círculos culturais do mundo inteiro. (23)

Sempre a Mulher!

---

(23) — Referimo-nos, em a nota 16 à primeira mulher ao que parece diplomada em medicina na Europa: Dorotéa Cristina Erxleben, doutora em medicina, de Hele. Tal acontecimento assinala não ha duvidar o início da ascenção vitoriosa da mulher médica. Um século depois já existiam nos Estados-Unidos 500 médicas diplomadas e hoje, corridas duas centurias, já se contam 9200 mulheres médicas e cirurgiãs para 186 mil médicos norte-americanos. Mais ainda: quatro hospitais dos Estados-Unidos mantêm hoje corpo administrativo constituido inteiramente de mulheres. E o mais antigo desses hospitais o "New-York Infirmary for Women and Children" representa em nossos dias um belo monumento erigido em homenagem à vitoria alcançada em 1848 por Elizabeth Blackwell , auxiliada pela irmã, a Dra. Emily Blackwell e pela colega Maria Lakérevoka. Êsse famoso nosocômio norte-americano vem prestando uma contribuição inestimável à médica prática em seu país, gozando, por conseguinte, da justa reputação de hospital modelo, aprovado pelas mais altas autoridades médicas da grande República americana. No "New-York Infirmary" foram fundados a primeira escola de enfermagem e o primeiro serviço médico social dos Estados-Unidos. De sua vez a primeira escola de medicina do mundo exclusivamente para mulheres foi a "Women's Medical College of Pennsylvania" que se chamou em 1850 "Femal Medical College". E Michaele Pupen construiu e usou em 1890 no "New-York Infermary" o primeiro aparelho de Raio X, localizando-se nessa época, e pela vez primeira, um corpo extranho numa das mãos de certa paciente. Também em 1873 foi criada em S. Petesburgo uma escola para estudos médicos exclusivamente destinada às mulheres. Na Inglaterra a maioria das escolas de medicina, exceto as dos Hospitais de Londres, está aberta às mulheres. Outra escola semelhante foi fundada, de seu turno, em 1888 em Horsalen. A maioria das escolas médicas européas seguiu o exemplo da Suissa em 1876, permitindo a matricula feminina. Finalmente em 1878 o Conselho Imperial da Russia autorizou a mulher realizar exames oficiais em suas Escolas médicas. A "London School of Medicinie for Women" foi fundada em 1874 e a "Women's Medical College" de Baltimore em 1881. Em 1879, permitiu-se no Brasil o ingresso da mulher nas suas Faculdades para obtenção de diploma científico.

III

TRIUNFO DA PERSEVERANÇA

III

TRIUNFO DA PERSEVERANÇA

"Muito duro é viver fazendo frente ao antagonismo social de tôda classe, sem outro apoio que um propósito elevado".

ELIZABETH BLACKWELL

E, assim, na segunda metade do século dezoito, surgem as primeiras senhoras diplomadas em escolas oficiais. Por êsse tempo "já algumas mulheres exerciam a medicina não cedendo em instrução e em fama aos seus colegas masculinos". (24) Uma delas, cujo nome chegou até nós, e já foi citada, é a Dra. Dorotéa Cristina Erxleben, formada em medicina em 1754 pela Escola médica de Halle. (25) Outra também citada linhas atraz é a Stuart Barry, que se vestiu permanentemente de homem para estudar medicina, e, disfarçada desta guisa, recebeu o diploma na Universidade de Edinburgo, (26) clinicando por tôda a sua longa vida. No século

---

(24) — P. Diepgen — Obr. cit.

(25) — Cidade antiga situada na província da Saxonia, Prussia, Alemanha. Possue famosa Universidade, fundada em 1694, a que se incorporou em 1816, outra Universidade célebre a Wittenberg.

(26) — Cidade famosa da Gran-Bretanha. Capital do reino da Escossia, situada à margem de Leith. Possue entre outros monumentos uma famosa Universidade fundada em 1582, que conta hoje cerca de

seguinte, diminuida a resistência contrária, e cedido um pouco o preconceito antigo, várias jovens européas e americanas correm às Faculdades, já de portas abertas, em busca do almejado diploma científico. Mencionemos aqui a mais famosa dessas moças decididas, Elizabeth Blackwell (27) que após uma luta pertinaz sutentada contra todos elementos adversos (28) realizou o seu grande sonho, haverá precisamente um século. Contava Miss Elizabeth Blackwell 20 anos, quando começou a pensar muito à serio na possibilidade de vir um dia a ser doutora em medicina. Residia, por então, nos Estados-Unidos. Por essa época as pessoas que lhe ouviam o curioso desejo respondiam-lhe desalentadoramente: "é mais fácil você organizar uma revolução do que pretender ser médica". Miss Blackwell, porém, não desanima e persiste em pôr seu intento por obra correndo as escolas norte-americanas em

---

2 mil alunos. A sua biblioteca, uma das mais célebres da Inglaterra, possue 160 mil volumes. Os professores de Edinburgo são tidos como os mais cultos e os mais ilustres do Reino Unido.

(27) — Não confundir, portanto, com a outra Elizabeth Blackwell, autora do "Phiturious Herbal", que viveu entre 1712 e 1770. A Elizabeth Blackwell aqui referida nasceu em 1821, na cidade de Bristol, na Inglaterra. Com a idade de 10 anos transferiu-se com seus pais para a cidade de Cincinnati, Ohio, Estados-Unidos, onde fixou residência. Aos vinte anos sente decidida vocação para medicina e começa a sua peregrinação, batendo às portas de onze escolas médicas norte-americana em busca da necessária permissão para estudar medicina. Recusada em tôdas elas, essa jovem inglêsa de 20 primaveras, "de cabelos cobreados, meio cobertos por uma touca simples" surgiu um belo dia no "Genova College" de Nova-York, que a aceitou como estudante em pleno outono de 1847. Três anos depois, possuidora de um diploma, tentou clinicar numa enfermaria de certo Hospital de Filadelfia. Mal sucedida viajou para França onde também não logrou entrada nos seus hospitais, conseguindo apenas fazer parte do corpo clínico do "La Maternité", hospital público onde funcionava um curso prático de parteira. Diante disso viajou para Londres ingressando logo no curso prático de "St. Bartholomen's Hospital". Nesse nosocomio trava então relações com uma patricia Florence Nihtlengale, futura mãe das enfermeiras européas. Elizabeth Blackwell faleceu em 1910 aos 89 anos de idade em Hastings, Inglaterra. Viveu assim "até ver o caudal da sua própria vida converter-se no oceano de um movimento universal".

(28) — De tôdas as espécies. Dominava, ainda, nas cidades menores o velho preconceito social contrário à pretensão feminina de estudar e exercer a medicina. Desta forma depois de diplomada, Miss Blackwell foi obrigada a tomar dinheiro emprestado para comprar a sua casa. Hospedaria alguma norte-americana queria aceita-la como sua hóspede somente porque era médica. Certa proprietária de uma dessas pensões chegou a declarar, tomada de cuidados: "Se por acaso eu permitir que a médica coloque aqui a sua placa arrazar-me-ão a casa, pondo-me na rua".

busca da matrícula necessária aos seus estudos acadêmicos. Recebe-a o "Genova College" (29) de Nova York, impondo-lhe, todavia, certas condições. Enquanto, porém, aguarda solução do seu caso a jovem inglêsa estuda em casa, com afinco, as materias básicas do primeiro ano do curso médico. Aprofunda-se, contudo, de tal geito nesses estudos, que a sua cultura impressiona aos mestres e estudantes do "Genova College", apressando assim a sua matrícula no curso médico. E, desta guisa, naquele princípio de 1847 o livro de matrícula do "Genova College" registra o nome de Elizabeth Blackwell, a primeira mulher que se diplomou em medicina na America. Sensação! "O aparecimento de um unicornio não causaria tanto pasmo, pois parecia incrivel que aquela bonita menina tivesse a desfaçatez de aspirar siquer tal distinção". (30)

Certo, Elizabeth Blackwell não teve, evidentemente, esta aludida "desfaçatez". E não teve porque possuia a coragem de realizar contra todos os precalços uma grande emprêsa, fruto de decidida vontade e de ferrea perseverança. Penetrando, portanto, numa escola médica, a verdade é que "a seriedade do seu propósito e a bondade do seu carater captaram de logo o respeito de mestres e colegas". (31)

Assim, tratada por todos com deferencia e cordialidade, Miss Blackwell conclue o seu curso brilhante no "Genova College". E num dia frio daquele ano de 1849 as galerias dessa antiga escola médica norte-americana enche-se de curiosos que desejam mirar e admirar, tomados de ansiedades, a primeira mulher médica formada em seu país. Aberta a sessão o Presidente pronuncia logo, em voz pausada, e sob profundo silêncio, êste nome feminino: Elizabeth Blackwell. Logo de uma das poltronas do Salão Nobre surge certa jovem de cabelos acobreados, alva de jaspe, olhos azuis, "atitude resoluta" que se dirige, a passos firmes, para a mesa do Presidente. Aí, de pé e empertigada, pronuncia com voz clara estas palavras juramentais: "Prometo com auxilio de Deus devotar a minha vida à honra deste diploma".

Cumpriu. Sim cumpriu porque enobreceu, embora a custo de grandes sacrifícios, a profissão abraçada. E rodados tem-

---

(29) — Situado na parte ocidental do Estado de Nova-York, Estados-Unidos. Hoje não é mais "Genova College" e sim o famoso "Hobart College".

(30) — Elsie McCormick — "Independent Woman".

(31) — Também a sua inteligencia, pois Elizabeth Blackwell foi a primeira aluna de sua classe.

pos ela recordava o quanto lhe custou de esforço e de sofrimentos a sua nobre carreira. (32)

Mas, venceu!

O "British Medical Register" admitiu-a entre os seus associados. E ela fundou o primeiro hospital do mundo, inteiramente dirigido por médicas. Criou uma Sociedade Nacional de Saúde. Instituiu a Primeira Escola de Medicina para Mulheres. Orientou a fundação de Escolas congeneres na Inglaterra, na Suecia e na Russia, morrendo, finalmente, em 1910, em Hasting, na Inglaterra com 89 anos de idade. Fôra a primeira mulher na America a obter um diploma oficial de Doutora em Medicina. A primeira mulher, porque Sofia Jex-Blake veio depois (33) e recebeu o seu diploma em Zurick na Suissa, sem conseguir matricular-se antes em Edinburgo. (34) E também Emily Blackwell (Simmy) que se

---

(32) — "Por causa da vida severa que me impuz, declarou certa feita a Dra. Blackwell, tive que afastar tôda idéia de amor e de matrímonio". Quando chegou a París desejou ser cirurgiã e sofreu uma grande desilusão com esta resposta dos seus colegas franceses: "Matricule-se numa Maternidade e estude obstetricia". Ora não era bem isto o que ela desejava. Sempre que saía à noite para algum chamado clínico era importunada nas ruas pelos homens. Em certa ocasião, meio desanimada de lutar contra a hostilidade ambiente exclamara: "mui duro é viver fazendo frente ao antagonismo social de tôda classe, sem outro apoio que um propósito elevado". Trabalhou seis anos a fio na pobreza e no isolamento profissional, sem aceitar afeto algum masculino, mesmo o do seu colega Hipólito Blot, a sua grande saudade futura. "Gostaria, disse noutra conjuntura, gostaria ter algum desafogo e um pouco de expansão de quando em quando". Nunca teve, porém, por isso que trabalhava dezoito horas diarias. Esforço!

(33) — Inglêsa, nascida em 1840 e falecida em sua pátria em 1912, aos 72 anos de idade. Diepgen, (História de Medicina), fala-nos de certa russa que em 1869 recebeu em Zurick um diploma de doutora em medicina. Não cita, porém, o nome.

(34) — As autoridades universitárias de Edinburgo fizeram várias exigências à jovem inglêsa: teria que ouvir as preleções em salas separadas; não podia assistir às aulas de assuntos médicos, justamente as que lhe interessavam; frequentaria apenas as aulas de física e de botânica; só poderia assistir aos cursos teóricos de zoologia, anatomia e cirurgia, lecionados por professores não acadêmicos. Impossível, desta sorte, cursar a escola médica de Edinburgo em que a maioria dos professores era inteiramente contrária ao ensino da medicina às mulheres. Sofia Jex-Blake viajou portanto para Suissa, matriculando-se na sua Universidade de Berna. E em 1870 diplomava-se em medicina, voltando a Edinburgo, cuja Universidade lhe dificultou a pretensão, a Dra. Jex-Blake abriu consultorio em 1878 e iniciou vitoriosamente a sua clínica. Antes tivera a satisfação do seu diploma ser reconhecido pelo "King's and Sucen's-College" que permitiu clinicar em seu país.

Belo triunfo!

diplomou pelo "Rush Medical College" de Chicago, que foi aliás censurado pelo "State Medical Society" por te-la matriculado em seu curso. E ainda Maria Zakrevska, de ascendência poloneza, formada por um colégio norte-americano. Finalmente Martina Castello I Bellasti, a primeira médica da Espanha, que se formou em Madrid a 14 de dezembro de 1882.

IV

A BRASILEIRA DO "NEW-YORK MEDICAL COLLEGE"

IV

A BRASILEIRA DO "NEW-YORK MEDICAL COLLEGE"

"Já fiz a minha primeira visita médica: foi no dia 28 deste. A Dra. não poude acudir ao chamado e mandou-me em seu lugar. A doente era uma criança de dez anos filha de gente pauperrima".

MARIA AUGUSTA G. ESTRELA

Enquanto, porém, moças inglêsas e norte-americanas forçavam as portas universitárias, em busca do almejado diploma de doutora em medicina, uma jovem brasileira, menina-môça ainda de catorze viçosas primaveras, Maria Augusta Generoso Estrela, (35) viajava em companhia de sisuda

(35) — Filha de um abastado negociante luso, Albino Augusto Generoso Estrela, a jovem conterrânea nasceu no Distrito Federal a 10 de abril de 1861. Realizou o curso primario como pensionista do Colegio Brasileiro, dirigido por Madame Gross, situado à rua das Laranjeiras. Aprendeu ainda nessa ocasião o português, o francês, o inglês, o canto, o piano e prendas domesticas. Contava 12 anos quando, em 1873, acompanhou o pai numa viagem à Europa, visitando alguns dos seus paizes. De volta, porém, do velho continente, Maria Augusta desembarcou em Funchal, na ilha da Madeira, onde durante seis meses continuou os seus estudos no Colegio da Vila Real. Veio, então, toma-la, meses depois, o pai, trazendo-a ao Brasil. Aos 14 anos decide-se Maria Augusta estudar medicina, naturalmente influenciada pela "formatura

Senhora para os Estados-Unidos, a fim de também estudar medicina, e lograr o respectivo diploma por uma escola norte-americana. Ora, não havia ainda nessa época, isto é, em 1875, permissão legal para a mulher frequentar as academias nacionais, o que forçou Maria Augusta, jovem disposta e decidida (36) a se transferir para os Estados-Unidos, a fim de realizar o seu grande sonho. Possuidora de uma vontade de ferro, razão precípua do seu triunfo, a nossa patrícia embarcou no Rio, em princípio de 1875, no "South America" rumo à grande República Norte-Americana, acompanhada apenas, tal dissemos, de uma Senhora de suas relações.

---

de uma moça nos Estados-Unidos "e pela leitura de revistas norte-americanas que lhe chegavam às mãos revelando a perspectiva aberta às mulheres com a aquisição de um diploma liberal. Maria Augusta, não resistindo à sedução da medicina pede consentimento ao pai para estuda-la nos Estados-Unidos. Objeta-lhe êste a dificuldade de acompanha-la, mas a filha insiste, preferindo arrostar com as consequencias da sua resolução, mesmo a de ficar segregada em país longinquo e extranho. E parte finalmente, depois de haver vencido a resistência paterna. (Apud — Diario Carioca, 23-4-1950).

(36) — Salvou, certa vez por força desta decisão pessoal, passageiros, tripulação e bagagem do vapor inglês "Flamsteed", em que viajava de Funchal para o Brasil. Foi assim: no terceiro dia de travessia avista-se o couraçado inglês "Blorimphon" que, em pleno oceano, pede ao "Flamsteed", por meio de sinais, os últimos jornais europeus. Entendeu, todavia, o Comandante Brown, do "Flamsteed" de dar uma prova de cortezia, abordando o "Blorimphon", para entregar pessoalmente os jornais pedidos. Custou-lhe caro, porém, semelhante afoiteza porque o "Flamsteed" se atirou violentamente contra a prôa do "Blorimphon", destruindo alguns dos seus camarotes, fazendo grande rombo no próprio casco. Envergonhado pelo insucesso de sua gentileza o comandante Brown imprime ao seu navio tôda fôrça das maquinas, afastando-se, assim, do encouraçado inglês. Passageiros e tripulação assistem, agora, apavorados, ao navio fazer água, enquanto Brown se recusa obstinadamente a pedir socorro. Confusão! Nesse momento, princípio já de pânico, u'a menina brasileira de doze anos toma a frente daquela gente desorientada, vai ao Comandante Brown, e, resoluta, suplica-lhe que peça socorro ao "Blorimphon". Vencido pelo apêlo daquela menina, Brown manda parar as mqáuinas, solicita auxílio ao "Blorimphon" que se aproxima, fazendo-se de logo o transbordo de todos os passageiros, tripulação e bagagem. Momentos depois submergia-se o "Flamsteed". A heroina desta tragédia, Maria Augusta, menina de 12 anos, é saudada por todos a bordo do "Blorimphon", comovidos e admirados da sua façanha. Maria Augusta saltou no Rio de Janeiro debaixo de aclamações populares, recebendo as honras de uma autentica heroina. Trajava-se, então, de marinheiro, amostrando no chapeu a fita que lhe presenteara o comandante do "Blorimphon" e trazendo ainda consigo, presente da tripulação do "Blorimphon" um talim de ouro da espada do mais jovem oficial de bordo. (Do Diario Carioca — citado).

E aos 23 de abril desse mesmo ano salta, então ,em Nova-York, onde é festivamente saudada pela imprensa estadunidense (37) Legalizados os seus documentos, matricula-se Maria Augusta na "Saint-Louis Academy" de Osvego. Dois anos depois, em 1877, transfere-se, porém, para o "New-York Medical College and Hospital for Women". (38) E nesta segunda escola conclue, afinal em 1881, já com certo sacrifício, (39) o

---

(37) — O "New-York Herald", de 23 de abril de 1875 noticia com certo destaque a chegada da jovem brasileira, louvando a sua arrojada decisão, que causou tanta admiração na grande República norte-americana. Aliás no Brasil foi muito comentado e exaltado o arrojo de Maria Augusta, publicando-se em 1878, aqui an Bahia, uma biografia da heroinazinha brasileira, romanceada de várias conjunturas da sua vida aventurosa.

(38) — Não foi facil esta transferencia da "Saint-Louis Academy" para o "New-York Medical College", onde não era permitida a matrícula a alunos menores de dezoito anos. Mas nessa ocasião a jovem destemida encontra recursos para emocionar com os seus argumentos a Diretoria do "New-York Medical College", forçando-a assim, a matricula-la. Convocada uma reunião especial da Congregação para o dia 12 de dezembro de 1878 a fim de resolver o assunto, já às 7,30 da manhã, perante a Congregação, Maria Augusta, 16 anos mal cumpridos, sobe a tribuna para, ela mesma, defender a sua causa. Admiração! E exclama: "Cometi, Senhores o delito de ser honesta declarando a minha idade verdadeira. Perdoem-me por isso. Venho de um país longiquo onde o preconceito me fecha as portas da Academia. Confio que provando conhecimentos suficientes seja admitida neste Colegio como estrangeira, em carater excepcional. Considerem, ainda, Senhores Professores a projeção que esta deferencia terá nas relações dos Estados-Unidos e do Brasil. Avaliem o belo exemplo que representará a minha matricula para o sistema escolar de tôda a República dos Estados-Unidos da America". Ao terminar êste seu discurso Maria Augusta desce da tribuna sob aplausos gerais, inclusive dos próprios professores do "New-York Medical College". Momentos depois a Congregação do aludido Colegio decidiu por unanimidade atender à pretensão da jovem brasileira, permitindo a sua inscrição no exame vestibular'. Triunfo! (Do Diario Carioca — citado).

(39) — Maria Augusta estudava em Nova-York, quando vai abraça-la o pai envaidecido, que aproveita a oportunidade para providenciar a sua matrícula no "New-York Medical College", conseguida graças, uma vez mais, ao arrojo da jovem brasileira. Mas, nessa ocasião, o Sr. Albino Estrela recebe a má noticia de que perdera tôda a sua fortuna no Rio de Janeiro. Volta, incontinenti, ao Brasil não podendo salvar mais nada da sua riqueza. Nesse transe o Sr. Albino apéla para os amigos a fim de que lhe forneçam a importância necessária para cumprir a promessa feita à filha, antes de embarcar: de que ela continuaria os estudos. Consegue-se o dinheiro, mas não de todo que bastasse às necessidades financeiras da jovem brasileira. Sabedor da sua situação aflitiva, por intermedio do Comendador Augusto César de Oliveira Roxo, Pedro II concedeu, em janeiro de 1878, à Maria Augusta uma pensão anual de 1:500$000, pensão esta que constituiu a primeira bolsa de estudo doada a um estudante brasileiro. Recomendou muito o nosso

curso médico, recebendo imediatamente o seu diploma doutoral (40) numa cerimonia tocante a que não faltaram os aplausos dos seus patrícios residentes em Nova-York.

Noite de vinte e nove de março de 1881! (41)

O "Hall Association", situado em Nova-York, à sua Street D 23, profundamente iluminado, regorgita de pessoas de várias classes sociais (42) e do mundo oficial que aguardam, ansiosas, a solenidade dessa noite histórica. O salão destinado à cerimonia universitária está ornamentado, em todos os cantos, com flores e bandeiras norte-americanas e brasileiras. E nesse ambiente magnífico de elevada distinção cultural Maria Generoso recebe em meio a várias homenagens (43)

Imperador ao Consul em Nova-York, Salvador de Mendonça que cuidasse sempre da moça patricia, não permitindo que lhe faltasse todo e qualquer recurso nos seus estudos. (Diario de Noticias do Rio — 2-1-1878). Desnecessário dizer que o nosso representante diplomatico cumpriu fielmente a recomendação oficial, chegando mesmo a escrever um livro a seu respeito, intitulado "A Primeira Doutora".

(40) — Numa entrevista publicada pelo "O Globo" do Rio de Janeiro, em 25 de abril do ano corrente foi escrito então o seguinte: "a Doutora Estrela concluiu o seu curso em 1881, mas só colou grau um ano depois, de vez que o Regulamento não permitia atribuição de diplomas a menores de 20 anos". Não é verdadeira entretanto esta afirmativa.

(41) — Noutra entrevista publicada pelo mesmo jornal carioca em 25-9-1950 a Senhorinha Ivone Costa afirma, com muita razão, haver sua ilustre avó, Dra. Generoso Estrela, concluido o curso e recebido o consequente diploma em 1881, segundo uma certa "Correspondencia dos Estados-Unidos" que cita. De fato o diploma da referida doutora diz o seguinte traduzido do latim, "feito a 29 de março do ano do Senhor de 1881" — Cai, assim, por terra a noticia da sua demora nos Estados-Unidos, mais um ano, a fim de receber o seu diploma.

(42) — "Na enorme lista de nomes das pessoas presentes da sociedade de Nova-York estavam quasi todos os brasileiros que residiam então na grande cidade norte-americana". (Correspondencia dos Estados-Unidos de 6-4-1881 — Apud — "Ivone Morais Costá — Entrevista — O Globo de 25-9-50").

(43) — "Além da carta da doutora em Medicina, a Faculdade de Medicina norte-americana conferiu, ainda, no meio dos maiores aplausos e palmas a nossa referida patricia u'a medalha de honra pela sua distinção nos estudos e exemplar comportamento. Após a colação do grau realizou-se a recepção na Associação dos alunos da Escola. Entre os muitos discursos nessa ocasião proferidos sobressaiu o de outra nossa talentosa compatricia Josefa Oliveira" — (Correspondencia dos Estados-Unidos — acima citada). O diploma da jovem médica, escrito em latim, está assinado pelo Presidente Charles Rutter e traz a seguinte data bastante expressiva: "Factum... hodie Martii die vicesimo nono ano domini M. D. CCCLXXXI — Finalmente o referido documento apresenta em português o seguinte: Honra e Gloria ao Brasil — Maria Generoso Estrela.

o diploma de doutoral, tornando-se, assim, a primeira mulher brasileira a se formar em medicina, embora numa Faculdade estrangeira. Correm alguns meses.

Saudosa da terrinha distante, Maria Generoso torna, de logo, ao aconchego do lar. E, pelo mês de outubro de 1882 (44) desembarca, finalmente, no Rio de Janeiro, sobraçando um diploma valioso, recebendo várias homenagens dos seus conterrâneos. (45) Na Capital do País foi logo agradecer a D. Pedro II os favores recebidos (46) Ao depois cuidou então de rivalidar o seu diploma (47) na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a fim de poder clinicar.

---

(44) — Esta nossa jovem patricia cuja chegada a esta Côrte já noticiamos". "O Globo" de 3 de novembro de 1882.

(45) — A jovem médica teve então o melhor acolhimento por parte do povo e da imprensa cariocas. "O Globo" de 3-11-1882 escreveu por exemplo o seguinte: "D. Maria Augusta Generoso Estrela possue hoje um pergaminho que muito a nobilita, honra o país e o sexo a que pertence e pode proporcionar-lhe ensejo para ganhar grande gloria no exercício de sua profissão, que tantos serviços póde prestar às pessoas de seu sexo. Para nós todos brasileiros a vitoria de nossa jovem patricia é uma gloria e por isso a felicitamos animando-a a prosseguir nos seus esforços honrando-se a si e ao país".

(46) — No dia 1.º de novembro de 1882 Maria Augusta Generoso esteve no Paço agradecendo ao Imperador o muito que fez em seu favor. Nessa ocasião apresentou ela a D. Pedro II "a medalha que recebera como honrosa distinção do seu aproveitamento e de sua aplicação". Sua Magestade o Imperador que naturalmente deve ter sentido vivo prazer em ver assim aproveitada a sua proteção, que êle tem dispensado a tantos dos nossos compatriotas, manifesta seu afeto e seu agrado à jovem doutora perguntando se pretendia tirar todo o proveito de sua profissão, aplicando-se do mesmo modo ao seu exercício prático no tratamento de pessoas do seu sexo. A exma. Sra. Dr. Generoso Estrela declarou ao nosso Soberano que era essa a sua intenção e assim o faria constar publicamente, depois de ter passado pelo exigido exame em nossa Faculdade de Medicina. O Imperador permitiu depois que a sua protegida fôsse cumprimentar sua Magestade a Imperatriz e da sua augusta Senhora ouvira ela também palavras de congratulações pelo aproveitamento dos seus estudos".

(47) — "Depois de ter passado pelo exigido exame na nossa Faculdade de Medicina minha avó defendeu tese perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a fim de obter permissão para exercer no Império a sua profissão visto ter-se formado em uma academia estrangeira. "Ivone Costa" — (Ent. cit.) Daí a sua presença em 1883 na aludida Faculdade registada por Barroso Vidal e por nós.

V

PIONEIRAS SUL-AMERICANAS

V

PIONEIRAS SUL-AMERICANAS

"Com rara exceção sinalaremos o fato de exercer a medicina, algumas mulheres que não cediam em instruções e em fama a seus colegas masculinos".

P. DIEPGEN

Na mesma época, entretanto, em que várias jovens inglêsas. norte-americanas e brasileiras (48) ingressavam, vitoriosamente, nas escolas médicas estadunidenses e européas, (49) nas faculdades sul-americanas (50) quatro moças formavam

---

(48) — Maria Augusta Generoso Estrela, referida linhas atraz, e Josefa de Oliveira, que a saudou em "Nova-York Medical College" quando se formou, Ana Machado Marinho, Falcão que em 1890 revalidaria o seu diploma na Faculdade de Medicina da Bahia.

(49) — Relembramos, entre outras em 1949 pelo "Genova College" de Nova-York, Estados-Unidos, sua irmã Emily Blackwell doutorada pelo "Rusk Medical College" de Chicago; Sofia Jex-Blake, inglesa, formada em Medicina, em 1876, pela Universidade de Berna, Suissa; Plinpton e Bond medicas norte-americanas graduadas desde 1875, por uma Universidade norte-americana.

(50) — Pensamos de começo alargar os horizontes desta empresa procurando surpreender qual foi a primeira medica sul-americana. Escrevemos, pacientemente, a tôdas Universidades da America do Sul, obtendo resposta infelizmente de apenas três das Universidades arguidas, que foram a do Chile, a da Argentina e do Uruguai. Por tais respostas reproduzidas na íntegar em Notas posteriores conclue-se, evi-

de sua vez, a dianteira do movimento emancipador em seus paizes, ingressando no curso médico: uma chilena, uma brasileira, uma argentina e uma uruguaia. Chama-se a chilena Eloiza Dias Inzunza, nascida entre 1863 e 1868 e diplomada em medicina pela Faculdade de Biologia e Ciencia Médicas de Santiago, Chile, aos 29 de novembro de 1886. (51) Foi esta inquestionavelmente a primeira médica sul-americana isto é, a primeira mulher sul-americana formada em medicina numa Faculdade sul-americana. Segue-lhe, como segunda médica sul-americana a senhorinha Rita Lobato Velho Lopes, (52) diplomada a 10 de dezembro de 1887 (53) pela Faculdade de

---

dentemente, que a primeira médica sul-americana vale dizer a primeira mulher que se formou numa Universidade sul-americana foi a chilena Eloiza Dias Inzunza, que alcançou o diploma doutoral a 29 de novembro de 1886.

(51) — Recebemos, em resposta a uma consulta nossa, o oficio seguinte assinado pelo Dr. Jorge Marones, secretário da Faculdade de Biologia e Ciências Médicas da Universidade do Chile: "Santiago 17 de novembro de 1948 — Ofício n. 269.

Señor Professor Alberto Silva — Joaquim Távora, 79 — Salvador — Bahia — Brasil.

Muy Señor mio.

Em resposta a su atenta de 15 de septiembre proximo pasado, tengo el agrado de informar a Vd. que la primer amujer que obtuvo em Chile su titulo de medico-Cirurjano, fue la Señorifa Eloisia Dias Inzunza quien recibió su Diploma correspondiente con fecha 29 de novienbre de 1886.

La edad exacta de la Srta. Diaz no ha sido posible obtenerla por ignorar su domicilo, pero debe fluctuar entre ochenta y ochenta y cinco anos.

Saluda atentamente a Ud

Dr. Jorge Marones
Secretario

Tal documento estudado comparativamente com os demais de outras Universidades Sul-Americanas, que nos foram enviados pelos seus respectivos Secretarios, prova, de modo indiscutivel, a prioridade da ilustre dama chilena. Realmente ela foi, e ninguem poderá negar, a primeira mulher sul-americana diplomada em medicina por uma faculdade sul-americana.

---

(52) — Hoje Rita Lobato Freitas, por se haver consorciado em 1889 com o Sr. Antonio Maria Amaro de Freitas, falecido em 1926.

(53) — Lê-se o seguinte no Livro 4.º do Registo de Diplomas de Médicos e Farmaceuticos, Anos 1886-1894, fls. 123, da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia:

"Registro da Carta de Doutor de D. Rita Lobato Velho Lopes".

* * *

"Em nome de sua Magestade o Senhor D. Pedro Segundo Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil. Faculdade de Medi-

Medicina da Bahia, Brasil. Também a terceira jovem, Cecilia Guierson, recebia em 1889 o seu diploma de Doutora em Medicina pela Faculdade de Ciências Medicas da Universidade de Buenos-Aires, Argentina. (54) Somente dezenove anos depois é que a primeira médica do Uruguai recebe o seu alme-

---

cina da Cidade da Bahia. Eu Ramiro Affonso Monteiro, Doutor em Medicina, Lente da Primeira Cadeira de Clínica Médica e Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, etc., etc. Tendo presente o termo de aptidão do grau de Doutor que obteve a Sra. D. Rita Lobato Velho Lopes, natural do Rio Grande do Sul, filha de Francisco Lobato Lopes, nascida aos 9 de junho de 1867 (A) e o de colação do grau que recebeu em 10 de dezembro de 1887, depois de ter sido aprovada em distinção em defeza de teses; e usando da autoridade que me conferem os Estatutos desta Faculdade, mandei passar è dita Sra. Dra. Rita Lobato Velho Lopes a presente carta de Doutora em Medicina para que possa exercer a respectiva profissão com tôdas as prerrogativas concedidas pelas Leis do Império — Bahia — 31 de julho de 1888. O Diretor da Faculdade Dr. Ramiro Affonso Monteiro. O Presidente do Acto Cons. Barão de Itapoan. O Secretario da Faculdade. Cincinato Pinto da Silva. Assinatura da Doutora (Foi para ser assinada de conformidade com o artigo 1547 dos Estatutos) Rs. 120$750. Pago cento e quinze mil réis de selos e cinco mil setecentos e cinquenta de 5 % da Recebedoria da Bahia, 31 de julho de 1888. Dr. Domingos Requião Sena".

(A) — Rasurado no original. A verdadeira data porém, de acôrdo com a certidão de batismo, cuja copia possuimos, é 9 de junho de 1866, embora uma carta da Sra. Rita em nosso poder sinale 7 de junho de 1866. A data certa deve ser, entretanto, a de 9 de junho de 1866, mau grado a contestação acima aludida.

(54) — Em resposta, também, a uma consulta que lhe fizemos ha dois anos passados, o Dr. Jorge B. Ferradas, Secretario da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Buenos-Aires teve a gentileza de nos enviar o seguinte ofício, que passamos a transcrever linhas abaixo:

"Universidade de Buenos-Aires — Faculdade de Ciências Médicas — Secretaria — Exp. I 9174-48 — 1908.

Buenos-Aires, 4 de outubro de 1948.

Señor Profesor Doctor Alberto Silva.

Joaquim Távora, 79 — Salvador — Brasil.

Tengo el agrado de dirigirme al Señor Profesor, en respuesta a su nota de fecha 15 de septiembre ppdo., para poner en su conocimiento que, de acuerdo a las constancias que obran en esta casa de estudios, se infiere que la primera graduada en Medicina en esta Facultad, fué la Doutora Cecilia Guierson, en el año 1889.

Saludo al Señor Profesor con mio consideracion mas distinguida.

Dr. Jorge B. Farradás — Secretario
Dr. Roque R. Izzo — Delegado Interventor.

jado diploma. Trata-se, no lanço, da Doutora Paulina Luisi (55) que a 9 de março de 1908 se graduava pela Faculdade de Medicina de Montevideu, Uruguai. (55) Paulina Luisi que ainda vive em sua patria, embora mui enferma" (56) desem-

---

(55) — Primogenita de Angel Luisi e Josefina Janieke, nasceu em 1875 e em 1898 recebia o seu primeiro diploma de Mestre-Superior. Dez anos depois graduava-se em Médica-Cirurgica pela Faculdade de Medicina de Montevideu. Pela circunstância de haver sido a primeira Doutora em Medicina de seu país, foi-lhe dispensado "o pagamento de direitos por justa resolução de 11 de março de 1908 do Conselho Universitario como prêmio às suas condições de inteligência e de carater revelados nos estudos". Paulina Luisi não se entregou somente è clínica, dedicou-se também à emancipação da mulher em tôdas as suas manifestações e às questões sociais, especialmente de medicina social em cujo ramo se tornou conhecida e acatada em vários centros europeus e americanos. A jovem uruguaia abriu então com o seu exemplo as portas da Universidade de Montevedéu ès mulheres de seu país, sendo ela ainda a primeira uruguaia que se pôs à frente de numerosas atividades, até a sua época completamente inacessiveis às suas companheiras. Sim, ela foi a verdadeira pioneira, de fato e de direito, da emancipação feminina, razão por que é o seu nome consagrado na America e na Europa, representando, assim, uma gloria para o Uruguai, sua pátria. Um dos seus biografos revelou, certa, feita que "Paulina Luisi sempre trabalhou "ad honorem" não recebendo dinheiro algum do Estado, nem mesmo as passagens para as suas viagens". Sincera idealista, Paulina Luisi, lutou durante mais de 30 anos, com energia e tenacidade incansaveis pela causa do feminismo, em seus escritos, em suas conferências, finalmente ao lado das missões oficiais que lhe incumbiram, fôsse em seu país, fôsse no estrangeiro. Pôs deste modo a médica uruguai a sua bondade e a sua energia a serviço das demais mulheres. Daí merecer, à justa, em certa ocasião, esta epígrafe de uma homenagem que lhe prestaram amigos e admiradores: "Trabanão por ela mesma, sendo para a Humanidade".

(56) — Como fizemos respeito às outras Universidades Sul-Americanas escrevemos, também, a de Montevidéo, indagando do seu ilustre Secretario quem teria sido a primeira mulher uruguaia diplomada por uma Faculdade nacional. Dias depois recebemos do Pro-Secretario da aludida Faculdade, Radamés Bisso, a seguinte resposta que vai aqui transcrita:

"Faculdade de Medicina de Montevidéo — Ofício n. 2103-48.
Montevidéo, setienbre, 30 de 1948.
Señor Profesor Dr. Alberto Silva.
Calle Joaquim Távora, 79 — Salvador — Bahia — Brasil.

En respueta a sua carta del 9 del actual tengo el agrado de hacer saber a Ud. que la primer mujer que obtuvo el Titulo de Doctor em Medicina e Cirurgia otorgado por esta Facultad, fué Paulina Luisi, com fecha 9 de marzo de 1908.

En cuanto a los damás datos que nos solicita, no podemos proporcionarselos, por no encontrarse en nuestros archivos. Damos a Ud. la dirección de la Dra. Luisi en esta Ciudad, a fin de que lo soliciten

penhou, durante meio século de constante atividades (57) numerosas cargos de projeção nos cenários nacional e internacional, em que a sua cultura e a sua inteligência deram realce fóra do comum. (58) Mais ainda: Paulina escreveu

---

directamiente. Dra. Paulina Luisi — Calle Paraguay 1286 — Montevidéo — Urûguay.

Saludo a Ud. muy atentamente

Radamés Bisso
Pro-Secretario".

(57) — Procurando melhores informes a seu respeito recebemos em março do ano passado a seguinte carta, transcrita linhas abaixo da Secretária da Dra. Paulina Luisi que, diga-se de passagem, esqueceu-se de assina-la.

"Señor Dr. Don Alberto Silva.
Rua Joaquim Távora, 79 — Salvador — Bahia — Brasil.
De mi consideracion;

Ante todo hemos de pedir disculpa a Vd. por la mora en contestarla, pero la doctora ha estado mui enferma. Me encargo decirle que no le espossible contestar a sua cuestionario que le absorberia demasiado tiempo, tanto mas cuanto que continuamente le llegan pedidos de la mesma naturaleza.

Pero en cambio le envia uns datos biograficos donde encontrará Vd. casi todas las informaciones que le interesan. Además puede Vr. encontrar otros datos en los libros titulados "Wha's Who in Latin America" publicado por Peray Alvin Martin ed. de 1940, Stenforo Uni versity California; en "Quien Esquiere" por Enrique Tabstsek, Editorial 83, Montevidéo, 1941; em Uruguaios Contemporâneos, por Arturo Scarone, 1937 y alguns otros de esos diccionraios que se vienen publicando em Norte-America.

Le publicando de no poder escriberle ella misma pero su salud mo se lo permit epor ahora.

Saudo a Vd. con ci consideracion distinguida — Secretaria.

Montevidéo, marzo 10 du 1949.

(58) — Paula Luisi exerceu e desempenhou, na brilhante carreira, numerosos cargos e comissões de alta expressão dentro e fora de seu país. Foram-lhe confiadas inumeras missões e representações pelo Governo do Uruguai, pelas Instituições de Ensino e Cultura uruguaias, pelo Ministério de Instrução Pública, pelo Conselho de Ensino, pelo Corpo Médico, pela Faculdade de Medicina e pelas Instituições. Em sua pátria exerceu Paulina Luisi os seguintes cargos: Professora da Escola Normal, de Mulheres, Professora da Secção d eEnsino Secundário para Homens; Organizações privadas Uruguaias. Interna dos Hospitais de Montevidéu; Chefe de Clínica Ginecologica da Faculdade de Medicina de Montevidéu;; Membro do Corpo Clínico Escola; Professora de Higiene Social e Educação Profilática da Escola Normal; Catedrática da Conferência de Higiene Social para o Magistério, etc,, etc. No estrangeiro foi ainda Paulina Luisi Delegada do Governo do Uruguai junto à Liga das Nações; idem junto à quarta Conferência Internacional de Trabalho; idem junto ao Congresso Internacional de Higiene Social e Educação Profilática; idem junto à Conferência Internacional de Desarmamento; idem junto à Segunda Assemgléia Extra-

dezenas de trabalho valiosos, científicos ou sociais, (59) fundando no mesmo lanço instituições sociais e políticas (60) Ocupou, ainda, várias cátedras estranjeiras (61) onde as suas preleções magníficas foram ouvidas sempre com o maior respeito e o mais profundo acatamento. Pertencia, finalmente, às

---

ordinária da Liga das Nações; idem junto ao Congresso Feminista de Cristiana. Também representou, como Delegada, as seguintes instituições científicas particulares e oficiais e outras ainda de carater social; do Corpo Médico Escolar ao Primeiro Congresso Argentino Infantil; das Organizações Femininas de Portugal ao Congresso de Educação Moral de Genebra; da Faculdade de Medicina de Montevidéo; Congresso de Infância de Cristiania; do Conselho de Ensino do Uruguai; Congresso Internacional contra o Cancer de Madrid; da mesma Faculdade de Medicina de Montevidéo ao Congresso Internacional de Criminologia de Santiago; do Municipio de Montevidéo ao Congresso de Proteção à Infância de Milão, etc. etc.

(59) — Entre outros: "Profilaxia das Enfermidades Contagiosas" — 1916; "Higiene do Crescimento", 1916; "Educação Sexual", 1917; "A Escola ao Ar Livre", 1918; "A Luta contra o Alcoolismo", 1919; "Para uma Melhor Descendencia", 1919; "Educação da Juventude", 1934; "O Tráfico dos Brancos", 1918; "A Luta Social contra as Enfermidades Venereas", 1921; "Abolicionismo ou Regulamentação", 1925; "Prostituição e Doenças Venereas", 1926; "Profilaxia Social das Doenças Venereas", 1926; "Sôbre Três Convenções Internacionais", 1934; "Prostituição e Enfermidades Venereas", 1930; "Organização dos Centros Anti-Cancerosos", 1934; "Direitos da Mulher", 1918; "Mulheres do Uruguai", 1920; "Nacionalidade da Mulher Casada", 1926; "Isabel a Grande", 1926; "A Musica no Tempo de Isabel 1.ª", 1927; "Condições do Trabalho Feminino", 1936; "Mulheres Médicas na Antiguidade", 1935, etc. etc.

(60) — Paulina Luisi, fundou em tôda sua vida diligente, o Conselho Nacional de Mulheres, em 1916; a Aliança de Mulheres para os direitos Femininos, em 1920; As Secções Uruguaia e Argentina da Federação Abolicionista Internacional, em 1920 e a Associação de Mulheres Universitarias, em 1935. Organizou, ainda, Paulina Luisi várias Associações Sindicais Femininas, fundando a primeira delas a União de Telefonistas seguida da de Costureiras, de Alfaiataria. Finalmente dirigiu a ilustre médica uruguaia durante vários anos a célebre revista "Acion Feminina" orgão de interesse da mulher, divulgados da doutrina feminista e o unico que se publicava então na República do Uruguai. Tais os grandes frutos da ação dessa mulher culta, que se chamou Paulina Luisi, orgulho de suas colegas e gloria de seu país.

(61) — Nomeadamente a do Ateneu, a da Academia de Jurisprudência a da União Ibero-Americana de Madrid; às das Universidades de Oslo, de Belgrado, de Madrid, e da Sorbonna; as da Casa do Povo de Lausanne, da Escola Superior de Comércio de Genova, da Reformação de Genebra, da Sociedade de Geografia, da Associação de Registro Civil de Lisbôa, da Sociedade Médica de Coimbra, da Sociedade Médica de Coruña, das Sociedades de Higiene de Roma, de Madrid, de Budapeste, de Berlim, de Marselha, de Toulon, e de Londres, da Sociedade Médica e do Instituto de Estudos Superiores de Buenos-Aires, de Rosario e de Concordia.

mais destacadas associações científicas estranjeiras (62) tendo recebido, por fôrça dos seus desbalisados méritos, várias condecorações nacionais e estranjeiras. (63) hoje, a distinta médica oriental, constitue, como as suas colegas brasileira e argentina (64) uma legítima glória nacional, razão das homenagens que lhes foram prestadas.

---

(62) — Associações de Mulheres Universitarias da Argentina, da Espanha e da Suissa; Liga Chilena de Higiene Social; Associação dos Médicos de Coimbra e de Coruña; Colegio de Doutores, de Madrid; Associações de Higiene de Madrid; Sociedade Francesa de Profilaxia Sanitaria e Moral de París; Academia S. Fernando, de Espanha; Liga Francêsa para os Direitos dos Hobens, París; Open Dowr Internacional; Conselho de Mulheres Portuguesas; Liga de Mulheres Hispano-Americanas; Junta Consultiva da Liga Argentina de Profilaxia Social etc.

(63) — Várias as condecorações recebidas destacando-se entre outras, a Medalha de Ouro ao Mérito, da Faculdade de Medicina de Montevidéo; Uruguai, por sua obra cultural e social; Colar Santiago de Espada, de Portugal, Encomenda da Ordem de Afonso XII, de Espanha, finalmente Medalha de Prata da Cruz Vermelha, conferida solenemente pelo Governo Italiano.

(64) — Cecilia Guierson, a primeira médica argentina, constitue até hoje um belo exemplo de estimulo, de trabalho e de decisão para as suas jovens conterrâneas. "Nasceu a 22 de novembro de 1859, em Buenos-Aires e morreu nessa mesma cidade a 10 de abril de 1934. Estudiosa e mui ativa, desde menina demonstrou grande afeição às ciências. Residindo em Buenos Aires, todo o seu desejo foi o de seguir os estudos de medicina, que lhe atraiam singularmente. Teve que lutar não só contra as restrições da época senão contra os regulamentos, que si bem não proibissem a entrada de mulheres nas aulas da Faculdade, contudo não as aceitavam por considerar que não era a medicina a profissão que uma jovem pudesse dedicar-se. Suas constância e fortaleza fizeram-na obter o que tanto buscava, pois após brilhantes estudos se graduou em médica, consagrando-se desde então a sua profissão em forma abnegada. Foi a criadora em 1886 da primeira Escola de Enfermeira da America do Sul. Cecilia Guierson era filha de um irlandês dedicado aos trabalhos do campo que se instalou em Entre-Rios. A seu lado compartiu Cecilia de algumas tarefas rurais e é sabido que desde muito menina sabia andar admiravelmente a cavalo e seguia muitas vezes o autor de seus dias quando êste com os seus peões deixava a fazenda. Havendo o pai perdido a sua fortuna Cecilia se viu obrigada, aos treze anos, a buscar um emprego de educadora. Surpreendido pela valentia dessa menina que queria assim ajudar a seu pai e irmãzinhos, o governador de Entre-Rios, Echaqüe, instalou na mesma fazenda, que havia sido de Guierson, uma escola rural, nomeando Cecilia para sua mestra. Mudou-se logo depois Cecilia para Buenos-Aires e foi apresentada a Sarmiento que tinha noticias de suas condições como mestra; o grande pedagogo que ia implantar os sistemas norte-americanos de instrução, nomeou-a, apesar de muitos protestos, diretora de uma escola de varões, cargo que desempenhou com tôda eficiência e competência. Estudou medicina, segundo confessou, para poder atender a uma amiga enferma a quem estimava como a uma irmã. O começo do curso foi dificil pela habilidade de professores e

colegas, o que custou muitas lágrimas da jovem. Porém sua fôrça de vontade venceu todos os obstáculos e logrou o seu título. A Cecilia se deve a criação do uniforme que vestem atualmente as enfermeiras. Fundou o Conselho Nacional de Mulheres, foi autora de obras notaveis sôbre puericultura e primeiros auxilios. Outra coisa que enaltece a infatigavel Dra. Guierson foi o de haver defendido não só no seu país senão em tôda America, o sistema de leitura Braille para cegos", (Bile Kin — 20-11-50 — Buenos-Aires — Argentina.

PARTE SEGUNDA

A GRANDE CONTROVERSIA

I

AS TRÊS GAUCHAS

I

AS TRÊS GAUCHAS

"O Século 19 deve em nossa opinião definir a mulher: ser igual ao homem, mas diferente do homem".

E. LEQUIVÉ

Segunda metade do século dezenove!

Desenrola-se, por então, em nosso país, um prelio cultural curioso: o da obtenção do primeiro diploma de doutora em medicina numa Faculdade nacional. E três jovens gauchas, qual a qual mais confiante em si mesma, correm, resolutamente, êsse pareo inédito em busca do título sobremaneira honroso de Primeira Médica diplomada no Brasil. Sabe-se que até 1879 era proibida a frequência feminina nas Faculdades brasileiras em qualquer curso superior para obtenção de um diploma liberal. Daí, pois, a decisão da nossa patricia Maria Augusta Generoso Estrela de viajar para os Estados Unidos, a fim de obter, como obteve, o seu diploma de doutora em ciências médico-cirurgicas. Verdade é que a ilustre esculapia carioca contou com a abastança paterna e sobretudo com a proteção oficial, dois grandes fatores do seu triunfo. Porque, em contra-partida, outras brasileiras, desejosas de um pergaminho, tiveram que recalcar seus anseios, reprimir mesmo suas aspirações, não só por desajudadas da sorte, senão ainda pela restrição legal, fruto do preconcieto da época, à sua matricula numa Faculdade necional. Profundo êrro êste da

nossa canhêstra legislação de ensino, êrro que durante vários decênios crestou vocações femininas sinceras, derramadas, brilhantes. Valeu, porém, chegar a licença ainda em tempo de permitir admirar-se hoje a nobre e bemfazeja atuação da mulher no exercício da profissão médica, profissão que, falemos verdade, ela tem sabido honrar, elevar e dignificar.

Ora, diziamos linhas atraz, somente em 1879, mercê da reforma Leoncio de Carvalho (1) foi finalmente concedido o direito justo da mulher brasileira frequentar os cursos acadêmicos e obter, em consequência, um diploma científico. Tal permissão estimúla, (2) portanto, dezenas de jovens patrícias de várias províncias (3) que se dispuzeram de logo a transpôr as soleiras das escolas superiores do país. Justamente nessa ocasião três moças gauchas correm a adquirir, ao mesmo tempo, o almejado título de Primeira Médica diplomada no Brasil, vale dizer de primeira mulher brasileira que estudou e se graduou em medicina por uma Faculdade nacional: foram elas: Rita Lobato Velho Lopes (4) Ermelinda Lopes de Vas-

---

(1) — Esta reforma Leoncio de Carvalho, Decreto 7247 de 19 de abril de 1879, conferiu, no artigo 24 do seu Regulamento, "a liberdade e o direito da mulher frequentar os cursos das Faculdades e obter um título acadêmico". Autorizou, ainda, em artigos outros, a frequência livres, instituiu cursos livres e aboliu o juramento religioso, depois restabelecido. As Reformas principais que a antecederam foram nomeadamente as seguintes: em 1812, Vicente Navarro de Andrade propôs a criação de uma Escola Médico-Cirurgica; em 1813, Manoel Luiz Alvores de Carvalho, amplifica os planos do seu colega, instituindo três academias médico-cirurgicas no Brasil; Rio, Salvador e S. Luiz; em 1832, Lino Coutinho transforma em Faculdades de Medicina as duas primitivas Escolas Médico-Cirurgicas brasileiras; em 1836, Inacio Borges apresenta novo projeto de ensino; em 1841, Inacio Borges vê aprovado o seu projeto pela Comissão de Instrução Públcia; em 1837, Antonio Ferriera França apresenta novo projeto de organização das escolas de medicina e de direito do Imperio; em 1851 surge a lei autorizando o Governo a dar Estatutos às Faculdades do país; em 1854, o Barão do Bom Retiro estabelece o curso médico de seis anos, confiando a sorte das Faculdades ao respectivo Diretor e à respectiva Congregação; em 1865 Liberato Barroso não fez valer a sua reforma; em 1871 João Alfredo assite à revogação do seu decreto draconiano; em 1875 novo decreto transforma os opositores em substitutos.

(2) — De fato, dezenas de jovens brasileiras, vindas de várias províncias, Rio Grande do Sul, Paraiba, Rio de Janeiro, etc., acorreram imediatamente às Escolas Médicas, logrando, após curso brilhante, o almejado diploma de doutora em medicina.

Triunfo!

(3) — As províncias brasileiras que forneceram as primeiras estudantes de medicina foram Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco, Paraiba, completadas com o atual Distrito Federal.

(4) — Natural da Cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul.

concelos (5) e Antonieta César Dias, (6) as quais, por coincidência, nasceram na mesma província e ingressaram na mesma ocasião, isto é, no mesmo ano de 1884 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. E mais, com exceção da primeira , (7) concluem nessa Escola o seu curso acadêmico, recebendo o respectivo diploma. Mas Rita Lobato Velho Lopes, logra o primeiro lugar, doutorando-se na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1887. E Ermelinda Lopes de Vasconcelos, obtem o segundo, diplomando-se em 1888 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, alcançando Antonieta César Dias o terceiro, formando-se em 1889, por esta última Faculdade. A Dra. Rita Lobato Velho Lopes, porque assunto principal deste trabalho, merecerá, linhas adiante, um longo e documentado estudo biográfico tanto exige, é claro, a sua condição de primeira médica formada no Brasil, repetimos, de primeira mulher brasileira diplomada em medicina por uma Faculdade brasileira. Sinalemos, apenas, de modo rápido, ligeiros traços biográficos das duas médicas gauchas Ermelinda Lopes de Vasconcelos e Antonieta César Dias, respectivamente a segunda e a terceira médicas diplomadas no Brasil. A primeira, filha legítima de Joaquim Lopes de Vasconcelos (8) e de Firmiana dos Santos, nasceu a 23 de setembro de 1866 à rua Varzinha, Porto-Alegre "num velho casarão pertencente ao barão de Cahy". E oito anos depois, a 16 de outubro de 1874, embarcava no vapor "Arinos", rumo à Capital Federal. (9) Aí, pas-

---

(5) — Natural de Porto-Alegre, Capital do Rio Grande do Sul.

(6) — Natural de Pelotas, Rio Grande do Sul.

(7) — Estudou realmente em 1884 a primeira serie médica no Rio de Janeiro. Nesse ano porém, porque os academicos entrassem em luta com um Professor, achando-se entre êles o seu irmão Francisco, resolveu a jovem Rita Lobato acatar o conselho paterno, pedindo sua transferencia para a Faculdade de Medicina da Bahia, onde se formaria em 1887. Desta sorte uma decisão precavida do Sr. Francisco Lobato Lopes, pai da Rita, a fim de evitar represalias futuras dos lentes contra o seu filho, deu à Bahia a honra excelsa de diplomar a primeira médica no Brasil.

(8) — Major da Guarda Nacional — Guarda-Livros competente. Trabalhou na Companhia de Navegação Macaé-Campos, no Estado do Rio. Era natural de Angra dos Reis.

(9) — O major Joaquim Lopes de Vascnocelos saltou no Rio, escreve Barros Vidal em situação financeira precaríssima. Acomodou-se, primeiro, num pardieiro à ladeira da Gloria 3, donde se transferiu para o Morro da Nova Cintra, chamado Candelaria, residindo numa casa em que semanas antes morrera de febre amarela tôda uma família inglêsa. Atacada, também, a sua família do mesmo mal, gastou então Joaquim Vasconcelos os seus "derradeiros vintens". Já prestes porém, a desesperar encontrou, finalmente, o lugar de guarda-livros da Companhia de Navegação Fluvial Macaé-Campos que lhe foi uma salvação. De fato,

sado algum tempo e concluidos os seus estudos primários (10) matricula-se na Escola Normal de Niteroi, (11) diploma-se após curso brilhante em Professora, (12) lecionando ao que parece, uma cadeira (13) na Escola em que se formou. E' nessa ocasião que resolve estudar medicina. (14) Matricula-se, portanto, a 25 de abril de 1884 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo antes prestado exames no Colegio Pedro II, dos dois preparatorios — Filosofia e Latim, (15) que lhe faltavam. Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

---

logo depois mudava-se êle com a família para um ponto melhor, situado na rua Correia Dutra, donde, sempre melhorando de situação, Joaquim Vasconcelos se foi transferindo sucessivamente para a rua Sacadura Cabral, para a rua da Gambôa e finalmente "para a rua do Livramento, uma casa de aparência fidalga, confortavel, de acôrdo com a prosperidade crescente do major Vasconcelos". (Barros Vidal) Esta melhoria de situação e a decidida vontade da jovem Ermelinda de Vasconcelos constituiram fatores precipuos do seu triunfo, obtendo o diploma de doutora em medicina, o segundo conseguido no Brasil por uma mulher.

(10) — Frequentou primeiro uma escola pública situada ao Largo do Machado lecionada pela Prof. Joaquina que a considerou a primeira aluna da turma. Dessa escola passou Ermelinda para outra congenere da rua da Harmonia, regida pela Prof. Leopoldina Jacobina.

(11) — O pai foi contrario a princípio a esta pretensão da filha decidida. "Não achava bonito uma mulher trabalhar fora de casa". Graças, porém, à pertinacia de Ermelinda e à interferência de Lopes de Trovão parente e amigo da família, cedeu.

(12) — Ermelinda fez um curso brilhante, tendo-se matriculado em 1880 na Escola Normal de Niteroi, diplomou-se em 1881. Esta Escola Normal de Niteroi, "a mais antiga da America do Sul e a segunda do continente era então dirigida pelo Prof. Antonio Marciano da Silva Pontes".

(13) — No particular foi êste exemplo imitado pela sua colega Paulina Luisi, a primeira médica do Uruguai, que se diplomou ant em Professora Primaria, lecionou na Escola Normal de Montevideu, matriculando-se depois na Faculdade de Medicina, onde se diplomou.

(14) — Novos obstáculos. O pai Joaquim Vasconcelos recusa-se atender ao desejo da filha, entusiasmada com a permissão do ensino médico às mulheres. Impossivel u'a mulher abraçar "profissão tão masculina". Rodada, porém, uma semana de catequése em que se exgotaram todos os argumentos, Lopes Trovão interferiu de novo, vencendo a relutância do seu amigo. E, conta-se que dissera textualmente: "Deixe a rapariga estudar que tenho confiança nela".

(15) — Presidiu a banca de Filosofia, Silvio Romero, que contrariou, ponto por ponto, a dissertação da juvem gaucha, quando esta falou nas "conquistas sociais a que tinha direito a mulher". O ponto que motivou tão inesperada polêmica entre examinador e examinanda foi o do "Direito do Cidadão para com o Estado". O segundo exame de Latim, escreve ainda Barros Vidal, não foi tão ruidoso, sendo Ermelinda examinada pelos Drs. Alfredo Gomes, Aureliano e Duarte.

realiza Ermelinda Vasconcelos um curso brilhante (16) diplomando-se cinco anos corridos, (17) após brilhante defesa de tése. Concluida realmente a sua tése (18) sôbre "Formas Clínicas das Meningites na Criança-Diagnostico Diferencial" (19) a doutoranda gaucha comparece, no dia marcado, à mesa de arguição, cuja banca examinadora era constituida dos Profs. Teixeira Brandão, Cipriano de Freitas, Domingos Martins Costa, João Damasceno, Peçanha da Silva e João Joaquim Pizarro. Fez, como dissemos, brilhante defesa de tése. (20) E dias depois, a 26 de dezembro de 1888, Ermelinda de Vascon-

---

(16) — "Matriculando-se ali por 1884 fez saliente figura em todos os cursos, quer teóricos quer práticos, merecendo sempre as mais honrosas e significativas demonstrações de subido apreço em que eram tidas por seus mestres a robustez de sua inteligência,, a constância de sua eficaz aplicação a arduos estudos e a sempre correta linha do seu proceder. Treze distinções nos exames de tôdas as series lectivas, de clínica e de tése, justificaram sobejamente o seu arrojado e não comum intento de ser, como em tudo conseguiu, a primeira, entre as do seu sexo que alcançasse uma carta de doutora em medicina pela mais importante Faculdade do nosso país" — "O Album" — de Artur de Azevedo — Ano 1.º n. 15 — abril de 1893 — Crônica de Amarante — Apud Barros Vidal — Precursoras Brasileiras" — De pleno acôrdo aliás com tôdas as elogiosas referências feitas à distinta médica sul-riograndense. Não subscrevemos, entretanto a opinião de Artur de Azevedo de que a Escola de Medicina do Rio de Janeiro "é a mais importante Faculdade de Medicina do nosso país".

Esqueceu-se êle evidentemente da Faculdade de Medicina da Bahia.

(17) — Galgára um ano.

(18) — Ermelinda concluiu sua tese a 1.º de setembro de 1888. "E tão emocionada ficou, escreveu Barros Vidal, que voltou a ficar Brasil, especialista já de renome, que em três horas lhe devolveu a cega. Numa aflição imensa a família correu a chamar o Dr. Moura vista "perfeita". A tése da Dra. Ermelinda foi entregue à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a 29 de setembro de 1888.

(19) — Tése de valor, dissertando, então a sua autora, sôbre assunto da cadeira de clínica médica e cirurgica de criança. Trabalho de 77 páginas, "impresso na Tipografia Universal, de Laemmert eC., Ouvidor, 66 — Rio de Janeiro, 1888. Encontra-se ainda um seu exemplar na Biblioteca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro — Volume de Téses do Rio de Janeiro relativas a 1888 e registrada sob n. 36 — Pág. 158 5.º Catálogo de Téses do Rio de Janeiro.

(20) — Tése defendida a 19 de dezembro de 1888 às 10 e ½ da manhã como saira noticiado nesse dia no "Jornal do Comercio". Presidiu a sessão o Imperador Pedro II que assistiu e "acompanhou com muito interesse a defeza da Dra. Ermelinda" tendo a seu respeito "expressões muito enaltecedoras". Dizem até que o Imperador teria dito nessa ocasião: "Já posso morrer... vi uma brasileira defender uma tése e preparar-se para praticar a sublime arte-ciência: a Medicina". Acrescenta Barros Vidal que Ermelinda ao deixar a Faculdade nessa ocasião recebeu estrondosa manifestação popular, sendo organizada uma passeata que entre "vivas" ao seu nome, partiu em longo cortejo de S. Luzia, atravessou a rua do Ouvidor, indo até ao Largo de S. Fran-

celos (21) recebe o seu diploma numa cerimonia mais uma vez assistida pelo Imperador Pedro II. Esta formatura da Dra. Ermelinda de Vasconcelos "constituiu um outro acontecimento de sensação, declara Barros Vidal, na vida da cidade". (22) Compreende-se: a jovem estudante gaucha além de ser a primeria médica da Faculdade do Rio de Janeiro era muito estimada dos colegas, (23) desfrutando mesmo um largo cír-

---

cisco, sendo a Dra. Ermelinda saudada no trajeto por Ferreira Araujo, da sacada do "Diario de Noticias"; por José Patrocinio da "Cidade do Rio"; por Quintino Bocaiuva do balcão do antigo "Globo" e pelo grande Rui, do "Diario de Noticias". Não teve razão, protanto o Prof. Luis da Cunha Feijó Filho ao considerar a referida tése de "uma pobreza franciscana".

(21) — "Realizou-se ontem, com tôda a solenidade, a cerimonia da colação de grau de doutor em medicina dos alunos que concluiram o curso êste ano. O ato foi honrado com a presença de S. M. o Imperador e, se não fôsse o protesto feito pelos moços de não celebrarem com a pompa habitual a cerimonia, melhor teria sido a concorrencia que assim não foi pequena. O 10º batalhão de Infantaria deu a guarda de honra. Por parte dos doutorandos falou o Dr. Manoel Domingos Gonçalves Pedreira e como paraninfo o distinto Prof. Domingos Freire". ("A Cidade do Rio" de 27-12-1888). Formaram-se 59 médicos em 1888, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A sessão foi soleníssima apesar da restrição dos próprios doutorandos porque um seu colega foi reprovado. "Na formatura da primeira médica do Rio de Janeiro, escreveu Aires Neto, o recinto da Faculdade estava à cunha. E quando a recem-formada foi chamada um sussurro percorreu tôda sala. Ela porém imperturbavel e perfeitamente à vontade, prestou, então, o juramento do ritual, e, após perceber o anel da cubiçada esmeralda, cumprimenta calmamente aos antigos mestres e demais pessoas de sua amizade".

(22) — "Tivemos durante a semana um fato inteiramente novo: recebeu grau de doutora em medicina, pela Faculdade do Rio de Janeiro, uma senhora distintíssima tão distinta que obteve aprovação no grau mais elevado em todos os seus exames anuais, nas provas clínicas e na defeza de tése. Isto vem revolucionar um pouco os nossos costumes e até certo ponto deve ter causado a noticia um tremor nervoso aos membros, ainda os mais preclaros, da nossa clínica médica..." ("Diario de Noticias" de 23-12-1888). Êsse acontecimento ocupou dias seguidos as colunas dos jornais cariocas. Um desses, o aludido "Diario de Noticias" chegou a sugerir, numa crônica assinada por Eloy, o Heroi, que "as senhoras fluminenses homenageassem a Dra. Ermelinda oferecendo-lhe ao menos um anel de grau".

(23) — Ao surgir na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foi apresentada na primeira aula às suas colegas de turma pelo futuro Visconde de Saboia, então seu Diretor. Escreveu Leandro Malthews; "quando ela surgiu na Escola Médica do Rio mestres e alunos receberam-na com respeito e esta benevolência que o brasileiro sabe conceder nas expressões do seu grande patriotismo. Esta patricia que se matriculava em nossa Faculdade tanto bastava para ser apreciada e querida. Porque em nosso país as primeiras calouras foram festivamente recebidas na Faculdade pelos veteranos do sexo barbado".

culo de amizade dentro e fora da Côrte. (24) Diplomada, portanto, em meio a tanta ressonancia ambiente, a Dra. Ermelinda Vasconcelos entra logo na vida prática dedicando-se de corpo e alma à clínica, (25) especializando-se em operações, partos e molestias das senhoras e crianças. (26) Corrido um

---

(24) — O jornal "Ventarola", editado em Pelotas, Rio Grande do Sul relata-nos o seguinte no seu número de 15-4-1888 a respeito da Dra. Ermelinda de Vasconcelos; "Em nossa primeira página de hoje prestamos homenagem de apreço e admiração à distinta riograndense Exma. Sra. Dra. Ermelinda Lopes de Vasconcelos, natural de Porto-Alegre e atual sexta anista da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Em março de 1884 conjuntamente com as suas comprovincianas D. Antonieta Dias, aluna do quinto ano, Dra. Rita Lobato Velho Lopes, formada em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1887 e D. Maria Amelia Cavalcante de Albuquerque, natural de Pernambuco, presentemente no terceiro ano médico, matriculou-se Dra. Ermelinda de Vasconcelos na Faculdade do Rio de Janeiro, onde tem estudado com verdadeira aplicação as diferentes cadeiras do curso, conquistando sempre as mais honrosas aprovações. Não a conhecemos pessoalmente, porém temos a seu respeito as mais lisongeiras informações prestadas por pessoas que lhe sabem apreciar os merecimentos intelectuais e as provas de capacidade profissional que tem desenvolvido em sua vida acadêmica. A Dra. Ermelinda de Vasconcelos forma-se êste ano e estabelecerá consultorio no Rio de aJneiro". Êste documento de grande valor prova exuberantemente o direito da Dra. Rita Lobato ao lugar de primeira médica do Brasil, seguida da Dra. Ermelinda de Vasconcelos e da Dra. Antonieta Dias.

(25) — Morava ainda na rua do Senado quando foi chamada para socorrer uma criança, atropelada por uma carroça, que jazia desacordada numa pôça de sangue, ferida em várias partes do corpo. Durante dez dias a jovem esculapia lutou para salvar a vida daquela criança, salvando-a". Foi êste o seu primeiro caso clínico. Outro fato interessante ocorreu ainda em sua clínica, aceito por uma e contestado por outros, e que foi o seguinte: "quando se formou em medicina a jovem Ermelinda de Vasconcelos, houve enorme alarido em torno do fato. Discutia-se, aprovava-se, repelia-se, contestava-se e a Dra. Ermelinda de Vasconcelos recebeu seu grau com distinção. No meio desses prós e contras surgiu um artigo de Silvio Romero, bastante indignado. Era contra. Mas tão contra que dizia assim: "Fique certa a doutora que os seus pés de Machona não pisarão o meu lar". Aliás Machona era o título do seu artigo e embora os louvores vindos de outros lados a deixassem comovida, aquilo amargou, bastante, a sua vitoria. Muitos anos depois Silvio Romero completamente esquecido de tudo e vencido pela reputação da médica foi bater-lhe à porta e pedir-lhe que salvasse sua mulher e o filho que estava para nascer. A Dra. Ermelinda foi e cumpriu o seu dever. O ilustre historiador da literatura brasileira pediu mais que não lhe cobrasse muito e ainda que lhe permitisse pagar em prestação. A essa voz a Dra. protesta: "O Senhor me pagará caro e de uma vez!" E entregou-lhe um envelope com o artigo escrito anos antes".

(26) — A doutora Ermelinda montou consultorio primeiramente no Distrito Federal onde "dois anos depois de ter deixado a Faculdade já era um nome conhecido e possuia vasta clientela". "Em 1900, acres-

ano de formada, consorcia-se Ermelinda de Vasconcelos com o colega Alberto Xavier de Sá, seu eleito desde a primeira serie do curso acadêmico. (27) A partir desse momento divide ela, então, a sua vida afanosa entre o lar e clínica, falecendo ao que parece neste ano de 1952. (28) Finalmente a terceira médica formada em medicina no Brasil também gaucha, como

---

centa Barros Vidal, empreendeu a sua primeira viagem à Europa, percorrendo todo o Velho Mundo, com exceção da Russia e da peninsula balcânica. Animava-a um sugerido propósito: o de aperfeiçoar seus conhecimentos e com êsse fim frequentou, na França, os cursos do Professor Doyen e Pozzi e as clínicas de vários hospitais. Na Inglaterra fez um estagio no Saint-James e na Alemanha frequentou o grande Hospital Charite". Transferiu definitivamente a sua residência para Niteroi a 16-8-1911, em cuja porta à rua Presidente Domiciano 186, lê-se ainda a sua placa profissional com os seguintes dizeres: "Doutora Ermelinda. Operações, partos molestias das Senhoras e das Crianças". A Dra. Ermelinda de Vasconcelos vivia ainda com os seus 84 anos na aludida cidade fluminense, falecendo ha meses passados.

(27) — Consorcio realizado às 10 horas da manhã de 19 de janeiro de 1889 na igreja de S. Antonio dos Pobres, Distrito Federal. Ato celebrado pelo padre Aguiar e ratificado ao fim desse mesmo ano pelo escrivão Antonio Xavier da Silva, em nome do Governo Provisório. Desse matrimonio feliz nasceram dois filhos: Hipocrates a 13-3-1890, falecido 14 meses depois, e Esmeralda, a 6-5-1897 que se diplomou em professora e é hoje esposa do Cirurgião-Dentista Augusto José Alves Souto, residente em Niteroi. Como conheceu ela o seu futuro esposo? — Assim: "o primeiro dia de aula foi assinalado por um fato deveras simples que a impressionou vivamente; ao atravessar um corredor da Faculdade deparou-lhe, saindo do gabinete de Anatomia, um jovem estudante com um coração sangrando nas mãos. Sacudida por forte emoção Ermelinda levou as mãos aos olhos mas a simpatia que lhe despertou a figura do acadêmico venceu a emoção e êle por sua vez, se deteve, mirando a jovem colega. Desse olhar nasceu o amor que, anos depois, os levaram ao altar de Deus para unirem os seus destinos". (*Barros Vidal*) Durou quarenta anos esta ditosa união porque a 31-10-1929, falecia o Dr. Alberto Sá.

(28) — Trabalhou 50 anos longos pois se recolheu à vida privada em dezembro de 1938. Realizou então cerca de 10.035 partos, tendo sido chamada para as mais altas damas de sua época: senhora Rui Barbosa, senhora Marechal Deodoro, senhora Campos Sales, famílias Dolbert, Gastão Rocha, Barbosa Romeu, Sorandi Raposo, General Teixeira de Freitas, Romeu Braga etc. O escritor Benjamin Costallat nasceu em suas mãos. Escreveu várias obras literárias que se conservam entretanto, ineditas, como: "Meu Livro" (Auto-Biografia), "A Mais Desejada", "A Avozinha", "Lêda" e os "Dois Sacerdotes", trabalhos de gênero romance. Realizou duas viagens à Europa em estudos de sua especialidade; uma em 1900 e outra em 1907. Em 1911 visitou também o Uruguai, a Argentina e o Chile. O seu grande gesto para com a Bahia foi o seguinte: em 1905 ao saber que fora totalmente incendiada a biblioteca pública da sua Faculdade de Medicina a Dra. Ermelinda ofereceu a sua biblioteca ao Governo do nosso Estado para a aludida Faculdade.

a primeira e a segunda, ambas suas colegas de serie, foi a Dra. Antonieta César Dias (29) nascida em Pelotas, Rio Grande do Sul, alí pelo ano de 1869. Filha de Antonio Joaquim Dias, escritor, jornalista, fundador do "Correio Mercantil de Pelotas", um dos mais antigos jornais do Brasil, Antonieta Dias estudou preparatórios na sua cidade natal no colegio do Professor Lanquentini e Amarante, preparatorios estes, que eram anualmente prestados na Instrução Pública de Porto Alegre. Concluidos, porém, os seus estudos no Rio Grande do Sul, transferiu-se Antonieta César Dias, juntamente com o pai, o jornalista Antonio Joaquim Dias, para o Rio de Janeiro, onde, em março de 1884 matriculou-se na sua Faculdade de Medicina. (30) Cursavam, por então, o aludido estabelecimento de ensino varias jovens brasileiras (31) emprestando, desta guisa, uma nota de alegria e distinção ao ambiente acadêmico.

A exemplo das suas conterrâneas e colegas Rita e Ermelinda, Antonieta Dias reunia, também, em torno da sua pessoa um grande círculo de amizade dentro e fora da Escola. (32)

---

(29) — Consorciou-se, mais tarde, com o Engenheiro Eduardo Morpugo passando então a chamar-se Antonieta Dias Morpurgo. Desse desposorio nasceu o Dr. Edgar Dias Morpurgo, médico e que vive ainda no Rio de Janeiro.

(30) — O ingresso de Antonieta Dias na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro provocou um ruidoso projeto apresentado na Câmara Federal pelo deputado Eleuterio Camargo, dispensando-a da idade legal exigida para matrícula a fim de ingressar na aludida Faculdade de Medicina.

(31) — Três gauchas matricularam-se em 1884 no primeiro ano de medicina da respectiva Faculdade do Rio. Rita Lobato (março) Ermelinda de Vasconcelos (abril) e Antonieta César Dias (março). Rita, porém, galgou dois anos na Faculdade de Medicina da Bahia para onde se transferiu, formando-se, assim, em 1887, sendo portanto a primeira médica formada no Brasil. Ermelinda, galgou um ano na Faculdade de Medicina do Rio de anJeiro, dilpomando-se em 1888 sendo, de sua vez, a segunda médica diplomada no Brasil; finalmente Antonieta Dias não galgou ano algum, recebendo o grau em 1889, sendo, deste geito, a terceira médica formada no Brasil. As outras colegas de Antonieta Dias nessa ocasião na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foram: Maria Amalia Cavalcante Albuquerque; Maria Torrezão Sue Suirville, diplomada, anos depois, em farmacia; Catarina Carlota Cremer Waltre; Ernestina Emilia da Fonseca (mineira), Elisa Borges Ribeiro (carioca) filha do Prof. Cândido Barata Ribeiro; Amelherga Trindade (carioca) e Judite Santos (carioca).

(32) — O jornal "Ventarola" editado em Pelotas, Rio Grande do Sul, e de propriedade do Sr. Eduardo Chapon, escreveu o seguinte em sua edição de 11 d edezembro de 1887 a respeito de Antonieta César Dias. "Ornamenta-se hoje a primeira página dá "Ventarola" com o retrato da jovem pelotense Antonieta César Dias. Mostrando-se inteligentíssima desde criança, educada com todo esmero pelo seu progenitor

Era, entretanto, a mais moça das três, pois nascida em 1869, contava apenas 15 anos de idade ao iniciar o curso médico. Antonieta Dias estudou com aplicação, com estímulo, com assiduidade tôdas as cadeiras médicas concluindo, finalmente, o aludido curso, em 1889. E a 30 de agosto do ano citado, apresenta tése à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro sôbre "Hemorragia Puerperal", assunto da Cadeira de Partos, defendida, quatro meses depois, com raro brilhantismo, perante a respectiva comissão arguidora, que a elogiou profundamente. (33)

Diplomada, portanto, em dezembro de 1889 (34) pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a Dra. Antonieta Dias, a terceira médica formada no Brasil (35) inicia a sua

---

e instruida por habeis professores conseguiu Antonieta Dias concluir os estudos preparatorios, matriculando-se apenas aos 15 anos na Academia de Medicina da Côrte. Acaba de ser plenamente aprovada em tôdas as materias que constituem o 4.º ano médico. Cingida dos louros da vitoria alcançada pelo talento e aplicação ao estudo ei-la agora de volta aos lares da infância para em companhia de seu pai repousar das fadigas inerentes ao espírito que se consagra aos labores da ciencia. Um passo a mais e será ganha a batalha. Mais um esforço, mais algumas palmas ajuntadas às muitas que já tem colhido em sua carreira acadêmica e Antonieta Dias terá completado os seus mais ardentes desejos. Breve pois, elevada pelo prestigio da ciencia, ela saberá ocupar o lugar a que tem jus, quer pelo lado moral, quer pelo lado científico.

Honra e saudação à distinta jovem pelotense"!

(33) — Trabalho de 88 páginas, impresso na Tipografia Universal, de Laemert e C., então situada à rua do Ouvidor, 66, Rio de Janeiro. Encontramos e lemos um exemplar desta tése na Biblioteca da Faculdade de Medicina do Rio Janeiro, catalogada sob n. 4 no volume I de Téses do Rio de Janeiro relativas ao ano de 1889. Como se vê, pelas téses defendidas, as primeiras médicas brasileiras versavam particularmente em seus trabalhos assuntos das cadeiras de obstetricia e de pediatria. Vale o registo.

(34) — Uma tragedia domestica ensombreou o passado das três primeiras médicas formadas no Brasil. Rita Lobato, Ermelinda de Vasconcelos e Antonieta Dias que perderam as respectivas genitoras antes da sua formatura.

(35) — Antonio Joaquim Dias, jornalista, escritor, pai de Antonieta Dias fez o possível para que a sua filha fôsse a primeira mulher brasileira formada em medicina no Brasil. Isso desde que ela estudava preparatória. Certa vez ameaçou os Professores Lanquintini e Benjamin Amarante de desmoralizar o seu colegio caso continuassem a lecionar a aluna Rita Lobato, que também desejava estudar medicina. Pensava o jornalista pelotense que ficando sem professores a adversaria de sua filha não podia estudar e esta tomaria a dianteira, matriculando-se, primeiro, na Faculdade de Medicina da Côrte. Mas Rita Lobato pediu transferência para Porto-Alegre onde continuou os seus estudos, matriculando-se no mesmo ano de 1884 em que se matriculava Antonieta

clínica no Distrito Federal, onde, corridos meses, se consorcia, com um engenheiro gaucho, o Dr. Eduardo Vorpurgo. A Dra. Antonieta Dias instalou, então, o seu consultorio bastante procurado à rua S. José, no Distrito Federal. Faleceu em 1920

Dias, logrando, porém, o seu diploma dois anos antes, pois galgara dois anos seguidos da Faculdade de Medicina daqui da Bahia em que estudou.

II

PRIORIDADE RECONHECIDA

II

PRIORIDADE RECONHECIDA

"...foi sendo cada dia maior o número de mulheres de todos os paizes que se dedicaram à carreira de medicina submetendo-se aos exames oficiais".

P. DIEPGEN

A questão da primeira médica do Brasil, ou por outra, da primeira mulher brasileira que se diplomou em medicina por uma Faculdade brasileira suscitou, nestes últimos meses, uma grande controversia, notadamente no Distrito Federal, em Salvador e em Porto-Alegre. Haverá três anos bem contados ao termo de uma nossa palestra na sede do Instituto Brasileiro de Historia da Medicina, no Rio de Janeiro, aventou-se a idéia de se apurar, uma vez por tôdas, qual teria sido a primeira brasileira que se formou em medicina em nosso país. Interessados de logo, pelo assunto ,atiramo-nos às necessárias pesquizas nos arquivos e nas bibliotecas especializados, mormente os da Faculdade de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro. Convergimos, aliás, as nossas atenções para êsses dois estabelecimentos de ensino superior, por uma razão muito simples: a de serem ambos as mais antigas escolas médicas do Brasil. E três anos de buscas e rebuscas incessantes acabaram por nos esclarecer o segredo que teimava em envolver o palpitante assunto, felizmente esclarecido neste trabalho. No decurso desta nossa fatigante emprêsa, digamos aliás em-

prêsa de "toupeira erudita" como a chamaria Antero de Figuerêdo, identificamos, sem mais demora, as primeiras jovens brasileiras matriculadas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (36) por então chamada a Faculdade de Medicina da Côrte e na Faculdade de Medicina da Bahia (37) considerada Escola provincial. Seguimo-lhes, passo a passo, o

---

(36) — As nossas pesquizas procedidas nos arquivos e na biblioteca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro revelara as seguintes jovens patricias inegavelmente as primeiras estudantes brasileiras que cursaram as nossas Escolas médicas. Antes, porém, devemos esclarecer que estas três patricias Rita Lobato, Ermelinda de Vasconcelos e Antonieta Dias, embora as três primeiras médicas formadas no Brasil, não foram entretanto as primeiras estudantes de medicina do nosso país. Matricularam-se, dissemos, em março de 1884, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e lá encontraram, estudando desde 1881 algumas companheiras, como por exemplo as Senhorinhas Ambrosina Magalhães, paraibana, filha do tenente Coronel Antonio Vicente de Magalhães; Augusta Castelões Fernandes, filha de Antonio Martins de Fonseca Castelões, natural do Rio de Janeiro. Foram estas jovens, portanto, as primeiras estudantes de medicina do Brasil. E, se prosseguissem os seus estudos na aludida Faculdade seriam então as primeiras médicas do Brasil. No curso de Obstetricia ingressaram também, nesse mesmo ano, Teresa de Jesus Arantes, pernambucana e Alexandrina Arty. Em 1883 matriculou-se ainda outra jovem na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: Elisa Borges Ribeiro, filha do Prof. Cândido Barata Ribeiro, bahiano, catedratico de Clínica e Policlínica Médica e Cirurgica de Crianças (1843-1910). Em 1884, ano em que se matricularam as três gauchas Rita Lobato, Ermelinda de Vasconcelos e Antonieta Dias inscreve-se também uma outra jovem chamada Maria Amelia Cavalcanti de Albuquerque, pernambucana, que tomou o número de matricula 86, quando já a sua futura amiga íntima Rita Lobato tomara o número 55. Maria Amelia Cavalcanti de Albuquerque era filha de Florentino Cavalcanti de Albuquerque e foi homenageada pela Rita Lobato em sua tése escrita em 1887. Ambrosina Magalhães e Elisa Borges Ribeiro não prosseguiram os estudos e Maria Amelia Cavalcanti de Albuquerque diplomou-se depois de Rita Lobato.

(37) — A primeira acadêmica da Faculdade de Medicina da Bahia foi a Senhorinha Rita Lobato Velho Lopes, gaucha, que seria ao depois a primeira médica do Brasil. Matriculou-se em 1885 na segunda serie médica da nossa Escola. Nesse mesmo ano de 1885 matriculavam-se, também na primeira serie médica, uma cearense e uma baiana, a primeira Amelia Pedroso Benebien, formada em 28 de março de 1890. Casou-se com o Dr. Perouse Pontes, enviuvando muitos anos depois, falecida ha poucos meses. Amiga íntima de Rita Lobato que a homenageou em sua tése: a segunda, Efigenia Veiga, diplomada em 4 de dezembro de 1890. Registamos, ainda, dois nomes: o de Glafira Correia de Araujo, baiana, formada em 1892, homenageada, também pela Dra. Rita Lobato em sua tése e o de Francisca Barreto Praguer, bahiana, diplomada em 1893, consorciada ao depois com o Professor João Garcez Frois.

curso médico, (38) as defesas de tése, as formaturas solenes, etc., Mais ainda: com intuito de investigar tôdas as fontes viajamos para Porto-Alegre, Rio Grande do Sul (39) em busca de novos dados, a serem colhidos diretamente da veneranda Rita Lobato (40) a primeira médica diplomada no Brasil, que vivia na ocasião na bela capital gaucha com os seus 84 anos bem puchados. Armados, assim, com documentos inéditos e valiosos, necessários todos a uma conclusão firme e sobretudo

---

(38) — As primeiras estudantes de medicina da nossa Faculdade iniciaram o seu curso em pleno vigor ainda da Reforma Leoncio de Carvalho, substituida pela Reforma Vicente de Saboia em 25 de outubro de 1884. Essa Reforma fez realmente algumas alterações no ensino superior do país. Permitu é verdade que as suas unicas Faculdades nacionais continuassem a ser dirigidas pelos respectivos diretores e congregações. Mas admitiu além do curso básico de ciências médicas e cirurgicas administrado em seis anos, três outros cursos anexos, um de farmacia, um de obstetricia e ginecologica e um de odontologia. Finalmente integrou o curso médico de 24 cadeiras assim descriminadas: física médica, química mineral e neurologia médica, botânica e geologia; anatomia descritiva e geral; histologia teorica e prática; química orgânica e biológica; fisiologia teórica e experimental; anatomia e fisiologia patológicas, patologia médica, patologia cirúrgica, patologia geral, matéria médica e terapêutica, obstetricia, anatomia cirúrgica, medicina operatória e aparelhos; farmacologia e arte de formular; higiene e história da medicina; medicina legal e toxicológica, clínica médica de adultos; clínica cirúrgica de adultos, clínica obstetrica e ginecológica; clínica médica e cirurgia das crianças; clínica oftalmológica clânica de moléstia cutâneas e sifilíticas, clínica psiquiátrica.

(39) — 'Chegado de Salvador, na quarta-feira pelo avião do Cruzeiro do Sul encontra-se entre nós o Prof. Alberto Silva, nosso confrade de imprensa, catedrático da Universidade da Bahia, Membro da Academia de Letras e do Instituto Histórico do mesmo Estado. O nosso visitante veio em missão cultural e para completar as pesquizas que está realizando em torno da primeira médica que se formou em medicina no Brasil que o referido historiador verificou ser gaucha e viver aqui em nossa capital. "Correio do Povo" — Porto-Alegre 5-3-1950.

(40) — "Noticias Diversas — Doutora Rita Lobato — Devendo chegar até meiados de março a esta capital o Dr. Alberto Silva catedrático da Universidade da Bahia e desejando saber o endereço da Dra. Rita Lobato, a primeira médica do Brasil, filha do Rio Grande do Sul e formada na Cidade do Salvador ,solicita-se a fineza de informar o endereço da referida Doutora que do Rio Pardo onde residia mudou-se para esta capital. E' favor enviar informações ao Prof. Walter Spalding — Arquivo da Prefeitura Municipal, rua Capitão Montanha — "Correio do Povo" — Porto-Alegre, 5-2-1950. O desejado esclarecimento foi-nos dado, porém, pelo próprio Telegrafo que a 22 de fevereiro nos entregava o seguinte aviso: Alberto Silva — Joaquim Távora, 79 — Bahia — Rio Pardo 140-29. Resposta vosso aviso confirmamos nosso aviso 126-23. Vosso telegrama 1698-21 doutora Rita Lobato Julio Castilhos 740, retido. Destinataria mudou-se para Porto-Alegre rua Mariano de Matos, 84 — Bairro Menino Deus".

honesta (41) pronunciamos, então em Porto-Alegre uma conferência sôbre a primeira brasileira diplomada em medicina por uma Faculdade brasileira. Recebidos na sede do Instituto Histórico Sul-rio-grandense (42) em sessão solene realizada a 7 de março de 1950 a que aderiu, bondosamente, a Academia de Letras gaucha, revelamos dados desconhecidos, fruto de pesquizas demoradas que confirmaram a termo de contas o direito da Dra. Rita Lobato ao honroso título de Primeira Médica do Brasil. Logramos levar ainda à aludida sessão a veneranda médica sulista (43) que se tornou de logo e com tôda justiça, o alvo predileto da curiosidade e dos aplausos dos seus con-

---

(41) — "Que missão traz o Prof. Silva ao Rio Grande? "Missão puramente cultural auxiliado pela Universidade de minha terra. Vim até aqui neste grande Estado completar as pesquizas que ha três anos venho realizando em torno da primeira mulher que se formou em Medicina no Brasil. Chegou V. S. a uma conclusão sôbre o assunto? "Cheguei. Verifiquei que se trata de uma gaucha a primeira mulher médica diplomada no Brasil e ao mesmo tempo a segunda na America do Sul"? Como se chama esta gaucha?

Rita Lobato Freitas, atualmente nesta capital, formada pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1887, assunto que servirá de tema a uma conferência que irei fazer a 7 do corrente no Instituto Histórico desta cidade. ("Correio do Povo" — Porto-Alegre — Rio Grande do Sul, 5-3-50).

(42) — "O Instituto Histórico que reabriu oficialmente suas atividades no dia 29 do p. passado realizará na terça-feira, dia 7 do corrente, em sua sede social à rua Riachuelo, 1307, com inicio às 20 horas, solene sessão na qual será recebido o historiador e médico baiano professor Alberto Silva, ora em visita a esta capital e que fará uma conferência na qual estudará a personalidade da primeira mulher brasileira que se dedicou à medicina, a Dra. Rita Lobato já quasi nonagenaria e que pessoalmente comparecerá à sessão. O Prof. Alberto Silva, catedrático da Universidade da Bahia dedicou-se aos estudos históricos e, pesquizando nos arquivos da Faculdade de Medicina da Bahia encontrou dados sôbre a Dra. Rita Lobato e de busca em busca chegou à conclusão de que ela foi a primeira mulher brasileira que se dedicou à Medicina formando-se na Bahia em 1887 — A sessão terá também o concurso da Academia Sul-rio-grandense de Letras e a saudação ao ilustre intelectual bahiano e a Dra. Rita Lobato será feita pelo Presidente da Academia que é ao mesmo tempo orador do Instituto Histórico, Prof. Otélo Rosa". "Diario de Noticias" — Porto-Alegre — 5-3-50.

(43) — "Nessa ocasião será também homenageada a Dra. Rita Lobato, que nasceu na cidade do Rio Grande, em 1866" — "Diario de Noticias" — Porto-Alegre, 5-3-950. "Essa ilustre médica que é rio-grandense, a Dra. Rita Lobato, residindo atualmente em Porto-Alegre comparecerá à momentosa sessão que será uma das mais atraentes homenagens, além do seu significado, à distinta médica sul-rio-grandense formada na Bahia em 1887" — "Jornal do Dia" — Porto-Alegre, 7-3-50.

terrâneos. Chegadas as 20 horas, momento aprazado da nossa conferência, já o salão nobre do Instituto Histórico Sul-rio-grandense regorgitava de gente, ou melhor apresentava uma verdadeira multidão, onde se destacava o elemento feminino, espraiado, acotoveladamente, pelos seus corredores. (44) Assim, em meio a êste ambiente de entusiasmo sãos, perante uma assistência seleta, fidalga, bondosa, pronunciamos a nossa anunciada conferência, cujo valor único foi apenas o de estabelecer, à luz de documentos incontestes, o direito da gaucha Rita Lobato ao título sobremaneira honroso de Primeira Médica do Brasil, isto é de primeira mulher brasileira que se formou em medicina numa Faculdade brasileira.

Longe estavamos, porém, de supôr que a nossa arenga, visando, apenas, a concretização de um direito reclamado pela verdade histórica (45) viesse, suscitar, por termo, uma profunda e grande controversia, iniciada no próprio Rio Grande

---

(44) — "Perante numeroso e seleto auditório tendo-se feito representar a Assembléia Legislativa do Estado, realizou o Sr. Dr. Alberto Silva, catedrático da Universidade da Bahia, historiador, crítico historico, médico e jornalista a sua anunciada conferência sôbre a Dra. Rita Lobato, a primeira mulher que se formou em Medicina em Faculdade do Brasil" ("Jornal do Dia" — Porto-Alegre, 8-3-1950). — "A sessão presidida pela mesa diretora do Instituto Histórico e da Academia Sul-rio-grandense de Letras foi das mais concorridas, não só por se tratar de um ilustre visitante baiano como pelo tema de sua conferência que foi realmente novidade" ("Correio do Povo" — Porto-Alegre, 8-3-950) — "A sessão solene do Instituto Histórico, ponto culminante da estada do Dr. Alberto Silva entre nós neste extremo sul ultrapassou tôdas as espectativas. Raríssimas foram às vezes em que o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul conseguiu reunir, como na noite de 7 de março, auditório tão seleto, tão elevado numero de socios e, ainda mais encher a casa de tal forma que até pelos corredores ficára gente de pé. Além da Dra. Rita Lobato compareceram a sessão o senhor deputado Rodrigo Magalhães representando a Assembléia Legislativa do Estado; Otelo Rosa presidente da Academia Sul-rio-grandense de Letras; Olinto Sanmartin, vice-presidente; Antonio Carlos Machado, secretario, Eduardo Duarte, presidente em exercício do Instituto Histórico; Jorge Felizardo, secretario; A. G. Lima, tezoureiro; Otelo Rosa orador; Abeilard Barreto, Bibliotecario e mais Padre Luiz Gonzaga Jaeges, S. J. Gaston Hasslocher Mazeron, José de Araujo Fabricio; Coronel Luis Carlos Morais; Coronel Reinaldo da Câmara, Comandante da Escola de Cadete; Rubio Brasiliano; Dante Laytano; Tulio Rapone, em seu nome e do Departamento Estadual de Saude; Dra. Aurora Vasques e Prof. Eudoxia Almeida, representante da Academia Feminina de Letras; Prof. Naeercia Veloso, redatora da revista "Atenea" e Prof. Valter Spalding (Um Historiador Baiano em Porto Aelgre — Valter Spalding — "A Tarde" — Salvador, 17-3-50).

(45) — "O Dr. Alberto Silva começou o seu magnífico trabalho com um estudo a respeito da atividade da mulher no terreno da medicina, demonstrando os precalços que suas nobres intenções encontra-

do Sul e estendida até a Capital do País. (46) Combatidos, de logo, por telegramas, entrevistas e mesmo palestras radiofônicas, compreendemos, então, que acabavamos de agitar, sem razão plausivel, grande parte dos meios culturais do país, interessados, por certo, na negação absoluta da nossa revelação de Porto-Alegre. Revelação feita, aliás, depois de demorada pesquiza e no sentido elevado de comprovar o que já havia sido assinalado por historiadores provectos (47) e por médicos eminentes. Apuramos, por conseguinte, a verdade dita e escrita por um reduzido grupo de médicos e historiadores a que faltava, entretanto, e êste o nosso quinhão, a prova documental. E, assim, revelamos, de pesquiza em pesquiza, a

---

ram desde os velhos tempos da Roma Imperial. Examinou as primeiras tentativas na Inglaterra, na Universidade de Edinburgo, onde um grupo de moças que se havia matriculado na Faculdade de Medicina foi vaiado pelos estudantes e até apedrejado, indo o caso para os tribunais que afinal deram ganho de causa aos estudantes, declarando que só a mulher competia os trabalhos domésticos. Passando pela França, pela Suiça, pela Suecia e pelos Estados-Unidos, onde, em 1882 se forma a primeira brasileira que clinicou em Nova-York, entrando no tema próprio de sua conferência: A Primeira mulher Brasileira formada em Medicina no Brasil. Estudou, então, a vida de Dona Rita Lobato, Velho Lopes como estudante, após tratar em rápidas palavras da sua querida, *provou com cerrada documentação* que expoz em quadros à distinta assistência, de como a Dra. Rita Lobato iniciou seus estudos no Rio de Janeiro, onde cursou o primeiro ano de medicina, indo depois para a Bahia completando em três anos apenas, e sempre com distinção, os restantes cinco anos, tomando dessarte a dianteira a três outras Senhoras, uma pernambucana, uma paraibana e uma carioca, que se haviam matriculado antes. Passando à America do Sul demonstrou, ainda, com documentação obtida nas diversas Faculdades de Medicina dos paises sul-americanos, que a Dra. Rita Lobato foi a segunda mulher que na America do Sul, na Faculdade de um país sul-americano, obteve o título de médica, sendo a primeira uma chilena, a segunda D. Rita Lobato, a terceira uma argentina e por fim a quarta já em nosso século uma uruguaia, que, por ser a primeira médica formada no Uruguai o Governo daquele país, a título de gratidão e estímulo, lhe concedeu ha anos e continua a dar-lhe uma subvenção anual" — ("Jornal do Dia" — Porto-Alegre, 8-3-950).

(46) — "Foi tão grande a repercussão dessa conferência que vários intelectuais gauchos reclamaram a falta de noticiario a respeito, pois, quasi todos no geral ausentes nos domingos, só leram jornal terça-feira dia da conferência e nesse dia não foi noticiada". Valter Spalding — "Jornal" Cit.

(47) — O primeiro documento, ou um dos primeiros que reconheceu o direito de Rita Lobato ao título da Primeira Médica formada no Brasil foi o "Ventarola" jornal editado em Pelotas, Rio Grande do Sul, que a 11 de março de 1888 já escrevia o seguinte: "Rita Lobato é a primeira brasileira que se forma nas Faculdades de Medicina do Império, gloria essa que cabe a maior proporção à nossa província que é a terra do nascimento de V. Ex." Também por essa época ou antes escre-

existência em Porto-Alegre da Dra. Rita Lobato, fato êste quasi desconhecido. Mas, diziamos, a contestação fácil surgiu pressurosa de tôda parte, iniciada logo em Porto-Alegre, com o telegrama (48) que recebemos no próprio Hotel em que estavamos. Êste documento firmado pelo Sr. Enrique Carlos de Morais, Diretor da Biblioteca do Patrimonio Histórico e Artístico de Pelotas insinuava a prioridade defendida para a Dra. Rita Lobato em favor de uma outra sua conterrânea, a Dra. Antonieta César Dias. E, na véspera da nossa chegada a Salvador, de volta de Porto-Alegre, um vespertino baiano publicava certo telegrama de Pelotas firmado pelo aludido Enrique Morais contestando a nossa opinião expendida, dias antes, na capital gaucha. (49)

Não parou, aqui, entretanto, a inesperada restrição ao que afirmamos em Porto-Alegre, o que ocasionou de logo, enorme confusão nos círculos intelectuais do Rio Grande do Sul e do Distrito Federal. Levada pela ressonância deste acontecimento e sobretudo pelas contestações suscitadas, a "Revista do Globo" de Porto-Alegre realiza ampla reportagem em torno do assunto, concordando, por fim, com as nossas conclusões. (50)

---

veu José Alvares do Amaral o seguinte: "Coube ainda à Faculdade de Medicina da Bahia a primazia de conferir o grau de Doutora a D. Rita Lobato Velho Lopes, natural do Rio Grande do Sul. Foi a primeira Senhora que recebeu no Brasil essa distinção científica em 10-12-1887". ("Rev. Inst. Hist. da Bahia" — Vol. 47, pág. 139). Finalmente Ayres Neto no seu opusculo "Médicas" confirma esta verdade.

(48) — "Dr. Alberto Silva — Hotel Magestic — Porto-Alegre — Rio Grande do Sul". Chamo atenção prezado amigo para Dra. Antonieta Dias, natural de Pelotas que estudou medicina ao tempo de Rita Lobato. Abraços. Enrique Carlos Morais — Diretor Patrimonio Histórico Artístico — Pelotas.

(49) — O jornal "A Tarde" de Salvador, edição de 14-3-50 publicou o seguinte telegrama: "Pelotas — 14 — A Tarde — A propósito das homenagens que o Instituto Histórico do Rio Grande do Sul prestou à primeira mulher formada em Medicina no Brasil, tendo cursado a Faculdade de Medicina da Bahia, o Diretor do Patrimonio Histórico e Artístico de Pelotas lembra o nome da pelotense Antonieta Dias Vorpurso filha do jornalista Antonio Joaquim Dias, fundador do "Correio Mercantil" e cujo ingresso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1883 provocou ruidoso projeto apresentado pelo Deputado Eleuterio Camargo justificando sua matrícula.

(50) — "A Revista do Globo", de Porto-Alegre, escreveu a pág. 58, do seu número 506, de 15-4-1950, entre outras coisas o seguinte: "O Prof. Alberto Silva historiador e médico da Bahia, descobriu quem foi a primeira médica brasileira. Mas outros estudiosos e outros médicos não aceitaram as suas conclusões. O Prof. Silva renovou as pesquizas e

Por sua vez o Sr. Ayres da Cunha Echenique (51) gaucho, residente em Pelotas (52) pesquizou, pacientemente, o assunto nos Arquivos da Biblioteca Pública Pelotense, logrando descobrir ampla documentação (53) inédita e ao mesmo tempo esclarecedora da controversia, firmando deste geito, e conosco, o direito inconteste de sua parenta Dra. Rita Lobato.

Mas, a 14 de junho de 1950 a Radio Nacional irradiou no seu programa "Honra ao Mérito" um número especial radiofônico, escrito pelo Dr. Paulo Roberto e dedicado à Primeira Médica do Brasil. Afirmou, então, o ilustre colega nesta sua irradiação para todo o Brasil que a Primeira Médica do Brasil era a Dra. Ermelinda Lopes de Vasconcelos, viva ainda na ocasião em Niteroi. Conquanto faltasse a devida documentação é fácil de prever a enorme confusão produzida em todo país, mormente no Rio Grande do Sul (54) tão de perto interessado neste rumoroso assunto. Todavia, antes mesmo de surgir a nossa contestação, já o Sr. Ayres da Cunha Echenique,

---

finalmente encerrou sem dúvidas o seu trabalho: a primeira médica brasileira a formar-se em medicina no Brasil fora a Dra. Rita Lobato.

(51) — Gaucho. Filho do Coronel Guilherme Echenique, nascido a 15-8-1864 e falecido a 31-5-1947. Ayres Echenique nasceu a 14-12-1904, consorciando-se a 7-2-1942 com D. Ligia Correia Lopes Echenique, nascida a 8-2-1917, filha do palecido cirurgião-Dentista Cassio Lobato Velho Lopes, irmão caçula da Dra. Rita Lobato.

(52) — Palácio do Correio — Ap. 404 — Pelotas — Rio Grande do Sul.

(53) — O Sr. Ayres da Cunha Echenique tem-nos sido além de profundo pesquizador um poderoso cooperador do presente estudo. Rebuscando documentos ineditos nos arquivos da Biblioteca Pública Pelotense, Ayres Echenique descobriu os ns. 36, 49 e 54 do jornalzinho "Ventarola" de Pelotas edições respectivamente de 11-12-1887, de 11-3-1888 e de 15-4-1888 que positivaram sem dúvida alguma o direito da Dra. Rita Lobato formada em 1887, enquanto as duas concorrentes Ermelinda Vasconcelos e Antonieta Dias receberam os diplomas respectivamente em 1888 e em 1889.

(54) — Escrevemos longa carta documentada ao Dr. Paulo Roberto que, felizmente conhecedor da ética jornalística voltou ao microfone da Radio Nacional na noite de 24 de setembro dêste ano de 1950 no programa "Nada além de Dois Minutos", retificando sua opinião anterior. A "Revista do Globo" de Porto-Alegre recebeu, porém, entre outras estas três cartas expressivas: uma do Sr. Armando Barbosa Braga do Banco do Brasil de Cruz Alta — Rio Grande do Sul, escrita a 14-6-1950 em que depois de fazer referências ao aplaudido programa da Radio Nacional do mesmo dia e à reportagem da "Revista do Globo" de 15-4-1950, conclue textualmente: "Devo esclarecer a VV. SS. que êsse programa me causou grande surpreza. Desejando ter um esclaecimento sôbre o assunto solicito a VV. SS. mandarem vasculhar os arquivos da Revista a fim de que possamos saber verdadeiramente qual das duas é a mais antiga na profissão no Brasil". A segunda escrita a 15-6-50

baseado em documentação inédita, extraida dos arquivos da Biblioteca Pública Pelotense, mandára a seguinte carta à "Revista do Globo": (55) "Há poucos dias tive o prazer de ler no número 512 da "Revista do Globo" três cartas dirigidas a sua Redação e que versavam sôbre o caso da primeira médica formada no Brasil. Anteriormente já tomára conhecimento da excelente reportagem constante da edição n. 506 sôbre a Dra. Rita Lobato. Havendo, entretanto, a Radio Nacional, em seu bem organizado programa "Honra ao Mérito" irradiação de 14 de junho último, afirmado ser a veneranda Dra. Ermelinda de Vasconcelos a primeira médica formada no Brasil, naturalmente por falta de elementos precisos a respeito da Dra. Rita Lobato, tomo a liberdade de fornecer a sua Revista as mesmas informações que em data de 20 de julho deste ano forneci ao Dr. Paulo Roberto, diretor do programa radiofônico acima mencionado. Do jornal "Ventarola", editado por Eduardo Chapon na cidade de Pelotas R. G. S. Vol. I, Ns. 1 a 92, da coleção que possui a Biblioteca Pública de Pelotas extraí os trechos das notas que abaixo transcrevo, os quais trazem oportunos esclarecimentos à controvertida materia de Primeira Médica do Brasil, originada com a homenagem prestada à Dra. Rita Lobato pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, em 7-3-950. "Ano I, n. 49, Pelotas 11-3-1888 Dra. Rita Lobato: Temos satisfação de apresentar hoje aos nossos leitores o retrato da nossa talentosa conterrânea Exma. Sra. Dra. Rita Lobato Dotada de um talento fora do comum e de muita dedicação para a medicina, mal

---

pelo Sr. Noé de Jesus, residente em Porto-Alegre, à rua Corte-Real, 775, está assim redigida: "Li com o habitual interesse a edição n. 506 de abril desse conceituado magazine, onde figura a pessoa da Exma. Sra. Dra. Rita Lobato, atribuindo-se a citada Senhora a honra, de ser a primeira doutora diplomada no Brasil. Ha ainda a afirmação de que a Exma. Senhora diplomou-se em 1887 segundo os estudos do Prof. Dr. Alberto Silva. Consta ainda na referida edição que a ilustre gaucha reside nesta capital, no bairro Menino Deus. Ontem no programa Honra ao Mérito da Radio Nacional consta que a primeira diplomada em Médica no Brasil é uma outra senhora diplomada em 1888, e que reside atualmente em Niteroi. Não havendo coincidência entre os nomes, residencia e ano em que se formaram ha de certo um equívico ou da parte do Prof. Dr. Alberto Silva ou de quem lançou no ar a outra informação". Finalmente a terceira missiva firmada pelo Dr. Romeu Biltrã, residente à rua Floriano Peixoto 1100 Santa Maria, Rio Grande do Sul, dizia o seguinte: Solicito que me informem, se possivel o endereço da Dra. Rita Lobato q,ue foi objeto de uma reportagem estampada no n. 506, dessa brilhante Revista.

(55) — "Revista do Globo" — Edição 513, agosto de 1950 — Porto-Alegre — Rio Grande do Sul.

terminou a estudiosa moça os preparatórios dirigiu-se em companhia de seu venerando pai para o Rio de Janeiro, matriculando-se na Escola de Medicina. Cursou alí o primeiro ano e depois de prestar os respectivos exames nos quais foi aprovada dispôs-se a continuar os seus estudos na Faculdade de Medicina da Bahia, onde, em três anos de estudos, teve a gloria de conquistar o diploma honroso que possui... E' a primeira médica que se forma nas Faculdades de Medicina do Imperio... Fômos brindados com um exemplar de sua tése, que versou sôbre a "operação cesariana" e foi aprovada com distinção". — "Ano II, n. 54, Pelotas 15-4-1888 — Ermelinda de Vasconcelos: Em nossa primeira página de hoje prestamos homenagem de apreço e admiração à distinta riograndense Exma. Sra. D. Ermelinda Lopes de Vasconcelos, natural de Porto-Alegre e atual sextanista da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Em março de 1884 conjuntamente com as suas comprovincianas D. Antonieta Dias, aluna do quinto ano, Dra. Rita Lobato Velho Lopes, formada em medicina pela Faculdade da Bahia, em 1887 e D. Maria Amelia Cavalcanti de Albuquerque, natural de Pernambuco, presentemente no terceiro ano médico, D. Ermelinda de Vasconcelos matriculou-se na Faculdade do Rio de Janeiro... D. Ermelinda forma-se êste ano". "Por êste inconteste depoimento do passado verifica-se que:

a) a Dr. Rita Lobato Velho Lopes formou-se em 1887 pela Faculdade de Medicina da Bahia;

b) a Dra. Ermelinda Lopes de Vasconcelos formou-se em fins de 1888, pela Faculdade do Rio de Janeiro. Em anexo remeto para que constem dos arquivos dessa Revista cópias autenticadas do jornal "Ventarola" aqui referidas esperando, com isto, que se tenha mais algumas luz sôbre o assunto em fóco. As. Ayres da Cunha Echenique — Palácio do Comercio —Ap. 404 — Pelotas — Rio Grande do Sul". Antes, porém, da publicação desta carta-documento na "Revista do Globo" de Porto-Alegre, já o "Diario Carioca" do Rio de Janeiro (56) estampava sob o título "Era Carioca a Primeira Mulher Formada em Medicina" importante reportagem em torno do debatido assunto. Aludia o mencionado jornal à jovem médica Maria Augusta Generoso Estrela que se diplomou em medicina em 1881, pelo "New-York Medical College" de Nova-York,

(56) — "Diario Carioca" de 23 de abril de 1950.

Estados Unidos. Ora, distingamos. "Não se contesta haver sido a aludida profissional a primeira mulher brasileira formada em Medicina, mas, não foi a primeira médica do Brasil, no sentido evidente de haver estudado e recebido o seu diploma numa Faculdade brasileira. Aliás o Brasil não podia dar u'a médica em 1881 desde quando a permissão para a mulher estudar medicina no país data da Reforma Leoncio de Carvalho de 1879", (57) Corridos cinco meses dessa publicação no "Diario Carioca", outros prestigioso jornal do Rio (58) publica nova entrevista, desta vez assinada por uma néta da Dra. Maria Augusta Generoso Estrela, a Senhorinha Ivone Morais Costa, em que se nos contesta a afirmativa ousada de Porto-Alegre. Partindo, sem razão do pressuposto de que usamos "de uma ligeira forma de diferençar a primeira brasileira formada em Medicina" e no "Brasil" a aludida Senhorinha procura reinvindicar para a sua avó o título de primeira médica do Brasil. (59) Terá razão? Cabe-nos agora, finalmnete, a feliz oportunidade da nossa defesa, o que fazemos, baseado em documentos valiosos, desempoeirados de vários arquivos sobretudo dos das Faculdades de Medicina do Rio e da Bahia. Antes, porém, de faze-lo, apontemos os verdadeiros culpados desta confusão, certos historiadores, certos médicos e mesmo certos historiadores-médicos. O nosso ilustre colega Licurgo Santos Filho escreveu, por exemplo à pág. 280 do seu belo livro "His-

---

(57) — Alberto Silva — A Primeira Médica do Brasil — "A Tarde" — Salvador, 2-9-1950.

(58) — "O Globo" de 25-9-1950.

(59) — Entre outros trechos de sua entrevista a Senhorinha Ivone Costa escreve o seguinte: "O Prof. Alberto Silva quer dar a entender que minha avó. brasileiríssima, apesar de se ter formado seis anos antes da Dra. Lobato deixou de ser a primeira médica brasileira por haver obtido o diploma no estrangeiro. Para o Prof. Alberto Silva a primazia está não na diferença de seis anos mas no país onde a conclusão do curso se verificou. Não é possível aceitar semelhante argumentação para a qual ha apenas uma explicação: o Prof. Alberto Silva, prepara um livro que terá o título de "A Primeira Médica do Brasil", que se refere à Dra. Rita Lobato que foi a segunda. E' evidente que se o professor colocasse a ilustre médica gaucha no seu devido lugar, o livro não teria o mesmo interesse". E conclue ela com estas palavras: "Parece que chega. Eu poderia fornecer mais provas em favor da prioridade de Maria Augusta Generoso Estrela. Não quero abusar porém da acolhida simpática d'"O Globo". Conclue-se do que ficou dito acima que a primeira brasileira que se formou em medicina foi minha avó cujo diploma tem a data de 1881 e que a Dra. Rita Lobato se diplomou seis anos depois em 1887. O Prof. Alberto Silva mesmo usando o seu curioso método de diferenciação não poderá de forma alguma inverter estas datas para dar primeiro lugar à médica riograndense que vai ser o motivo de seu próximo livro".

tória da Medicina no Brasil", esta afirmativa incompleta: "A primeira mulher a se doutorar em medicina na Bahia foi Rita Lobato (60) em 1887", (61) E outro não menos ilustre escritor patricio, Barros Vidal, acrescentou ainda à pág. 208 do seu valioso trabalho "Precursoras Brasileiras" esta conclusão improcedente: "a primeira mulher que se formou em medicina no Brasil foi Ermelinda Lopes de Vanconcelos". (62) Faltaram, portanto, aos mencionados autores pesquisa e crítica científicas nas suas incriveis afirmações. Faltaram-lhes, repetimos, a leitura, o estudo, a apreciação e a interpretação dos documentos históricos guardados nos arquivos e que tanto esclarecem a verdade. Redarguindo de nossa parte, afirmamos tudo quanto dissemos na conferência de Porto-Alegre e na imprensa (63) do Rio e de Salvador; (64) a primeira médica do Brasil, isto é, a primeira médica diplomada por uma Faculdade brasileira foi a Dra. Rita Lobato Velho Lopes. E' o que verificaremos, linhas abaixo, à luz de uma documentação inedita, inconteste, decisiva.

A Dra. Rita Lobato apresentou tése de doutoramento intitulada "Paralelo entre os Métodos Preconizados na Operação Cesariana" à Faculdade de Medicina da Bahia, a 30 de setembro de 1887, (65) defendendo-a a 24 de novembro do mesmo ano, (66) recebendo, enfim, o seu diploma de doutora em medicina no mês imediato isto é a 10 de dezembro. (67)

---

(60) — Não é êste aliás o nome da médica sul-rio-grandense, a primeira do Brasil. Antes do seu desposorio chamava-se Rita Lobato Velho Lopes. Hoje é Rita Lobato Freitas.

(61) — Para o autor citado (vide pág. 48 do livro aludido) Jorge Valadares foi cirurgião-mór no Governo de Duarte da Costa, quando, tendo êle vindo com Tomé de Sousa, voltou com êste, não estando mais aqui em Salvador no tempo do segundo-governador geral.

(62) — Êste, porém, não é o cochilo unico do competente autor de "Precursoras Brasileiras" Considera, êle, por exemplo, Ana Nery a primeira enfermeira do Brasil, esquecendo-se lamentavelmente de Francisca de Sande que a precedeu no sagrado mister.

(63) — Conferência realizada em 7-3-1950, no Instituto Histórico de Porto-Alegre — Rio Grande do Sul.

(64) — Exemplos — A Primeira Médica do Brasil — "A Tarde" — Salvador, 9-9-50 — "Vive ainda a primeira mulher que se formou em Medicina no Brasil". Entrevista "O Globo" — Rio, 12-9-50 — Carta — Resposta à Senhorinha Ivone Costa — "O Globo" — Rio, 11-12-50.

(65) — Frontespicio da aludida tése impressa na Imprensa Popular — Defronte do Coberto Grande, 48 — Ano de 1887 — Bahia.

(66) — "Diario da Bahia" — Salvador — Bahia, 18-11-1887 e 24-11-1887.

(67) — 1.º Catálogo de Tése da Bahia — Ano de 1887 — N. 85 — Biblioteca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro — 2.º Tése da Bahia — Ano de 1887 — N. 76 — A Biblioteca da Faculdade de

A Dra. Ermelinda Lopes de Vasconcelos que se propõe, também ao aludido título, apresentou tése à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro sôbre "Formas Clínicas das Meningites nas Crianças — Diagnóstico Diferencial" um ano depois da Dra. Rita, isto é, a 20 de setembro de 1888, (68) defendendo-a a 19 de dezembro do ano citado, (69) diplomando-se por termo em Medicina, sete dias depois, isto é, a 26 do mês referido. (70) Finalmente a Dra. Antonieta César Dias que concorre, também, neste grande pareo, apresentou à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a sua tése denominada "Hemorragia Puerperal" a 30 de agosto de 1889, (71) diplomando-se quatro meses depois, em dezembro do mesmo ano. (72) Ora, provado, comprovado e sobreprovado que a Dra. Rita Lobato recebeu o diploma de doutora em medicina a 10 de dezembro de 1887 razão é que a consideremos, em definitivo, a primeira médica do Brasil, vale dizer a primeira médica brasileira formada numa Faculdade brasileira, uma vez que as suas duas ilustres contendoras Ermelinda Lopes de Vasconcelos e Antonieta César Dias receberam diplomas respectivamente em dezembro de 1888 e em dezembro de 1889. Assim sendo, e para concluirmos êste assunto, tão espichado vai, consideremos a Dra. Rita Lobato, a primeira médica formada

---

Medicina do Rio de Janeiro; 3.º Registro de Diplomas de Médicos e Farmaceuticos — 1886-1887 — Livro 4.º Fls. 123 — Faculdade de Medicina da Bahia; 4.º Ata do Doutoramento o Livro 2.º — Fls. 30 — Faculdade de Medicina da Bahia — 5.º — "Diario da Bahia" — Salvador — Bahia, 10-12-1887 e 11-12-1887. 6.º "Jornal de Noticias" — Salvador — Bahia, 10-12-1887 — "A Ventarola" — Pelotas — Rio Grande do Sul — Ano I — 11-3-1888.

(68) — Frontespicio da aludida tése impressa na Tip. Laemmert & C. — Ouvidor, 66 — Rio, 1888.

(69) — Frontespicio citado. Também "Jornal do Comercio", do Rio de Janeiro, de 19-12-1888 — "Gazeta de Noticias" — Rio de Janeiro — 20-12-1888. Barros Vidal. Precursores do Brasil.

(70) — Barros Vidal — Ob. cit. — "A Cidade do Rio" — Rio de Janeiro, 27-12-1888 — "Gazeta de Noticias" — Rio de Janeiro, 27-12-1888 e 30-12-1888 Catálogo de Téses do Rio de Janeiro — Ano de 1888 — pág. 158 — N. 36 — Biblioteca da Faculdade de Medicina do rio de Janeiro — Volume de Téses do Rio de Janeiro — Ano de 1888 — Biblioteca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro — A "Ventarola" — Ano 2 — N. 54, 15-4-1888 — Pelotas R. G. Sul.

(71) — Frontespicio da tése aludida impressa na Tip. Universal de Laemmert & C. — Rua do Ouvidor, 66 — —Rio de Janeiro, 1889.

(72) — Catálogo de Téses do Rio de Janeiro — Ano de 1869, pág. 165 — N. 5 — Biblioteca da Faculdade de Medicina do rio de Janeiro —Volume 1.º — N. 4 — Ano de 1889 — Biblioteca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro — "A Ventarola" — Ano 1.º — N. 36, 11-12-1887 — Pelotas — Rio Grande do Sul.

no Brasil, a Dra. Ermelinda de Vasconcelos, a segunda e a Dra. Antonieta Dias, a terceira. E a Dra. Maria Augusta Generoso Estrela deve ser, tem que ser considerada a primeira mulher brasileira formada em medicina. (73)

---

(73) — "Salvador, 24-11-50 — Prezado confrade Sr. Redator de "O Globo" — Acabamos de ler, graças à generosidade de um nosso amigo aí do Rio, a entrevista da distintíssima Srta. Ivone Morais Costa, concedida a êste brilhante jornal, em 25 de setembro, querendo contraditar uma outra entrevista nossa, publicada nesse mesmo "O Globo" de 12 deste mês, sôbre o debatido assunto da primeira médica do Brasil, vale dizer da primeira mulher brasileira que estudou e se formou em medicina no Brasil. Antes de tudo, e mesmo de nada, não existem no particular opinião contraria, entre nós e a nossa ilustre contestante. E' que pensamos da mesma forma, o que nos honra profundamente. Declarou, por exemplo, a Srta. Ivone Costa, a um tempo amavel e irônica, que possuimos "uma ligeira forma de diferençar, a primeira brasileira formada em medicina" e no "Brasil"; e, ainda sem querer assim dá a entender que a sua avó brasileiríssima, apesar de se ter formado seis anos antes da Dra. Rita Lobato deixou de ser a primeira médica brasileira por haver obtido o diploma no "estrangeiro"; finalmente, conclue, com estas palavras de revolta: "Não é psosível aceitar tal argumentação para a qual ha apenas uma explicação; o professor Alberto Silva prepara um livro que terá o título "A Primeira Médica do Brasil", que se refere à Dra. Rita Lobato que foi a segunda". Perdão, Srta., por contraria-la nesta única divergência entre nós; a Dra. Rita Lobato não foi a segunda médica do Brasil. E não foi por ter sido naturalmente a primeira brasileira que estudou e se diplomou numa faculdade nacional. Mas, como diziamos, nós ambos sustentamos a mesma tése, a mesma opinião, o mesmo pensamento. Vejamos. Escreveu a nobre Senhorita, na sua valiosa entrevista de 25-9-50 ao "O Globo", do Rio de Janeiro, "que Maria Augusta Generoso Estrela foi a primeira brasileira que conquistou o grau e o diploma de médica". Agora, tenha paciência e verifique que esta sua justa afirmativa não é mais do que uma confirmação deste trecho da nossa entrevista de 12 do corrente concedida ao mesmo jornal. "A Dra. Maria Augusta Generoso Estrela póde ter sido e foi a primeira mulher brasileira formada em medicina, mas não a primeira médica brasileira formada no Brasil, isto é, a primeira médica do Brasil, que é o que se apura". Onde, pois, distinta patricia, a proclamada divergência? Escrevemos no aludido jornal, que a Dra. Maria Augusta Generoso Estrela não é a primeira médica formada no Brasil, portanto do Brasil, porque "fez e concluiu o seu curso, nos Estados-Unidos e não no Brasil". A amavel contestante afirma, também, de sua parte o seguinte: "a minha avó defendeu tése perante a Faculdade do Rio de Janeiro a fim de obter permissão para exercer no Império a sua profissão visto ter-se formado em uma academia estrangeira". Logo... Srta., a Dra. Maria Augusta não foi "a primeira médica do Brasil", nem muito menos "médica do Brasil" porque para clinicar em nosso país teve que se sujeitar ao necessário exame de revalidação do seu diploma estrangeiro, recebido nos Estados-Unidos. Foi, porém, como escreveu a Senhorita, e como antes escrevemos, no mesmo brilhante jornal da nossa entrevista: "a primeira mulher brasileira formada em medicina". Ora se declaramos e êste o título da

nossa entrevista a "O Globo" citado: "que vive ainda a primeira brasileira que se formou em medicina no Brasil", esta brasileira só poderia ter sido a Dra. Rita Lobato que em 1887, recebeu o seu diploma na Faculdade de Medicina da Bahia, e não a Dra. Augusta que se diplomou, verdade é, seis anos antes numa escola estrangeira. Fazemos aqui ponto final nesta refutação, porque a termo de contas nós ambos estamos com o mesmo pensamento, mas fazendo ponto final, repetimos num esclarecimento as novas opiniões, são felizmente mesmíssimamente as mesmas quanto ao direito da Dra. Maria Augusta Generoso Estrela ao título de primeira mulher brasileira formada em medicina, o que não contraria o direito da sua patricia Rita Lobato de ser a primeira mulher brasileira formada em medicina numa faculdade brasileira, logo a primeira médica do Brasil. Afinal de contas tudo é Brasil. Devemos, porém, esclerecer à Srta. Ivone Costa que a personalidade da sua avó a ilustre Dra. Maria Augusta Generoso Estrela ocupa um capítulo especial no livro que estamos concluindo, intitulado "A Primeira Médica do Brasil", capítulo êste nomeado de "A Brasileira do New-York Medical College", onde proclamamos sua verdadeira primazia, exaltando a sua cultura, a sua inteligência e o seu civismo. E, dando aqui o nosso endereço — Joaquim Távora n. 79 — Salvador — Bahia, solicitariamos da Senhorita Ivone Costa, notas interessantes sôbre a Dra. Maria Augusta, particularmente sôbre a sua descendência e sôbre o ano exato em que ela se formou, se 1881 ou 1882 visto esperar, por não ter idade, um ano mais para receber o seu diploma. Agradecemos, pois, ao Sr. Redator, acolhida desta resposta nas colunas do seu prestigioso jornal. Seu confrade e amigo agradecido (a) Prof. *Alebrto Silva*".

("O Globo", 11-12-50 — Rio.

176 a

THESES

APRESENTADAS

A' Faculdade de Medicina da Bahia

EM 30 DE SETEMBRO DE 1887

PARA SEREM SUSTENTADAS

Pela Doutoranda

Rita Lobato Velho Lopes

Natural da Provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul

Filha legitima de Francisco Lobato Lopes e D. Rita Velho Lopes

AFIM DE OBTER O GRÃO

DE

DOUTORA EM MEDICINA

BAHIA
IMPRENSA POPULAR
48, Defronte do Coberto Grande, 48
—
1887

FACULDADE NACIONAL DE MEDICINA
BIBLIOTECA

Tese da Dra. Rita Lobato, defendida em 1887. (Fotocópia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro).

THESES

APRESENTADAS

Á FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

EM 29 DE SETEMBRO DE 1888

E PERANTE ELLA SUSTENTADAS EM 19 DE DEZEMBRO DO MESMO ANNO
NA PRESENÇA DO IMPERADOR

POR

Ermelinda Lopes de Vasconcellos

approvada « com distincção »

Professora pela Escola Normal da provincia do Rio de Janeiro

NATURAL DO RIO GRANDE DO SUL

filha legitima de Joaquim Lopes de Vasconcellos e de D. Firmiana Lopes de Vasconcellos

A FIM DE OBTER O GRAU DE DOUTORA EM MEDICINA

DISSERTAÇÃO

CADEIRA DE CLINICA MEDICA E CIRURGICA
DE CRIANÇAS

« Fórmas clinicas das meningites na criança. Diagnostico differencial »

PROPOSIÇÕES

Tres sobre cada uma das cadeiras da Faculdade

RIO DE JANEIRO
TYP. LAEMMERT & C.
Rua do Ouvidor, 66
1888

(Ha no fim **errata** geral)
E. de V.

FACULDADE DE MEDICINA
Bibliotheca
RIO DE JANEIRO

Tese da Dra. Ermelinda Lopes de Vasconcelos, defendida em 1888 (Fotocópia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro).

4865

DISSERTAÇÃO

CADEIRA DE PARTOS

HEMORRHAGIA PUERPERAL

(PONTO I)

PROPOSIÇÕES

Tres sobre cada uma das cadeiras da Faculdade

THESE

APRESENTADA Á

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

EM 30 DE AGOSTO DE 1889

PARA SER SUSTENTADA POR

Antonieta Cesar Dias

Natural da Provincia do Rio Grande do Sul

Afim de obter o gráo de Doutor em Medicina

RIO DE JANEIRO
TYP. UNIVERSAL DE LAEMMERT & C.
65, RUA DO OUVIDOR, 66
1889

FACULDADE DE MEDICINA
RIO

Tese da Dra. Antonieta Cesar Dias, defendida em 1889, (Fotocópia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro).

PIONEIRAS SUL-AMERICANAS



Dra. RITA LOBATO
A primeira médica do Brasil.



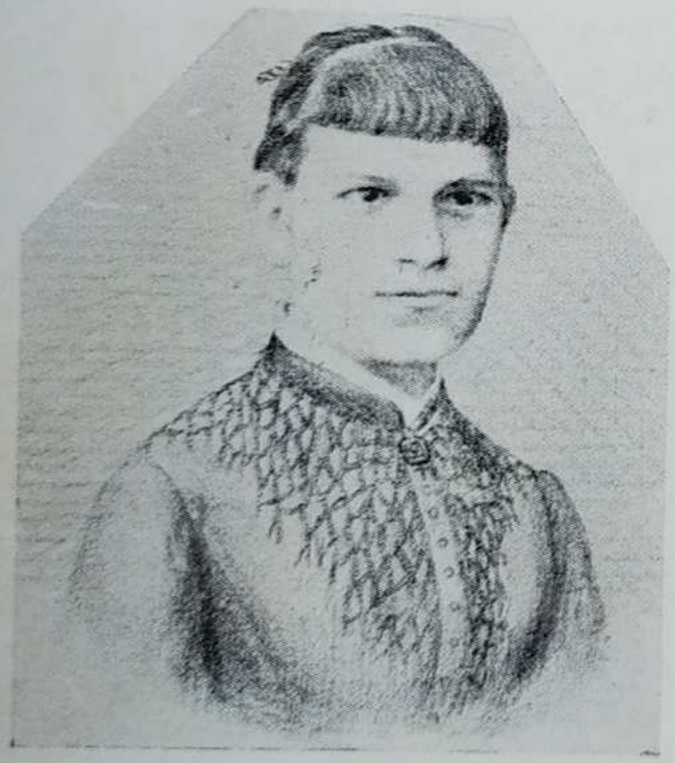
Dra. CECÍLIA GRIERSON
A 1.ª médica da Argentina.



Dra. PAULINA LUISI
A 1.ª médica do Uruguai.



Dra. Rita Lobato.

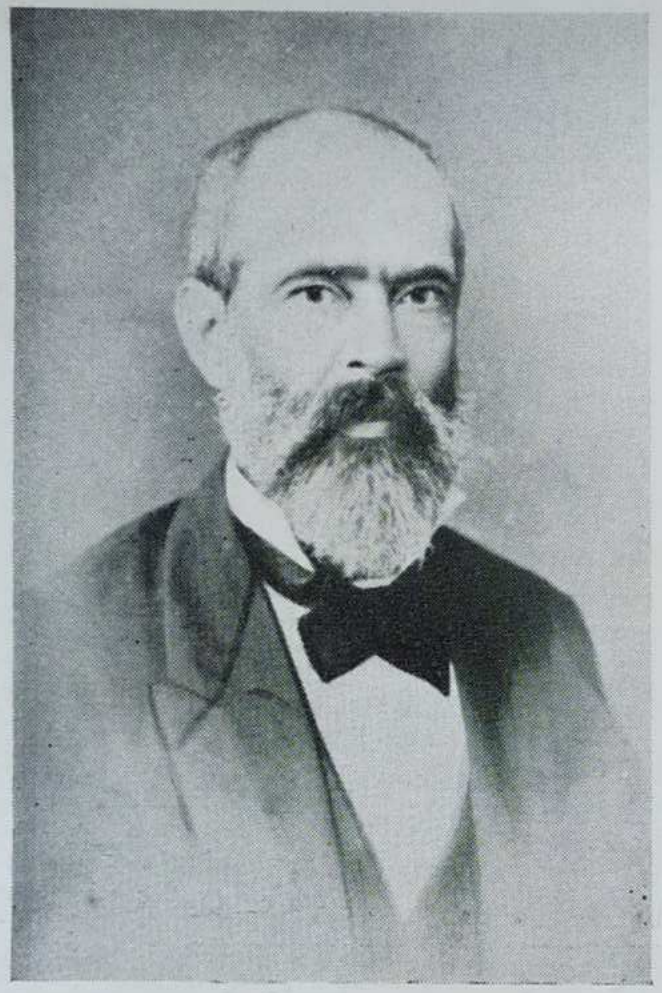


Dra. Ermelinda Lopes de Vasconcelos.



Dra. Antonieta Cezar Dias.

OS PAIS DA DRA. RITA LOBATO



Francisco Lobato Lopes
(1833-1898)



Rita Carolina Velho Lopes
(1842-1883)



Antonio Maria Amaro de Freitas, natural de Herval, espôso da Dra. Rita Lobato.



A Dra. Rita Lobato e o Prof. Alberto Silva. Fotografia tirada em sua residência em Porto Alegre (Março de 1950).



EM NOME DE SUA MAGESTADE

O SENHOR D. PEDRO SEGUNDO,

IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO DO BRAZIL

FACULDADE DE MEDICINA DA CIDADE DA BAHIA

Diploma da Dra. Rita Lobato, expedido pela Faculdade de Medicina da Bahia. Este documento constitue a prova irrefutavel da prioridade da médica gaúcha.



A Dra. Rita Lobato cercada de membros de sua família, numa fotografia recente tirada em Rio Pardo.



Antigo Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia, hoje Faculdade de Medicina, onde estudou a Dra. Rita Lobato.



Aspecto atual da Faculdade de Medicina da Bahia.

PARTE TERCEIRA

VOCAÇÃO SINGULAR

I

PREDESTINAÇÃO

I

PREDESTINAÇÃO

"Ao nascer Chopin em Zelagowa Wola uma serenata de violino embalava uma nupcial de aldeia".

GUI DE PORTALÉS

Ruge, sangrenta, a guerra do Paraguai.

A rendição espetacular de Estigarribia (1) pôz termo, felizmente, ao dominio estrangeiro no Rio Grande do Sul, domínio êste que chegara a estender os seus tentáculos por S. Borja e Uruguaiana.

Sete de junho de 1866!

Reboam, ainda, pelo ar agitado, aplausos frenéticos e entusiasticos, pela estrondosa vitoria de Tuiuti (2) "a mais notavel de tôdas as batalhas até hoje ocorridas na America do Sul".

---

(1) — Solano Lopez, estimulado pela traiçoeira invasão de Mato-Grosso, onde logrou, a princípio, sucessos felizes, entendeu também de assolar o Rio Grande do Sul, mesmo com o sacrifício da neutralidade argentina. E um exército forte de 13 mil homens às ordens de Estigarribia invade a província sulriograndense. Custou-lhe caro, porém, a audacia porque o seu general se rendeu em Uruguaiana com 6 mil soldados conterrâneos.

(2) — O exército acampára em 20 de maio de 1866 perto de Tuiuti, mirando de frente o exército paraguaio entrincheirado. Volvidos quatro dias ou seja a 24 de maio de 1866 trava-se então uma sangrenta

Nesse dia (3) por sinal uma quinta-feira nublada, fria, de estação inverniça, nasce uma criança (4) em S. Pedro do

---

batalha, a de Tuiuti, que, iniciada às 11 ½ da manhã terminara às 4 ½ da tarde, com brilhante vitoria nossa, e fragorosa derrota do inimigo, que sofreu horrivel mortandade, perdendo ao todo 12 mil mortos, sendo 6500 deixados em nosso campo. A província do Rio Grande do Sul, perto do teatro da guerra, festejou dias seguidos com vibranets manifestações cívicas a grande vitoria do exército aliado, sobretudo do exército brasileiro, comandado pelo bravo Manoel Luis Osorio, Marquez de Herval.

(3) — Comentamos, já, em nota anterior, resumidamente embora, a dúvida que persiste em torno do nascimento de Rita Lobato, dúvida aliás que não devia mais subsistir em face do documento original existente no Arquivo da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro que é a sua certidão de batismo. Mas, vejamos o assunto: no Livro de Registro de sua Carta de Doutora está escrito "9 de junho de 1867" achando-se emendada, porém, a unidade. Numa carta que nos foi escrita pela Dra. Rita Lobato em 21-8-48 ela declara: "a data do meu nascimento é 7 de junho de 1866, o mais tudo é engano, esta é a certa". Noutra carta em que nos confirma esta anterior escrita em 15-9-50 a aludida médica diz ainda: "nasci a 7 de junho de 1866, a certidão é que está errada, pois a civil não havia naquela época e na carta de Doutora o ano está errado também". Todavia a certidão de batismo abaixo transcrita diz "nove de junho". De fato em 17-1-1884 o pai da menor Rita Lobato assinou o seguinte documento dirigido ao Exmo. Revmo. Monsenhor Vigario Veras da Freguesia de S. Pedro do Rio Grande: "Francisco Lobato Lopes precisa que V. Ex. Rev. lhe mande certificar junto a esta o que consta do assunto de batismo de sua filha, de sua filha de nome Rita, batisada na Matriz desta Freguesia, no ano de 1863 mais ou menos. P. a V. Ex. Rev. Deferimento. E. R. M. Rio Grande 17 de janeiro de 1884". Êste requerimento teve o seguinte despacho: "Certifique-se do que consta. Rio Grande 17-1-1884. Mons. Miranda Veras". No mesmo dia foi então passada a seguinte certidão que parecia elucidar de todo o assunto. "Adolfo Leopoldo Torres, Escrivão da Auditoria Elesiastica desta Comarca de S. Pedro do Rio Grande por S. Ex. Reverendissima que Deus guarde. Certifico que revendo o livro quanto e de assento de batismos desta freguesia numero 17, nele à fls. cento e cinco encontrei o do teor seguinte: à margem; Rita; Aos dez dias de maio de mil oitocentos e sessenta e sete nesta Matriz do Rio Grande o Coadjutor Rocha Couto, batisou solenemente à Rita, nascida em nove de junho do ano passado, filha legitima de Francisco Lobato Lopes e de Rita Carolina Velho Lopes, naturais desta província; neta paterna de Manoel Antonio Lopes, natural de Portugal e de D. Joaquina Correia Lopes desta Província; e materna de Matias José Velho e de Luciana Francisca Gonçalves da Terra Velho, naturais desta província. Foram padrinhos José Gonçalves Lopes e Maria Leonidia Velho. E para constar fiz o presente que assinei; o Vigario José Maria Damasio Matos. E nada mais se continha no referido assento que fielmente extraí do original a que me reporto e dou fé. Cidade do Rio Grande dezesete de janeiro de 1884. E eu Adolfo Leopoldo Torres, Escrivão que o escrevi e assino. Adolfo Leopoldo Torres".

(4) — Nascera, prematuramente, aos sete meses, no mesmo dia à noite, em que seus pais chegavam a S. Pedro do Rio Grande, com o

Rio Grande (5) Província do Rio Grande do Sul, que, ao lado dos seus quatro irmãos, (6) havia de se tornar também o enlêvo de seus pais: Rita (7) u'a menina gordofita, irrequieta, choramigosa que se tornou de logo o enlêvo de todos. Ora a noticia do inesperado nascimento de mais uma filha de Francisco Lobato Lopes (8) e de Rita Carolina Velho

---

fito de aguardar, por mais dois meses ainda, o feliz termo. Singularidade! O mesmo acontecera com a sua colega e conterrânea Ermelinda Vasconcelos, a segunda médica formada no Brasil. "O nascimento de Ermelinda foi acidentado, escreveu Barros Vidal. D. Firmiana, no 7.º mês, tomada de susto à passagem de um bolido, teve a sua delivrance precipitada. E foi uma luta para salvar a criança". Os pais de Rita residiam em S. Isabel, perto de Pelotas, veraneando, entretanto, em S. Pedro do Rio Grande, numa casa terrea existente à rua Zaloni, perto da praça Parobé, onde veio à luz a primeira médica formada no Brasil. Foi assim: pela tardinha de quinta-feira 7 de junho de 1866, a casa tôda desarrumada, sente então Rita Carolina, as primeiras dores do parto, que, agravadas, precipitaram a "delivrance" e a criança nasceu inesperadamente às 19 ½ horas num colchão estendido em pleno quarto, rodeado de bagagens, pois não houve tempo de se armar a cama. Aliás Napoleão nasceu num tapete, Carlos 5.º numa retreta palaciana e o barão de Panat num cemitério.

(5) — À margem esquerda do Canal Rio Grande do Sul, a 330 Kms. de Porto-Alegre. Foi antiga capital do Estado, berço, entre outros gauchos famosos, de Evaristo Pires, do Barão de Tamandraá e do Conde de Porto-Alegre.

(6) — Rita foi o quinto filho do casal e sua segunda mulher. Precederam-na, Francisco, o mais velho de todos, Lotario, Julieta, Colotario e Matias.

(7) — Nome de sua genitora Rita Carolina Velho Lopes. Usança respeitada na época. O nome Francisco do seu irmão mais velho reflete homenagem ao pai Francisco Lobato Lopes. Os seus outros irmãos Manoel, Joaquina, Matias, José continuaram respectivamente com os nomes do avô paterno Manoel Antonio Lopes; da avó paterna Joaquina Correia Lopes; do avô materno Matias José Velho e do tio paterno José Gonçalves Lopes. Tal costume acarreta, indiscutivelmente, serias dificuldades futuras no terreno das investigações genealogicas. Felizmente está quasi hoje em desuso tão exdruxula perpetuação dos nomes familiares.

(8) — Gaucho, natural de Pelotas. Nascido a 10 de agosto de 1833. Falecido no Rio Pardo, aos 65 anos de idade, a 23 de abril de 1898. Possuiu uma xarqueada em Pelotas, depois que deixou a sua estancia de S. Isabel. Possuiu, também, uma residência de veraneio em S. Pedro do Rio Grande, para onde viajava todo fim de ano com tôda a família. De S. Isabel passou-se êle para o Areial, zona de xarqueada, também perto de Pelotas, onde, a contar de 1871 explorou o comércio de xarque. Transferiu-se ao depois para convizinhanças de Rio Pardo onde veio a falecer. Foram seus pais Manoel Antonio Lopes, natural de Portugal e D. Joaquina Correia Lopes, natural do Rio Grande do Sul. Consorciou-se a 19 de agosto de 1858 com D. Rita Carolina Velho.

Lopes (9) correu célere por todo S. Pedro do Rio Grande, enchendo-se, de pronto, a residencia do casal gaucho, de amigos e conhecidos que foram levar o testemunho das suas amizades.

Correm meses!

Sexta-feira 10 de maio de 1867:

No batisterio da Matriz de N. S. do Carmo de S. Pedro do Rio Grande um grupo de paroquianos reza, contrito, em torno do vigario Ribeiro Couto, que impõe, por sua vez, a uma criancinha esperneante as águas lustrais do batismo. Minutos depois, na sacristia do velho templo, recebe, então, a recembatisada os primeiros carinhos dos seus padrinhos contentosos, o tio paterno José Gonçalves Lopes (11) e a tia materna Maria Leonida Velho. (12) Nessa noite a casa terrea da rua Zaloni, fronteira à praça Parobé (13) encheu-se de parentes, amigos e conhecidos que compartiram dos regosijos daquela festa íntima, a do batisado de Rita, felicitando todos, com sorriso largo e coração aberto, aos seus ditosos pais, o Sr. Francisco Lopes (14) airoso gaucho da campanha, empertigado ainda nos seus 34 anos sadios, e a Sra. Rita Carolina Velho

---

(9) — Gaucha. Filha de Matias José Velho e de Luciana Francisca da Terra Velho ambos naturais do Rio Grande do Sul. Rita Carolina nasceu em Pelota a 3 de junho de 1843, sendo portanto dez anos mais moça que o marido. Esposa perfeita e modelo acabado de mãe, e de filha, Rita Carolina viveu exclusivamente para o esposo e para os 14 filhos. Faleceu tragicamente a 3 de junho de 1833, quando completou precisamente 41 anos de idade e 24 horas depois de haver dado à luz seu derradeiro filho, Cassio.

(10) — Dia do batismo de Rita Lobato Velho Lopes. Extranhavel o haver sido batisada quasi a completar um ano de idade. E curioso, também, viajarem os seus pais, de novo, para S. Pedro do Rio Grande, em cuja matriz se devia realizar o batisado.

Homenagem ao lugar em que nascera?

Bem possível.

(11) — Era o tio "Juca", queridíssimo de todos. Gaucho, filho de Manoel Antonio Lopes, português e de D. Joaquina Correia Lopes, gaucha Rita Lobato homenageou assim em sua tése ao padrinho: "Ao meu tio e padrinho José Gonçalves Lopes e sua Ex. Família, singela prova de consideração e respeito".

(12) — Irmã de Rita Carolina, natural do Rio Grande do Sul. A sobrinha, Rita Lobato, homenageou-a em sua tese da seguinte forma: "À minha querida tia e madrinha D. Maria Leonida Velho de Souza e à Ex. Família: como palido reflexo da amizade que vos dedico e insignificante prova de gratidão pelas atenções que sempre me haveis dispensado aceitai esta página de imensa estima".

(13) — Principal praça da cidade sulista. Que nome terá hoje?

(14) — Bom esposo. Pai exemplar. Viuvo em 1883, não contraiu segundas nupcias, dedicando-se exclusivamente aos filhos. Passou três anos aqui na Bahia, 85, 86 e 87, junto à filha Rita.

Lopes (15) 24 anos, vistosos, esbelta, diligente, prazenteira. Corre assim a festa, dentro, felizmente, no mais sincero júbilo, entre sorrisos sãos e conversas leais, naquela honesta e expansiva cordialidade que tão bem caracteriza as relações amistosas da familia gaucha. A puericia de Rita Lobato transcorre, quieta e despreocupadamente, em S. Pedro do Rio Grande, sua cidade natal, onde veraneia vários fins-de-ano, e em Pelotas (16) em cujas convizinhanças, S. Isabel, o pai se fixa, a princípio, com tôda familia. Para esta estância de S. Isabel volta, portanto, Rita Lobato, algumas semanas depois de nascida em S. Pedro do Rio Grande, onde vai residir, com seus pais até 1871, vale dizer até aos seus 5 anos, quando Francisco Lopes se transfere para o Areial (17) zona de xarqueada, nos arredores de Pelotas. Nesta nova estada continúa Francisco Lopes as suas atividades comerciais convergidas, agora, para a industria de xarque, a principal da região. E' no Areial, que Rita Lobato, contando apenas cinco anos, entra para a escola pública primaria local, sua primeira escola, regida pela Prof. America Soares de Abreu, também sua primeira mestra, de saudosas recordações. Nessa escola Rita Lobato, inteligente e diligente, estudou quatro anos seguidos até a conclusão em 1875 do curso primario, quando contava nove anos de idade.

Deixando, por conseguinte, o colegio da Prof. America Soares de Abreu, Rita Lobato passa para outro congenere da Prof. Rosinha Pinto, sediado em Pelotas. Durante ano e meio, de 1875 a meiados de 1876, repassa Rita Lobato, como pensionista, as materias anteriores, e cursa outras novas. Uma segunda transferencia permite-lhe frequentar, o colegio da Prof. Berta Generé, situado também em Pelotas, onde estuda agora descansadamente, pois os seus pais havendo deixado o Areial estabeleceram residencia na mencionada cidade gaucha. Mas, não foi esta, ainda, a derradeira escola da menina atilada, viva e caprichosa do Rio Grande. Porque estando ainda em Pelotas Rita Lobato abandona o colegio de Berta

---

(15) — Companheira dileta de Francisco Lopes, foi o exemplo perfeito da honesta matrona romana que "sabia guardar bem a casa e fiar melhor a lã". Pelo batisado de Rita Lobato, estava prestes a dar a luz, sete meses de gravidez, ao sexto filho, Antonio, nascido realmente a 31 de julho de 1867.

(16) — Situada à margem direita do rio do mesmo nome, a 300 Kms. da capital. Berço de Guedes Cabral, do General José de Abreu, do Barão de Serro Largo e de Lobo da Costa.

(17) — No Areial, Francisco Lopes explorou, de sua vez, uma xarqueada. Gaucho tipico da campanha preferiu sempre as estancias fora das cidades, onde desenvolvia melhor suas atividades industriais.

Generé e passa a estudar na escola dos Professores Carlos André Lequentini e Benjamin Amarante. Nesse colegio conhece então a sua conterrânea Antonieta Dias, três anos mais jovem, que seria, entretanto, causa da sua nova transferencia para Porto-Alegre. (18) Foram, porém, êstes dois últimos colegios, o de Berta Generé e o de Carlos André Lequentini e Benjamin Amarante os que deixaram a mais funda impressão no espirito da menina gaucha. E de tal geito que até hoje, octogenaria já, ela não esquece as suas virtudes pedagógicas, o didatismo, a disciplina, o respeito que os fizeram famosos em seu tempo. Desse colegio dos Professores Lequentini e Amarante, partia Rita Lobato, todos dezembros, para Porto-Alegre a fim de prestar exames de preparatório, na Instrução Pública. (19)

Ano de 1880!

A criança trefega de S. Isabel e do Areial, é agora menina-moça de suas catorze primaveras, viçosas e formosas. Alva, simpatica, cabelos castanhos, olhos azuis", (20) Rita Loabto prendia todos que lhe cercavam a pessoa esbelta. No lar, entre os irmãos, que chegaram a somar treze, (21) ela se fazia

---

(18) — Aconteceu então o seguinte: os professores Lequentini e Amarante receberam certa feita a seguinte ameaça do Sr. Antonio Joaquim Dias, escritor e jornalista pelotense, pai da aluna Antonieta Cesar Dias: ou êles dificultavam o estudo da aluna Rita Lobato ou êle Antonio Joaquim Dias, desmoralizaria o seu colegio pelo "Correio Mercantil". Pretendia dar tempo à filha galgar a dianteira da colega e matricular-se primeiro na Faculdade de Medicina do Rio. Tal, porém, não se deu porque Francisco Lopes transferiu a filha para Porto-Alegre onde concluiu logo o curso.

(19) — Quando cursava o colegio Lequentini-Amarante Rita viajou primeira vez, no fim do ano, para Porto-Alegre a fim de prestar exames de preparatório na Instrução Pública local.

(20) — Informação oral do Dr. Mario Servilio da Silva, colega de serie de Rita, falecido nesta cidade em 19 de novembro de 1951, sepultado no Cemiterio do Campo-Santo.

(21) — Foram 13 irmãos: 1.º Francisco Lobato Velho Lopes — Nascido em 10-8-1859 no Rio Grande. Farmaceutico. Faleceu solteiro em S. Paulo, em fevereiro de 1897. 2.º Lotario; 3.º Julieta, nascida a 20-4-1860, em Pelotas, falecida a 21-4-1931 em Porto-Alegre. Consorciou-se em 30-11-77 com o tio Afonso Matias Velho; 4.º Colotario; 5.º Matias, nascido a 22-2-1865. Médico. Casou-se com D. Cândida Lopes. Faleceu em S. Paulo onde clinicava, em 1935; 6.º Antonio, o "Sorotina", nascido a 31-7-1867 no Rio Grande. Médico. Casou-se com D. Alzira Cunha. Falecido em 1910 em S. Paulo onde clinicava. Mereceu com o Francisco e o Matias a seguinte homenagem de Rita em sua tese: "Aos meus caros irmãos Drs. Francisco Lobato Velho Lopes, Matias Lobato Velho Lopes e Antonio Lobato Velho Lopes um futuro repleto de felicidades". 7.º — Manoel, falecido aos 18 meses de idade; 8.º — Isabel, nascida a 19-11-1868 — Falecida em 1888; 9.º — Octavio, falecido criança; 10 — Afonso, idem, idem; 11 — José, nascido em 1873,

sempre apreciada e admirada pela sua fôrça de vontade, pela sua delicadeza de trato e sobretudo pelo seu capricho nos estudos. (22) Certo brincava, passeiava, chalrava, conversava, saltava, pilheriava com todos os manos dentro no lar ditoso. Mas, possuia as suas preferencias. O Antonio, por exemplo, a quem tratava por "Sorotina" era o eleito da sua amizade fraternal. E, ela "Norides" (23) era também para êle a irmã do coração. Depois do Antonio, as suas simpatias convergiam para o Matias, êste e aquele seus companheiros fieis nas aulas da Faculdade e nos passeios vários pela cidade do Salvador e seus arredores. Tal vivia Rita Lobato, nas estancias gauchas, entre pais extremecidos e irmãos dedicados. A sua vida de jovem sonhadora e despreocupada, corria, assim, suave, amêna, tranquila, tal regato placido coleando-se entre vergeis, pela planicie imensa. Certo dia, porém, uma grande tragédia abatida de chôfre sobre aquele feliz, torce profundamente o destino dessas criaturas, descançadas até então na diligencia de um pai brioso e na dedicação de u'a mãe extremosa.

---

falecido aqui em Salvador em 11-6-1885. Rita não esqueceu este seu falecido irmão, escrevendo em sua tese: "Sôbre o túmulo do meu irmão José; uma lágrima de saudade"; 12 — Joaquina, nascida a 15-1-1881. Dentista, Faleceu solteirona, em Porto-Alegre em 21-4-941; 13 — Cassio, nascido a 2-6-1883. Dentista. Casou-se em Rio Pardo a 26-7-1912 com D. Adelaide Correia Lopes, nascida a 10-12-1882. Faleceu a 26-11-1987, havendo deixado quatro filhos Nei, Vica, Paulo e Ligia, esta nascida a 8-2-1917, casada a 7-2-1942, na estância Valparaiso, com o Sr. Aires da Cunha Echenique.

(22) — Assídua, bôa aluna, estudava muito. Informação do Dr. Mario Servilho da Silva, colega de Rita.

(23) — Primeiro apelido caseiro. Hoje Rita é conhecida por Chana.

II

...AMOR... AMOR...

II

...AMOR... AMOR...

"...êle foi o meu namorado desde os bancos colegais".

RITA LOBATO

E o sentimento amoroso madrugou, paradoxalmente, (24) no coração ainda inexperto da adolescente estudante gaucha. Devotada, de corpo e alma, a uma grande aspiração, a de ser médica, Rita Lobato repartia, entretanto, seus sorrisos ternos com país e irmãos, que a estimavam. Todavia sem esquecer os estudos, seu ideal maior, começa, desde muito cedo, a alimentar um sentimento afetivo por certo rapazelho, que o Destino marcara para ser futuramente seu esposo dileto. Foi êste, portanto, o seu primeiro e único amor, amor aliás de colegial por outro colegial. Antonio Maria de Freitas, (25) residente também em Pelotas.

---

(24) — Repetimos paradoxalmente porque um grande número de médicas, devotadas de todo coração a Esculapio, esqueceram-no. Uma delas, por exemplo, Elizabeth Blackwell, a primeira médica norte-americana, confessou mesmo que "teve de afastar tôda idéia de amores e matrimônios". Mas no Brasil aconteceu justamente o contrário, Ermelinda da Vasconcelos e Antonieta Dias contrairam matrimônio logo depois de diplomadas.

(24) — Nascido na Estância Passo de Areia, Município de Herval do Sul, Rio Grande do Sul a 10 de janeiro de 1861. Falecido em Capi-

O amor de Rita Lobato por êsse jovem conterrâneo, seu primo carnal, que viria a ser um dia seu esposo, começou como começam, aliás, todos os amores; por um nada. (26) Contava ela seus minguados onze anos quando, ao passar, certa vez, por uma das salas de aulas do colegio do Prof. Carlos André Lequentini reparou que se desenrolava entre Mestre e alunos uma animada sabatina. Tomada de curiosidade parou ela, um pouco, encostando-se, calada, ao umbral da porta. E durante minutos esquecidos, ficou apreciando o Mestre fazer repetidas perguntas à tôda fila de alunos sentados nas carteiras, em sua frente. Em dado momento, porém, a uma arguição mais dificil, tôda turma emudéce. O Professor insiste ainda na pergunta, correndo, então, tôda a garotada surpreendida e emudecida. De repente, porém, um rapazelho de apenas 16 anos põe-se de pé e responde, seguro, à pergunta cabulosa.

Surpreza!

Mestre e colegas olham, logo, admirados, aquele menino diligente que acabara de responder com inesperado acerto a pergunta dificil, corrida por tôda sala.

Entusiasmada, também, com a resposta do primo inteligente (27) Rita Lobato não o perde mais de vista. E desde êsse momento sente uma profunda simpatia sacudir-lhe o

---

vari a 20 de setembro de 1926 — Era filho do Capitão José Luiz Amaro de Freitas, morto heroicamente a 11 de dezembro de 1868, na batalha de Avai, plena guerra do Paraguai e de D. Auta de Freitas Amaro, nascida a 8 de dezembro de 1829 e falecida a 1.º de fevereiro de 1924, aos 95 anos de idade.

(26) — Umas vezes, realmente, "os primeiros olhares do bem-querer, as primeiras palavras a puxar conversa, trocam-se numa feira, numa festa, num encontro de caminho e depois, os passeios de namoro cruzam-se pelas tardes paradas dos dias santos, ambos os conversados com as suas roupas domingueiras, muito canhestros u mdiante do outro, a cortês distância, olhos no chão; êle a fazer riscos na terra com o pé do lodão, ela encostada ao muro a mordiscar uma gavinha tenra de vida que, em cima, espalma folhagem de sombra verde; outras ainda, numa folgança íntima à sala alumiada ou à varanda enflorejada, "os risos brincam nas faces das moças enamoradas e, à desgarrada, entre cantadores e cantadeiras, ao som de cavaquinhos, esfusia o amor, escondendo-se em palavras disfarçadas, desprendendo-se em remoques vivos, denunciando-se em arrufos e ciumes" (*Antero de Figueredo*).

(27) — Antonio Maria de Freitas, era filho, também, de dois primos carnais. Desistiu de estudar. não sabendo si por falta de vocação ou de reservas econômicas. Perdendo o pai aos sete anos de idade, estuda até aos 16 quando se emprega numa casa comercial de Pelotas a Chapelaria Cordeiro Vernier, iniciando desta maneira a sua carreira no comercio gaucho. Antonio Maria esperou três longos anos pela volta de Rita da Bahia.

coração descuidoso. Simpatia, aliás, de logo correspondida, e ao depois transformada naquela afeição sincera e leal que o tempo e a distância não lograram esmaecer. (28) E' que, desde essa ocasião, os olhos de Rita não se fartaram mais de mirar e admirar a pessoa esbelta do primo afeiçoado, nascendo e crescendo, então, de todo o ponto, o seu amor sincero. (29)

Concluido o curso secundario deixa Antonio Maria o colegio de Carlos Lequentini, empregando-se ,alí mesmo, em Pelotas, na Chapelaria Cordeiro Vernier.

Rita continua, porém, estudando e prestando, anualmente, exames de preparatorios em Porto-Alegre para onde viaja todo mês de dezembro. Mas, agora, ao passar diariamente pela conhecida Chapelaria pelotense, rumo ao colegio, ela espia, curiosa, para o seu balcão, lá no fundo, cheio de freguezes.

Espia e sorri.

Ao fim do ano, tendo de viajar como se disse até Porto-Alegre para prestar exames de preparatorios, Rita procura agora despedir-se atenciosamente de todos os comerciantes e comerciários da rua em que está instalada a Chapelaria Cordeiro Vernier. Porque? Porque, tomada de saudades, apertaria também a mão morena de certo empregado da conhecida Chapelaria pelotense, um rapazelho "de cabelos na testa" o Antonio Maria, seu primo, eleito já do seu coração.

Correm três anos!

---

(28) — Surgem e crescem e labaredam assim "esses amores silenciosos, escondidos, constrangidos, sofridos, suaves como alvoradas, asperos como vendavais, taciturnos como remorsos, amavel cuidado de tôda hora amargura gostosa, amores violentos, meigos, pacificadores como bençãos, maus como o Inferno. Os amantes olham-se e sorriem cheios desse renascente amor que a tôda hora se gasta e a tôda hora se renova, amor preludio e amor apogeu, ansiado e realizado, realizado e cubiçôso, em perêne festa de desejo" (*Antero de Figueiredo*).

(29) — "Tal o Amor, que, na mulher ascende, grau a grau, da simpatia leve como uma brisa à paixão ensandecida como uma tormenta, do cuidado ligeiro ao sacrifício completo; do sorriso fugaz ao soluço emotivo; amor que se ergue lento e lento desde o seu impressentido desabrochar, desde que êle "não é ainda senão um arfar mais fundo do peito iludido, um olhar mais demorado e já quebrado, uma atitude de cabeça combalida, um gesto de mãos pensativas, uma sombra de melancolia em rosto alegre; desde êstes nadas que são mundos até às violências da felicidade ou da dôr, todos os aspectos; aquele amor tímido que se esconde e aquele amor vaidoso que se exibe; o amor passivo da mulher meiga, o amor consciente da mulher orgulhosa e o amor explosão da mulher arrebatada, todos esses modos de ser do mesmo cuidado que é prazer e dor, que é vida e morte" (*Antero de Figueredo*).

Conclue Rita, afinal, o curso secundario, prestando o derradeiro preparatorio, o de Filosofia, na capital gaucha. Moçoila de sós 17 primaveras, viva, simpatica, inteligente, a estudante sulista possue um grande pensamento sustentado, por sua vez, por um grande desejo, o desejo de ser médica. Mas, a êste grande pensamento se contrapõe também um grande sentimento mantido por um grande afeto: o afeto de Antonio Maria.

Ora estudar medicina significava viajar logo para a Côrte, abandonar o Rio Grande, deixar Antonio Maria, não mais vê-lo durante muito tempo, na galhardia dos seus 22 anos, a atender os fregueses da Chapelaria Cordeiro Vernier.

Que fazer?

Viajar de qualquer geito. Estudar na Côrte. Realizar, por conseguinte, o seu grande sonho. Quanto a Antonio Maria prestaria os seus preparatorios em Porto-Alegre, para segui-la no ano imediato, matriculando-se na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Sonhos! E sonhos desfeitos! Por que Rita não continuará os seus estudos no Rio de Janeiro, pois viajará para a Bahia em 85, onde concluirá, então o seu curso médico.

Esta ocorrência, inesperada e desastrosa, altera o plano traçado pelos dois namorados, desistindo, assim, Antonio Maria da sua viagem à capital do Império para cursar a Escola de Direito. E, já agora, em Pelotas, no trato do comercio, a sua profissão definitiva, o jovem gaucho espera durante três longos anos a volta da bem amada. Sim da bem amada que não esquece por sua vez o modesto caixeiro da Chapelaria Cordeiro Vernier, cumprindo, deste geito, o compromisso de lealdade afetiva assumida entre lágrimas na hora derradeira da despedida. E, um e outro souberam resistir, alentados pela sinceridade de um grande amor, ao tempo que tudo esquece e à distância que tudo esmaece.

Antonio Maria nunca mais esqueceu Rita Lobato. No vicejo de u'a mocidade estuante, longe ainda da sua eleita, não se deixou êle cubiçar por outros corações. A saudosa recordação da conterrânea distante constituiu, afinal, para a sua pessoa um estímulo poderoso que conservou sempre o seu ânimo e manteve sempre a sua esperança na longa espera. Também Rita. Vivendo e convivendo aqui na Bahia (30) em meio de rapazes, seus colegas e conterrâneos, estudando e

---

(30) — Rita Lobato fixou residência aqui em Salvador, com o pai e os irmãos, a princípio perto da "rua da Jaca", que deve ser a da Jaqueira, na freguezia de Nazaré. Morou, portanto, conseguimos iden-

pilheriando com muitos dêles, ela nunca traiu ao afeto sincero que trazia escondido no coração inquieto.

Nunca!

Um estudante de medicina Olinto Magalhães (31) frequentador assíduo do sobrado do Sodré (32) dedicou-lhe sempre uma afeição especial, afeição aliás que êle nunca ousou declarar. (33) Rita sentira, de fato, esta tendência amorosa do seu colega, mas, porque sincera e leal ao afeto de Antonio Maria, não correspondeu, conservando uma atitude de honesto retraimento.

E quando já diplomada, recebeu no Rio de Janeiro, em trânsito para o Rio Grande do Sul, certo pedido importante por intermedio do colega e amigo Bruno Chaves, Rita Lobato ladeou, disfarçou, despistou, concluindo por desatendê-lo. (34)

---

tificar, no Jogo do Carneiro, hoje Rua Marquês de Barbacena. Depois residiu no Sodré, hoje n. 43, no prédio em que morrera 15 anos antes o imortal Castro Alves. Aí concluiu o curso médico até receber o respectivo diploma em 1887.

(31) — Olinto Maximo de Magalhães, filho de José Maximo de Magalhães e D. Porfiria da Silva Magalhães. Nasceu em Minas-Gerais a 16-1-1866. Diplomou-se em médico pela nossa Faculdade a 3-9-1887. Foi Ministro das Relações Exteriores no Governo Campos Sales — 1898-1902. Representou o Brasil na conferência de Versalhes em 1919, juntamente com Pandiá Calógeras e Raul Fernandes. Faleceu em 1947 na avançada idade de 81 anos.

(32) — Hoje de n. 23, sede do Ginasio Ipiranga. Rita Lobato, juntamente com seu pai o velho Francisco Lopes e seus três irmãos Francisco, Matias e Antonio residiram nesse sobrado do começo de 1886 até dezembro de 1887 quando se retiraram todos para o Sul. Hospedavam-se, ainda, nesse sobrado do Sodré, alguns estudantes de medicina gauchos como Bruno Chaves, diplomado a 3 de setembro de 1887, Alipio Santiago Correia, diplomado um ano depois a 13 de dezembro de 1888, Rivadavia Correia, que não se formou aqui na Bahia e Edmundo Berchior de Essartz, formado a 12 de outubro de 1887.

(33) — Recentemente Rita Lobato declarou-nos a respeito o seguinte: "Olinto dedicava-me u'a certa afeição que não era de colega, mas teve sempre medo de declarar o que sentia por que eu era "fechada". Gostava dele como colega que era dos mais distintos, não como namorado, pois jamais esqueci o Antonio Maria". Esta, pois, a razão de não se ter Rita casado com um médico a exemplo do que acontecera no Rio de Janeiro com a sua companheira de estudo e conterrânea Ermelinda de Vasconcelos, a segunda médica do Brasil.

(34) — Rita Lobato relatou-nos da seguinte forma êste episodio da sua vida amorosa: "Olinto gostava de mim desde os bancos acadêmicos, mas eu nunca liguei. Chegando ao Rio, já formada, em janeiro de 1888, despediu-se, certa vez de mim, o colega Bruno Chaves, por haver sido chamado a Minas por D. Porfiria Magalhães, mãe de Olinto. De volta, poucos dias depois, trouxe-me êle uma incumbência delicada: D. Porfiria pedia-me em casamento para o seu filho. Apesar de surpreendida com semelhante pedido, disfarcei, respondendo que tencio-

Mesmo porque não era possível corresponder a semelhante desejo. Seria trair à amizade dedicada ao primo distante.

Rita prossegue, pois, viagem para o Rio Grande do Sul, onde, rodados meses, realiza, contentosa, o seu belo sonho de moça.

Quinta-feira inverniça de 18 de julho de 1889!

Na Estância Santa Vitoria, arredores do Rio Pardo (35) Rio Grande do Sul, reunidos parentes e amigos do velho Francisco Lobato assistem todos à bôda festiva da sua filha Rita Lobato, recentemente diplomada em medicina na Bahia, (36) com o primo e conterrâneo Antonio Maria Amaro de Freitas. Uma alegria íntima envolve todos os presentes, muitos vindos de longe para aquela estância (37) enfestonada e prazeirosa.

Antonio Maria, 28 anos fortes, (37) moreno, bôa estatura, diligente, amigueiro, acolhe, sorridente os cumprimentos amistosos. Por sua vez, Rita Lobato, 23 anos viçosos (39) alva, olhos azuis, cabelos castanhos, simpatia, recebe, a todo instante, abraços afetivos de parentes e amigos.

Alegria! Satisfação!

Realizado, desta guisa, o desposorio campesino, o jovem casal viaja de logo para Jaguarão (40) onde frue a sua lua de mel enquanto Rita Lobato continua a clinicar na sua especialidade de partos. (41)

---

nava ir a Europa e como êle Olinto decidira também realizar semelhante viagem lá acertariamos o casamento. Ora eu não pude seguir finalmente para o Velho Mundo, e se pudesse, mesmo assim não satisfaria ao desejo do colega mineiro, porque já viajaria casada".

(35) — Situada à margem esquerda do Jacui, próximo à foz do seu afluente Rio Pardo, a 162 Kms. de Porto-Alegre. Antiquíssimo município gaucho. População 41.000 habitantes. sendo 7.000 na cidade. Em Rio Pardo nasceram entre outras as seguintes personalidades gauchas: Manoel de Araujo Porto-Alegre, Barão de S. Angelo; Brigadeiro J. J. de Andrade Neves; Almirante Alexandrino de Alencar; Marechal João Propício Mena Barreto, Barão de S. Miguel; Ernesto Alves, barão do Triunfo e Ramiz Galvão.

(36) — Diplomara-se dois anos antes a 10 de dezembro de 1887.

(37) — Pertencente a D. Luciana Francisca da Terra Velho, viuva de Matias José Velho, avó materno de Rita Lobato a quem em sua tese escrevera: "À minha veneranda avó Exma. Sra. D. Francisca Luciana da Terra Velho — Saúdo".

(38) — Nascido, tal dissemos, na Estância Passo de Areia, município de Herval do Sul a 10 de janeiro de 1861.

(39) — Nascida em S. Pedro do Rio Grande, Rio Grande do Sul a 7 de junho de 1866.

(40) — Situada na fronteira do Uruguai, à margem esquerda do rio do mesmo nome, frente à cidade uruguaia de Artigas. Jaguarão está situada a 470 Kms. de Porto-Alegre.

(41) — Rita Lobato iniciou a sua clínica ao chegar em Porto-Alegre, logo depois de formada. Casando-se, porém, em Santa Vitoria, arre-

Ditosa união! (42)

Volvido apenas um ano Antonio Maria e Rita Lobato enriquecem o seu lar com a primeira e única filha: Isis (43) consorciada mais tarde, (44) também com outro prim,o (45) Sr. Mario Amaro da Silveira. (46)

Êste casal Mario e Isis Silveira deu, então, à Dra. Rita Lobato três netos, Antonio Maria, (47) Auta Terêsa (48) e Maria Antonieta (49) que constituem, hoje, a sua alegria e o seu encanto em Porto-Alegre.

---

dores do Rio Pardo, viajou para Jaguarão, onde durante ano e meio continuou então a clínica de partos, a sua especialidade.

(42) — Antonio Maria e Rita Lobato viveram afinal uma ditosa vida conjugal, constituindo um casal unido. Ela, esposa zelosa, cuidou sempre do companheiro fiel e carinhoso que a tratava na intimidade de "Minha Querida". A morte de Antonio Maria verificada em Capivari a 20 de setembro de 1926, aos sessenta e cinco anos de idade, abalou profundamente Rita Lobato.

(43) — Isis Lobato de Freitas, ao depois Isis Lobato de Freitas Silveira, nasceu em Porto-Alegre, Rio Grande do Sul, a 26 de outubro de 1890, contando, presentemente, 60 anos de idade.

(44) — Isis Lobato Freitas casou-se, no civil, em Porto-Alegre, com o Sr. Mario Amaro da Silveira, a 19 de dezembro de 1925, contando ela 36 anos de idade. O casamento religioso foi porém realizado no dia imediato na fazenda Capivari, que Rita Lobato havia adquirido mêses antes. Mario Amaro e Isis Silveira vivem, atualmente, ao lado da Dra. Rita Lobato, sogra e mãe, em Rio Pardo, à rua Joaquim Lisbia, 5.

(45) — Vale aqui o registo dos consórcios entre primos verificados nas duas famílias Lopes e Lobato. Mãe, filha e neta, isto é, Rita Carolina, Rita Lobato e Isis de Freitas — consorciaram-se respectivamente com os primos Francisco Lobato Lopes, Antonio Maria Amaro de Freitas e Mario Amaro da Silveira.

(46) — O caçula dos netos, nascido em Rio Pardo, Rio Grande do Sul a 31 de outubro de 1930. Estudante. Belo carater.

(48) — Nascida em Rio Pardo, Rio Grande do Sul, a 5 de dezembro de 1926. Inteligente. Atenciosa. Diligente.

(49) — Nascida em Rio Pardo, Rio Grande do Sul, a 28 de setembro de 1929. Espírito vivo. Sentimental. Sonhadora. Poetisa futura-

mente admiravel se cultivar o seu estro. Entre outras produções de sua autoria vale registrarmos a seguinte, ainda inédita:

BUCOLISMO

Debruçada na janela contemplando
A chuva que no campo vai caindo
Embebida no cantar da passarada
Eu vêjo que aqui fóra tudo é lindo

Vêjo o gado que descendo da cochila
Vai no mato do arroio se abrigar
O "João de Barro" canta de alegria
Pois vai seu ninho agora terminar.

Vem a vaca subindo da canhada
Berrando o terneirinho procurar
Já vêjo o "quero-quero" que voando
Vem na frente da casa se pousar

As aguas rolando pela estrada
Vão com as da pontinha se encontrar
E alí nas pitangueiras do arroinho
Os sabiás pegaram a cantar

E alegre eu fico admirando
E vendo como é bom morar aqui
Pois tôda essa belzea da cidade
Por mais que eu a procure nunca vi

III

TRAGÉDIA DOMÉSTICA

III

TRAGÉDIA DOMÉSTICA

"Deixe-me dormir"! — Rita Carolina.

O casal Francisco-Rita Lopes residiu durante vários anos em Pelotas ao tempo em que os filhos (50) estudavam nos colegios locais. Rita Lobato cursava então, preparatórios nas escolas dos Profs. Lequentini e Amarante e da Prof. Berta Generê, prestando-os, sempre, todo fim-de-ano, na Instrução Pública, de Porto-Alegre. Temendo, porém, Francisco Lopes qualquer represália do jornalista Antonio Dias, que procurava dificultar o estudo de Rita Lobato, em proveito do da sua filha Antonieta Dias transferiu aquela para Porto-Alegre, onde, interna num colegio, estudou o ultimo preparatório, o de Filosofia.

Vivia dêste geito, feliz e tranquilo, o casal Francisco-Rita Lopes quando esta, em outubro de 1882, aparece gravida do seu 14.º filho, acontecimento natural para aquele lar replenado de crianças.

---

(50) — Eram, então, quatro homens e quatro mulheres, os primeiros chamavam-se Francisco, com 24 anos; Matias, com 18 anos; Antonio, com 16 anos e José com 10 anos; as segundas, nomeavam-se, Julieta com 22 anos; Rita com 17 anos; Isabel com 16 anos e Joaquina com apenas 2 anos de idade. Haviam falecido, em tenra idade, Lotario, Colotario, Manoel, Afonso e Octavio. Ao todo, portanto, oito filhos vivos, sendo quatro homens e quatro mulheres. Ora o casal tivera 14 filhos dos quais sobreviveram 9, havendo morrido 4.

Como de praxe, aproximando-se o têrmo daquela nova gravidez, Francisco Lopes resolve levar Rita Carolina com os filhos para a estância Santa Victoria, nos arredores do Rio Pardo, onde a esposa esperaria, tranquila, o delivramento, ao lado de sua velha mãe Luciana, (51) sua proprietária.

Maio de 1883.

Depois de dificultosa viagem devido em parte ao adiantado estado de gravidez de Rita Carolina, o casal gaucho alcança, finalmente, a estância Santa Victoria, perto de Rio Pardo.

E aí, repousados ambos da estafante caminhada, aguardam, agora, o almejado dia do nascimento de mais um filho, que não demoraria. De fato, aos 2 de junho, um sábado friorento, Rita Carolina recolhe-se ao leito, salteada inesperadamente pelas primeiras dores do parto.

A velha Luciana manda logo chamar, nas vizinhanças da sua estância a "aparadeira" da família, que veio logo.

Horas de dolorosa expectativa!

Finalmente um sorriso de alegria aflora em todos os labios: nascera uma criança do sexo masculino que ao depois, à pia batismal, receberia o nome de Cassio. (52)

Tranquilidade!

O resto dêsse atarefado 2 de junho de 1883 decorre, então, entre cuidados de tôda espécie, dispensados ao mesmo tempo à mãe e ao filho recemnascido. Nas primeiras horas tudo correu bem entre satisfações íntimas dos presentes.

Mas, logo amanhecido o dia seguinte, domingo 3 de junho de 1883, Rita Carolina sente qualquer coisa de anormal e

---

(51) — Gaucha. Sexagenaria. Proprietaria da estância Santa Vitoria que tanto havia de recordar, ao depois, a morte de sua filha Rita Carolina em 3 de junho de 1883 e o dessposorio de sua neta Rita Lobato em 18 de julho de 1889. Luciana Francisca da Terra, descendente de espanhois, nascera em Mostarda, entre 1810 e 1811 falecendo em Porto-Alegre a 11 de junho de 1888. Enviuvára quinze anos antes, com a morte do esposo Matias José Velho, filho de ingleses, a 25 de maio de 1875.

(52) — Caçula do casal. Consorciou-se a 20 de julho de 1912 com Alaide Correia Lopes, nascida a 10 de dezembro de 1882, filha de Damasceno Correia e Ana Correia. Teve 4 filhos: Nei, Vica, Ligia e Paulo. Estudou Odontologia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, diplomando-se em 1904. Clinicou em Porto-Alegre, onde faleceu a 20 de novembro de 1937. A sua filha Ligia Correia Lopes Echenique é esposa hoje do Sr. Ayres Echenique, residente em Pelotas, Rio Grande do Sul.

começa a empalidecer à vista de todos. Esfriam-se-lhe as extremidades, perdendo, enfim, as fôrças com grave dano para o seu estado de saúde. (53)

Preocupações!

Esvaindo-se em copiosa hemorragia, sem que nenhum dos circunstantes lograsse compreender tão angustioso transe, Rita Carolina sente fugir-lhe a vida em meio a profundo estarrecimento.

Que estava padecendo afinal a matrona gaucha? Porque lhe esfriavam as mãos? Porque lhe espalideciam os pés? Porque lhe sumia a voz? Porque lhe escaveirava, afinal, o rosto imovel, languinhento, porejado de suor frio?

Confusão!

A mãe Luciana, aflita, manda chamar, agora, em Rio Pardo, o Dr. Medeiros (54) médico da família, que se transporta, de curto, para a estância Santa Vitoria.

Tarde, muito tarde! O dedicado facultativo não poude fazer mais coisa alguma.

Rita Carolina expirava, calmamente, em seu leito largo de padecente, arrastando porém, aos circunstantes a voz sumida, num pedido prostumeiro: "Deixe-me dormir"!

Deixaram-na na ilusa suposição de que estava realmente adormecendo, quando a verdade é que começava, impressentida, a dormir a morte.

E, assim dormiu ela por fim o sono eterno, entre sentida desolação de todos os presentes, gritos e imprecações da velha mãe (55) angustiada, do esposo leal afligido, dos filhos extremosos, consternados, dos parentes e dos amigos compungidos.

Desastre!

---

(53) — Surpresa dolorosa a agravação do estado de saúde de Rita Carolina, pois nos treze partos anteriores nada tivera de anormal.

(54) — Dr. José Leoncio de Medeiros, filho de José Inacio Praxedes de Medeiros. Natural de Salvador, Bahia, onde nasceu a 18 de janeiro de 1847. Diplomou-se em Medicina a 16 de dezembro de 1871 na Faculdade de Medicina da Bahia, havendo sustentado tése sôbre "Prolapso do Utero Durante o Parto e suas Indicações". Era Primeiro Cirurgião do Corpo de Saúde do Exército.

(55) — Rita Lobato não assistiu, porém, à morte da genitora que tanto estremecia. Estudava, na ocasião, em Porto-Alegre, o seu último preparatório, o de Filosofia, que deveria prestar como prestou no fim daquele entristado ano de 1883, quando recebeu a infausta noticia da tragédia da estância Santa Vitoria. Consternada, profundamente, com a perda irreparavel de sua bôa mãe e amiga sincera, Rita Lobato jamais a esqueceu nos transes mais agitados da sua vida. A lembrança de Rita Carolina, salpicada de lágrimas, constitue, então, dagora por diante, uma espécie de estímulo fecundo nas suas horas de incerteza

Quando a agonizante semi-cerrou os olhos azuis, imobilizando-se para a Eternidade, uma onda incontida de ais e de prantos espraiou-se, de chôfre, por todos os cantos daquela estância alvorotada.

Dôr imensa!

Reboaram, então, pelo ar revolto, lamentações de tristuras, gritos de desesperos, brados de desconsolações. Não foi possível, de geito algum, reprimirem os presentes, parentes e amigos, o enorme pesar que lhes arrebentou em prantos os corações angustiados. Todos, todos os que assistiram àquela tragédia crudelíssima, gemem, agora, diante de um féretro, as suas magoas enormes pelo desaparecimento da honesta matrona; todos choram, enfim, a sua grande perda com lágrimas de coração "porque a Dor nasce da mesma oficina do Amor". (56) Por dias estirados a estância de Santa Vitoria, cerra as suas portas verdes, entregando-se a família enlutada, a pungido abatimento. D. Luciana da Terra Velho e Francisco Lobato Lopes (57) mãe e viuvo inconsolaveis, arrastam-se, semanas inteiras por salas e corredores da estância contristada, esbagoados em sentidos prantos, magoando vez por outra, o ar tranquilo com os seus lamentos e soluços. A morte inesperada de Rita Carolina alterou, de todo, o ritmo e a despreocupação daquele lar ditoso. O viuvo desolado sofreu por tôda vida (58) as consequências do golpe irreparavel.

---

desalentadoras, da fastio triste e de descrença profunda. Passados quatro anos, ao concluir, longe, aqui na Bahia, a sua tése de doutoramento, as primeiras palavras da jovem médica, foram palavras de saudades desfolhadas por uma filha amantíssima sôbre a lembrança da mãe inesquecida que a Morte apartou para sempre do lar feliz e tranquilo. Escreveu Rita Lobato, portanto, o seguinte em sua tése: "A Sagrada Memoria de Minha Mãe D. Rita Velho Lopes".

"Oh! l'amour d'une mère, amour que nul n'oublie" — *Vitor Hugo.*

Querida Mãe: o pezar que me oprime o coração por não ter-vos ao meu lado durante meu tirocinio acadêmico como também no momento em que me vai ser conferido um título científico, não posso exprimir, não ha frases que o signifiquem! Aceitai, pois, estas simples saudades, que, de coração e orvalhadas por minhas lágrimas deposito em vosso túmulo, como interpretes dos meus sentimentos. E lá da Eternidade abençoai-me para que eu possa sempre honrar o nome que trago.

(56) — Frei Enrique Florez — "Las Reinas Catolicas".

(57) — Não se casou mais. Viveu, desde então, a cultuar a memória da esposa querida e a cuidar dos filhos em cujo amor derivava êle as maguas da sua viuvez.

(58) — O velho Francisco Lopes, minorado o sofrimento voltou de corpo e alma ao trabalho, redobrando suas atividades, para não faltar o necessário conforto aos nove filhos que lhe competia criar e educar. O mais velho deles, chamado, também, Francisco, estava pres-

A pobre mãe Luciana, apegada ao caixão negro da filha até à hora extrema do saimento fúnebre, nunca mais esqueceu a dôr que tanto lhe doeu. Os filhos extremecidos conservaram para sempre, mergulhada em lágrimas, uma saudade enorme da inesquecida genitora. Parentes e amigos sinceros prantearam por muito tempo a falta de Rita Carolina, fulminada, de repente, pelo raio da morte, deixando nove filhos na mais desoladora orfandade.

Traçado, agora, novo rumo de vida, pai e filhos, cuidam intimamente de honrar a memoria daquela que foi o anjo tutelar do lar entristado. Sim, todos procuram imitar-lhe o exemplo de sisudeza, de honradez, de trabalho, no mais sincero culto à sua recordação, cortada de saudades.

---

tes a concluir os seus preparatórios para seguir uma carreira qualquer que êle preferiu farmacia. O outro filho, Matias, cursaria também farmacia, embora ao depois acabasse se diplomando em medicina no Rio de Janeiro. O Antonio, porém, preferiu concluir todos os seus preparatórios e ingressar na carreira médica, o que fez aqui na Bahia em 1886. E' nessa ocasião que surge Rita decidida a acompanhar o irmão Francisco e estudar medicina na Côrte.

Destino!

PARTE QUARTA

A PRIMEIRA MÉDICA DO BRASIL

I

DESEJOS DE MÃE

1

DESEJOS DE MÃE

"Minha filha, se fôres médica algum dia praticas sempre a caridade".

RITA CAROLINA

A morte inesperada de Rita Carolina fortaleceu, apenas, a resolução da filha boníssima (1) no sentido de seguir a carreira médica. E, desta guisa, o que antes foi uma vontade escolhida com agrado materno, constitue, agora, uma diléta homenagem à memória de quem esperava abraçar um dia a primeira médica da família, por fortuna, aliás, a primeira também, diplomada no Brasil.

Desde pequenina todos surpreenderam em casa a inclinação profunda de Rita Lobato para a medicina. Conta-se que sentindo êste pendor da inquieta menina de Pelotas, dizia-lhe, vezes várias, a mãe amiga e conselheira: "Minha filha, se fôres médica algum dia praticas sempre a caridade".

---

(1) — A vocação de Rita de Lobato para a medicina veio do próprio berço: foi uma inclinação natural, instintiva, expontânea. Vezes muitíssimas quando no lar todos discutiam a profissão desejada ela declarava logo resoluta: "Eu quero estudar Medicina". Tornou-se, ainda menina "grande admiradora de outro médico da família o italiano Dr. Romano. Tendo-o como modelo resolveu então aprender a curar gente" — *Rita Lobato* — Entrevista à Revista o "Globo", 15-4-1950.

Ora, perdida para sempre a bôa companheira, Rita Lobato firma, então, uma vez por tôdas, o seu antigo propósito de estudar medicina .Não satisfaria, somente, o seu desejo íntimo, porque prestaria, ainda, uma sincera homenagem à memória daquela que tanto a animou nesta espreza espinhosa.

E depois, derivava, também, a sua grande dôr deixando por algum tempo (2) aquela estância de Santa Vitoria, replenada de maguadas recordações. Derivava, partindo para outras terras longiquas onde o seu coração encharcado de lagrimas aliviasse um pouco o peso de suas angustias e... respirasse... suspirasse... aspirasse...

Viajaria, portanto. Estudaria. Distrair-se-ia.

Consultado, uma vez mais, o velho pai, que já tantas vontades lhe fizera, acatou-lhe êste a pretensão, respondendo-lhe, entre sizudo e compassivo: "Faze o que quizeres!" (3)

Assenta-se, desta forma, a viagem de Rita Lobato para a Côrte, logo em meiado de março de 1884, onde estudaria medicina na sua Faculdade. Resolvido deste geito, o estudo da filha, Francisco Lopes cuida logo das providências necessárias ao grande empreendimento: teria de preparar Rita Lobato do tudo preciso à viagem, à estada no Rio, à matrícula na Faculdade e aos estudos. Sem perda de tempo manda tirar em Porto-Alegre o certificado do último preparatório, o de Filosofia, (4) prestado pela filha no mês anterior, dezembro de

---

(2) — Sim, porque cinco anos depois, vale dizer a 18 de julho de 1889, Rita Lobato estava de novo na Santa Vitoria, realizando, entre sorrisos de contentamento, o seu desposorio com Antonio Maria.

(3) — Francisco Lopes demonstrou grande dedicação à filha na luta duríssima pela obtenção do seu diploma. Tudo fez, tudo deu de si, tudo. Durante quatro anos abandonou os seus negocios no Rio Grande do Sul para acompanhar a filha extremecida na sua demorada excursão e estada nas Faculdades de Medicina do Rio e da Bahia. Aliás, Rita Lobato não esqueceu esta derramada dedicação paterna, e quando concluiu a sua tése de doutoramento escreveu para o seu progenitor estas palavras de profundo reconhecimento: "Ao meu prezado Pai Senhor Francisco Lobato Lopes — Si algum mérito tiver esta humilde tése, ainda que seja devido tão somente à uma recompensa de perseverança ao trabalho, à vós exclusivamente pertence: peço-vos, portanto, que a aceiteis como modesta prova de gratidão de que sois merecedor, pela grande soma de sacrifício que comigo tendes dispensado à bem da realização deste desideratum. E se eu, no futuro, louros colher serão depóstos a vossos pés e sôbre o túmulo da vossa extremosa esposa, minha querida e idolatrada mãe".

(4) — Na primitiva Escola de Cirurgia desta cidade exigia-se, apenas, o conhecimento do Francês para qualquer candidato ser admitido às aulas de Cirurgia. Organizadas, porém, as Academias Medico-Cirurgicas daqui da Bahia e do Rio de Janeiro, foram, então, exigi-

1883, na Instrução Pública. Requer, mais ,a 17 de janeiro de 1884, ao Vigario de S. Pedro do Rio Grande, para onde viaja, a certidão de nascimento e de batismo (5) de Rita Lobato, documento êste que não demorou aliás de ser despachado como se depreenderá das datas que precedem às suas assinaturas. Requerendo, tal dissemos, a 17 de janeiro de 1884 ao Vigario de S. Pedro do Rio Grande, a certidão de batismo aludida, nesse mesmo dia recebe esta o "Certifique-se" do Vigario Mons. Miranda Veras, sendo logo extraida pelo Escrivão Adolfo Leopoldo Torres. (6)

Finalmente, corridos dois meses, Francisco Lopes retira o derradeiro documento da filha estudante, um atestado de saúde e de revacinação, (7) assinado a 3 de março de 1884, em

---

dos que o pretendente "lêsse e escrevesse correntemente tendo ainda conhecimento do francês e do inglês". Todavia, em plena metade do século 19, transformadas as antigas Academias Medico-Cirurgicas em Faculdades de Medicina, eram já numerosos os preparatórios exigidos para admissão ao curso médico e êstes eram Francês, Latim, Filosofia, Aritimetica e Geometria. Finalmente a Reforma Visconde de Saboia que fôi a que prevaleceu durante o curso de Rita Lobato, aumentou o número de praparatórios necessários à referida admissão. Assim sendo, os preparatórios prestados pela jovem estudante gaucha em Por-Alegre, cujos certificados ela apresentou à Secretaria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foram os seguintes: Português, Latim, Francês, Inglês, Alemão, Filosofia, Geografia, Aritmetica, Algebra, Geometria, Trignometria retilinea, elementos de Física, Química e História Natural. Para Farmacia, esclarece ainda Licurgo Filho, eram obrigatórios também os mesmos preparatórios de medicina menos Inglês, Alemão e Trignometria. Quanto porém, aos cursos de Obstetricia e Ginecologia os preparatórios exigidos eram apenas Francês, Português, Aritmetica, elementos de Física, Química e História Naturla. Hoje entretanto, foram abolidos, por desnecessários, muitos desses preparatórios.

(5) — Documento existente no Arquivo da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, transcrito em sua íntegra em a nota n. 3 do Capítulo 1.º, parte 3 dêste trabalho.

(6) — Documento, do Arquivo da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, transcrito na íntegra em a nota n. 3 do capítulo 1.º, parte 3.ª dêste livro.

(7) — Documento existente no Arquivo da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro assim redigido:

"Atestado de Saúde e Revacinação".

"Atesto que a Sra. D. Rita Lobato Velho Lopes foi revacinada com proveito e não sofre de molestia alguma contagiosa, nem sofreu até a presente data, exceção feita das exanthemas da infância. O referido é verdade e afirmo em fé de meu grau.

Cidade do Rio Pardo, 3 de março de 1884.

Dr. José Leoncio de Medeiros.

Doutor em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia.
Primeiro Cirurgião do Corpo de Saúde do Exército.

Rio Pardo, pelo Dr. José Leoncio de Medeiros, (8) médico bahiano, ora clinicando na aludida cidade gaúcha.

Principios de 1884.

Realizadas as despedidas formais, Rita Lobato deixa a terra natal rumo à Côrte, acompanhada do pai Francisco Lobato Lopes, dos irmãos Francisco, (9) Matias, (10) Antonio, (11) José (12) e de três escravos. Viagem marítima regular e até certo ponto rápida, porque nos derradeiros dias do aludido mês de março já haviam chegado todos ao porto do Rio de Janeiro. De fato a 31 do mês citado Rita Lobato requer matricula, na sua Faculdade de Medicina, isto é, pede ao respectivo Diretor "que se digne mandar matricula-la na primeira serie do Curso Médico para o que apresenta os documentos exigidos por essa mesma Faculdade". (13) Êste requerimento

---

(8) — Segundo já referido o Dr. José Leoncio de Medeiros nasceu aqui em Salvador a 18 de janeiro de 1847, diplomando-se aos 24 anos de idade a 16 de dezembro de 1871. Era o medico da família Francisco Lobato Lopes, tendo sido chamado, embora tardiamente, para acudir a D. Rita Carolina, esvaida no leito, vítima de profunda hemorragia, que lhe foi fatal.

(9) — O irmão mais velho. Contava 25 anos. Estudou Farmacia desde 1884 nas Faculdades de Medicina do Rio e da Bahia, formando-se, entretanto, na primeira, para onde voltou, a 21 de novembro de 1890, tendo recebido o respectivo diploma, três dias depois, a 24 de novembro do ano citado.

(10) — Mais velho um ano que Rita Lobato. Nasceu a 22-2-65. Em 1884, matriculou-se na primeira serie do Curso de Farmacia da Faculdade do Rio, vindo a receber o respectivo diploma na Faculdade de Medicina da Bahia a 22-12-86. Rodados mêses, a 2 de junho de 87, prestava o último preparatório de Alemão no Liceu Provincial desta cidade do Salvador, tirando simplesmente, ("Diario da Bahia", 3-6-1887) para ingressar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, como ingressou em 1888, diplomando-se em 1893 depois de apresentar tése sôbre "O Palpar Abdominal". Clinicou em S. Paulo.

(11) — Mais moço um ano que Rita. Nesceu a 31-7-1867. Matriculou-se em 1886 no primeiro ano médico da Faculdade de Medicina da Bahia, sofrendo uma reprovação, passando porém com simplesmente nas respectivas cadeiras, em 25-11-86 — ("Diario da Bahia", 26-11-86) — A 7-5-87 fez exames da segunda serie médica passando para terceira. Voltando ao Rio em fins de 87 diplomou-se aí em 91. Clinicou em S. Paulo juntamente com o seu irmão Matias, ambos influenciados por um colega de turma chamadoo Camargo.

(12) — Manoel de 11 anos. Falecido aqui em Salvador de varíola em 1886.

(13) — Documento existente no Arquivo da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e assim redigido:

'Ilmo. Exmo. Sr. Cons. Dr. Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Rita Lobato Velho Lopes, natural do Rio Grande do Sul com 17 anos de idade, filha de Francisco Lobato Lopes, pede a V. Ex. se digne

(14) recebe logo do Diretor, Vicente de Saboia (15) o seguinte despacho condicional: "Sim, com prazo de 15 dias paraexibir atestado de Vacina, em bôa e devida forma. Rio, 31 de março de 1884. — V. Saboia — Diretor". (16)

Vicente Saboia regeita, assim, dura e secamente o atentado de saúde e revacinação assinado em Rio Pardo pelo Dr.

---

mandar matricula-la na primeira serie do Curso Médico para o que apresenta os documentos exigidos por essa mesma Faculdade.

Pelo que E. R. Mce.

Rio de Janeiro, 31 de março de 1884.

Rita Lobato Velho Lopes"

(14) — Êste documento que traz a data de 31 de março de 1884, por sinal uma segunda-feira, não foi evidentemente assinado pela jovem esaudante gaucha. A letra do requerimento, a mesma da assinatura, parece pertencer ao velho Francisco Lopes, tão masculino o seu traço. Porque então Rita Lobato que escreveu e assinou afinal todos os seus requerimentos excetuou êste? Estaria adoentada de modo a não poder pelo menos assina-lo? Sofreria, ainda, as graves consequências da travessia marítima Rio Grande do Sul — Rio de Janeiro? Que houve? Não sabemos.

(15) — Vicente Cândido Figueira de Saboia — Barão e ao depois Visconde de Saboia. Nasceu em Sobral, na então província do Ceará a 13 de abril de 1836, tendo falecido no Rio de Janeiro a 18 de março de 1909. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Rio em 1853 e um ano depois era Opositor da Secção de Ciencias Cirurgicas. Em 1871 era nomeado lente de Clínica Médica. Diretor da Faculdade de Medicina de 1881 a 1889, recebeu ainda nesse ano, quando se jubilou, o título de Diretor Honorario. A sua passagem pela Diretoria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foi sinalada, realmente, por obras de todo gênero, por transformações de tôda espécie que fizeram época. Do mesmo passo a reforma do ensino médico que levou o seu nome e que êle próprio executou. Nomeado, como se disse, em 1881 Diretor da Faculdade de Medicina do Rio vereficou-se logo uma verdadeira onda de melhoramentos com a criação de laboratórios e gabinetes, com a instalação de cursos livres, entre outros, o de Monat, o de Caminhoá, e o de Genunio Macedo; com a inauguração de novas cadeiras, com a realização do ensino prático na Faculdade, com o incremento, enfim, das pesquizas sobretudo tóxicologicas e bromatológicas orientadas por Souza Lima, na cadeira de Medicina Legal. Fez êle tanto pela Faculdade, tão sabiamente dirigida, cuja frequência em seu tempo, foi além de 1500 alunos, que em 1884 declarava vaidosamente: "A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro achou-se pois no mesmo nivel das melhores da Europa e superior mesmo a muitas delas". O Visconde, com grandeza, de Saboia, faleceu no Rio de Janeiro a 18 de março de 1909. Deixou entre outros êstes dois trabalhos: "Traité d'Accouchement" e "A Vida Psiquica do Homem".

(16) — Despacho exarado, imediatamente, sôbre o requerimento da jovem gaucha que lhe chegou às vistas. A assinatura "V. Saboia" significa Vicente Saboia e não Visconde Saboia e que só veio a ser, aliás, com grandeza, em 11 de abril de 1888.

José Leoncio Medeiros, primeiro Cirurgião do Corpo de Saúde do Exército.

Extranheza geral!

Para não perder, porém, a sua matrícula por falta apenas de um exigido documento (17) Rita Lobato procura, com o pai, o Instituto Vacinico do Império, (18) apresentando-se ao seu Inspetor-Geral, Peregrino Trindade (19) que a recomenda, por sua vez, ao colega Braz Guimarães, vacinador efetivo. Êste procede, de pronto, à inoculação da linfa, não sem extranhar a exigência descabida do Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. (20) Desta guisa, a 15 de abril de

---

(17) — Porque até o recibo de Matricula apresentado dizia, então, o seguinte: "Recebedoria do Rio de Janeiro. Matricula da Faculdade de Medicina — Exercício de 1883-1884 Rr. 51$000 — No livro de receita fica debitado o Tezoureiro pela quantia de cinquenta e um mil réis recebida de Rita Lobato Velho Lopes pela matricula no pirmeiro ano do Curso Médico — Rio de Janeiro — 31 de março de 1884.

(18) — Creado, esclarece Licurgo Santos Filho, em 1845, fruto da primitiva Junta Vacinica surgida em 1811, sob o governo do Principe D. João e que possuiu dois grandes diretores: Hercules Muzzi e Jacinto Pereira Reis. Houve, entretanto, em 1836 uma Diretoria Vacinica, creada pelo Governo Provincial. O Instituto Vacinico, ao depois chamado de Instituto Vacinogênico, possuia uma Inspectoria Geral, quatro vacinadores efetivos, dois supra-numerários e um secretário. Êste pessoal foi, entretanto, aumentado em 1874 quando se organizou um novo quadro constituido de um Inspetor Geral, de um Comissário Vacinador Municipal, de um Comissário para cada Município, um para cada Paroquia, um Ajudante do Inspetor Geral, um Secretario e um Porteiro. Êste Instituto Vacinico conhecido depois, por Instituto Vacinogênico funcionou eficientemente até 1890, primordios da República. Acrescenta Licurgo Santos que um dos seus diretores, o Barão de Pedro Afonso, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro fundou em 1900 juntamente com Osvaldo Cruz o Instituto Soroterapico Federal, posteriormente Instituto de Manguinhos e hoje Instituto Osvaldo Cruz.

(19) — Médico de renome em seu tempo. Ocupou durante vários anos a Inspetoria Geral do Instituto Vacinico no Rio de Janeiro.

(20) — Causou certa extranheza, realmente, a impugnação do atestado trazido de Rio Pardo e assinado pelo Dr. José Leoncio de Medeiros, medico bahiano, Primeiro Cirurgião do Corpo de Saúde do Exército. Para não perder a matricula da filha cuidou logo Francisco Lopes de obter novo atestado, dirigindo-se ao Instituto Vacinico, sob a direção, na época, do Dr. Pergerino Trindade. Argumentava o Diretor da Faculdade de Medicina, ao regeitar o atestado vindo do Rio Pardo, "que a vacina devia pegar", razão por que exigia nova vacinação. Mas, a vacina "não pegou" porque Rita havia sido vacinada com grande proveito, em pequena. Tanto que ao dar o braço no Instituto Vacinico, ao Dr. Braz Guimarães, vacinador efetivo, para nova vacinação êste disséra diante das cicatrizes deixadas pela primeira vacinação: "Quem teve uma vacinação desta nenhuma mais pega". Estava com a razão o vacinador do Instituto Vacinico, porque, antes de tudo, a vacinação que êle mesmo fizera não pegou, conforme tevê que declarar no respectivo

1884, último dia do prazo concedido, RitaLobato apresenta à Secretaria da mencionada Faculdade o novo atestado de vacinação (21) exigido pelo seu Diretor Vicente Saboia.

Estava, portanto, assegurada a sua matrícula no primeiro ano médico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

---

atestado. Depois, vindo para a Bahia, Rita Lobato demonstrou sempre uma grande resistência à varíola que então grassava nesta Cidade do Salvador. Foi ela por exemplo quem tratou o irmão José de 12 anos atacado de varíola aqui na Bahia e de que veio a falecer. Ela, ainda, passava sempre nas ruas em que se rgeistavam casos de varíola, enquanto muitas pessoas outras se afastavam.

(21) — Documento existente no Arquivo da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e assim redigido:

"Instituto Vacínico do Império.

Nome: Exma. Sra. D. Rita Lobato Velho Lopes. Idade: 17 anos. Condição: Solteira. Naturalidade: Rio Grande do Sul — Filiação. Francisco Lobato Lopes e D. Rita Velho Lopes, naturais de Rio Grande do Sul.

Foi vacinada e teve vacina regular cujas cicatrizes são bem reconhecidas e revacinada ultimamente sem resultado.

Rio de Janeiro, em 15 de abril de 1884.

O Inspetor Geral — *Dr. Peregrino Trindade.*

O *Dr. Braz Guimarães* — Vacinador efetivo.

II

A ESTUDANTE DE MEDICINA

II

A ESTUDANTE DE MEDICINA

"Fui muito bem recebida na Faculdade de Medicina do Rio, louvando os seus professores a minha coragem de enfrentar o tirocínio acadêmico".

RITA LOBATO

O ingresso de Rita Lobato na Faculdade de Medicina do Rio de Janeio não constituiu, é fato, surpreza alguma para os seus mestres e alunos. E não constituiu, repetimos, porque jovens outras não só a haviam já antecedido no passo resoluto senão também a acompanhavam, agora, matriculando-se, também, no aludido Estabelecimento de Ensino.

Sim, ao entrar na Faculdade de Medicina da Capital do País, Rita Lobato já encontrava entre outras companheiras de Curso Médico, Ambrosina Magalhães; (22) Augusta Castelões Fernandes, (23) matriculadas ambas em 1881; Elisa Borges Ribeiro (24) matriculada um ano antes, em 1883. No Curso

---

(22) — De Paraiba — Filha do Tenente-Coronel Vicente de Magalhães que alforriou um escravo no dia em que esta sua filha ingressou na Faculdade.

(23) — Do Distrito Federal. Filha de Antonio Martins da Fonseca Castelões.

(24) — Do Distrito Federal. Filha do Dr. Cândido Barata Ribeiro, bahiano, catedrático de Clínica e Policlínica Médica e Cirúrgica da

Farmaceutico relacionara-se, também, com Maria Torrezão Sue Suerville, (25) Catarina Carlota Cremer Walter e Emilia Ferreira, fazendo, finalmente, amizade no Curso Obstetricio com Teresa de Jesus Arantes (26) e Alexandrina Chevrot Asty. (27) Por ocasião da sua matricula, em 1884, foram ainda suas colegas de serie, as jovens Maria Amelia Cavalcanti de Albuquerque, (28) Antonieta César Dias (29) e Ermelinda de Vasconcelos. (30) Rita Lobato conheceu, também na ocasião em que estudava na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a Dra. Maria Augusta Generoso Estrela (31) que se preparava, para revalidar, mediante novo exame, o seu diploma de doutora em medicina, obtido nos Estados-Unidos. (32)

A estudante gaucha foi acolhida da melhor maneira possivel (33) pelos meios docente e discente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Cinquenta e oito anos depois ela nos declarava, tomada ainda de profunda saudades: "fui

---

Faculdade do Rio. Matrícula n. 16, em 1883, da Faculdade do Rio. Abandonou os estudos, ao que parece.

(25) — Do Distrito Federal. Segundo Barros Vidal prestou relevantes serviços na Policlínica de Niteroi, por ocasião da revolta de 1894. Tornou-se amiga íntima de Rita Lobato que a homenageou depois em sua tese de doutoramento entre "as suas simpáticas colegas" a quem desejou "muitas felicidades".

(26) — De Pernambuco, província que fornecera, também, na ocasião, outra estudante do Curso Médico.

(27) — De França? — Filha de Honoré Chevrot, natural de França.

(28) — De Pernambuco — Filha de João Florentino Cavalcanti de Albuquerque. Matrícula 16 da Primeira Serie de 1884 da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Amiga íntima de Rita Lobato, matricula 55, da aludida serie, que apesar de afastada, estudando aqui na Bahia, não esqueceu a bôa colega a quem desejou na sua tése de doutoramento "Muitas felicidades" colocando-a entre as suas "simpáticas colegas"! Maria Amelia formou-se, entretanto, depois de Rita Lobato, possivelmente em 1890.

(29) — Do Rio Grande do Sul. Filha do jornalista Antonio Dias. Fôra antes colega de Rita Lobato, em Pelotas, Rio Grande do Sul, no colegio do Prof. Carlos André Lequentini. Diplomou-se em 1889.

(30) — Do Rio Grande do Sul. Filha do Guarda-Livros Joaquim Lopes de Vasconcelos. Segundo Barros Vidal "foi a 36ª moça a matricular-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro". Matriculou-se realmente tarde, a 25 de abril de 1884, porque tivera que prestar no Rio dois preparatórios últimos que lhe faltavam: Latim e Filosofia. Foi apresentada em aula às suas colegas pelo próprio diretor da Faculdade de Medicina do Rio, Dr. Vicente Saboia.

(31) — Do Distrito Federal. Filha do negociante Albino Augusto Generoso Estrela.

(32) — Diplomada em 1881 pelo "New-York Medical College and Hospital for Women".

(33) — Sucedeu o mesmo, também na Bahia, para onde ela se transferiu no ano imediato. Veremos.

muito bem recebida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro louvando os seus professores (34) a minha coragem de enfrentar o tirocínio acadêmico. Fui ainda bem recebida pelos meus colegas (35) e não passei por "bicho". (36)

Tal procedimento já vinham tendo, aliás, mestres e alunos, desde a primeira jovem que se matriculou na Faculdade de Medciina da Côrte. (37) Nesse meio amigueiro, sociavel e atencioso Rita Lobato, cursa, com muito proveito, a primeira serie médica, ainda sob a vigencia da Reforma Leoncio de Carvalho. (38)

Estuda, então, Física Médica com o Prof. João Martins Teixeira (39) Química Mineral e Mineralogia Médica com o

---

(34) — Não aconteceu, porém, o mesmo com as primeiras alunas da Universidade de Edinburgo, maltratadas e até expulsas do curso médico.

(35) — Estudantes norte-americanos e franceses maltrataram impiedosamente em 1869 e em 1879 as primeiras mulheres que ousaram estudar medicina em sua companhia.

(36) — Rita Lobato — Correspondência íntima.

(37) — Os acadêmicos brasileiros, tanto do Rio de Janeiro, como da Bahia, receberam de maneira distintíssima as suas primeiras companheiras de estudo superior. Semelhante gesto reflete evidentemente o elevado sentido cultural dos nossos jovens estudantes. Desta maneira, e citando, no ponto, Leandro Mathews quando a primeira estudante surgiu na Escola do Rio os acadêmicos receberam-na com o respeito e a benevolência que o brasileiro sabe conceder nas expansões do seu grande patriotismo. Era a primeira patricia que se matriculava em nossa Faculdade e tanto bastava para ser apreciada e querida. Dêste geito em nosso país as primeiras calouras foram festivamente recebidas nas Faculdades pelos veteranos do sexo barbado".

(38) — A Reforma Visconde Saboia só foi aprovada a 25 de outubro de 1884, entrando em vigor no ano imediato. Desta sorte a Reforma vigente em princípios de 1884, quando Rita Lobato, iniciou o Curso Médico, era a Leoncio de Carvalho, aprovada a 19 de abril de 1879 acrescida dos decretos de 12 de março de 1881 e de 30 de outubro de 1882, que vigorou até de 1884. Pela Reforma Leoncio Carvalho foram creadas oito novas cadeiras: Clínica Obstetricia e Ginecologica; Clínica Psiquiatrica; Clínica Oftalmologica; Clínica de Molestias Médicas e Cirurgicas de Crianças; Anatomia Fisiologia Patológicas; Clínica das Molestias Cutâneas e Sifilíticas, Segunda Cadeira de Clínica Médica de Adultos; Segunda Cadeira de Clínica Cirurgica de Adultos. Ainda por essa Reforma foram permitidos cursos livres de materias ensinadas pelas Faculdades nos próprios edificios; frequencia livre; matricula de pessoas do sexo feminino, abrindo portanto às mulheres os estudos nas Escolas superiores do país; finalmente abolição de juramento religioso , restabelecido pela reforma Saboia. A frequência livre aliás acabou num completo desastre, com as Faculdades vazias de estudantes.

(39) — Tomou posse da cadeira de Física Médica em 1882. Nasceu no Rio de Janeiro a 5 de fevereiro de 1858, diplomando-se pela Faculdade de que se tornou catedratico em 1872. Foi opositor da Secção de

Prof. Augusto Ferreira Santos (40) e Botânica e Zoologia Médicas com o Prof. João Joaquim Pizarro. (41) Curso brilhante (42) concluido naquele dezembro de 1884 com elevadas aprovações que permitiram a sua passagem para a serie imediata, a segunda serie médica, sem perda de uma só cadeira.

Desde, porém, que saira do Rio Grande decidira Rita Lobato realizar todos os seus estudos na Faculdade do Rio de Janeiro. Ao deixar Pelotas acertara e concertara com o primo Antonio Maria, vir êste estudar, no ano seguinte, Direito no Rio, onde o aguardaria. Um acontecimneto inesperado altera, entretanto, os seus planos, obrigando a sua forçada transferência para Bahia, com prejuizo da vinda do primo namorado. Assim é que ia quasi a seu termo aquele ano letivo de 1884 quando surge uma profunda desinteligência entre

---

Ciências Acessórias em 1873. Um grande Mestre, bastante apreciado dos alunos. Comissionado pelo Governo Imperial, escreve Licurgo Filho fez uma viagem de estudos à Europa em 1882. Profundo conhecedor da cadeira que lecionava e ainda da de Química, João Martins Teixeira escreveu três compendios celebres de larga aceitação — Noções de Química Geral (1875). Noções de Química Inorgânica (1878) e Curso de Física 1887 — Faleceu o Prof. João Martins Fonseca, no Rio, em 18 de setembro de 1906.

(40) — Tomou posse da cadeira em 1884. Nasceu no Rio de Janeiro em 1872. Três anos depois era opositor da Secção de Ciências Acessorias. Foi Diretor do Hospital de Misericordia, e do Gabinete Estatístico-Médico-Cirurgico dos Hospitais e Enfermarias Públicas e de Instituto Pasteur do Rio de Janeiro. Escreveu várias téses e memorias sôbre o tratamento da raiva pelo método Pasteur. Lente de Química Médica em virtude da Reforma de 1901, faleceu entretanto, no Rio, dois anos depois, isto é em novembro de 1903.

(41) — Tomou posse da cadeira em 1882. Nasceu no Rio de Janeiro a 25 de fevereiro de 1842. Diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio em 1866. Opositor da Secção de Ciências Acessorios da aludida Faculdade em 1872. Lente de Botânica em 1882. Foi Vice-Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; Cirurgião do Hospital da Marinha; Cirurgião da Esquadra em Operações da Guerra no Paraguai; Diretor da Secção de Zoologia e Anatomia Comparada do Museu Nacional. Lecionou, também, na República, Medicina Legal na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. O Prof. João Joaquim Pizarro, mestre acatado e conhecedor abalisado da cadeira de Botânica que lecionava, faleceu no Rio de Janeiro a 21 de fevereiro de 1906, contando 64 anos de idade. Sucedera êle, em 1862, ao Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Barão de Ramiz Galvão, nascido no Rio Grande do Sul a 16 de junho de 1846 e faleceu no Rio de Janeiro na avançada idade de 92 anos, a 9 de março de 1938.

(42) — Durante êsse curso conheceu, então, a jovem gaucha o Imperador D. Pedro II: foi em 25 de outubro de 1884, contava êle 59 anos, quando visitou a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, correndo tôdas as suas dependências, acompanhado dos Ministros do Imperio e da Agricultura.

alguns alunos e certos professores (43) da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. E no meio dêsses alunos rebelados está Francisco Lopes, estudante de Farmacia, irmão de Rita, de Matias e de Antonio, filho, portanto, de Francisco Lobato Lopes. Receia êste, sensato e cuidadoso, uma possível represalia dos professores insultados contra o filho Francisco. E aguarda o término dos exames finais para transferir os seus filhos (44) para a Faculdade de Medicina da Bahia. Corridos meses, concluidos os exames, despachadas e legalizadas as respectivas guias de transferências Francisco Lopes embarca com tôda família para Bahia. Compreende-se, de pronto, não agradar a Rita Lobato semelhante decisão.

---

(43) — Motivou, evidentemente, esta desinteligência, o comentado "assunto dos Estatutos" que tanto empolgava a mocidade de vez em quando, como aquele de 1848 em que os doutorandos, negaram-se a beijar, em sessão solene, a mão do Imperador, tendo a Congregação resolvido que negaria o diploma a quem tal repetisse no futuro" (Licurgo Filho) Tal o que aconteceu com Francisco de Castro que se indispondo no Rio com o Prof. Sousa Lima, de Medicina Legal, voltou à Faculdade de Medicina da Bahia onde defendeu tése a 13-1-1880, formando-se depois. Êle e tôda turma. O caso, porém, de 1884, foi outro. Os alunos rebelaram-se contra certos Mestres que não possuiam opiniões a respeito dos novos Estatutos que a Reforma Saboia iria conceder às Faculdades nacionais. "Outrora os alunos obedeciam, escreveu o Professor Agostinho de Sousa Lima, na sua Memoria Histórica da Fac. de Med. do Rio de Janeiro relativa ao ano de 1884, outrora os alunos obedeciam e sujeitavam-se ao Regulamento que lhes eram impostos, aliás muito mais rigorosos em disciplina, porque até mesmo a pena de reclusão celular existia nesta Faculdade, onde ainda encontrei quando estudante, um cubiculo destinado a êste mister: hoje são êles ao que parece que querem formular os Estatutos que os devem reger ou é preciso que sejam organizado inteiramente à sua feição; do contrario a mesma disposição vexatoria oposta às suas liberdades e inviolaveis aspirações é motivo para reuniões, comicios donde surgem protestos aos altos poderes do Estado como neste momento está sucedendo à proposito dos novos Estatutos".

(44) — A intenção do velho gaucho foi livrar os filhos de qualquer futura represalia por parte do professor insultado e malquistado. Não foi, portanto, pensando em facilitar os seus estudos, até porque esta pretendida facilidade não existia. O seu filho Antonio por exemplo, foi reprovado em 1886 aqui na Bahia no primeiro ano. E mais; os seus filhos Matias e Antonio, embora matriculados na Faculdade da Bahia, só lograram os diplomas de Médicos, no Rio, o primeiro em 1893 e o segundo em 1891. Tais revelações visam rebater apenas esta assertiva injusta feita em 1884, pelo Prof. Agostinho de Sousa Lima, da Faculdade do Rio, na sua Memoria Histórica. "Hoje diante de uma atitude mais enérgica de professores alguns estudantes emigram vergonhosamente para explorar a sorte mais fácil e favorável dos exames na outra Faculdade e chamam a isto defender a sua dignidade e seus brios ofendidos". Memoria Historica — 1884. Fac. Med. Rio de Janeiro.

Não podia mesmo agradar uma vez que essa inesperada viagem para o Norte frustou o plano da vinda ao Rio, nesse mesmo ano de 1885, do primo Antonio Maria, distanciando-a, ainda mais, do seu Rio Grande do Sul.

Que fazer?

Obedecer, apenas, ao que traçara o Destino, naquela ignorancia, vezes muitas salutar, dos seus designios secretos.

Sim, porque essa inopinada decisão paterna vai contribuir, fundamentalmente, para o curso brilhante da jovem estudante gaucha, para a consecução rápida do seu diploma e sobretudo para a Gloria que hoje rodeia o seu nome, a Gloria grande de possuir afinal o título incontestado da Primeira Médica diplomada no Brasil. (45)

---

(45) — Evidentemente. Se Rita Lobato continuasse na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, enfrentando a indisposição de um dos seus Mestres contra o seu irmão Francisco, talvez refletindo sôbre a sua pessoa, não galgaria por certo os anos que logrou galgar aqui na Bahia, diplomando-se em 1887, portanto em primeiro lugar em todo o Brasil. Rita Lobato realizou vitoriosamente em quatro anos um curso médico de seis. Convém, ainda, assinalar, que as suas colegas e conterrâneas Ermelinda de Vasconcelos e Antonieta Dias matriculadas com ela em 1884 diplomaram-se depois, a primeira em 1888, assim mesmo porque conseguiu galgar um ano e a segunda em 1889, fazendo o curso regular.

III

VIDA ACADÊMICA

III

VIDA ACADÊMICA

"...no meu tempo uma moça não tinha a liberdade de hoje com os colegas".

RITA LOBATO

Francisco Lopes, não poude viajar logo para a Bahia, conforme desejava. Assuntos vários, inclusive o da transferência dos filhos, prenderam-no no Rio durante os *quatro* primeiros meses de 1885. Assim sendo, somente a 9 de maio do ano citado logrou êle embarcar na capital do país com a família, isto é, os cinco filhos Rita, Matias, Antonio, Francisco e José (46) e três escravos Crispim (47) Clarinda (48) e

---

(46) — Não vieram as três filhas Julieta, Isabel e Joaquina. Julieta estava casada. Isabel, solteira, contava 17 anos e Joaquina, criança, contava apenas 4 anos de idade.

(47) — Escravo do Sr. Francisco Lopes, durante todo tempo em que êste residiu na Bahia. Voltou com o seu "Senhor" ao Rio Grande do Sul, em 1888. Depois da abolição perambulou por várias estâncias gauchas acabando em Porto-Alegre como cozinheiro do Arcebispo D. Becker.

(48) — Alforriada aos 10 de dezembro de 1887 em homenagem à formatura de Rita Lobato. Vale recordar que o pai de Ambrozina Magalhães, a primeira estudante brasileira de Medicina, matriculada em 1881, Sr. Coronel Antonio Vicente de Magalhães, alforriou também, um escravo no dia em que a filha entrou para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Maria, chegando aqui em Salvador a bordo do vapor "Ceará" a 14 de maio de 1885. (49)

Desembarcados todos nesta antiga capital do Brasil, que impressionou tão profundamente ao espírito da jovem estudante gaucha, (50) foram residir, a princípio, "na mesma rua em que também morava o Prof. Saraiva (51) perto do bêco da Jaca" (52) ficando a casa dos recem-chegados bem em frente à residência do aludido Mestre. (53) E, logo no dia imediato ao do desembarque, isto é, sexta-feira 15 de maio, Fransico Lopes não perdeu tempo, encaminhou-se para o Terreiro, a fim de legalizar as matriculas condicionais dos três filhos Francisco, Matias e Rita, os dois primeiros no Curso Farmaceutico e Rita no Curso Médico da Faculdade de Medicina. (54) Apresenta, então, ao Secretario os documentos tra-

---

(49) — "Entrou ante-ontem, pela manhã do Rio de Janeiro o paquete nacional "Ceará" que seguiu à tarde para os portos do Norte. Vieram do mesmo porto os seguintes passageiros: D. Herculana Maria de S. José e um afilhado; Luis Francisco dos Santos, Capitão Francisco Teles Barrêto, Francisco Lobato Lopes e três filhos". ("Diario da Bahia" 16-5-1885).

(50) — "Com grata satsifação recebi vossa carta a qual veio avivar em meu já velho coração os saudosos tempos da minha mocidade, recordando a Bahia, professores, colegas e relações nesta terra. Recordo-me da festa do Senhor do Bomfim, de uma que passamos com colegas na Ilha dos Frades, dos bailes, das festas em residências particulares como uma na casa do Prof. Saraiva; do elevador único naquele tempo ligando a cidade baixa à cidade alta. Não esqueço o Vatapá, a Moqueca, o Abacaxi e a Manga". Rita Lobato — Carta de 1-7-48.

(51) — Manoel Joaquim Saraiva, professor de Higiene e História da Medicina na Faculdade de Medicina da Bahia e que se tornaria ao depois um grande amigo da futura médica gaucha. Nascera aqui em Salvador a 4 de novembro de 1840, diplomando-se em 1864. Opositor da Secção de Ciências Médicas em 1872. Lente de Higiene e História da Medicina em 1872. Serviu, ainda, na Guerra do Paraguai como Cirurgião do Corpo de Saúde da Armada, Faleceu em 1899 aos 59 anos de idade, regendo ainda a sua cadeira que fora riscada da última reforma. "Discipulo ilustre que Pettencoffer logrou ao Brasil, estudioso, metódico, pesquizador inclusive". (*Isolino de Vasconcelos*).

(52) — Identificamos a rua aludida na informação supra. Trata-se da rua do Jogo do Carneiro, no distrito de Nazaré, hoje rua Marquês de Barbacêna, nesta capital. Houve engano quanto ao "bêco da Jaca" que deve ser entendido como rua da Jaqueira. Nessa mesma rua do Jogo do Carneiro morava, também, D. Amelia Ataide que se tornou muito amiga de Rita.

(53) — Informação verbal um tanto imprecisa da Dra. Rita Lobato.

(54) — Em 1884 "já se reconhecia havia muito tempo a insuficiencia da sede da Faculdade de Medicina nas duas secções do velho convento dos Jesuitas, desde 1834 por ela ocupado. Já em 1859 se cogitava de fazer aquisição da antiga propriedade contigua à secção de

zidos do Rio, de acôrdo com o art. 275 dos Estatutos então em vigor: 1.º certidão de aprovação nas materias da serie anterior; 2.º conhecimento de ter pago a taxa de 51$000; 3.º guia de transferência. Valendo-se da vantagem do art. 373 dos Estatutos aludidos, Francisco Lobato vem, agora, confirmar as referidas matrículas, (55) embora já iniciado o curso, (56)

E na segunda-feira 18 de maio dêsse ano de 1885, uma jovem gaucha, esbelta, simpática, decidida, começa a frequentar o curso médico da Faculdade de Medicina da Bahia.

Surpreza!

Faculdade perpendicular ao plano da frente do Colegio e conhecida por "Casa do Banco". Em 1873 por solicitação do então Diretor Ciro Vicente de Magalhães foi a Diretoria autorizada a alugar o dito prédio e a empreender nele os necessários reparos. Em 1874-1875 estabeleceram-se aí alguns laboratórios e começaram a funcionar algumas aulas. Apesar, porém, dêste acrescimo continuou a Faculdade a lutar com as dificuldades oriundas de falta de espaço e de acomodações até porque a "Casa do Banco", ainda que de grandes dimensões e dois andares era pessimamente devidida como tôda casa antiga da cidade. Em Aviso de 29 de janeiro de 1882 determinou o Ministro da Instrução Pública ao Diretor da Faculdade que informasse relativamente à necessidade de compra dos prédios 6 e 8 situados à rua Portas do Carmo, de propriedade do Convento da Soledade e no caso de ser esta compra indispensavel se poderia fazer logo o pagamento. E 12:000$000 foram empregados na compra dos aludidos prédios que foram logo demolidos". (Anselmo da Fonseca — Memoria Histórica — 1891). Hoje, porém, instalada em majestoso edificio a Faculdade de Medicina intégra a Universidade da Bahia, criada pelo Decreto-Federal n. 9153 de 8-4-1946.

(55) — No tempo do Colegio Medico-Cirurgico permitiam os seus Estatutos, que outros não eram senão os de Coimbra, duas épocas de matriculas: uma de 4 até 12 de março e outra de 2 a 6 de dezembro. A Reforma Vicente Saboia estabeleceu também uma só época de matricula a de 1.º a 14 de março, conforme preceitua o seu art. 370. Podia haver, contudo, outra época de matrícula, de que também se poderia valer Rita Lobato: a permitida pelo art. 371 assim redigido: "Podem porém as Congregações das Faculdades em qualquer tempo admitir à matricula os alunos que por motivo de justo impedimento não se tiverem matriculado nos prazos marcados no artigo antecedente, contanto que em qualquer aula da respectiva serie não tenha havido 40 lições". A estudante gaucha aproveitou-se, aliás mais de uma vez das vantagens desse artigo para matricular-se nas várias series galgadas no correr do ano lectivo.

(56) — Esclarece o art. 351 dos Estatutos então em vigor: "As aulas das Faculdades serão abertas no dia 15 de março e encerradas no dia 30 de outubro". No antigo Colegio Medico-Cirurgico começavam a 6 de março encerrando-se a 2 de dezembro.

Sim, surpreza, pois Rita Lobato é realmente a primeira jovem que se atreve a estudar Medicina na velha Escola bahiana. (57)

Recebimento amistoso!

Mestres (58) e colegas (59) porfiam, em dispensar tôdas as atenções a nova aluna e colega. Tratam-na, mesmo, com muito afeto e com muito carinho, sensibilizando, assim, o seu coração enternecido. (60)

A vida acadêmica de Rita Lobato, conquanto ràpida, foi profundamente estafante. A estudante sulista no afã de lograr logo o seu diploma, parecia obedecer a qualquer determinação sobrenatural. Hoje, corridos decenios, sentimos de fato haver existido uma predestinação qualquer estimulando todo êsse seu desejo de galgar, o mais rápido possível ,as quatro series restantes, predestinação que agitou, por termo, tôda essa sua ansiedade de chegar, antes de tôdas as colegas, ao têrmo do Curso Médico. (61) A jovem gaucha passou três

---

(57) — A Faculdade de Medicina da Bahia surgiu da antiga Escola de Cirurgia que se estabeleceu no Colegio dos Jesuitas, ao Terreiro, contando apenas dois professores: Manoel José Estrela e José Soares de Castro. Em 1816, porém, já então Academia Medico-Cirurgica, por fôrça da Carta Regia de 29 de dezembro de 1815, foi transferida para o Hospital da Casa da Santa Misericordia, que funcionava junto à igreja do mesmo nome, onde permaneceu até 2 de julho de 1833, quando voltou ao Terreiro, sua sede atual. Rita Lobato foi a primeira aluna matriculada no seu Curso Médico.

(58) — Os professores da Faculdade de Medicina da Bahia, trataram Rita Lobato com tôda atenção e com todo carinho. Fizeram-na, muitos deles, sua própria filha, admitindo-a em seus lares, convidando-a para as suas festas. Chamavam-na, alguns de "Iáiá", estimulando-a em seus estudos. Vale recordar aqui entre os seus grandes amigos os Professores Antonio Pacifico Pereira, Antonio Cerqueira Pinto, Manoel José de Araujo, Manoel Joaquim Saraiva, José Pedro de Sousa Braga etc. Sim os Professores da nossa Faculdade receberam a jovem gaucha "com o afago cativante que caracteriza o bahiano", na feliz expressão da própria Rita Lobato.

(59) — Os estudantes bahianos foram, também, corretíssimos e gentilíssimos com a sua colega sulista. "Fui recebida pelos acadêmicos da Bahia, confessou Rita Lobato, sessenta anos depois, com muito carinho e admiração".

(60) — Até hoje, contando já seus 84 anos, Rita Lobato não esqueceu aqui a Bahia, falando sempre em suas cartas "nos saudosos tempos de minha mocidade, recordando a Bahia, professores, colegas e relações nessa bôa terra". Carta de 1-7-1948.

(61) — Sabia Rita Lobato que no Rio de Janeiro vários colegas inclusive duas conterrâneas Ermelinda de Vasconcelos e Antonio Dias, corriam, também, o mesmo pareo cultural, desejosas, ambas do primeiro lugar, isto é, do título honroso de Primeira Médica diplomada no Brasil. E Ermelinda de Vasconcelos na ansia de lograr a disputada

anos a fio, 85, 86 e 87, aqui em Salvador, gozando apenas um descanso de fim de ano. (62) Emendou, uma a uma, tôdas as series restantes, estudando, noite e dia, sem descanso, sem desalento, tomada de uma impaciencia extranha, fruto mais de uma determinação do seu próprio destino do que da sua própria vontade. Não foi, portanto, por acaso, não podia ter sido por acaso, que ela Rita Lobato realizou em três anos e tanto um curso que regularmentarmente exige seis. Francisco Lopes morou todo o ano de 85 na "casa perto do bêco da Jaca, situada na rua em que residia o Prof. Saraiva", de que era fronteiriça (63) hoje identificada como tendo sido a do Jogo do Carneiro. Vagando-se porém, um sobrado à rua do Sodré (64) o negociante gaucho obteve, de pronto, a sua preferência, deixando, nos princípios de 86 a residência do

---

primazia chegou até a galgar uma serie, pois tendo que se formar em 1889, fê-lo entretanto um ano antes, em 1888.

(62) — Escreveu então a respeito certo jornalzinho intitulado "Ventarola", editado em Pelotas, n. 49, de 11 de março de 1888: "Para sua Ex. não havia ferias: enquanto suas colegas iam passa-las na Província a talentosa riograndense continuava com a mais nobre dedicação a estudar, requerendo no tempo os respectivos exames, nos quais se saia sempre com galhardia patenteando assim a sua fôrça de vontade e o seu talento". Somente, desta guisa, alcançaria o que alcançou.

(63) — Como esclarecemos em a nota 46 trata-se da rua do Jogo do Carneiro perto da rua da Jaqueira. Dessa vizinhança providêncial nasceu a amizade do Prof. de Higiene e História de Medicina Manoel Joaquim Saraiva e de sua família com a jovem estudante gaucha. Também nessa rua Rita conheceu o casal Luis Paulo — Amelia Peixoto Ataide, de quem se tornou íntima.

(64) — Este sobrado, hoje, de n. 43 tomára antes o número 98 e o número 50 no tempo de Rita Lobato, E' o antigo solar do Sodré, morada primitiva do Mestre de Campo Jerônimo Sodré Pereira "primeiro da família que veio para a Bahia" no dito de Mario Torres e que de fato aqui chegou nos meiados do século 17.

Segundo informação verbal da veneranda Rita Lobato ela "dormiu no mesmo quarto em que dormira o grande poeta dos escravos". Aliás a médica gaucha não esqueceu jamais o velho casarão bahiano onde concluira o seu Curso Médico. Sessenta e três anos depois rememorava-nos a aludida Doutora a sua passagem pelo Sodré nesta frase escrita em uma de suas cartas: "morei na casa onde faleceu Castro Alves, próxima ao Teatro". Mas êste sobrado do Sodré, tão bem fadado, não teve somente a sorte de ser residência da primeira médica formada no Brasil. Nele morreu, a 24 de janeiro de 1866 o Dr. Antonio José Alves; a 6 de julho de 1871 o seu filho o genial Castro Alves cerra os olhos. Nele nasceu, ainda, poucos anos depois, a 8-2-1879 outro grande poeta bahiano Francisco Mangabeira. Hoje o famoso casarão da rua do Sodré é sede do "Ginasio Ipiranga fundado pelo Prof. Isaias Alves de Almeida. Antes haviam já funcionado nesse prédio, os colegios "Alemão"; "Antonio Vieira", "Piedade" e o famoso "Florencio" do Prof. Raimundo Bizarria.

Jogo do Carneiro, com tôda a família. Ora esta nova morada do Sodré, antigo solar do Sodré, sôbre ser mais confortavel do que a casa "perto do bêco da Jaca", vale dito rua da Jaqueira, ficava à mesma distancia quasi da Faculdade para/ onde Rita e os dois irmãos se dirigiam tôdas as manhãs.

De fato, logo aurorescido o dia, antes mesmo das 8 horas, (65) já Rita Lobato, seguida do velho pai, deixava o sobrado da rua do Sodré (66) rumo à Faculdade. Passava, então, em frente ao antigo Convento de S. Teresa, (67) descia o resto da rua de Baixo (68) alcançava o largo do Teatro, sombreado de gameleiras (69) admirava o imponente casarão de tantas

---

(65) — Nesse tempo o horario estabelecido era o de 8 às 13 horas, quando se encerravam tôdas as aulas. Nos seus primeiros anos, no tempo do Curso Cirurgico e inicio da Escola Médico-Cirurgia as aulas começavam às 7 horas no verão e às 8 horas no inverno. Ao depois em 1817 no tempo ainda da Escola Medico-Cirurgia principiavam invariavelmente às 7 horas da manhã. Duravam, então, essas aulas, 1 hora e meia, assim distribuidas: 3/4 de hora para tomar as lições explicadas no dia anterior e outro 3/4 para nova explicação. Hoje o Regimento Interno da nossa Faculdade de Medicina, aprovado pelo Conselho Universitário em 11 de março de 1948 estipula aulas teóricas de 50 minutos e aulas práticas de 70 minutos.

(66) — Assim chamada por haver nela residido e construido o seu solar o famoso fidalgo luso Jerônimo Sodré Pereira, chegado à Bahia em meiados do século 17 e aqui falecido a 9 de novembro de 1711, sendo sepultado, perto, no convento de S. Terêsa.

(67) — Convento dos Teresios — um dos maiores que possuia a Provincia dos Carmelitas Descalços de Portugal, oñde em 1837 se alojou o Seminario Arquiepiscopal. Em 1605 os carmelitas descalços construiam na Preguiça um alojamento para a sua Ordem. Noventa e dois anos depois isto é a 15 de outubro de 1697 inauguraram então o seu Convento, pregando nessa ocasião o monje beneditino frei Ruperto de Jesus. Em 1840, uma lei provincial extinguia a Ordem Carmelitana Descalça na Bahia e os bens do Convento passaram então a pertencer, escreve Cristiano Müler, ao Patrimonio do Seminario.

(68) — Nome antiquíssimo da atual rua Carlos Gomes. Chamada primitivamente rua de Baixo de S. Bento, por que situada paralelamente à Ladeira de S. Bento, ficava de fato em plano inferior a esta. O nome atual porque é conhecida e tratada representa uma homenagem sincera da Bahia, prestada a 26-2-1881 ao grande maéstro brasileiro, Carlos Gomes.

(69) — Por existir nele o velho Teatro de S. João. Primitivamente chamado de Largo da Quitanda, ao depois no governo de Francisco da Cunha Menezes, que a fez entre 1802 e 1805, de Praça de S. Bento. A partir de 1812 começou então a ser chamado de largo do Teatro, designação que perdurou até 1923 quando foi inaugurada a estatua Castro Alves e desaparecido por um incendio o Teatro de S. João. Aliás desde 10 de julho de 1881 que a Municipalidade inaugurou duas placas de bronze designando o referido largo de Praça Castro Alves. Somente muito tempo depois, quarenta longos anos depois, talvez pelo incendio do Teatro S. João é que o povo começou a chamar Praça Cas-

glorias, erguido no governo do Principe D. João, (70) seguia pela estreita rua do Palacio, (71) ganhava a Praça homônima, (72) enveredava pela rua da Misericordia, (73) contor-

---

tro Alves, cuja estatua surde magestosa do seu centro. No tempo da estudante gaucha apresentava esta praça bahiana um aspecto bem diverso do atual. Além das velhas gameleiras que a sombreavam possuia, ainda, do lado do mar "um gradil que trazia as armas municipais e que foi substituido em 7 de setembro de 1916 pela atual balaustrada; existiam bancos com assento e encosto de madeira, onde à tardinha e à noite, vinham sentar-se inumeras pessoas para acaloradas discussões políticas". Existiam, ainda, nessa época, a casa dos irmãos Golombreiros, onde funcionou o "Hotel Figueiredo" que em 1867 hospedou Castro Alves e Eugenia Câmara. No andar terreo dêsse prédio existia então o Armazem Matos, "de um português muito relacionado, sempre cheio de freguezes e onde era "habitué um mestiço conhecido por "Bom-Boi", tipo popular arvorado a rico". Junto, também num sobrado, residia um negociante português Agostinho Ribeiro, vizinho por sua vez do Comendador Manoel da Costa Rodrigues Viana, em cuja residência se recolheu o Governador José Gonçalves, quando deposto em 1891 do Governo do Estado. No andar terreo dêste prédio funcionou até pouco tempo a Confeitaria Luso Brasileira. Do outro lado estavam ainda a Fotografia Gaensly e as ruinas da antiga Sociedade Recreativa, incendiada em 9 de janeiro de 1872, area esta ocupada hoje pelo prédio do vespertino "A Tarde".

(70) — D. João de Saldanha da Gama de Melo e Torres (6.º Conde da Ponte) lançou os fundamentos dêste teatro em 1806. E foi inaugurado a 13 de maio de 1812 no Governo de D. Marcos de Noronha e Brito — 8.º Conde dos Arcos de Valdevez. Cobriram-se de Glorias no Teatro S. João da Bahia entre outros Agrario de Menezes, Carlos Gomes e Castro Alves que nele representou pela primeira vez a 7 de setembro de 1867, o seu drama Gonzaga.

(71) — A mais antiga rua da Cidade do Salvador, traçada por Luis Dias, sob a assistência do Governador Tomé de Sousa. Primitivamente — Rua Direita das Portas de Santa Luzia, depois Rua Direita das Portas de S. Bento; Rua dos Mercadores; Rua Direita do Palacio; Rua Chile, a partir de 1902. Hoje Avenida Sete de Setembro. Rua então estreitíssima, acanhadíssima, calçada como tôda a rua da cidade dêsse tempo, de pedras ponteagudas, da especie coração de negro. Transitadíssima, entretanto, por primitivas carruagens e cadeirinhas de arruar, conduzidas por escravos africanos.

(72) — Naquele tempo ainda Praça do Palacio. Foi a "honesta praça" de Gabriel Soares, chamada, sucessivamente, Praça da Feira, Praça da Cidade, Praça do Mercado, Praça da Parada, Praça da Constituição, Praça do Conselho, Praça Rio Branco, Praça Municipal e atualmente Praça Tomé de Sousa.

(73) — Situada entre a então praça do Palacio e a rua do Colegio. Antiquíssima, construida primitivamente fora dos muros da cidade e assim chamada por se ter edificado nela, do lado do mar, em terreno doados por Simão da Gama e Andrade a antiga Casa da Santa Misericordia da Bahia, que foi sede aliás da Escola de Medicina de 1816 a 1832.

nava a Sé vetusta, (74) passando pela rua do Colegio (75) donde entrava no Terreiro (76) alcançando, assim, a Faculdade acanhada, modesta, imprópria ainda para a sua alta missão. (77)

Rita Lobato passava, então, a manhã tôda na Faculdade de Medicina (78) assistindo às aulas, sentada, destacadamente, numa cadeira especial, frente ao Professor. Tomava

---

(74) — Planta de Luis Dias. Construção confiada a principio a Pedro de Carvalho que a 5 de setembro de 1553 já havia levantado 100 metros de alicerce. Começada, portanto, em 1553 pelo Bispo Sardinha. Apesar do grande impulso tomado, 14 anos depois, em 1587 não possuia, porém, as suas torres, bem como outros oficios necessários. Em 1615 quasi que se abandonava o trabalho de sua construção. Dez anos depois, si bem já possuisse as suas duas torres, construidas entre 1604 e 1607, não estava ainda acabada. Em 1634 substituiam-se as paredes de taipa por obra mais resistente de pedra de cantaria. Derrubada criminosamente em 1933, em favor da remodelação da cidade.

(75) — Assim chamada por estar ligada ao Terreiro de Jesus onde se levantava o antigo "Colegio" dos Jesuitas. A rua do Colegio chamada ao depois José Gonçalves desapareceu em 1933 com derrubada da Sé e dos prédios convizinhos, existindo hoje a Praça da Sé.

(76) — Antigo Terreiro de Jesus. Poucos anos antes "não passava de um prado verdejante, coberto de relva que os quadrupedes soltos tosavam nas horas vagas com bom apetite". (Rev. Inst. Hist. Bahia. — Vol. 15 — pág. 113). Hoje é a Praça 15 de Novembro. Numa carta escrita aqui na Bahia em 9 de agosto de 1549 declarou, então, a Padre Nobrega: "a todos nos parece melhor um têso que está logo alem da cerca para a parte donde se ha de estender a cidade". Este aludido "têso" não era outro senão o Terreiro que já em seu tempo Gabriel Soares reconhecia como "mui bem assentado e grande".

(77) — Desde os seus primeiros tempos foi sempre acanhada e modesta, sem ser mesmo sede permanente, pois o curso Cirurgico foi instalado no antigo Colegio dos Jesuitas, donde, em 1816, já Colegio Médico-Cirurgico, foi transferido para Casa da Santa Misericordia, onde em 1829 confessa o Prof. Malaquias dos Santos, estava ainda localizado num corredor da referida Casa da Santa Misericordia, dividido em três pequenas salas, dasquais uma estava inutilizada por servir de passagem para outras repartições da aludida Casa Pia. O seu anfiteatro de dissecações e operações estava localizado num pequeno quarto escuro situado na enfermaria mais baixa do Hospital. Vale recordar que por essa época, e devido à falta de salas, foram tomadas salas outras apropriadas para lições práticas utilizando-se da botica e do laboratório do Convento de S. Teresa. Mesmo assim, não estava resolvido o problema angustioso do espaço, porque voltando para o antigo Colegio dos Jesuitas, sua sede primitiva, persistia a situação aflitiva. Em 1854 por exemplo todo o ensino era feito no salão que servia para os exames clínicos pertencentes ao Hospital Militar e que é hoje a sala de congregações.

(78) — A Faculdade de Medicina da Bahia que até 1854 não possuia nem ferros, nem aparelhos, era também muito pobre de mobiliario. Quando fundado o Curso Cirurgico as lições eram dadas numa sala do Hospital Militar, onde existiam apenas u'a mesa, uma cadeira para

poucas notas ou vezes outras nenhuma, prestando todavia uma atenção absoluta às lições, gravando, por termo, na memoria, tudo que ouvia quasi sempre de cabeça baixa. E mal chegada em casa corria ao quarto, sentava-se frente à escrivaninha e recompunha no caderno o ponto lecionado.

Memoria admiravel!

Durante o tempo das aulas que lhe tomavam a manhã tôda, acabando às 13 horas, o velho pai ficava, pacientemente, à sua espera, na Secretaria da Faculdade (79) a fim de leva-la, de retorno, ao Sodré. Durante três anos seguidos Francisco acompanhou, assim, a jovem filha à velha Escola do Terreiro; (80) durante três anos seguidos êle a esperou na Secretaria, envaidecido de vê-la acatada e respeitada pelos colegas. (81)

Rita Lobato foi sempre aluna assidua e caprichosa. Não faltava às aulas. (82) Tôdas as manhãs lá chegava ela à antiga Faculdade, mui esbelta, "alva, gorda, vistosa, simpá-

---

o Lente e alguns bancos para os alunos. Ainda em 1816, o Colegio Médico-Cirurgico instalado na Casa da Santa Casa de Misericordia continuava a dispor de uns bancos e mesas emprestados por esta Casa Pia. Daí a frase — "alisou os bancos da Ciência". Nessa época não possuia um trocàter, nem mesmo uma simples tezoura. Pobreza franciscana!

(79) — Nos intervalos das aulas, Rita Lobato vinha sempre vê-lo na Secretaria, que ficou sendo o lugar reservado para as jovens estudantes que aí aguardavam a aula imediata.

(80) — "Sim, sempre acompanhada pelo meu pai, sua única ocupação". Rita Lobato.

(81) — Si bem insubordinados, o que era próprio dos estudantes, sobretudo naquela época, a verdade é que êstes tratavam bem a jovem gaucha. Na rua, porém não respeitavam pessoa alguma. Houve certa ocasião em que pais de família representaram ao Governo contra os estudantes de Medicina, que punham em polvorosa o quarteirão, apodavam os que passavam, não respeitando sexo nem idade, mormente as pobres velhas de capona a quem chamavam baratas, aos andadores das almas e aos esmoleres de outras irmandades, vivendo enfim a vizinhança em completo desassossego porque os moços muitas vezes se excediam e as vítimas das graçolas ameaçavam vingar-se".

(82) — Não existiam feriados para as clínicas. Apenas durante muito tempo as quintas-feiras eram consideradas dias de descanso. Aos sabados havia, então, uma repetição geral do que fora ensinado durante a semana. O ano letivo acabou fixado entre 1.º de março e 31 de outubro. Os exames eram realizados em novembro e dezembro. Sessenta faltas por molestia, ante da Reforma Leoncio de Carvalho, faziam perder o ano. Vinte faltas, por negligencia, possuiam também o mesmo efeito.

tica" (83) vestindo decentemente (84) trajando-se quasi sempre de escuro, (85) os olhos azuis, o rosto cheio, os cabelos castanhos penteados "em tranças presas atraz com franjas na frente". (86) Uma vez, porém, nas aulas, ou mesmo fóra delas, mantinha-se concentrada, "isolada, retirada". (87) Bôa alma, melhor, ótima aluna, estudava horas longas em casa com os irmãos e os conterrâneos, (88) embora preferisse a Biblioteca da Faculdade de Medicina (89) onde ficava a

---

(83) — Informação verbal do Dr. Mario Servilho da Silva, colega de serie da Dra. Rita Lobato, falecido ha pouco, nesta cidade do Salvador.

(84) — Informação verbal do Dr. Antonio Ladislau Figueredo Seixas, contemporâneo de Rita Lobato, falecido recentemente nesta Cidade do Salvador.

(85) — Quando moçoila, com os seus 14 para 16 anos, a côr predileta de Rita Lobato foi o azul. Falecida, porém, D. Rita Carolina ela começou a usar, em sinal de luto, vestidos pretos. Êste, pois, o seu trajo predileto durante o curso acadêmico aqui na Bahia. Rita Lobato não usava "rouge". Muito menos "baton". Apenas o pó de arroz. Não seguia a moda.

(86) — Informação da própria Rita Lobato, fornecida em Porto Alegre.

(87) — Perguntamos certa ocasião à Dra. Rita Lobato qual o motivo dêste seu retraimento na Faculdade, em meio aos seus colegas! E ela respondeu de pronto em carta de 1.º de julho de 1948: "Como o Sr. sabe na minha época uma moça não tinha a liberdade de hoje com os colegas. Assim limitei-me apenas às relações dos meus irmãos com os colegas gauchos que foram meus amigos".

(88) — Segundo declaração da própria Rita Lobato foram êstes os conterrâneos que estudavam com ela e seus irmãos, no Sodré: Bruno Chaves, Alipio Correia, Edmundo Berchon e Rivadavia Correia. Junte-se a êstes o mineiro Olinto Maximo de Magalhães diplomado a 3-9-1887, pela nossa Faculdade, apaixonado pela estudante gaucha.

(89) — Organizada, pobremente, em 1836 pelo então Diretor Francisco de Paula Araujo e Almeida que comprou 400 volumes em París, vindos por intermedio do Prof. Jonathas Abbot. Esta a sua origem. Cinco anos depois eram já 900 volumes, para, sucessivamente, serem 4100, em 1855; 9875, em 1891; 12100, em 1901; 15000, em 1906, quando foi incendiada; 15634, em 1916; 17642, em 1917; 19360, em 1918; 19823, em 1919; 22388, em 1924; 35849, em 1946 e 40000 em 1950. A Biblioteca da Faculdade de Medicina levou muito tempo mal acomodada por falta exclusivamente de espaço. Na época em que estudava Rita Lobato funcionava numa "sala comprida e estreita, encostada à catedral especie de corredor "escreveu Anselmo da Fonseca, o que apesar de aumentada pela retirada do laboratório de botânica que lhe ocupava uma das extremidade era demasiadamente acanhada e impropria ao fim a que servia e além de tudo mal arejada. Poderia chama-la melhor um deposito de livros". Somente em abril de 1939 ficou definitivamente estabelecida para a Biblioteca a ala do novo prédio em que hoje ela se encontra. De qualquer forma, porém, foi sempre procurada pelos estudantes, mormente os pobres que não possuem livros para

manusear compendios científicos que não possuia, e que tanto a favoreceram no curso brilhante que realizou e na tése distinta que escreveu.

Quanto, porém, às aulas práticas, eram dadas no Hospital de Caridade (90) encravado na própria Faculdade de Medicina. (91)

---

estudos. Prestou e presta ainda serviços inestimaveis à mocidade acadêmica e até mesmo ao Corpo Docente da Faculdade de Medicina da Bahia. "Os pavimentos dos seus três andares são de vidro fôsco e ferro assim como as suas instalações tôdas de ferro com portas de vidro e caixilhos do mesmo metal".

(90) — Outra decepção! Primitivamente as aulas praticas "sôbre cada um dos objetos cirurgicos" eram dadas em uma das enfermarias do antigo Hospital Militar que D. Fernando José de Portugal e Costa estabeleceu no Colegio dos Jesuitas para curativos dos soldados que anteriormente eram tratados no Hospital de Misericordia. Tal enfermaria só era franqueada ao estudante duas vezes por semana, não se lhe permitindo fazer reflexões à cabeceira do doente, mas sim na sua respectiva sala, pois que o curativo cirurgico pertence ao Cirurgião Mor dos Hospital que só para isso tem atividade". (Instruções de Correia Picanço). Em 1836 a situação da Faculdade de Medicina era precaríssima; necessitava de tudo, "laboratórios, gabinetes, instrumentos e livros". E de tal geito, continua Licurgo Filho, que "os quintanistas para preparar a tése que deviam defender eram obrigados a frequentar bibliotecas particulares e a pedinchar observações aos médicos amigos, pois as enfermarias de clínica eram pauperrimas em todos os sentidos". Localizado por detraz da própria Faculdade, e nos fundos dos quintais das casas da Rua da Portas do Carmo, era, então, o Hospital de Caridade "um ininteligivel labirinto, uma disparatada aglomeração de baixos corredores, de trevosas galerias abaixo do nivel normal do solo, tristonho conjunto de grutas, de fogos, alveolos e cubiculos" — *Anselmo da Fonseca.*

(91) — Por sua vez "um edificio colocado num sítio pouco espaçoso, sumamente acanhado e sem a possibilidade de ser aumentado, salvo às custas de dispendiosas desapropriações e de demolições prévias; que não têm as dimensões necessárias para aquartelar os 16 laboratórios que devem funcionar em compartimentos distintos, diversos anfiteatros, uma enorme biblioteca e um museu; um edifício composto de duas secções que se unem formando um angulo reentrante; um edifício cuja arquitetura é literalmente monstruosa, pois se deram uns ares de modernidade e de elegancia ao velho convento, cuja construção passada e cuja forma oleolita foi necessário conservar e seguir na secção nova; finalmente um edifício interiormente mal dividido, desproporcionado e cujo soalho se acha em niveis diferentes" — *Anselmo da Fonseca.*

IV

VIDA SOCIAL

IV

VIDA SOCIAL

"Recordo-me da Festa do Senhor do Bomfim, de uma festa que passamos com colegas na ilha dos Frades, dos bailes, das festas em residências particulares como uma na casa do Prof. Saraiva".

RITA LOBATO

Rita Lobato ambientou-se, de logo, em nossa sociedade. E de tal modo que, mal passadas algumas semanas, convidada, comparecia, já, a várias reuniões, festas, jantares, batisados desta Cidade do Salvador. Verdade é que tivera logo a fortuna de, ao chegar aqui, residir defronte das casas do Prof. Manoel Joaquim Saraiva, da Faculdade de Medicina e do casal Luis-Amelia Ataide. Um e outro, o Prof. Saraiva e o casal Luis-Amelia Ataide receberam, de logo, a jovem gaucha na intimidade do seu lar, cercando-a de muita consideração e de muito afeto. (92) Por intermédio, portanto, das famílias Saraiva e

(92) — O Prof. Manoel Joaquim Saraiva foi, a termo de contas, o grande amigo de Rita Lobato, na Bahia. Êle e a esposa admiravam e exaltavam sempre as virtudes pessoais da acadêmica sul-rio-grandense. Tratavam-na mesmo por "Iaiá". Certa feita dissera-lhe o Mestre entre compassivo e sisudo: "Iaiá" se eu tivesse a certeza de que a minha filha estudaria e se formaria com o seu procedimento eu consenteria". A Senhora Amelia Ataide, esposa do Cel. Luis Ataide tornou-se tam-

Ataide, foi Rita apresentada à alta roda baiana, cujos saraus (93) sempre frequentou, aumentando desta maneira o círculo das suas amizades. E assim a moça sulista passeou, dansou, brincou, alegrou-se, enfim, a valer.

Mas ninguém diria que a aluna sisuda e circunspecta da Faculdade de Medicina era inteiramente outra ao participar de qualquer reunião familiar em meio às companheiras de sua idade e de sua condição. Nessas oportunidades Rita sorria, gracejava, palrava, declamava poesias, cantava modinhas, dansava, enfim, a valsa, a polka e o lanceiro, êste aliás aprendido em nosso meio. (94) Mas, a estudante sulista não compartia somente das festas íntimas realizadas, frequentemente, nas residências baianas, sobretudo nas dos Professores da Faculdade de Medicina. Comparecia, ainda, a muitos passeios e convescotes efetuados quasi sempre nos arredores da cidade. E até em comícios políticos estava presente, como aconteceu em 1885 quando Rui Barbosa falou no Largo do Teatro em favor da campanha abolicionista. Ora, um desses passeios de que Rita conserva até hoje gratas recordações, foi, inegavelmente, o da Ponta de Nossa Senhora (95) realizada no dia grande de sua padroeira N. S. de Guadalupe. (96)

---

bém amissíssima de Rita, levando-a, certa ocasião, para passar uns dias na sua Fazenda Ponta de N. Senhora na Ilha dos Frades. Rita Lobato não esqueceu as boas companheiras da Bahia, homenageando-as em sua tése de doutoramento com esta despedida: "As Minhas Amigas Baianas. Um saudoso adeus".

(93) — Numa carta que nos foi escrita do Rio Pardo em 1 de julho de 1948 dizia-nos Rita Lobato: "recordo-me dos bailes e festas em residencias particulares".

Nunca mais esqueceu as festas baianas!

(94) — Rita preferia a valsa, embora aprendesse aqui o lanceiro que ensinou depois, em Porto-Alegre, às suas conterrâneas. Dansavam ainda nessa época embora raramente, a "gaivota", o "rial" e o "solo inglês", sendo o "rial" uma dança escosseza. E também a "polka" e a "mazurka" que afastaram definitivamente o "miudinho" e o "minueto". Estava porém no auge "a quadrilha francesa ensinada aqui por um francês Mosqueton nos colegios e salões de dança ao som de uma rabequinha em miniatura que êle trazia no bolso interior da casaca".

(95) — Fazenda da ilha dos Frades, na baia de Todos-os-Santos, onde Xavier Marques escreveu o "Jana e Joel". Quando Rita aí esteve em 1886 pertencia ao Cel. Luis Paulo de Ataide, cuja esposa, amiga da estudante gaucha foi pródiga em gentileza para todos. Conta-se que nessa ocasião hospedara-se também na aludida fazenda o intelectual Oliveira Campos, diretor da Biblioteca Pública, que conheceu então Rita Lobato admirando nas conversações e até nas discussões que tivera, o carater, a inteligência e a altivez da destemida gaucha.

(96) — A capela de N. S. de Guadalupe situada numa colina da Ponta de N. Senhora parece haver sido construida pelos jesuitas que levantaram ao lado um sanatorio para os companheiros enfermos.

Na manhã de 22 de janeiro de 1886 (97) Rita Lobato, acompanhada do pai, dos irmãos Francisco, Antonio, Matias e de algumas colegas toma um saveiro na praia da Preguiça (98) rumando à fronteiriça ilha dos Frades, (99) onde iriam todos assistir a festa de N. S. de Guadalupe, padroeira da povoação da Ponta de Nossa Senhora. Corridas três horas desembarcavam todos na praia alva da ilha verdejante, dirigindo-se, contentosos, para a casa da fazenda de propriedade do Cel. Luis Paulo de Ataide (100) e de sua esposa Amelia Alves Peixoto de Ataide .(101)

Fidalgo acolhimento.

O casal conterrâneo dispensou, então, aos hóspedes de sua fazenda as mais derramadas gentilezas. Durante os três dias que êstes passaram na Ponta de Nossa Senhora saborearam, satisfeitos, inúmeras iguarias da culinária praieira baiana: saladas de lagostins, frigideiras de camarões, escaldados de caranguejos, moquecas, enfim, de variadas especies de peixe conhecidas na Ilha, ciobas, beijús-pirás, cabeçudos, pampos-da-espinha-mole, guaricemas, curimãs, etc., brinca-

---

(97) — Realiza-se esta festividade todo ano no primeiro domingo depois do domingo do Bomfim. Em 1886 caiu a 22 de janeiro.

(98) — Primitivamente Ribeira dos Pescadores. Hoje a praia está muito reduzida.

(99) — A nossa Bahia de Todos-os-Santos possue 22 ilhas maritimas, 16 fluviais e 17 ilheus. Esta ilha dos Frades foi chamada Guenum pelos índios, sendo seu primeiro dono Simão da Gama e Andrade. Em 1561 Mem de Sá deixa-a em sesmaria a João Nepomuceno. Em 1581 pertencia a João Nogueira. Mede 7 leguas de comprimento por uma de largura.

(100) — Casado em segundas nupcias com D. Amelia Alves Peixoto de Ataide de quem teve três filhos, Odilon, Artur e Maria José Alves Peixoto. O Cel. Luis Peixoto de Ataide faleceu a 28-12-1901 aqui na Bahia "vítima de derrame cerebral" com mais de 70 anos de idade.

(101) — Grande amiga de Rita Lobato conhecimento nascido na rua do Jogo do Carneiro onde ambas eram vizinhas; daí nasceu a amizade tendo Rita Lobato oferecido a D. Amelia Ataide, a sua fotografia com delicada dedicatória. Informou-nos D. Etelvina Pereira Ataide, esposa do Cel. Artur Ataide nora, portanto, de D. Amelia Ataide, ter sido "esta, uma Senhora alta, alva, olhos castanhos, muito simpatica e muito nobre". Casou-se, em primeiras nupcias, com Pedro Gomes Ferreira de quem teve um filho Pedro Alves Peixoto Ferreira. E em segundas nupcias, tal dissemos, com o Cel. Luis Paulo de Ataide de quem teve três filhos Odilon, Artur e Maria José, e varios netos; Odilon, Artur, José, Cândida, Giselia, Maria Amelia, Maria de Lourdes, Maria Bernadete, filhos do casal Odilon Ataide e Cândida Ataide; e mais Elisio, Edite e Eunice filhos do casal Artur-Ataide-Etelvina-Ataide. D. Amelia, matrona "energica, inteligente e resoluta" faleceu em agosto de 1906, vitimada por diabetes, contando mais de 70 anos de idade.

ram todos, sobretudo Rita aproveitando aqueles dias felizes, ouvindo, curiosos, em horas várias, "o toque monótono e entrecortado" do buzio dos pescadores da Ilha anunciando fartura de pescaria; jogando cartas, dançando à noite ao som de violões, e cavaquinhos, passeando a cavalo por quasi todos os arraiais e roças (102) convizinhos, (103) tomando, finalmente banhos salgados, na praia, bem em frente à fazenda visitada. (104) Depois de três dias longos, cosumidos em variadas diversões intimas, retornam os passeiantes na quarta-feira 25 de janeiro.

Volta ruim!

Na "meia-travessa" (105) foi o saveiro assaltado, inesperadamente, por uma "ponta de vento", que encapelou o mar e pôz em risco as vidas dos passageiros. (106)

Rita Lobato realizou, ainda, vários outros passeios domingueiros a pitorescos arrabaldes desta cidade, tendo estado, dêste geito, em Itapoan, Paripe, Rio Vermelho, Brotas, etc. Não perdue, também, as nossas tradicionais festividades, muitas das quais, hoje meio século corrido, ela, relembra com saudades no coração. (107) Foliou, sorriu, passeiou, portanto, noites inteiras nas festividades da Conceição da Praia (108)

---

(102) — Esporte predileto de Rita Lobato em que sempre se exercitava quando se lhe oferecia oportunidade. Também a dança. Rita Lobato dançou durante três noites consecutivas na Ponta de N. Senhora.

(103) — Entre outras Itinga, Itapipuca, Cabuçú, Enseada, Tapéra, Paramâna, Tobar (onde passou algumas semanas Clelia Alves, mãe de Castro Alves, atacada dos pulmões) finalmente Loreto na outra extremidade da Ilha, frente à praia do Suape, em Madre-de-Deus.

(104) — Banhos salgados ótimos pela natureza e pela limpeza da praia. Rita Lobato contudo não os apreciava, razão por que nunca os tomou nem na Ponta de Nossa Senhora, nem aqui na cidade, na Barra ou no Rio Vermelho.

(105) — Chama-se "meia-travessa" o meio da baia de Todos-os-Santos bem em frente à "barra": é ponto de mar encrespado, de ondas violentas, vindas diretamente do Oceâno que a penetra assim de cheio.

(106) — O saveiro, sacudido pelo mar forte da "meia-travessa" de ondas encapeladas pelo "nordeste" adernava vez por outra demasiadamente, enchendo-se dagua. O saveirista, desanimado e irresoluto ora queria prosseguir, ora queria retornar. Foi preciso que Matias Lobato sacasse do revolver e o obrigasse a continuar viagem para a cidade que estava perto.

(107) — Rita Lobato continua a relembrar, ainda hoje, aos parentes e amigos, as "boas festas" da Bahia que ela considera sua terra pelo coração. E de tal geito que os seus admiram a Bahia através da sua admiração.

(108) — Realizadas a 8 de dezembro de cada ano. São sempre antecipadas por encaprichada novena que arrasta ao seu templo magnífico o escól da sociedade baiana.

correndo as suas barracas, armadas no Largo enfeitado, cheias de tudo: de saborosas frutas da estação, a manga, o caju, o abacaxi, a melancia, (109) e de azeitados quitutes baianos; o efó (110) o acarajé (111) o vatapá (112) o carurú (113) o abará (114) a moqueca de peixe (115) o xixim de galinha, (116) a frigideira de camarões (117) etc. etc. Ouviu, contrita, as "missas do galo" nos nossos templos seculares, (118) admirou os lindos "presepios" armados ao lado do altar-mor das igrejas e na sala de visitas das casas particulares , (119)

---

(109) — Destas a que mais apreciava eram o abacaxi e a manga. "Não esqueço, escreveu-nos certa feita, o abacaxi e a manga" (Carta de 1-7-48).

(110) — Preparado com azeite de dendê, e camarões sêcos miudos, leite de côco juntamente com uma espécie de folhas chamadas "lingua de vaca". Faz-se, também, de folhas de taioba.

(111) — Bolinhos de feijão fradinho descascado, ralado e frito em azeite de dendê, iguaria das mais consumidas, presentemente, na Cidade do Salvador.

(112) — Prato basico da cozinha afro-baiana. Preparado também com pão amolecido no leite de côco, camarões sêcos, azeite de dendê, castanhas e amendoins ralados. Rita gostava muito do vatapá. "Não esqueço o vatapá..."

113) — Acepipe também tipicamente afro-baiano feito com quiabo cortado miudo, camarões sêcos, azeite de dendê etc.

(114) — Companheiro inseparavel do acarajé nos taboleiros das baianas. Preparado com feijão fradinho descascado e ralado, camarões e pimenta, enrolado em folhas de bananeira.

(115) — Peixe cozinhado no azeite de dendê acompanhado de azeite de oliva, temperos. Outro prato das predileções de Rita, relembrado com saudade.

(116) — Galinha preparada em azeite de dendê, camarões moidos, temperos etc.

(117) — Fritada de camarões frescos ou sêcos com leite de côco, ervilhas, azeite de oliva, ovos, etc.

(118) — "A hora aprazada os adros das igrejas apinhavam-se de povo que ia ouvir a "missa do galo". Moças de vestidos brancos, enfeitados, e rapazes ostentando casacos brancos de portinholas, completavam o quadro. De instante a instante ganhadeiras mercavam "pasteis quentes", e na repetição tremulada os "pastéis bemfeitos", empadinhas, "empadinhas bem feitas". Acabada a missa, o povo, em grupos tomava destinos diversos: uns voltavam para suas residências e aí chegados dirigiam-se ao presépio, cantando, bailando e tocando pequeno pandeiro de folha de Flandres e castanholas, em homenagem ao Deus Menino". — *Manoel Querino* — "Bahia de Outrora".

(119) — "Igrejas matrizes e filiais, conventos e casas de família, armavam seus presépios, todos empenhados em exceder à espectativa geral e recolher maior soma de elogio. Entre os afamados presépios da época sobressaia o do Convento das religiosas da Soledade, pela correção e beleza das figuras, primorosamente trabalhada pelo grande escultor Bento Sabino dos Reis" (Idem).

participou dos festejos natalinos públicos e familiares, (120) saudou o Ano-Novo ao primeiro minuto de 1.º de janeiro, nos serões íntimos em que sempre se apresentava como convidada de prol, (121) aplaudiu, na Lapinha, atulhada de gente, os ternos e ranchos de Reis, bailando todos em frente à sua igreja tradicional, (122) subiu "à colina sagrada" no sábado

---

(120) — "Vinha o Natal: O mundo de sempre na formosura de sua significação! Nos lares surgiam os presépios. As ceias alentadas. Suculentas. Tentadoras. Se o casal possuia o coração em Portugal tinhamos a bacalhoada reforçada. Muito azeite. Muita azeitona. Muita cebola. Muita batata. Era o bacalhau escaldado. As iscas de palmo cobertas com ovos e molho branco. Cobertas, mesmo, e não envolvidas em capas transparentes de ovos. Como esses doces de hoje em que a anilina e o miôlo de pão substituiram fraudulentamente os ovos nos misteres. Para completar a ceia havia o vinho Figueira autentico. Da lavra lusitana, a recordar muitas vezes um carinho de mãe, que lho enviou ao filho lá da terra. E as castanhas do Reino cozidas com erva doce. Assadas ao borralho. As ameixas, avelãs. Nozes e amendoas. Passas e figos. Queijos frescos. Outros lares preferiam peixes nacionais. O xareu. A cavalinha do leste, tenra como um favo. O olho de boi afamado. Os quitutes baianos. Os dôces de compota; abacaxi, cajú, manga, araçá. Os pasteis, as empadas. As cavacas com muito açucar e bem torradas. Depois a missa do Galo. Na igreja mais perto. No largo mais próximo. No mais afastado, se ficava a caminho da roça preferida para o folguedo do grande dia. Porque era depois da missa do Galo que se demandava às chacaras de Brotas, do Cabula, do Rio Vermelho, do Matatú, do Pau Miudo, do Gantois, de S. Lazaro, da Areia Preta, lugares êstes de transportes precarios ou de nenhum. O bom era chegar-se ao destino ao romper do dia. Iam-se os espraiecedores em grupos familiares. A cantar. A correr. A gritar, a colher, aqui e alí, folhas de pitangueiras. A comprar frutas, desnecessarios porque lhes não faltariam na casa amiga para onde rumavam". (*Antonio Viana* — "Casos e Coisas da Bahia"). Por tôda parte dentro e fora da cidade salões e choupanas franqueados à alegria. Aqui eram recitativos ao piano, ali eram as notas requebradas de violão saudoso, era a viola, a harmônica, a castanhola, o bimbalhar dos sinos, a cantoria diante dos presépios, eram canzás, pandeiros, o batuque atroando com dissonância agradaveis, tudo isso traduzindo o grande regosijo, da população pela festa do Natal" — *Manoel Querino,* ob. cit.

(121) — "O Ano Novo arrebanhava a cidade para os ares onde pudesse cada qual refazer energias em pleno convício com as belezas primitivas dos campos. Repetiam-se as romarias. Os folgares". — *Antonio Viana,* ob. cit.

(122) — Eram então os ternos do *Sol, A Terra, Aurora Boreal, Romeiros de Belém, Romeiros da Palestina, Rosa Menina, União das Flores* e os primitivos ranchos com a sua *burrinha* à frente, do *Peixe, Cochorro, Aguia, Garça, Fenix, Carneiro, Avestruz, Beija-Flor, Esperança, Canario, Sereia,* etc. Os ternos da capital, imitando aos de Itapoã sobrelevaram a êstes em brilhantismo de roupagens. O que se torna dificil dentre êles é distinguir os mais importantes tal o garbo com que se apresentavam. Possuem um emblema indicativo de sua designa-

do Bomfim (123) para render graças ao Padroeiro da Cidade na sua tradicional festa de janeiro, (124) brincou com as jovens do seu tempo no Carnaval baiano, aplaudindo os grandes clubes da época, sofrendo os rigores do entrudo, (125) dançou, cantou, saltitou nas longas noites sanjoaninas na intimidade dos nossos lares conservadores, soltando balões, coloridos, elogiando a cangica de milho verde, apreciando bôlos de carimã, saboreando milhos assados e cozidos, provando licor de genipapo, tocando fógos de salão, fazendo adivinhações e saltando fogueiras meio derreadas; (126) palmejou, no 2 de julho, o "Caboclo" e a "Cabocla", levados em seus carros tradicionais por u'a multidão vibrante de entu-

---

ção, feito de folhas de Flandres conduzido na cabeça de um homem que se exibe dançando no som de uma orquestra de vozes, pandeiros, violas e canjás. As suas "vestimentas carnavalescas são bem enfeitadas com gosto e simetria'. Possuiam a principio uma baliza, substituindo ao depois por "um mestre-sala, especies de arauto bem trajado que é o dançarino do grupo, ora sozinho, ora com o porta-estandarte e bem assim com as demais pastoras. Êstes ternos marchavam ao som de instrumentos populares e ao clarão de famosos archotes de bagaço de dendês".

(123) — Sempre no segundo sábado depois da Festa de Reis.

(124) — "Mas o sábado do Bomfim não é só novenas, gente, músicas e luzes; é também alguma coisa mais falando à devoção e falando ao pitoresco. São do sábado os ternos que vão cantar louvores ao Senhor do Bomfim e os ranchos que dançam no adro em meio à lufa-lufa. O povo fora no adro até pela manhã a espera dêsses ternos e dêsses ranchos", existindo no tempo em que aqui esteve Rita Lobato, "figueiras monumentais, iluminação primitiva de vasos de barro com mechas acesas e muitos balões" (*Carlos Alberto de Carvalho*).

(125) — Era êste o carnaval dos Mandús, das Cabeçorras do Amigo Folhais, de Negra do Aluá, dos Cucumbis, das colchas, festões, guirlandas, bandeirolas, sarfas, escudos ornamentando as janelas dos sobrados. Do "brincar de entrudo" derramando-se bacias dagua sôbre os transeuntes incautos, cobrindo-se conhecidos e desconhecidos de farinha do reino; rapazes e moças combatendo-se com "laranjinhas" aromatizadas com essência de canela, rosa, cravo que se quebravam na camisa engomada dos primeiros e no seio alabastrino das segundas".

(126) — A mais bela festividade da Bahia ainda hoje evocada pela médica sulista ao repetir em casa; "Minha gente, S. João na Bahia é festa". E é mesmo. "As mesas das casas particulares, ricas ou pobres, estão sempre replenadas de cangica, de licor de genipapo, de bolo de carimã, de carurú de quiabos tenros, de efó, de vatapá, etc. Num quarto separado os balões prontas para subirem aos céus, aos gritos, de "Acorda João"! Na porta, quando permitida a fogueira a arder em meio ao estardalhaço constante dos foguetes, dos busca-pés, dos ropes, das pistolinhas, das bombas, dos traques de sete estouros etc."

siasmo cívico; (127) finalmente Rita Lobato viveu, sentiu, compreendeu de tal geito a Bahia tradicional e nobre (128) que até hoje o seu coração "cemitério de sonhos, amortalhado de neves" suspira, saudoso e evocativo, pela terra distante em que ela passou a quadra mais feliz da sua vida. (129) De fato, corridos três anos de convivência nesta cidade do Salvador, já Rita Lobato estava profundamente vinculada ao seu meio social. Entre os lares muitos que frequentava, e cujas reuniões comparecia sempre como convidada de honra, tanto era estimada, contamos o do Prof. José Pedro de Sousa Braga, Lente Substituto da Primeira Cadeira de Clínica Cirurgica, (130) o do Prof. Manoel Joaquim Saraiva, catedratico

---

(127) — "Ninguém imagina a efusão patriotica do baiano no maior dia de sua província; é incalculável o grandioso espetáculo oferecido pela raça autêntica dos pelejadores da Liberdade no tablado imorredouro das consagrações pátrias. Apenas as primeiras levas de povo transpunham o Terreiro, os sinos do Colegio, de S. Francisco, de S. Domingos e da Sé repicavam garridos, e centenas de girandolas disparavam, estourando prolongado. O Arcebispo e o Cabido, o Presidente da Província e a Nobreza lá estavam no templo, armado de galas para a ação de graças. E o prestígio avançava. As moças, as crianças, as famílias debruçavam-se das janelas, agitavam lenços e aclamando o 2 de julho" (*Melo Morais filho* — Festas e Traduções).

(128) — "Mui diferente já da Bahia de hoje, porque, era então esta Bahia dos nossos avós, a verdadeira Bahia, isto é a Bahia "das jaquetas. Das caponas. Dos redingotes. Das botinas de elastico. Sem "rouge". Sem "baton". Sem cabelo espichado. Bahia das saias compridas como uma promessa. Bahia antiga. Matrona feliz. De coração sossegado porque as meninas de tôdas as idades ficavam em casa a trocar bilros. A bordar. A aprender as histórias que contariam depois aos filhos. A nutrir a esperança de que S. Antonio não as deixaria solteiras. Tempo de festas espontâneas. Até parece sonho" — *Antonio Viana*, ob. cit.

(129) — Quando estivemos em Porto-Alegre, em março de 1950 visitamos várias vezes a Dra. Rita Lobato, em sua residência à rua Mariano de Matos n. 84. Foi numa dessas visitas que ela nos confidenciou então: "Sr. Doutor, os dias mais felizes da minha vida eu os passei em sua terra, na Bahia que tanto quero pelo coração".

(130) — Baiano. Nascido em Salvador a 3 de fevereiro de 1845, diplomando-se pela Faculdade de Medicina, dêste Estado, em 1886. Foi primeiro opositor, em 1873, da Secção de Ciências Cirurgicas da aludida Faculdade. Em 1884 já era substituto da Primeira Cadeira de Clínica Cirurgica. Professor catedratico de Patologia Cirurgica em 1888. Publicou em 1894 um compendio didático: Lições de Patologia Cirurgica. Faleceu nesta capital a 15 de maio de 1898. Grande amigo de Rita que admirava muito a sua cultura e o seu talento, pois o Prof. Sousa Braga dava aulas admiraveis, ensinando, mesmo, qualquer cadeira que lhe fôsse designada. Chamava-a sempre, de "Iaiá", até mesmo nas aulas.

de Higiene e História da Medicina; (131) o do Prof. Antonio Pacifico Pereira, catedratico de Histologia Teórica e Prática (132) e o do Prof. Manoel Vitorino Pereira catedrático da Segunda Cadeira de Clínica Cirurgica. (133)

(131) — Baiano. Nascido em Salvador a 4 de novembro de 1840, diplomado em 1864, falecido a 22 de janeiro de 1899. Foi o último catedrático de Higiene e História da Medicina. Estimava Rita como se fôsse filha, admirando mesmo a sua inteligência, a sua cultura e o seu carater. A sua espôsa Catarina Simas Saraiva, filha do primeiro instalador de uma fabrica de charutos na Bahia, conhecida na intimidade por "Nhazinha" gostava também muitíssimo de Rita, que era afinal a companheira dileta de suas filhas. A sogra do Prof. Saraiva, a viuva Simas, confessou-nos Rita Lobato "haver sido a mulher mais bonita que ela conheceu na Bahia".

(132) — Baiano. Nascido nesta cidade do Salvador a 5 de junho de 1846 diplomado a 30 de novembro de 1867. Catedrático em julho de 1882 de Anatomia Geral e Patologia, subdividida logo depois em histologia e anatomia patológica. Diretor da Faculdade de Medicina de 1894-1898. Aposentado em 17 de abril de 1912. Faleceu nesta cidade do Salvador em 18-11-1922. Rita Lobato frequentou muito a casa do Prof. Pacífico Pereira tornando-se amiga íntima de sua espôsa.

(133) — Baiano. Irmão do precedente. Nasceu nesta capital a 30 de janeiro de 1853. Diplomado em medicina em 1876. Substituto da Secção de Ciências Acessorias da Faculdade da Bahia em 1877. Catedrático de Clínica Cirurgica em 1883. Faleceu no Rio de Janeiro a 9 de novembro de 1902. Rita Lobato possuia pelo Prof. Vitorino uma profunda admiração, realçando até hoje o fulgor do seu espírito privilegiado. Dava aulas admiraveis e bastante concorridas.

V

ARRANCADA TRIUNFAL

V

ARRANCADA TRIUNFAL

"...a primeira médica diplomada no Brasil seria certamente uma daquelas três gauchas matriculadas em 1884 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro".

ALBERTO SILVA

Não havia mais dúvida. Esclarecida a situação, sentia-se de logo que a primeira médica diplomada no Brasil seria certamente uma daquelas três gauchas matriculadas em 1884 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. E' que essas três jovens ingressaram no aludido Estabelecimento de Ensino com uma firme disposição íntima: a de arrancar, por todos os meios razoaveis, o honroso título. Ora, Rita Lobato sabia muito bem disto. Sentiu, mesmo, esta concorrência, dêsde os tempos provincianos de preparatórios, quando o jornalista Antonio Dias, pai da sua colega e conterrânea Antonieta Dias (134) procurou dificultar os seus estudos junto aos diretores Lequentini e Amarante do colégio de Pelotas, razão da sua transferência para outro colégio em Porto Alegre. Compreendeu, finalmente, o capricho, então, existente, ao saber

(134) — A "corrida" se assim podemos classificar, começou portanto no curso secundário, quando ainda Rita e Antonieta estudavam preparatórios.

aqui nesta capital que a conterrânea Ermelinda de Vasconcelos havia galgado um ano no curso médico que realizava na Faculdade de Medicina da Côrte. Rita Lobato não estava enganada. Não podia mesmo estar enganada. Chegando aqui em Salvador, encontrou campo aberto à realização de sua empreza, bastando-lhe, apenas, esforço, estudo, ânimo, vontade de vencer. Na Faculdade de Medicina da Bahia achava-se sozinha, podendo agir desembaraçadamente, sem nenhum obstáculo na competição séria que iria manter, à distância embora, com as suas ilustres conterrâneas e adversárias, Ermelinda e Antonieta, estudantes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Ciente e conciente, portanto, do pesado encargo que lhe pesava aos ombros frageis, afinal da grande responsabiildade que acabara de assumir, Rita Lobato não mediu sacrifício de especie alguma, e tudo fez, tudo diligenciou, tudo realizou para encurtar, de qualquer forma, o seu curriculo acadêmico, entregando-se de corpo e alma à consecução do seu ideal, ideal de ser médica, ideal sobretudo de ser a primeira médica diplomada no Brasil. E, assim, durante 933 dias seguidos, Rita Lobato trabalhou e estudou, sem desfalecimento, vencendo impecilhos contornando situações, galgando series, emendando aulas, enfiando exames (135) até o termo brilhante do curso acadêmico; a defeza de tése, a diplomação enfim.

Arrancada triunfal!

Desembarcando nesta capital a 14 de maio de 1885, uma quinta-feira, já na segunda-feira imediata, 18 do mês citado Rita Lobato ingressava na segunda série médica da nossa tradicional escola do Terreiro (136) frequentando as suas aulas

---

(135) — A Reforma Vicente de Saboia — Decreto 9311, de 25-10-1884 permita aliás exames no decurso do ano lectivo. Leiamos o seu art. 396: "O aluno poderá requerer a inscrição de exame para uma ou mais séries ou para qualquer materia da mesma série, mas não será admitido a prestar exame de qualquer materia de uma série sem ter sido aprovado em tôdas as materias da série anterior". E o seguinte art. 357: "As pessoas que quizerem prestar exame das materias de uma ou mais séries fora da época marcada no art. 390 e se acharem nas condições legais, farão para êsse fim um requerimento ao Diretor, juntando os necessários documentos". Finalmente, conclue o artigo imediato 398: "Verificadas as condições legais, o Diretor deverá admitir o requerente a inscrição, na qual serão observadas as disposições do art. 391, e marcará para o exame hora em que não prejudique as aulas e os outros trabalhos da Faculdade".

(136) — A Reforma Vicente de Saboia, em vigor em 1835, quando Rita já estudava na Bahia, admitiu 26 cadeiras assim destribuidas pelos seis anos do Curso Médico: Anatomia Descritiva e Geral — Histologia

(137) de Química Orgânica e Biologia, (138) de Histologia Teórica e Prática (139) e de Anatomia Descritiva e Geral.

Teorica e Prática — Anatomia e Fisiologia Patológicas — Anatomia Cirurgica, Medicina Operatória e Aparelhos — Obstetricia — Clínica Obstétrica e Ginecológica — Clínica e Policlínica Médica e Cirurgica das Creanças — Patologia Cirurgica — Patologia Médica — Patologia Geral — Farmacologia e Arte de Formular — Materia Médica e Terapêutica, especialmente brasileira — Botânica e Zoologia Médica — Química Mineral e Mineralogia Médicas — Química Orgânica e Biológica — Física Médica — Higiene Pública e Privada e História da Medicina — Medicina Legal e Toxicológica — Clínica Cirurgica de Adultos (1.ª Cadeira) — Clínica Cirurgica de Adultos (2.ª Cadeira) — Clínica Médica de Adultos (1.ª Cadeira) — Clínica Médica de Adultos (2.ª Cadeira) — Clínica Psiquiátrica — Clínica Oftalmológica — Clínica das Molestias Cutâneas e Sifilíticas. Hoje, 1950, de acôrdo com o Regimento Interno da Faculdade de Medicina da Bahia, aprovado em sessão de 11-3-1948, do seu Conselho Universitário, existem 29 materias lecionadas e assim destribuidas: 1.º Ano: Anatomia, Histologia e Embriologia Geral — 2.º Ano: Física Biológica — Química Fisiológica e Fisiologia — 3.º Ano: Patologia Geral — Microbiologia — Parasitologia — Higiene — 4.º Ano: Anatomia — Fisiologia Patológica — Técnica Operatória e Cirurgia Experimental — Clínica Médica — Clínica Propedêutica Cirurgia — Clínica Dermatológica e Sifiligráfica — Clínica Oto-Rino-Laringológica — Clínica Propedêutica Cirurgica — 5.º Ano: Higiene — Clínica Cirurgica — Terapêutica Clínica — Clínica Cirurgica Infantil e Ortopedica — Clínica de Doenças Tropicais e Infectuosas — Clínica Urológica — 6.º Ano: Clínica Médica — Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil — Clínica Ginelocógica — Clínica Neurológica — Clínica Obstétrica — Clínica Oftalmológica — Clínica Psiquiátrica — Adicione-se a Cadeira de Tisiologia recentemente creada.

(137) — "Os lentes darão três lições por semana, em dias alternados, e por espaço de uma hora. Excetuam-se desta disposição os lentes das clínicas que darão aulas todos os dias. Art. 356 do Decreto 3911, de 25 de outubro de 1884 — Reforma Vicente Saboia.

(138) — Lecionava, então, esta cadeira e foi assim mestre da jovem gaucha, o Cons. Antonio de Cerqueira Pinto, que sucedera desde 1857 ao Prof. Salustiano Souto, médico de Castro Alves, transferido na ocasião para a cadeira de Medicina Legal. O Cons. Antonio Cerqueira Pinto era um dos mestres mais provectos da nossa gloriosa Faculdade. "Grão-Mestre da Quimica e excelente ministrante de ensinação prática". (*Ivolino de Vasconcelos*). Nasceu em 1820 e faleceu em 1895 aos 75 anos de idade. O seu filho Alexandre Evangelista de Castro lecionou Molestias Cutâneas e Sifilíticas na mesma Faculdade do velho pai.

(139) — Catedrático Antonio Pacífico Pereira, professor dos mais eminentes da nossa Faculdade, nascido em 1840 e falecido em 1922. O "sabio introdutor do microscopio em nosso meio, cuja ensinança era correta e nítida como as imagens que, através das lentes do seu aparelho, oferecia aos alunos". (*Ivolino ed Vasconcelos*). O Prof. Pacifico Pereira, fora transferido dois anos antes da Cadeira extinta de Anatomia Geral e Patológica para a Cadeira de Histologia e Teórica e Prática, que lecionou então a estudante gaucha.

(140) Animada com a bondosa acolhida dispensada em nossa Faculdade de Medicina, por professores (141) e colegas, (142) percebeu Rita Lobato que lhe bastaria redobrar esforços e perseverar na sua vontade para alcançar em primiero lugar a méta dêsse pareo original, corrido na ocasião, entre alunas de duas Faculdades médicas; a do Rio e a da Bahia. Porque, de fato, quem venceria?

Qual das três jovens lograria afinal tão grande distinção? Qual delas receberia em primeiro lugar o diploma de medicina, fornecido por uma Faculdade brasileira? Rita? Ermelinda? Antonieta? E mais: que Faculdade nacional teria ainda a gloria de formar a primiera médica do Brasil? A do Rio? A da Bahia? Desenrola-se, então, surda e encaprichada, a grande luta.

Ora, corridos quarenta oito dias do seu ingresso na Faculdade desta Província (143) já a estudante gaucha "achando-se habilitada", (144) requer exames das cadeiras da

---

(140) — Cadetrático, na ocasião, Prof. Alexandre Afonso de Carvalho, de ilustre família baiana, nascido nesta capital em 1839 e aqui falecido em 1895, com 56 anos de idade. Esta cadeira de Anatomia Descritiva e Geral vinha sendo regida, aliás, pelos maiores professores que já passaram pela Faculdade de Medicina da Bahia, como sejam, o grande Jonathas Abbot, um dos primeiros estudantes da nossa Faculdade e um dos seus primeiros professores; Antonio José Alves, ilustre cirurgião, bela cultura científica e artística, pai do genial poeta Castro Alves e finalmente o Prof. Adriano Alves de Lima Gordilho, Barão de Itapoã o único professor fidalgo da Faculdade de Medicina da Bahia.

(141) — "Os Professores da Bahia receberam-me com o afago cativante que caracteriza o baiano". — *Rita Lobato* — Carta.

(142) — "Os alunos da Faculdade da Bahia acolheram-me com muito carinho e admiração". — Idem-Idem.

(143) — Espaço de tempo compreendido entre 18 de maio e 6 de julho; a primeira data, inicio da curso; a segunda, requerimento de exames.

(144) — Segundo documento existente no Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia, assim redigido:

"Ilmo. Exmo. Conselheiro Dr. Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia.

Rita Lobato Velho Lopes, achando-se habilitada para prestar exames de Química Orgânica e Histologia, materias que fazem parte da segunda série médica roga a V. S. se digne mandar inscrevê-la na lista dos examinandos da respectiva série, pelo que

E. R. M.

Bahia, 6 de julho de 1885.

Este requerimento recebeu o seguinte despacho: "Inscreva-se — Bahia, 6-7-1885 — *A. Pacífico Pereira*".

Rita Lobato Velho Lopes".

segunda série médica. (145) Concedida a requerida permissão, onze dias volvidos, isto é, a 17 de julho de 1885 (146) Rita Lobato prestava os referidos exames de Histologia Teórica e Prática com o Prof. Pacífico Pereira e de Química Orgânica e Biológica com o Prof. Cerqueira Pinto, tirando nota plena em ambas as cadeiras. Aliás, em todo o seu curso, foi esta a nota alcançada pela jovem gaucha nas cadeiras em que foi examinada. (147) Nunca foi simplificada como aconteceu a vários colegas de turma, logrando mesmo uma justa distin-

---

(145) — Deixou o exame de Anatomia para dezembro, juntando, entretanto, para êste exame os seguintes documentos exigidos pelo Art. 391 dos Estatutos da Faculdade, aprovados com o Dec. 9311, de 25-10-84; 1.º Certidões de aprovação nas materias exigidas como preparatórios para a matrícula ou nas que antecedem às dos exames requeridos, segundo a ordem do programa oficial; 2.º Prova de identidade da pessoa; 3.º Recibos da taxa que será de 51$000 por tôdas as materias de uma mesma série; 4.º Atestado de vacina não anterior a 6 anos. O segundo documento foi fornecido pelo Dr. Prof. Manoel José de Araujo nos seguintes termos: "Atesto que a Exma. Sra. D. Rita Lobato Velho Lopes é a mesma a que se refere a Guia de Transferência, vinda da Côrte, a fim de inscrever-se nos exames da 2.ª série médica.

Bahia, 6 de julho de 1885.

Dr. Manoel José de Araujo".

(146) — "Faculdade de Medicina — Fez ontem exame da 2.ª série médica de Química Orgânica e Histologia D. Rita Lobato Velho Lopes e foi aprovada plenamente" — "Diario da Bahia", 18-7-1885.

Êste documento, existente no Arquivo da nossa Faculdade, confirma também, da seguinte, maneira, as notas acima aludidas: "Faculdade de Medicina da Bahia.

"Certifico que à fls. 189 do Livro respectivo dos exames consta que a Sra. D. Rita Lobato Velho Lopes fez exame de Histologia e Química Orgânica em 17 de julho de 1885 e foi aprovada plenamente.

E, para constar se passa a presente.

Secretaria da Faculdade de Medicina da Bahia, em 14 de outubro de 1885.

Pelo Secretario

Dr. Thomaz d'Aquino Gaspar".

(147) — Escreveu certa feita Borges de Barros "que nos exames de curso acadêmico as provas plenas eram o grau mais elevado naqueles tempos". Discordamos. Eram notas elevadas, não porém as mais elevadas. Porque em 1885, a 26 de novembro, Efigênia Veiga, aluna do segundo ano, tirou distinção em tôdas as cadeiras. De sua vez em 15-11-87, dois colegas de Rita, Aurelio Viana e Coriolano Borges lograram distinção nos exames da Clínica Médica e de Clínica Cirurgica. Acontecia, sim, o seguinte: a nota distinção era raramente concedida nessa época e isto pelo processo de sua concessão um tanto complicado. Vejamos por exemplo o Art. 422 dos Estatutos que a regula: "Terá a nota de aprovado plenamente o examinando que obtiver tôdas as esfe-

ção na sua tése de doutoramento. Feitos os exames as notas de Rita Lobato fizeram convergir para a sua pessoa as primeiras atenções dos meios acadêmicos. Mercê deles e delas revelou-se a jovem gaucha uma estudante culta e inteligente.

Quanto ao exame de Anatomia, ultima cadeira da segunda série médica, foi deixado, propositadamente, para dezembro, por ser u'a materia exigente de alguma prática (148) e um tanto dificil. (149) Transcorridos, porém, cento e quatro dias (150) dos dois ultimos exames prestados, já Rita Lobato requeria exame de Anatomia Geral e Descritiva, (151) a ultima cadeira da segunda série médica, juntando então o documento exigido. (152) Realiza-se êsse exame a 7 de dezembro de 1885,

---

ras brancas; a de aprovado simplesmente o que tiver maioria de brancas, e a de reprovado o que tiver a totalidade ou maioria de esferas pretas. A nota distinção será conferida ao que, tendo sido aprovado plenamente, obtiver tôdas esferas brancas em segundo escrutino, requerido para êsse fim por um dos examinadores".

(148) — Rita gostava bastante das práticas anatômicas e não perdia uma só. Não faltava, de forma alguma, às aulas teóricas e práticas de Anatomia a cadeira que mais apreciava. Enquanto o irmão Antonio não jantava no dia em que era obrigado a dissecar cadaveres, ela, ao contrario, sentia prazer em simil operação. E quando não possuia mais material para práticas pedia o dos seus colegas gauchos, levando horas inteiras curvada sôbre cadaveres a disseca-los com paciencia e técnica. As suas preparações eram elogiadas por colegas e mestres e particularmente pelo Preparador da Cadeira, Dr. Fortunato Augusto da Silva Junior.

(149 — De fato a Anatomia, exigindo sobretudo uma memoriação profunda, foi sempre considerada cadeira dificil. Rita Lobato dominou-a entretanto graças à sua memoria e ao seu gosto pelos estudos anatômicos.

(150) — Espaço de tempo compreendido entre 17 de julho e 30 de outubro, a primeira data dos exames das duas cadeiras Química e Histologia; a segunda do requerimento do exame de Anatomia.

(151) — Conforme reza o documento seguinte, existente no Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia:

"Ilmo. Exmo. Sr. Conselheiro Dr. Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia.

Rita Lobato Velho Lopes, achando-se habilitada a requerer exame de Anatomia Descritiva como prova do atestado junto pede a V. S. se digne inscrevê-la na lista dos examinandos da respectiva materia.

E. R. M.

Bahia, 30 de outubro de 1885.

Rita Lobato Velho Lopes".

Três professores examinavam, então, na oral, o aluno e, de acôrdo com o art. 437 "nenhum dos lentes" poderá arguir por mais de um quarto de hora".

(152) — Êste outro documento existente também no Arquivo supra-aludido está assim redigido:

(153) constituindo novo triunfo da estudante sulista (154) tendo-se em vista o conjunto de circunstâncias que o cercaram: tempo minguado para estudo, (155) rigorismo da banca examinadora (156) e nota plena em meio a colegas simplificados. (157) Assim, em seis meses e vinte e um dias, Rita Lobato cursou e concluiu a segunda série médica, passando à série imediata, depois de prestados os exames de suas três cadeiras Histologia Teórica e Prática, Química Orgânica e Anatomia Geral e Descritiva. Alcançado tão expressivo triunfo razão era que a jovem gaucha repousasse um pouco das fadigas lectivas. Tal, porém, não aconteceu, porque antes de se matricular na terceira série médica, (158) Rita Lobato

---

"Atesto que a aluna Rita Lobato Velho Lopes, da segunda série médica fez sob minhas vistas e fiscalização a preparação de n. 89, músculos da região interna da côxa e pelve-trocanteriana e julgo bôa e digna de ser conservada no Museu desta Faculdade.

Laboratorio de Anatomia Descritiva e Geral.

Em 26 de outubro de 1885.

O Preparador Interino — *Fortunato Augusto da Silva Junior*".

(153) — "Faculdade de Medicina. Serão chamados amanhã os seguintes senhores estudantes do curso médico; 2.ª serie médica — oral: Alfredo Dumas Andrade, Antonio Pinto Nogueira Brandão, D. Rita Lobato Velho Lopes, Antonio Batista dos Anjos, Landulfo Machado de Magalhães, Julio Maximiano de Oliver e Valentim Bulter Browne — "Diario da Bahia" de 6-12-1885 — (*Domingo*).

(154) — "Faculdade de Medicina — Resultados dos exames feitos ontem — 2.ª série médica — Oral — Alfredo Dumas Andrade, plenamente em tôdas as materias; Antonio Pinto Nogueira Brandão, Antonio Batista dos Anjos, Julio Maximiano de Oliver e Valentim Balter Browne, simplesmente em tôdas as materias; Landulfo Machado de Magalhães, plenamente em Química Orgânica e simplesmente em Anatomia e Histologia; Rita Lobato Velho Lopes, plenamente em Anatomia". — "Diario da Bahia" de 8-12-1885.

(155) — Com apenas quatro meses e meio de preparo logrou nota plena, a nota mais alta concedida no exame referido.

(156) — Os Profs. Alexandre de Carvalho, Manoel Vitorino Pereira e Thomaz d'Aquino Gaspar, conquanto justos, eram todos rigorosos nos exames e nas notas.

(157) — Os alunos Antonio Batista dos Anjos, Julio Maximiano de Oliver, Valentim Bulter Brovne e Landulfo Machado de Magalhães tiraram "simplesmente no exame de Anatomia". Verifica-se, portanto, que desta turma constituida de sete alunos apenas dois foram plenificados, tendo sido simplificados os cinco restantes.

Expressivo!

(158) — Perdurou, por muito tempo, a segunda matricula em dezembro no antigo Colégio Médico Cirurgico e mesmo na Faculdade de Medicina da Bahia. No caso em apreço, Rita Lobato matricula-se na primeira quinzena de março, de acôrdo com o art. 37 dos Estatutos em vigor, aproveitando-se, porém, das vantagens dos arts. 397 e 398 para prestar os seus exames logo no mês de maio próximo.

consumiu os três meses de ferias estudando , dia e noite, as cadeiras da referida série, isto é, Anatomia e Fisiologia Patológicas, do Professor Antonio Pacheco Mendes, (159) Patologia Geral, do Professor Egas Carlos Moniz de Aragão (160) e Fisiologia Teórica e Experimental, do Prof. Manoel José de Araujo. (161) E "queimou as pestanas" de tal sorte, lidando horas altas sôbre tratados médicos que, em principios de março de 1886 matriculou-se na 3.ª série médica e a 1.º de abril imediato, "achando-se habilitada" (162) requer exames das referidas materias, juntando os documentos necessários. (163) Passam-se algumas semanas e a 18 de maio seguinte

---

(159) — Cadeira criada em 1883, portanto dois anos antes, apenas. O seu primeiro titular foi, então, o Professor Antonio Pacheco Mendes, nascido em Aracati, Ceará, a 24 de fevereiro de 1856, tendo falecido nesta cidade do Salvador, aos 85 anos de idade a 31 de outubro de 1941. Formou-se Pacheco Mendes em 1880 pela nossa Faculdade de Medicina, entrando mediante concurso, para o seu corpo docente. Teve uma bôa clínica nesta capital, sendo considerado um grande cirurgião.

(160) — Baiano ou melhor baiano de quatrocentos anos, pois descendia de tradicional família enraizada nesta terra desde antes de construida a Cidade, vale dito, desde os tempos da Vila do Pereira, do donatario Pereira Coutinho, quando aqui chegou o seu ancestral Egas Moniz Barreto (Docs. Históricos de Bibl. Nac. Vol. 37 pág. XXVIII). O Professor Egas Carlos Moniz de Aragão nasceu no Engenho Trindade a 1 de fevereiro de 1842, falecendo nesta capital a 29 de novembro de 1893. Diplomou-se em 1865, sendo já Opositor da Secção de Ciencias Médicas em 1871. Lente da Cadeira em 1875, em substituição ao Prof. José Gois de Siqueira. "Extraordinário talento, cientista insigne".

(161) — Nascido em 1831. Falecendo em 1912 aos 81 anos de idade. Substituto do Prof. Jerônimo Sodré Pereira na cátedra que tanto nobilitou.

(162) — Êste documento existente no Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia está assim redigido:

"Ilmo. Exmo. Sr. Conselheiro Dr. Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia.

"Rita Lobato Velho Lopes achando-se habilitada a requerer exame de terceira série médica, como prova com os atestados juntos, roga a V. S. se digne mandar inscrevê-la na lista dos examinados da respectiva série. Pelo que

E. R. M.

Bahia, 1.º de abril de 1886.

Rita Lobato Velho Lopes.

Traz, ainda, êste requerimento o despacho de "Inscreva-se" assinado pelo Diretor Dr. Ramiro Afonso Monteiro, com a data, porém, de 31 de março de 1886. Quem, pois, datou enganado? Rita Lobato escrevendo 1.º de abril ou Ramiro Monteiro declarando 31 de março?

(163) — Primeiro: um certificado de aprovação no exame de Anatomia Descritiva assim redigido: "Certifico que à fls. 198 do

Rita Lobato presta, finalmente, os exames requeridos, numa turma de sete outros colegas (164) entre os quais Francisco Xavier de Matos, (165) Estevam de Oliveira Pinto, (166) seus companheiros de estudos na Biblioteca, juntamente com os seus irmãos.

Triunfo!

Novo triunfo, repercutindo, de logo, por tôda Faculdade, nos seus circulos docente e discente.

Rita Lobato logra nota plena em tôdas as cadeiras da terceira série médica, fazendo parte de uma turma de sete colegas em que cinco foram simplificados e dois reprovados. (167) E, exatamente no prazo de um ano, Rita Lobato cursou e concluiu a 2.ª e 3.ª series, galgando a 4.ª (168) Não descança, ainda, dessa vez. E não descança porque ela, Rita Lobato, sabe, afinal, que não pode, que não deve, que não tem que

---

Livro respectivo de exames consta que a Sra. D. Rita Lobato Velho Lopes fez exame de Anatomia Descritiva (2.ª serie médica) em 7 de dezembro de 1885 e foi aprovada plenamente. E para constar se passou a presente. Secretaria da Faculdade de Medicina da Bahia em 31 de março de 1886. Pelo Secretario — *Dr. Thomaz d'Aquino Gaspar*". Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia. Segundo: um certificado de aprovação nos exames de Química Orgânica e Histologia já mencionado. Terceiro: um recibo de pagamento de inscrição de exames. "Faculdade de Medicina da Bahia. N. 41 — Ano de 1886 — Rs. 35$000. Recebi da Sra. D. Rita Lobato V. Lopes a quantia de 35$ de conformidade com o disposto nos Arts. 399 do Decreto 9311 de 25 de outubro de 1884 — Bahia, 31 de março de 1886. Pelo Secretario — *Dr. Gaspar*". (Arquivo da Fac. de Med. da Bahia).

(164) — Nomeamos Francisco Xavier de Matos, Francisco de Paula Porto Silva, Estevão de Oliveira Pinto, Alfredo de M. Marques de Sousa e Manoel Pedro Moreira de Oliveira.

(165) — Diplomou-se, entretanto, quatro anos depois de Rita Lobato, já em 1891, após defender a sua tése intitulada "Tétano Traumatico e sua Patogenia".

(166) — Filho de Manoel Estevam de Oliveira Pinto e Maria Alexandrina de Oliveira Pinto. Em 12 de julho de 1888 apresentou a sua tése "Herança Patológica" defendida nas semanas seguintes. Diplomou-se em fins de 1888, um ano depois de Rita.

(167) — "Faculdade de Medicina. Eis o resultado dos exames orais da 3.ª série médica feitos ontem: Rita Lobato Velho Lopes, plenamente em Fisiologia, Anatomia e Fisiologia Patológica e Patologia Geral: Francisco Xavier de Matos, Francisco de Paula Porto Silva, Estevam de Oliveira Pinto, Alfredo de M. Marques de Sousa e Manoel Pedro Morais de Oliveira, simplesmente em tôdas as materias. Foram dois reprovados" ("Diario do Bahia" — de 19 de maio de 1886).

(168) — A 18 de maio de 1885, Rita Lobato frequentou a primeira aula de segunda Serie Médica, iniciando assim o Curso. Precisamente um ano depois, a 18 de maio de 1886 prestava ela exame da ultima cadeira da 3.ª série, passando para a série imediata.

descançar. Ninguém mais do que ela própria sente, em tão aspera conjuntura, a necessidade premente de prosseguir, dia e noite, de prosseguir sem parar um instante, de prosseguir sempre no traçado da sua vontade, do seu desejo, do seu ideal. Urge chegar logo, o que significa chegar primeiro ao têrmo dessa corrida original e única na história da medicina brasileira.

Para adiante, pois, olhos fitos no almejado diploma, seu grande sonho, o pensamento convergido para o cubiçado titulo, seu supremo ideal. Deste geito, já a 10 de julho de 1885 Rita Lobato requer inscrição na matricula da quarta série médica, juntando, como de praxe, os documentos exigidos por lei. (169) E assim, a estudante gaucha vai assistir às novas aulas de Patologia Médica, (170) Patologia Cirurgica, (171) e Materia Médica e Terapêutica. (172) Deferida a pretensão põe-se de logo a frequentar assiduamente a quarta série médica, estudando tôdas as suas materias, com aquele seu conhecido entusiasmo. E, desta maneira, passados apenas três meses, requer a jovem gaucha exames das cadeiras da quarto série médica. Êsse documento (175) assinado a 14 de

---

(169) — Segundo o art. 376 dos Estatutos então em vigor, 1.º Certidão de aprovação nas materias da serie anterior; 2.º conhecimento de haver pago a taxa de 51$000.

(170) — Lecionada pelo Cons. Demétrio Ciríaco Tourinho, baiano, "pujante orador" nascido a 10 de março de 1826, diplomado em 1847 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Catedrático em 1871. Falecido a 15-8-1888.

(171) — Lecionada pelo Prof. Domingos Carlos da Silva, baiano, nascido a 4 de novembro de 1838, diplomado pela nossa Faculdade de Medicina em 1859. Falecido a 9 de novembro de 1906 contando 68 anos de idade.

(172) — Lecionada pelo Prof. José Eduardo Freire de Carvalho Filho que sucedera na cátedra ao Prof. Luis Alvares dos Santos, falecido a 20 de janeiro dé 1886. O aludido mestre nasceu nesta capital em 1852. Diplomou-se em 1876. Catedrático em 1886. Faleceu nesta capital aos 82 anos em 1938, depois de ocupar alguns cargos publicos de importância.

(175) — Existente no Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia e assim redigido:

"Ilmo. Exmo. Sr. Dr. Diretor da Faculdade de Medicana da Bahia.

"Rita Lobato Velho Lopes, achando-se habilitada a requerer exame da quarta série médica, roga a V. S. se digne mandar inscrevê-la na lista dos examinandos da referida série. Pelo que

E. R. M.

Bahia, 14 de outubro de 1886.

Rita Lobato Velho Lopes".

outubro de 1886, recebe, corridos dois dias, despacho favoravel, (176) sendo, pois, atendida a pretensão da requerente. Paga imediatamente a taxa de inscrição, (177) aguarda, agora, Rita Lobato a ocasião da prova, marcada aliás, para sete dias depois ou seja 23 de outubro do ano citado. (178) A estudante sulista redobra seus estudos, lê varios compêndios científicos, passa pontos organizados, pratica nos laboratórios, comparecendo no dia aprazado ao exame, cercada de colegas que desejam assistir à arguição da banca e à exposição clara da jovem examinanda.

Provas admiraveis!

As três notas plenas que Rita Lobato alcançou nos exames da quarta série médica (179) ensejaram felicitações expontâneas dos examinadores e aplausos sinceros dos colegas de curso.

Agora, porém, quintanista, a acadêmica gaucha, vai gozar as suas primeiras ferias nesta Cidade. E, durante cinco meses longos, passeia então por tôda parte, diverte-se, alegra-se, dança, sorri, chalrando nas festividades públicas e nas reuniões particulares.

Mas, aos 19 de março de 87, já recomeçado o curso, solicita "matricula especial na 5.ª série médica" sendo então inscrita sob n. 10 no livro de matricula respectivo". (180)

Novas disciplinas. Novas práticas. Novos livros. Novos estudos. Novas preocupações. Rita Lobato lê, desta vez, os

---

(176) — "Inscreva-se Bahia, 16 de outubro de 1886 — *Dr. Ramiro Afonso.*

(177) — Documento existente no Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia e assim redigido:

"Faculdade de Medicina da Bahia.

Numero — 283 — Ano de 1886 — Rs. 35$.

Recebi da Sra. D. Rita Lobato Velho Lopes a quantia de 35$ de conformidade com o disposto no art. 399 do Decreto 3911 de 25 de outubro de 1884.

Bahia, 14 de outubro de 1886.

Pelo Secretario — *Dr. Gaspar*".

(178) — "Devem hoje comparecer a exame os seguintes estudantes: 4.ª série médica — D. Rita Lobato Velho Lopes; 5.º série Epaminondas Pinto Rocha, etc. — "Diario da Bahia", 22-10-1886. Êste exame só foi realizado no dia imediato conforme esclarecerá a Nota seguinte.

(179) — "Ontem fez exames das materias da 4.ª série médica e foi plenamente aprovada D. Rita Lobato Velho Lopes — "Diario da Bahia", 24-10-1886". Vê-se que tais exames foram realizados a 23-10-86.

(180) — Juntou os documentos exigidos pelo Art. 376 dos Estatutos em vigor, já aludidos.

tratados de Obstetricia, (181) de Anatomia Cirurgica, de Medicina Operatória e Aparelhos (182) e de Farmacologia e Arte de Formular. (183) Mas o trânsito na quinta série médica é apenas de setenta dias de curso intensivo, porque, já a 27 de maio "achando-se habilitada" (184) Rita Lobato requer exames das cadeiras lecionadas, juntando, com sempre, os documentos necessários. (185) Êste requerimento baseado no

---

(181) — Cadeira lecionada em 87 pelo Cons. Adriano Alves de Lima Gordilho, Barão de Itapoã, baiano, nascido em 1830, catedrático em 1876, aposentado em 1890, falecido em 1892. "Emerito anatomista profunda contribuição legada à Medicina no setor especializado, sabia incutir nos discipulos fecunda dedicação aos estados".

(182) — Lecionada na ocasião pelo Cons. José Antonio de Freitas, um dos mais rigorosos mestres de seu tempo, nascido nesta Capital a 30 de março de 1825, diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1847, falecido a 25 de abril de 1894. "Cirurgião de valimento, aliava sutil inteligência à rara sensibilidade artística qualidades ornadas por amavel verve, na composição do perfil mui amavel". — (*Ivolino de Vasconcelos*).

(183) — Lecionada na época pelo Prof. Rozendo Aprigio Pereira Guimarães, outro lente rigoroso dêsse tempo, nascido em Maragogipe a 2 de janeiro de 1826, diplomado pela Faculdade da Bahia em 1849, catedrático de Farmacia em 1871, aposentado em 1889, falecido em 1907.

(184) — Êste documento existente no Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia, está assim redigido:

"Ilmo. Exmo. Sr. Conselheiro Dr. Diretor (Interino) da Faculdade de Medicina da Bahia.

Rita Lobato Velho Lopes, aluna inscrita sob n. 10, e mmatricula especial da 5.ª série médica, achando-se habilitada a requerer exame, como o prova com os documentos juntos, pede a V. Ex. se digne mandar inscrevê-la na lista dos examinandos da referida série. Pelo que

E. R. M.

Bahia, 27 de maio de 1887.

Rita Lobato Velho Lopes".

(185) — Três os documentos e um atestado assim redigido: "Atesto que a Sra. D. Rita Lobato Velho Lopes, aluna n. 10 da 5.ª série do Curso Médico fez neste Laboratorio sob minhas vistas e fiscalização as preparações de n. 10 ácido bórico e exalato de ferro e as julgo bôas e dignas de serem conservadas no Museu desta Faculdade — Laboratorio de Farmacia, em 23 de maio de 1887 — o Preparador — *Dr. Antonio Vitorio de Araujo Falcão*. Outro atestado identico: "Atesto que a Sra. D. Rita Lobato Velho Lopes aluna n. 10 inscrição da 5.ª série do Curso Médico fez neste Laboratorio sob minhas vistas e fiscalização a preparação de n. 220 e a julgo bôa e digna de ser conservada no Museu desta Faculdade. — Laboratorio de Anatomia Topográfica e Operações em 27-5-87. — O Preparador — *Dr. Clodoaldo*. Finalmente um recibo de taxa de inscrição assim redigido: "Faculdade de Medicina da Bahia — Numero 151, — Ano de 1887. Rs. 35$000. Recebi da Sra. Rita Lobato Velho Lopes a

art. 397 dos Estatutos em vigor (186) recebe despacho favoravel, (187) o que permite a Rita Lobato entrar logo em exame a 13 de junho imediato, (188) juntamente com outros colegas de série. (189)

Novos triunfos!

A jovem gaucha logra, plenamente, nos seguintes exames das cadeiras da 5.ª série médica: Obstetricia, com o Barão de Itapoã; Anatomia Cirurgica, com o Cons. Freitas e Farmacologia, com o Prof. Rozendo. (190)

Sexta série médica!

A estudante gaucha alcança, assim, o termo da sua carreira. Realizados os exames da quinta série médica, a 13 de junho de 87 a jovem gaucha aguarda, agora, apenas a oportu-

---

quantia de 35$000 de conformidade com o disposto no art. 399 do Decreto 9311 de 25-10-1884 — Bahia, 27-5-1887. Pelo Secretario — *Dr. Gaspar*". De fato o artigo aludido dizia o seguinte: "Por êste serviço" extraordinário cada um dos examinandos pagará por exame a propina de 30$000, que será dividida pelos lentes que tomaram parte no exame e a de 5$000 ao Secretario. (1)

(186) — "As pessoas que quizerem prestar exame das materias de uma ou mais séries fóra da época marcada no art. 390 e se acharem nas condições legais, farão para êsse fim um requerimento ao Diretor, juntando os necessários documentos".

(187) — "Inscreva-se. Bahia, 27 de maio de 1887 — *A. Cerqueira Pinto*".

(188) — "Faculdade de Medicina. Devem comparecer hoje a exames os seguintes senhores estudantes: 5.ª Série Médica: Antonio Augusto de Rezende, Francisco de Paula Gonçalves Moreira, Edmond Berchon des Essartz, D. Rita Lobato Velho Lopes, Antonio Cândido Leão, Artur Veloso da Silva e Rodolfo Cecilio de Assis Coimbra". ("Diario da Bahia", 3-6-1887). Êstes exames só se realizaram a 13 de junho conforme esclarecem as notas 189 e 193.

(189) — Edmond B. des Essartz, gaucho; tése: Considerações Cirurgicas sôbre a Ablação Completa do Utero; Antonio Cândido Leão, baiano, tese: "Valor Médico Legal de Intervalo Lucido", 1887, e Rodolfo Cecilio de Abreu Coimbra, Mineiro; tése: "Aortite", 1887, eram os colegas mais íntimos de Rita dessa série.

(190) — "Faculdade de Medicina da Bahia — Exames — Ontem fizeram exames e foram aprovados — 5.ª Série Médica. Oral — D. Rita Lobato Velho Lopes, Rodolfo Gonçalves Moreira, Edmond Berchon des Essartz e Antonio Augusto Rezende, plenamente nas três materias; Artur Veloso da Silva simplesmente em obstetricia, somente" ("Diario da Bahia", 14-6-1887). Marcado o exame como se verá pela noticia contida à nota 188, a verdade é que o mesmo só veio a se realizar a 13 de junho, segundo se deduz da noticia contida na presente nota. A não ser que a prova escrita fôsse realizada a 1.º de junho e a oral a 13 do mês citado o que não é muito provavel.

nidade para requerer matrícula na série imediata, baseada nos arts. 362 e 371 dos Estatutos em vigor. (191)

Desta sorte, a 8 de agosto de 1887, requer inscrição na sexta série (192) juntando mais uma vez os documentos exigidos. (193) No mesmo dia é lançado na sua petição o seguinte despacho: "Inscreva-se de conformidade com o art. 362, dos Estatutos (194) — Bahia, 8 de agosto de 1887. (195)

Matriculada, finalmente, na sexta série médica, Rita Lobato possue, agora, três meses apenas para estudar e fazer exames das respectivas cadeiras, enquanto lê e escreve a sua tése de doutoramento.

Trabalho muito para tempo minguadíssimo.

---

(191) — Reza o Art. 362 — "Igual direito terá o estudante não matriculado que em qualquer tempo quizer fazer preparações nos laboratorios da Faculdade, contanto que pague previamente uma taxa igual à primeira prestação da matricula, a qual lhe será levada em conta quando tiver de fazer o respectivo exame. Aquele que o deixar de fazer no fim do ano lectivo, perderá a referido prestação". Por sua vez o Art. 371 esclarece: "Podem, porém, as Congregações da Faculdade em qualquer tempo admitir à matricula os alunos que por motivos de justo impedimento não se tiveram matriculados nos prazos marcados no artigo antecedente, contanto que em qualquer aula da respectiva série não tenha havido 40 lições".

(192) — Êste documento existente no Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia está assim redigido:

"Exmo. Sr. Conselheiro Dr. Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia.

Rita Lobato Velho Lopes, aluna da 6.ª série médica, querendo frequentar os laboratorios vem com os documentos juntos pedir a V. Ex. se digne mandar inscrevê-la na referida série. Pelo que

E. R. M.

Bahia, 8 de agosto de 1887.

Rita Lobato Velho Lopes".

(193) — Um deles o seguinte certificado de exames existente no Arq. da Fac. de Medicina da Bahia: "Faculdade de Medicina da Bahia — Certifico que à fl. 188 do livro respectivo dos exames consta que a Sra. D. Rita Lobato Velho Lopes fez exames das materias da 5.ª série médica em 13 de junho de 1887 e foi aprovada plenamente. E, para constar, se passou a presente. Secretaria da Faculdade de Medicina da Bahia, em 8 de agosto de 1887.

Pelo Secretario — *Dr. Tomaz d'Aquino Gaspar*".

(194) — Referido em a Nota 191. Parece-nos que permitindo a frequência no Laboratorio o Diretor consentiu a matricula na série requerida.

(195) — Êste despacho foi cumprido, aliás, sem que apresentasse a assinatura do Diretor da Faculdade de Medicina, que não existe no aludido documento, talvez por esquecimento.

Na sexta série, além das cadeiras de Clínicas (196) a moça sulista tem ainda que estudar duas outras disciplinas importantes, Higiene e História de Medicina e Medicina Legal e Toxicológica, ensinadas, respectivamente, na ocasião, pelos Profs. Manoel Joaquim Saraiva (197) e Vergilio Climaco Damasio. (198)

Tendo, porém realizado, um verdadeiro "tour de force", já em outubro imediato, a estudante sulista está pronta para entrar em exames, depois de haver entregue à Secretaria, a sua tése de doutoramento. (199) A 20 de outubro de 87 (200) é chamada para prova escrita de História da Medicina e Medicina Legal. (201) No dia seguinte presta a oral, sendo

---

(196) — São as seguintes as cadeiras de Clínica existentes em 1887 com a Reforma Vicente de Saboia — Decreto 9311, de 25 de outubro de 1884.

1.ª Clínica Médica de Adultos;
2.ª Clínica Cirurgica de Adultos;
3.ª Clínica Obstetrica e Ginecologica;
4.ª Clínica Médica e Cirurgica das Creanças;
5.ª Clínica Oftalmologica;
6.ª Clínica das Molestias Cutâneas e Sifiliticas;
7.ª Clínica Psiquiatrica.

A primeira possuia duas cadeiras — a 1.ª lecionada na ocasião pelo Prof. Ramiro Afonso Monteiro; a 2.ª lecionada pelo Prof. José Luis de Almeida Couto. Esta 2.ª também estava desdobrada em duas cadeiras: a 1.ª lecionada pelo Prof. José Paraizo de Moreira e a 2.ª pelo Prof. Manoel Vitorino Pereira. Ensinavam, sucessivamente, a 3.ª, o Prof. Climerio Cardoso de Oliveira; a 4.ª o Prof. Frederico da Costa Rebela; a 5.ª o Prof. Francisco dos Santos Pereira; a 6.ª o Prof. Alexandre Evangelista de Castro Cerqueira e finalmente a 7.ª o Prof. Augusto Freire Maia Bittencourt.

(197) — Nascido a 4 de novembro de 1840, diplomado em 1864 pela Faculdade de Medicina da Bahia, catedrático em 1883, falecido em 1899.

(198) — Nascido em 1838 — Falecido em 1913 — Grande republicano. "Artífice de obra exemplar, nos domínios da Medicina Legal a que atribuira situação de real prestigio" — (*Ivolino de Vasconcelos*).

(199) — Entregue à Secretaria da Faculdade de Medicina a 30 de setembro de 1887.

(200) — "Devem comparecer hoje na Faculdade de Medicina a fim de fazerem exames da 6.ª série médica os seguintes estudantes: D. Rita Lobato Velho Lopes, Rodolfo Cecilio de Assis Coimbra e Ulises Gabriel da Costa Vasconcelos — ("Diario da Bahia" de 20-10-87).

(201) — O Decreto 4675 de 14 de janeiro de 1871 confirmado pelos Decretos 4806 de 22 de outubro de 1871 e 9311 de 25 de outubro de 1884 estabeleceu três especies de provas: escrita, prática e oral. A primeira com o prazo de uma hora, a segunda não podendo exceder de quatro horas e a terceira não podendo passar de 15 minutos.

aprovada plenamente. (202) Faltam, pois, as provas de Clínicas médica e cirurgica, marcadas, aliás, para segunda-feira, 24 de outubro. (203)

Prestados, afinal, no dia sinalado, êstes dois últimos exames do curso, confirma Rita Lobato a nota plena tirada em todo o seu currículo acadêmico. (204) E com essas últimas aprovações encerra um dos mais brilhantes e sobretudo dos mais rápidos (205) cursos já realizados na Faculdade de Medicina da Bahia. Agora, porém, apesar de concluida a última série médica, uma grande preocupação inquieta o seu espírito; a tése, seguida, naturalmente, de suas contingências, a defeza, a nota, a banca examinadora, o meio acadêmico

---

(202) — "Fizeram exame oral da 6.ª série médica, ontem, e foram aprovados D. Rita Lobato Velho Lopes e Rodolfo Cecilio de Assis Coimbra plenamente; Ulisses Gabriel de Castro Vasconcelos, simplesmente — ("Jornal de Noticias" de 22 de outubro de 1887).

(203) — "Faculdade de Medicina — Hoje devem comparecer a fim de fazerem exames de Clínica Médica e Cirurgica D. Rita Lobato Velho Lopes, Rodolfo Cecilio de Assis Coimbra e Ulisses Gabriel de Castro Vasconcelos" ("Diario da Bahia" — de 24 de outubro de 1877).

(204) — "Ontem fizeram exame oral de Clínica Médica e Cirurgica e foram aprovados plenamente D. Rita Lobato Velho Lopes, Rodolfo Cecilio de Assis Coimbra e Ulisses Gabriel de Castro Vasconcelos — ("Diario da Bahia", 25-10-1887).

(205) — O curso realizado em nossa Faculdade de Medicina pela jovem gaucha se não foi o mais distinto, foi, pelo menos, o mais rápido.

Não foi, é verdade, o mais distinto, pela exiguidade de tempo em que concluia as séries galgadas, mas foi, por isso mesmo, o mais rápido possivel registado em nosso meio. Senão vejamos.

A primeira série médica no Rio de Janeiro foi concluida em 261 dias, de 31 de março até 7 de dezembro de 1884; a segunda série, já aqui em nossa Faculdade, em 202 dias, de 18 de maio a 7 de julho de 1886; a terceira série em 64 dias de 14 de março a 18 de maio de 1886; a quarta série em 105 dias, de 10 de julho a 23 de outubro de 1886; a quinta série em 86 dias, de 19 de março a 13 de junho de 1887; finalmente a sexta série em 77 dias, de 8 de agosto a 24 de outubro de 1887. Temos assim o curso médico realizado em 795 dias, ou por outras palavras, em dois anos, dois meses e cinco dias. Se juntarmos, porém, a defesa da tese e a cerimônia de doutoramento, teremos 842 dias ou doutra maneira dois anos, três meses e 22 dias.

VI

VELLE EST POSSE

(Querer é poder)

VI

VELLE EST POSSE

(Querer é poder)

"Formei-me com solenidade com tôda a turma no Salão Nobre onde fiz o juramento já no edifício novo".

RITA LOBATO

Alcançada a sexta série, quando o ano letivo começava já a declinar para o seu termo, o primeiro grande cuidado de Rita Lobato foi a escolha do assunto da tése, (206) seu estudo, sua compreensão, sua concretização. E, uma vez acertado o

---

(206) O art. 453 dos Estatutos então vigentes esclarecia o seguinte: "as téses versarão sôbre doutrinas importantes das ciências professadas na Faculdade e sôbre pontos dentre os aprovados com antecedência pela Congregação". E o art. seguinte concluia "apresentará o doutorando uma dissertação sôbre cada cadeira do curso e seis aforismos médicos". O primeiro aluno a defender tése em nossa Faculdade de Medicina, tendo sido o primeiro Doutor em Medicina da Bahia, foi Manoel Ezequiel de Almeida Galeão, arguido a 19 de novembro de 1836, no seu trabalho — "Asfixia por Submersão ou Afogamento", sendo aprovado unanimemente "com nove AA e quatro LL". Aliás o primeiro concurso da nossa Faculdade de Medicina foi realizado a 19 de março de 1831 vencendo-o o Dr. Policarpo Cabral. Nesse tempo a prova escrita durava 8 horas e a prova oral 45 minutos.

têma dêsse trabalho científico, (207) "Paralelo Entre os Métodos Preconizados nas Operações Cesarianas" (208) atira-se a jovem sulista às leituras redobradas, consultando tratados, estudando teorias, anotando pesquizas, concatenando idéias, assinalando têmas, tudo fazendo e tudo vencendo dentro naquela sua reconhecida atividade pessoal.

Semanas inteiras de árduos trabalhos! Noites longas de preocupações!

A tése deveria concluir-se antes de outubro, praso máximo concedido pela Secretaria a fim de remete-la, ainda em tempo, à Comissão Revisora.

Concluiu-se. Sim, concluiu-se, mercê de um verdadeiro milagre da operosidade de Rita Lobato que, assim, entregava o seu trabalho, a 30 de setembro de 1887 (209) ao Sub-Secretario Tomaz d'Aquino Gaspar, que o encaminhou, de pronto, aos seus devidos fins. (210) Agora, aguardar a consequência, isto é, a Comissão Arguidôra, o dia da prova, a defesa da tése a assistência, a nota, e o triunfo. A 17 de novembro a Secretaria da Faculdade publica os nomes da Comissão que irá

---

(207) — Foi a primeira tése defendida por u'a mulher numa Faculdade Médica brasileira para receber o título de Doutora em Medicina. Essa tése, que a autora tachou simplesmente de "nosso modesto trabalho" foi confeccionada na Imprensa Popular situada nesta Cidade defronte do Coberto Grande, 48. Trata-se de uma trabalho de 84 páginas, bôa feição, dividido em vários capítulos. A autora não esqueceu tambem, de elogiar a parte gráfica, o que fez em sua tése com estas palavras: "A Imprensa Popular" — Louvor".

(208) — A primeira tése de doutoramento escrita por ú'a mulher no Brasil. No seu trabalho Rita Lobato estudou, de preferência, as operações conhecidas em sua época, no campo ginecologico. Estudou, então, a operação de Eduardo Porro ou da amputação utero-ovarica, praticada em Pavia primeira vez, aos 20 de maio de 1876. Aludiu, também, ao antigo método de Levret, aplicado vezes várias pelo cientista Roussel. Referiu, ainda, a outros métodos preconizados no caso, sobretudo o de Lauvergat, o de Stein e o de Delenoye. Comentou, finalmente, a mais recente operação, a de Saenger Leopold, posterior mesmo à operação de Eduardo Porro, com onze anos já de prática.

(209) — Rita Lobato teve a concessão de um mês para entrega do seu trabalho, pois o art. 455 dos Estatutos em vigor estabelecia que "as téses devem ser apresentadas em manuscrito até o fim do mês de agosto".

(210) — No mesmo dia 30 de setembro em que foi recebida, foi a tese remetida pelo Sub-Secretario Tomaz d'Aquino Gaspar à Comissão Revisora constituida dos Drs. Augusto Maia, Fortunato da Silva Junior e Anisio Circundes de Carvalho, que, a 11 de outubro seguinte declarava "estar a tése de acôrdo com os Estatutos". Corrido três dias o trabalho recebeu, o "Imprima-se", assinado pelo Diretor Dr. Afonso Ramiro Monteiro.

julgar o trabalho da jovem doutora: (211) Cons. José A. Paraizo de Moura, Presidente; (212) Professores Lima Gordilho, Barão de Itapoã; Climerio Cardoso de Oliveira, Antonio Pacífico Pereira e José Pedro de Sousa Braga, examinadores.

A defesa de tése é logo marcada para 24 do mês aludido (213) numa das salas de aula da Faculdade de Medicina. (214) Sabedora dos poucos dias que lhe separavam da grande prova, Rita Lobato redobra, ao máximo, os seus esforços, lendo muito, consultando muito, memoriando muito. Na quarta-feira, 23, véspera da arguição, ela não sái de casa, repassando todos os elementos de defesa, dados científicos variegados, teorias classicas, opiniões decisivas etc. Aguardava, e não se iludia, uma argumentação severa da banca arguidora, constituida afinal de contas por um Pacífico Pereira, um Climerio de Oliveira, e sobretudo um Souza Braga, que lecionava qualquer cadeira, e "que difundira em nosso meio entre outras, as idéias de Vernenil e Bilbrothe, e finalmente um Barão de Itapoã" um Paraizo de Moura. Conhecendo a fôrça, o valor, a tradição e o renome dos seus escolhidos arguidores, Rita Lobato tomou as suas precauções, estudando com afinco, até altas madrugadas, tudo que se relacionasse com o assunto do seu trabalho. Foi nessa ocasião, horas antes de ir para a Faculdade, que ela recebeu do Prof. Souza Braga certa revista norte-americana com um artigo extenso sôbre a materia versada em sua tése. Leu-o, sofregamente, vezes repetidas, acabando, assim, por decora-lo do princípio ao fim.

Afinal, 24 de novembro de 1887.

---

(211) — "Defeza de tése — Estão assim organizadas as Comissões para arguição de téses: D. Rita Lobato Velho, Conselheiro Barão de Itapoã, Conselheiro Moura, Drs. Climerio, Pacífico e Braga — "Diario da Bahia", (18-11-87).

(212) — Catedrático da Primeira Cadeira de Clínica Cirurgica. Nascido em 1821, diplomado em 1844, catedrático em 1871, falecido em 1898. Foi o substituto do Prof. Antonio José Alves, pai de Castro Alves.

(213) —— "Defezas de téses — Defenderão téses hoje os seguintes doutorandos: Adolfo Pereira Barbosa, Coriolano Barreto de Burgos, Manoel Crisostomo de Almeida, Luis Serra de Morais Rego, Areolino Antonio de Abreu, Hernani da Silva Pereira, Claudio Serra de Morais Rego, D. Rita Lobato Velho Lopes e Flavio de Souza Mendes — ("Diario da Bahia", 24 de novembro de 1887").

(214) — "O dia para a defeza da tése será marcado seugndo a ordem da apresentação destas depois de impressas, e, em igualdade de circunstancias, segundo a ordem dos reqerimentos" — Art. 467, dos Estatutos em vigor. Por sua vez o art. 468 completava: "O Secretario publicará por editais o dia da sustentação das téses de cada doutorando e enviará a cada um dos lentes um exemplar das mesmas téses, com antecedencia de oito dias pelo menos".

Quinta-feira!

Pelas 9 horas da manhã já Rita Lobato chegava à Faculdade, acompanhada pelo velho pai, pelos três irmãos e por alguns colegas e conterrâneos.

Expectativa!

A um canto do corredor, junto à sala da prova, estão reunidos os oito doutorandos, chamados, nessa mesma ocasião, para defesa de suas téses: Adolfo Barbosa, (215) Coriolano Burgos (216) Manoel de Almeida (217) Luis César Morais Rego, (218) Orlando Moreira Rego (219) Areolino Abreu (220) Hernani Pereira (221) e Flavio Mendes. (222) Mas sòmente uma pessoa prende, nesse momento, tôdas as atenções: Rita Lobato. Prende, aliás, não pela sua condição de única jovem da série, graciosa, simpatica, amavel, e sim pela fama de que vem precedida, mercê da sua cultura, da sua inteligência, do seu espírito, da sua operosidade.

Aberta a sala as 10 ½ em ponto, Rita Lobato busca o seu lugar no primeiro banco, aguardando a chamada. Seleta assistência comprime-se, agora, atraz, ávida de acompanhar, atenta e emudecida, ao derradeiro ato do seu curso famoso. Chegam logo os professores que se acomodam à mesa de arguição, enquanto o Conselheiro Paraizo de Moura pronuncia, pausadamente, o nome da estudante gaucha, convidando-a, com leve àcêno, a vir iniciar a sua defesa de tése.

Ansiedade!

Rita Lobato, encaminha-se, agora, o porte esbelto, o rosto sereno, a fronte erguida, à mesa próxima, saudando, amavel e sorridente à ilustre Comissão Examinadora.

Senta-se.

---

(215) — Baiano. Filho de D. Maria Amelia da Conceição — Tése: "Lesões de Diversas Regiões".

(216) — Baiano. Filho do Capitão Ezequiel Burgos — Tese: "Lesões das Diversas Regiões".

(217) — Pernambucano. Filho do Cons. Hermenegildo A. Barbosa de Almeida — Tése: "Oleo de Figado de Bacalhau".

(218) — Maranhense. Filho de João Juliano de Morais Rego — Tése: "Jaborandi".

(219) — Maranhense. Irmão do presidente — Tése: "Hidroterapia".

(220) — Piauiense. Filho de Manoel Joaquim de Abreu — Tése: "Glicosuria".

(221) — Carioca. Filho de Antonio Marques Pereira — Tése: "Alimentação no Brasil".

(222) — Piauiense. Filho do Dezembargador Antonio de Souza Mendes — Tése: "Morféa".

O Presidente Paraizo de Moura designa de pronto, o Prof. Climerio de Oliveira, para iniciar a arguição. (223) E, virando sôbre a mesa a ampulheta de vidro, começa a marcar o tempo.

Sensação!

Durante 20 minutos longos, (224) aproveitados até desaparecer o último grão de areia dourada, Climerio de Oliveira, Professor de Clínica Obstetricia e Ginecológica aprecia vários aspectos do trabalho apresentado, louvando aqui, divergindo ali, discutindo acolá.

Concluida esta arguição, usa em seguida da palavra o Prof. Pacífico Pereira, enchendo, de sua vez, com raro brilhantismo, o tempo regulamentar. Sucede-lhe o Prof. Souza Braga, outra análise profunda, erudita, magistral, "análise de quem se esmerava no estar sempre em dia com as últimas aquisições científicas". Argúe, depois, com elegância e cavalheirismo o Prof. Lima Gordilho, Barão de Itapoã, famoso obstetra da época, fidalgo daquela Congregação. (225) Finalmente, o instante do Presidente, sisudo e cordo nos seus 65 anos bem vividos, dar a sua opinião sôbre o trabalho examinado. Fá-lo, ponderadamente, emitindo conceitos experientes, julgamentos elevados, opiniões coerentes, agradando a todos.

E agora, a defesa.

Durante os minutos da orientada arguição Rita Lobato não parou um instante, a cabeça baixa, de rascunhar as suas notas, enquanto escutava as observações da Comissão. E sinalou, de tal geito, as incidências da argumentação adversa, que ao iniciar a sua defesa foi logo refutando, com segurança, os pontos altos da acusação, demonstrando ainda uma fartura

---

(223) — "A arguição começará pelo lente mais moderno da Comissão, terminando pelo mais antigo, que será o Presidente" — Art. 465, dos Estatutos em vigor.

(224) — "O tempo concedido a cada examinando não excederá de 20' regulado pela ampulheta" — Art. 466 dos Estatutos em vigor.

(225) — O único nobre, até hoje, da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, porque José Correia Picanço, Primeiro Barão de Goiana, nomeou apenas os primeiros professores da antiga Escola de Cirurgia da Bahia, sendo, entretanto, preterido na sua nomeação de Diretor do Colegio Médico-Cirurgico.

(226) — Concluida a arguição, julgado o trabalho, conheceram, todos, a nota distinta, conferida pela Comissão. Os examinadores felicitaram, primeiro Rita Lobato, e um deles, Souza Braga, diz-lhe admirado ao abraçá-la: "Então Iaiá você já sabia tudo e não me disse" ao que, pressurosa, responde a jovem gaucha. "Não sabia nada. Decorei apenas o artigo extenso que o Sr. me emprestou".

de conhecimentos científicos digna de nota. E, assim, a proporção que se aprofundava na defesa do seu trabalho ia entusiasmando a assistência e agradando aos velhos professores, surprezos, alguns deles, com a revelação de teorias e de conceitos científicos recentíssimos. Rita Lobato confirmava, apenas, perante mestres e colegas, a fama da sua cultura, da sua inteligência, da sua vivacidade. Justificava, finalmente, o título de aluna culta da Faculdade de Medicina da Bahia. De fato, a constância das suas emitidas opiniões, o demonstrado conhecimento do que se escreveu nos últimos anos sôbre o assunto do seu trabalho, a segurança das suas convicções, a clareza dos seus argumentos, a lógica das suas deduções, a precisão das suas respostas, a habilidade das suas controversias, a firmeza dos seus conceitos, a honestidade das suas citações, o valor mesmo do seu trabalho, impressionaram, em tal modo, a Comissão arguidora que esta, agradada e justiceira, galardeou a tése magnifica com aplaudida distinção. (227)

Triunfo!

Nessa tarde, plena de jubilos sãos, ao voltar, prazeirosa, ao sobrado do Sodré, Rita Lobato é saudada e abraçada por todos os seus, com muita ridência no coração e muita efusão nalma.

Beijam-lhe, de joelhos, as mãos alvas, os escravos Clarinda, Maria e José, radiantes os três com a vitoria de "Sinhá Moça". Abraçam-na, envaidecidos, os irmãos Francisco, Matias e Antonio. E os colgeas gauchos, Berchon, Bruno, Rivadavia, Alipio e o mineiro Olinto (228) palram, sorridentosos, a grande vitoria, cobrindo a jovem companheira de estudos de rasgados elogios. Ao beijar, porém, nesse momento a fronte alva da filha extremecida. Francisco Lopes não póde conter

---

(227) — A nota distinta conferida à tése de Rita Lobato confirma, apenas, a promessa dos seus professores, fixada nestas palavras, quando ela tirava plenamente durante o curso: "Não se importe Iaiá porque a sua distinção estamos reservando para a tése". O "Diario da Bahia de 25-11-1887 publicou a respeito o seguinte: "Ontem defenderam tése e foram aprovados com distinção D. Rita Lobato Velho Lopes, Adolfo Ferreira Barbosa, Coriolano Barreto Burgos, Flavio Mendes, Luis Souza de Moreira Rego e Manoel Antonio de Almeida".

(228) — Trata-se já do Dr. Olinto Máximo de Magalhães, mineiro, apaixonado de Rita Lobato, que não deve ser confundido com o Dr. Olinto de Oliveira, gaucho, que se formou no Rio em 1886 e que se tornou o mestre da Pediatria riograndense. A própria Rita Lobato incorreu neste engano ao elucidar o assunto sessenta anos depois. O Dr. Olimpio de Magalhães foi ministro das Relações Exteriores no Governo Campos Sales.

as lágrimas de compunção que lhe saltam, incontidas, dos olhos claros.

Assim, todos.

Um pesar íntimo ensombreia, aos quandos, êsses corações tomados de ridências. U'a magoa profunda, rolava naquele ar festivo do velho casarão do Sodré.

E' que faltava alguém nesse lar. Faltava alguem para compartir das suas alegrias, dos seus entusiasmos, da sua festa. Faltava Rita Carolina, a espôsa virtuosa, a mãe extremecida, o anjo tutelar da família, roubada, de chôfre, de seu aconchego pelo Destino implacavel.

Passam-se minutos.

Reunidos, agora, pai e filhos, à sala de visita, miram em silêncio o retrato da morta inesquecida, suspenso à parede, tufado de violetas. E lágrimas expressivas descem, lentamente, pelos rostos comovidos daquele grupo silencioso, numa sentida homenagem de afeto e de saudade.

Ao jantar íntimo, momentos depois, disfarçado o pungimento, palram todos, alegrosos satisfeitos, comunicativos. Francisco Lopes sorri à cabeceira da mesa extensa, orientando, vez por outra o preto Crispim na partição, pelos convivas, dos pratos opiparos, preparados pela Clarinda. Os filhos Francsico, Matias e Antonio, todos três acadêmicos, relembram, momento a momento, episódios da defesa de tése de Rita: recordam assim, a solenidade de Paraizo de Moura, o espírito de Souza Braga, o ardor de Climerio de Oliveira, a nota unânime da Comissão, as respostas incisivas da irmã doutoranda, enfim, a impressão magnifica deixada na assistência. Finalmente os colegas gauchos Alipio, Bruno, Berchon, Rivadavia, e o mineiro Olinto, recem-diplomado, (229) juntam novas apreciações pessoais, saudando todos, de pé, taças em punho, à jovem gaucha, que lhes responde, compassiva, com um brejeiro sorriso de agradecimento.

Dez de dezembro de 1887! (230)

Sábado!

Colação de Grau dos Doutorandos da Faculdade de Medicina da Bahia. As 8 ½ da manhã começam a chegar ao Ter-

---

(229) — Olinto Máximo de Magalhães que, meses antes a 8 de agosto de 1887, apresentara tése sôbre Febre Amarela, e, defendendo-a no mês citado, recebera o seu diploma no dia 3 de setembro de 1887.

(230) — "Terá lugar hoje na Faculdade de Medicina o ato de colação de grau aos alunos que terminaram os cursos de medicina e farmacia" — ("Diario da Bahia" de 10 de dezembro de 1887).

reiro de Jesus (231) as primeiras carruagens, puxadas por donosas alimárias, conduzindo autoridades, professores, diplomandos, famílias. Saltam todos à porta da velha escola, dirigindo-se, a passos comedidos, à antiga Capela do Hospital de Caridade (232) sob cujos altares seculares, "obra de admiravel de talha, tôda dourada, como paineis de subido valor artísticos" será cantada, minutos depois, a missa solene de formatura. (233)

Nove horas da manhã!

Repleta a antiga capela jesuitica de autoridades, professores, doutorandos, acompanhados de suas famílias, começa a solenidade religiosa, entre incensos olorosos, palavras rituais e preces contritas da seleta assistência, comprimida em sua nave.

Finda essa cerimonia religiosa (233) dirigem-se todos ao

---

(231) — Hoje Praça Quinze de Novembro.

(232) — A seu respeito escreveu Braz do Amaral depois de providencial inspecção feita pouco antes de ser destruida por um incêndio: "Capela particular dos jesuitas, parece que foi construida com o colegio, de 1551 em diante. Internamente é uma joia arquitetônica e está encravada nas construções da Faculdade. O této é uma beleza: grandes quadrados pintados de cores finas em que predominam o castanho. O preto sôbre um fundo branco dá-lhe muita riqueza e valor. No fundo está o altar, altar-mór não sei se deva chamar porque é o único da capela, constituido por duas fileiras de colunas lisas, cobertas de arabescos com relêvo altos, dourados, cujos pedestais tem de largura 7 decimetro e de largura 8. Imagens principais; a da Virgem Santíssima e a de S. Inacio de Loiola". Essa Capela desapareceu, como dissemos com o incendio da Faculdade de Medicina, verificado entre 9 e 9 horas e meia de 2 de março de 1905.

(233) — Sabe-se que durante séculos os cenobios foram a um só tempo casas de Deus e templos de Ciência. Na Idade-Media o título de Doutor em Medicina era concedido, sob grande solenidade, nas igrejas ao som dos sinos e em presença de todo o Corpo Docente da Faculdade.

salão nobre (234) da Faculdade, (235) já atapetado, ensanefado, orlado de flores para o grande ato.

No saguão, à medida que vão surgindo as autoridades, a Banda do 16º Batalhão de Infantaria ataca um ligeiro dobrado.

Finalmente, às 10 e ½ horas já todo Salão Nobre está repleto de autoridades, acomodadas em seus designados lugares, famílias dos doutorandos, convidados e curiosos. Os jovens esculapios, reunidos à sala junta (236) aguardam, agora, o momento da sua entrada no Salão Nobre, acompanhando os professores.

Ansiedade!

---

(234) — O Salão Nobre, parte das grandes remodelações sofridas pela Faculdade da Bahia, já estava pronto. Tanto que Rita Lobato esclareceu: "Formei-me com solenidade com tôda a turma no Salão Nobre, onde fiz o juramento, já no Edifício Novo" (Carta de 1-7-48). "Êstes melhoramentos do corpo do edificio, primitivamente ocupado pela Faculdade, escreveu Anselmo da Fonseca, só ficaram de todo concluidos em 1889. E nesse mencionado corpo do edifício ficaram alojados, no pavimento superior, o Salão Nobre e a Secretaria. Aliás as primeiras formaturas do primitivo Colegio Médico-Cirurgico foram realizadas no Palacio do Governo, em presença do respectivo Governador da Província. E a primeira delas, no referido lugar, realizou-se a 11 de janeiro de 1820, em presença do Sr. Conde de Palma, Governador da Província, quando os 4 seguintes alunos receberam o grau de Cirurgião-Aprovado: Francisco de Almada, Fortunato Drumond, Antonio Pires e Francisco Gesteira.

(235) — Nessa ocasião chamava-se Faculdade de Medicina, por fôrça do Decreto de 28-4-1854. Antes, a partir de 3-10-1832 — "Escola de Medicina", nome que substituiu o de "Colegio Médico Cirurgico", que se regia, ainda, pelos Estatutos da Universidade de Coimbra. Finalmente o nome primitivo, que regulou até 29 de dezembro de 1815, foi o de "Escola de Cirurgia". Eram de 4 anos o curso da Escola de Cirurgia. Em 1815 passou a 5, e em 1854 a 6. Das 3 cadeiras iniciais que constituiram o Curso da primitiva Escola de Cirurgia em 1808, passou-se a 5, em 1815; a 14, em 1882; a 18, em 1854; a 26, em 1884 e a 30, em 1950. Finalmente os lentes que nada percebiam de 1808 a 1815 passaram, sucessivamente, a perceber 50$, em 1815; 100$, em 1832; 166$, em 1838; 266$, em 1854; 300$, em 1879; 400$, em 1884; 500$, em 1891; 800$ em 1906; finalmente 8:400$ em nossos dias.

(236) — "Cada candidato deve ter as suas vestes doutorais e ao chegar à porta principal do edifício da Faculdade será recebido pelo porteiro e pelos bedeis e contínuos que o acompanharão até a sala onde deverá esperar com os outros doutorandos pela hora marcada para colação de grau". (Art. 477 dos Estatutos em vigor).

Corridos alguns instantes, Lentes e Doutorandos entram, incorporados (237) na "Sala do Grau" (238) sob palmas entusiásticas da numerosa assistência. E, enquanto os primeiros, metidos em vestes talares, (239) ostentando "insignias doutorais" (240) buscam, solenósos, as suas cadeiras de altas espaldas, os seguintes, trajados de béca escura, assentam-se, emocionados, às primeiras filas de cadeiras, frente às Autoridades e à Congregação. (240)

---

(237) — "À hora designada dirigir-se-ão para aquela Sala o Diretor e todos os Lentes, precedidos do porteiro, bedeis e continuos, do Secretario e mais empregados da Faculdade. Os doutorandos os receberão à porta e incorporados seguirão para a Sala de Grau" (Art. 478 dos Estatutos em vigor).

(238) — Ou Sala de Formatura, Sala de Graduação, Salão Nobre.

(239) — O Decreto 2579, de 21-10-1860 estabeleceu o vestuario dos lentes, diretores, substitutos, opositores e secretarios nos atos solenes das Faculdades.

(240) — Esclarecia o Art. 58 do Decreto 9361, de 25 de outubro de 1884, o seguinte: "Os lentes usarão suas insignias doutorais... na colação de Grau de Doutor". Tais insignias, sabemos todos, era e são ainda hoje constituidas de uma vara onde se enroscam duas serpentes", por certo duas "daquelas serpentes sagradas cuidadosamente alimentadas nos templos de Esculapio". Os médicos antigos seguravam essa insignia e mais a espatula para emplastro e o recipiente de medicamentos. Aliás, tempo houve, escreve P. Diepgen, na sua Historia da Medicina, "em que o urinol chegou a figurar temporariamente como emblema do exercício médico". Temporariamente...

(240) — Em número de 60 assim descriminados: Adolfo Barbosa, Coriolano Burgos, Manoel Crisostomo de Almeida, Luis Serra de Moreira Rego, Areolino de Abreu, Hernani Pereira, Claudio S. Morais Rego, D. Rita Lobato Velho Lopes, Flavio Mendes, Tiberio Burlamaqui, Aurelio Rodrigues Viana, Joaquim M. Jones, Alfredo N. M. de Souza, Leandro M, de Mota, Servilio Mario da Silva, Fernando A. Gaspar, Fabriciano Machado, Antonio de Oliveira, Genuino Francisco Coelho, Miguel Cursino Vila Nova, João Pedro Muniz Fiusa, João de Aguiar Silva, Martins, Henrique A. Pereira, Francisco de Lima Moura, José Fernnades de Carvalho, Raimundo Barreto Durão, Luis Miguel Belfort Quadros, Manoel Lopes Veloso, Epaminondas Paulo da Rocha, Carlos Alberto Amado, Antonio Cândido Leão, Antonio E. Bacelar, Alfredo Coriolano Marques, Joaquim A. Sepulveda, Francisco de Sales Camargo, Eduardo Lins Ferreira de Araujo, Francisco Luis Viana, Alberto Campos Velho Cardoso, João Leite de Oliva Junior, Francisco José Cardoso, Antonio Augusto de Rezende, Frutuoso de Souza Quintanilha, Rodolfo Coelho de Assis Coimbra, Alvares de Freitas e Oliveira, Vergilio de Melo Rezende, José de Assis Souza, Augusto da Cunha, Benjamin F. da Fonseca, Ulisses G. de C. Vasconcelos, José M. de C. Rodrigues, Manoel G. Loureiro, Antonio Narciso dos Santos, Pedro Aureliano Monteiro dos Santos, Antonio Francisco de Gouveia, Artur Cortes Guimarães, Ezequiel A. de Souza Brito, Vergilio de A. da Cunha, Brasileiro Americano Freire, José Antonio de Oliveira Andrade e José Afonso de Carvalho. Vale o registo dos Drs. Aurelio

Preside a cerimônia o Cons. José Afonso Paraizo de Moura, Diretor Interino, no impedimento do efetivo. (241) Ladeiam-no, à direita, o Prof. Manoel José de Araujo, (242) padrinho da turma (243) e o Doutorando Coriolano B. Burgos (244) orador dos diplomados, e à esquerda o Dr. João Capistrano Bandeira de Melo (245) Presidente da Província e o Dr. Tomaz d'Aquino Gaspar, Sub-Secretario da Faculdade de Medicina. Autoridades outras e Professores vários espalham-se por seu turno pelas cadeiras restantes.

Solenidade!

Uma afinada orquestra de flautas e violinos, colocada na "Sala de Grau" rompe, então, o silêncio, com o seu primeiro número clássico, mavioso, evocativo, magnífico.

A gravidade daqueles venerando Catedráticos metidos enfatuadamente em suas vestes talares (246) o ambiente

---

Rodrigues Viana e José Afonso de Carvalho que se tornaram ao depois professores de Faculdade. E do Dr. Servilio Mario da Silva, famôso clínico em Cachoeira, que faleceu em 1951.

(241) — O Cons. José Afonso Paraizo de Moura, lente de Clínica Cirurgica, substituira nessa conjuntura ao Prof. Ramiro Afonso Monteiro, Diretor efetivo de 1886 a 1891.

(242) — Catedrático, já o dissemos, de Fisiologia Teórica e Experimental.

(243) — Apesar da Ata de doutoramento, documento oficial e dos jornais da época registarem o Prof. Manoel José de Araujo como padrinho da turma, um quadro de formatura dêsse ano de que fazem parte Dr. Servilio Mario da Silva e outros dão o Barão de Itapoã como padrinho. Bem verdade que nesse mencionado quadro, apesar de pertencer ao ano de 1887, faltam os nomes de vinte doutorandos formados em 10 de dezembro de 1887.

Que houve? Teria havido dissidência?

(244) — Baiano. Aluno dos melhores da série, com varias distinções no curso médico.

(2455) — Pernambucano. Filho do Cons. João Capistrano Bandeira de Melo, Lente da Faculdade de Direito de Recife. Nasceu em Olinda a 28 de maio de 1836. Vinte anos depois, a 6 de dezembro, diplomava-se em Direito pela Faculdade de Recife. Tornou-se, ao depois, seu catedrático por concurso. A 4 de setembro de 1886 é porém, nomeado por Carta Imperial Presidente da Província da Bahia. Aqui chegado a11 de outubro do mesmo ano, toma posse no mesmo dia. O Dr. João Capistrano Bandeira de Melo foi, no dito de Braz do Amaral, um presidente criterioso, trabalhador e econômico. Deixou finalmente o governo da província a 29 de fevereiro de 1889, embarcando então para o Rio, onde veio a falecer, aos 69 anos de idade, no dia 7 dezembro de 1905".

(246) — Professores e médicos tiveram, durante séculos, as suas vestes próprias, simbolicas, especiais, e desde a mais remota antiguidade, embora sofrendo, com o tempo, profundas alterações. Os médicos gregos usavam por exemplo o "himation", especie de manto largo amarelo, cobrindo todo o corpo. Operavam, entretanto, completamente

sizudo daquela enorme assistência, tomada de anseios, impressionam fundamente a turma brilhante que aguarda, inquieta, o inicio da cerimônia magnífica.

Ora, no meio dêsses futuros esculapios existe uma jovem de 21 primaveras, de têz alva, rosto cheio, olhos azuis, cabelos castanhos, corpo esbelto; é Rita Lobato (247) a grande atração do imponente auditorio.

Silêncio!

Inicia-se a cerimônia de colação de grau.

A um aceno do Diretor, o Sub-Secretario Tomaz de Aquino Gaspar, levanta-se de sua cadeira, fazendo compassado, a "leitura do termo de aprovação". (248)

---

nús. Já o médico medieval usava uma veste talar, guarnecida de peles, um botim, um manto vermelho, capuz ou gorro da mesma côr sôbre o cabelo bem penteado. Êsse gorro foi depois substituido pelo barrete, e a cógula por uma gola. Séculos corridos surgem a luva e a gravata de cendal. Na idade-moderna persiste a mesma vestimenta longa, de forma talar, mangas compridas, mantos amarelos gregos e garnachas pretas medievais. "Volta o uso do gorro e com êste o da tóga sem mangas, e o da gola estreita. E mais pelerinas negras, sapatorras pesadas, gargantilhas estreitas, chapeus altos, tal apresentam os quadros do Rembrandt. Um século depois "vem o peitilho com alta gola, punhos de rendas e gola de arminho descendo até à altura do cotovelo". Isso quanto à Europa, porque em nosso meio os médicos se trajavam pobremente embora com certa decencia. Apenas "os fisicos-mores e os cirurgiões-mores porque vindos do Reino usavam gibão de gorgurão, calção curto de malha, sapato de cordovão chapeu de dois bicos, gargantilha e chifarote — (*Licurgo Filho*). Também "um gorro ou pequeno chapeu de pano, sôbre o cabelo comprido até o pescoço" — (Idem). Pelo século 17 — "surge a casaca de pano fino ou de baêta ou de veludo, calções de seda, colête branco de setim macau, camisa de linho com folhas no peito, punhos de renda, colarinho baixo, gravata de lenço, meia comprida de seda, sapato com fivela de prata ou de ouro, chapeu de castor, etc. Ha cem anos passados já o nosso médico trajava calças pretas, sobrecasaca, cartóla, colête traspassado, gravata grande, bengala de cana da India, com castão de ouro. O comumente usado era todavia o guarda-sol de seda côr de malva. Êste em linhas gerais o trajo dos médicos oficiais e particulares usado em solenidades, festas, etc. (Idem).

(247) — Rita Lobato não entrou no quadro de formatura, gesto êste acompanhado por mais dezenove companheiros seus de série. Sim, porque o mencionado quadro constituido de 53 doutorandos, aprseenta 40 nomes dos que se formaram em 10 de dezembro de 1887 e 13 de outros diplomados antes. Justificou-nos a doutora a sua ausência do aludido quadro "por estar ainda muito abalada por ter perdido sua genitora que tanto a desejava ver formada e também por ter perdido ha pouco tempo o irmão José".

(248) — Artigo 481 dos Estatutos em vigor.

Ao depois, cumprindo ainda religiosamente os Estatutos, inicia "a chamada dos doutorandos pela ordem indicada de cada um" (249) para o devido juramento.

E convida, em primeiro lugar, o jovem Adolfo Ferreira Barbosa, (250) levantando, então, todos os presentes: autoridades, professores, doutorandos, convidados etc.

Silêncio profundo!

O moço baiano encaminha-se, comovido, à mesa da presidência, ajoelha-se, põe a mão direita sôbre um livro dos Santos Evangelhos, descansado numa credencia, e profere, cadenciado, estas palavras protocolares: "Juro aos Santos Evangelhos que no exercício da medicina serei sempre fiel aos deveres da honra, da ciência e da caridade". (251)

Levanta-se, e agora com a dextra sôbre os livros de Hipocrates, continua em voz clara: "Prometo sôbre as obras de Hipocrates que, penetrando no interior do lar, os meus olhos serão cegos, a minha lingua calará os segredos que me forem confiados; nunca da minha profissão me servirei para corromper os costumes, nem para favorecer o crime". (252)

Tanto ressoadas, por aquele ar festivo, essas derradeiras palavras, o venerando Conselheiro Paraizo Moura entrega ao néo-doutor um exemplar dos afórismos hipocráticos, dizendo-lhe, pausado: "Lêde e meditai as obras do pai da medicina. Regule-se a vossa vida pela dele e os homens cobrirão de bençãos o vosso nome". (253) E colocando o anel simbólico (254)

---

(249) — Tal "ordem indicada de cada um" significa "ordem dos dias de defesa de tése na forma do art. 481 dos Estatutos em vigor. Ou então segundo está registado no Ato de Doutoramento (Livro 2, pág. 30 — Secretaria da Faculdade de Medicina da Bahia"), pela ordem das referidas téses na forma de Lei".

(250) — Natural dêste Estado da Bahia filho de D. Amelia Morais da Conceição. A sua tése apresentada a 30 de setembro de 1887 versou sôbre "Lesões das Diversas Regiões".

(251) — Com o advento da República foi abolido novamente êste juramento religioso persistindo, apenas, o segundo, em forma de promessa.

(252) — Hoje é ainda o mesmo êste compromisso, escrito e dito em latim.

(253) — Também as mesmas palavras, repetidas sempre em latim.

(254) — Esclarecia o art. 483 dos Estatutos então em vigor — Dec. 9311 de 25 de outubro de 1884 que "os distintivos do grau de doutor eram o anel de ouro com uma pedra de esmeralda, a borla e o capêlo".

Aliás a esmeralda só integrou, no Brasil, o anel simbólico dos médicos, a partir de 1856. Até então o referido anel trazia esculpido apenas em relevo o busto de Hipocrates. Aconteceu o mesmo ainda com a côr da fita dos diplomas medicos, aamrela de 1826 a 1836 quando

no indicador direito do diplomando acrescenta "Recebei êste anel como símbolo do grau que vos confiro. Podeis praticar e ensinar a medicina". (255)

Ditas estas palavras o Conselheiro-Diretor abraça o recem-diplomado por entre palmas entusiásticas reboadas por todo auditorio. No sagão, em baixo, a Banda do 16º Batalhão de Infantaria inicia um dobrado.

Feito, logo, silêncio, continua, pausada a chamada dos jovens doutorandos, na "ordem dos dias da defesa de tese" pronunciando-se sucessivamente, entre aplausos, os nomes de Coriolano Barreto Burgos, Manoel Crisostomo de Almeida, Luis Serra de Morais Rego, Areolino de Abreu, Hernani da Silva Pereira, Claudio Serra de Morais Rego e... o ansiosamente aguardado, D. Rita Lobato Velho Lopes". (256)

Espectativa!

O Sub-Secretario, pronuncia, de pé, a voz descansada, o nome da doutoranda sulista.

---

então, a Faculdade adotou as cores nacionais, amarela no centro e verde nos lados.

(255) — Hoje, diz ainda o Diretor: "Accipe, anulum hune symbolum gradus quem tibi conferimus. Esto, agitur, medicam artem exercere tum docere liceat".

(256) — A Ata de Doutoramento lavrada à pág. 30, Livro 2.º e intitulada — Atas de Doutoramento — 1883-1899 e existente na Secretaria da Faculdade de Medicina da Bahia diz o seguinte: "Ata de Doutoramento — Aos dez dias do mês de dezembro de 1887 reunida a Faculdade de Medicina em sessão pública no salão dos doutoramentos a fim de conferir o grau de Doutor em Medicina aos alunos que se achavam habilitados para exerce-lo o Dr. Diretor Interino Cons. José Afonso de Moura, no impedimento do Dr. Diretor, Lentes presentes, Sub-Secretario, Bedeis, Continuos e mais empregados da Faculdade dirigiram-se à sala de espera onde se incorporaram com os Doutorandos que tinham de receber o grau de Doutor em Medicina e seguiram para o salão onde se achavam as solenidades e grande concurrencia dos mais elevados funcionarios públicos e outros muitos cidadãos de diversas classes e tomando todos assentos fez o Sub-Secretario a chamada dos Doutorandos pela ordem das referidas téses na forma da lei a saber: Adolfo Ferreira Barbosa... (segue a ordem já disposta na Nota 240). E continua: "o Sub-Secretario chama pela ordem indicada cada um dos doutorandos que aproximando-se do Diretor Interino prestou o juramento recebendo logo o anel e o conferimento do grau de Doutor em Medicina de conformidade com os novos Estatutos e à proporção que recebia cada um deles o grau abraçava o Dr. Diretor e cumprimentava a todos os lentes. Terminada tal cerimônia recitou o Dr. Manoel José de Araujo, padrinho dos doutorandos um discurso alusivo à solenidade do dia seguinte depois o doutorando Coriolano Barreto de Burgos.

Assinatura: Dr. *José Afonso de Moura*, por *Tomaz de Aquino* Garpar.

Generaliza-se, de pronto, um movimento de curiosidade, por tôda aquela assistência, ávida de conhecer a jovem gaucha, vinda de terra longiqua para estudar medicina na Bahia.

Silêncio!

De sua cadeira, na primeira fila, ergue-se, agora, u'a moça elegante, simpática, altiva, a têz clara, o rosto cheio, o cabelo castanho, os olhos azuis, o corpo esbelto, caminhando, firme, à mesa da Presidência.

Ansiedade!

Cumprimentada pelo Conselheiro-Diretor que lhe escanteia, nos lábios murchos, um leve sorriso de aprazimento, Rita Lobato dirige-se à mesinha ao lado, ajoelha-se, coloca a mão direita sôbre o Livro dos Santos Evangelhos e repete com voz firme: "Assim o juro". Levanta-se de seguida, põe "a mão sôbre as obras de Hipocrates" (257) e conclue "Eu prometo". (258) Nesse momento, o Conselheiro Afonso de Moura, entrega-lhe "um exemplar dos Aforismos de Hipocrates", (259) dizendo mais uma vez: "Lêde e meditai as obras do pai da medicina. Regule-se a vossa vida pela dele e os homens cobrirão de benção o vosso nome". Depois, colocando o anel simbólico (260) no indicador da jovem doutora, termina com estas palavras: "Recebei êste anel como símbolo do grau que vos confiro. Podeis praticar e ensinar a medicina".

E, de acôrdo, com a pragmática, ao abraçar, agora, o Diretor, à jovem Doutora, ao felicita-la, portanto, pelo auspicioso triunfo (261) um trovão de aplausos restruge violenta-

---

(257) — Fórmula de Juramento. Decreto 9311 de 25 de outubro de 1884.

(258) — "Idem Spendeo", dizem, hoje os neo-diplomados.

(259) — Art. 484 — dos Estatutos em vigor.

(260) — Nessa ocasião caiu no chão, sem que Rita Lobato pressentisse, um dos brilhantes do seu anel de chuveiro". E até hoje ela o conserva, assim, como lembrança do que aconteceu aqui na Faculdade de Medicina da Bahia.

(261) — Registro de diploma da Dra. Rita Lobato Velho Lopes existente na Secretaria da Faculdade de Medicina da Bahia — Registro dos Diplomas de Médicos e Farmaceuticos — 1886-1894 — Livro 4, fls. 123 — "Em nome de sua Megestade o Senhor D. Pedro Segundo Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil — Faculdade de Medicina da Cidade da Bahia — Eu Ramiro Afonso Monteiro — Doutor em Medicina, Lente da Primeira Cadeira de Clínica Médica e Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia etc. Tendo presente o termo de aptidão ao grau de Doutor que obteve a Senhora D. Rita Lobato Velho Lopes, natural do Rio Grande do Sul. filha de Francisco Lobato Lopes, nascida aos 9 de junho de 1867 e o de colação de grau que recebeu em 10 de dezembro de 1887, depois de ter sido

mente de todos os cantos daquele "Salão de Doutoramento" abafando as suas derradeiras palavras de regozijos.

Entusiasmos!

Rita Lobato é ainda cumprimentada pelo Presidente da província, Dr. Bandeira de Melo, pelo Padrinho da Turma, Prof. Manoel José de Araujo, pelo Sub-Secretario da Faculdade Dr. Tomaz de Aquino Gaspar e pelos demais Professores e autoridades presentes. Palmas indômitas reboam, então, dobradamente, quando a jovem sulista retorna ao seu lugar.

Espetáculo inédito!

A Banda de Música do 16º Batalhão de Infantaria enche então, aquele ambiente festivo de acordes harmoniosos, enquanto tôda aquela assistência, acompanhada pela Congregação da Faculdade, pelas Autoridades Civis e Militares, aclama, agora, de pé a jovem médica sulista, que, tomada de profunda emoção, agradece, sorridente, esta expressiva homenagem. De longe, porém, antes de sentar-se, Rita Lobato estira um derramado olhar de reconhecimento, a certo Senhor de barbas grisalhas, perdido naquela multidão fremente de entusiasmo: Francisco Lobato Lopes, o pai extremecido, que tudo fizera em prol do seu grande ideal.

Ora, ao dissipar-se, cerrados minutos, os últimos rumores daquela vibração coletiva, sentiu a jovem doutora, sentiu, aliás, para nunca mais esquecer, que a Bahia, presente naquele instante, no que possuia de mais distinto, a Bahia aplaudiu freneticamente, através de simil consagração, o seu mérito, a sua cultura, a sua inteligência, o seu triunfo. Diplomara-se, (262) naquele momento, a Primeira Médica do Brasil, vale

---

aprovada com distinção na defesa de tése; e usando da autoridade que me conferem os Estatutos desta Faculdade, mandei passar a dita Sra. D. Rita Lobato Velho Lopes a presente carta de Doutora em Medicina para que possa exercer a respectiva profissão com tôdas as prerrogativas concedidas pelas leis do Império — Bahia, 31 de julho de 1888. Dr. Ramiro Afonso Monteiro. O Presidente do Ato — Cons. Dr. Barão de Itapoã — O Secretario da Faculdade — Cincinato Pinto da Silva. Assinatura da Doutora (foi para ser assinada de conformidade com art. 543 dos Estatutos Rs. 120$750. Pagou cento e quinze mil réis de selos e cinco mil setecentos e cinquenta réis de percentagem adicional. Recebedoria da Bahia, 31 de julho de 1887 — Dr. *Domingos Requião Senra.*

(262) — O Diploma concedido a Dra. Rita Lobato Velho Lopes está assim redigido:

"Em Nome de Sua Magestade o Imperador

D. Pedro Segundo — Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil.

dizer a primeira mulher brasileira numa Faculdade brasileira, honraria de que se ufana até hoje a nossa Faculdade de Medicina da Bahia.

Concluido o juramento dos restantes doutorandos o Conselheiro Diretor concede a palavra ao Prof. Manoel José de Araujo, (263) paraninfo da turma que profere substancioso discurso, replenado de ensinamentos. Ao depois, em meio às palmas entusiásticas, recebidas pelo seu predecessor, e ora renovadas, sobe à tribuna o Dr. Coriolano Barreto Burgos (264) orador da turma, cuja oração entusiástica provocou vivos aplausos da numerosa assistência. (265)

Faculdade de Medicina da Cidade da Bahia

Eu, Ramiro Afonso Monteiro, Doutor em Medicina, Lente da Primeira Cadeira de Clínica Médica e Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, etc., etc.

Tendo presente o termo de aptidão ao grau de Doutor que obteve a Senhora D. Rita Lobato Velho Lopes, natural do Rio Grande do Sul, filha de Francisco Lobato Lopes, nascida aos 9 de junho de 1867, e o de colação de grau que recebeu em 10 de dezembro de 1887, depois de ter sido aprovada com distinção em defesa de téses, e usando da autoridade que me conferem os Estatutos desta Faculdade, mandei passar a dita Sra. D. Rita Lobato Velho Lopes a presente carta de Doutora em Medicina para que possa exercer a profissão com tôdas as prerrogativas concedidas pelas Leis do Império.

Bahia, 31 d ejulho de 1888.

O Presidente do Ato — Cons. Barão de Itapoã — O Secretario da Faculdade — Cincinato Pinto da Silva.

O Diretor da Faculdade — Dr. Ramiro Afonso Monteiro.

Assinatura da Doutora — Rita Lobato Velho Lopes.

(263) — Padrinho da turma. Professor de Fisiologia Teórica e Experimental. Baiano. Nascido em 1831. Falecido em 1891. Ao que nos consta o Barão de Itapoã figura no quadro da formatura como Presidente do Ato conforme esclarece o Registro do Diploma, embora ao aludido quadro seja o mesmo apresentado como paraninfo. Afinal de contas quem teria sido o paraninfo? O professor Manoel José de Araujo, segundo os documentos oficiais e noticias dos jornais ou o Prof. Barão de Itapoã segundo está no quadro de formatura e repetem os ultimos sobreviventes da turma mencionada?

(264) — Baiano. Natural das Lavras Diamantinas. Filho de Ezequiel Benicio de Burgos e Aracanja Sá Barreto Burgos — Aluno distinto da Faculdade de Medicina da Bahia. A sua tése, aprovada com distinção, versou sôbre Lesões de Diversas Regiões.

(265) — "Teve lugar ontem na Faculdade de Medicina depois de u'a missa celebrada na Capela do Hospital de Caridade o ato de colação de grau aos alunos que terminaram o curso" ("Diario da Bahia", 11-12-87). "No Salão Nobre da Faculdade de Medicina, depois da missa na Capela do Hospital de Caridade teve lugar hoje a colação de grau aos Srs. Acadêmicos que terminaram êste ano o curso médico. Concedeu o grau o Cons. José Afonso de Moura, servindo de Paraninfo o

Nessa mesma noite o antigo solar do Sodré abriu o seu salão (266) para o baile elegante que Francisco Lobato Lopes ofereceu às pessoas de sua amizade pelo júbilo imenso (267) da formatura de sua filha Rita Lobato Velho Lopes.

Bela recepção!

A sociedade baiana da época compareceu, prazeirosa, a essa festa de regosijo íntimo, realçando, desta maneira, a homenagem prestada à néo-doutora, tão querida de todos pelos seus predicados de inteligência, de cultura e de carater.

Francisco Lopes e sua família cercaram os seus convidados de gentilezas, de atenções, de obsequios de tôda especie. Durante três noites seguidas dançou-se, (268) brincou-se, divertiu-se a valer no velho sobrado do Sodré.

Professores da Faculdade, autoridades, profissionais, negociantes, acompanhados de suas famílias, estiveram presentes à festa esplêndida, felicitando o velho Francisco Lopes pela graduação da filha e pelo alto cunho de elegância e de distinção daquele esplêndido sarau comemorativo.

Desta maneira, Rita Lobato despediu-se da Bahia, das suas festas, das suas danças, das suas músicas, das suas alegrias, das suas amizades. Despediu-se brindando ela mesma à terra hoje das suas profundas saudades com um baile dos mais elogiados dêsse ano de 1887.

Galanteria!

Dr. Manoel José de Araujo. Orador Dr. Coriolano Barreto de Burgos. Estiveram presentes à cerimônia o Sr. Cons. Presidente da Província e a Congregação da Faculdade. Fez-se ouvir durante o ato a banda do 16º Batalhão de Infantaria" ("Jornal de Noticias" — de 10-12-87). Vale registar que nesse mesmo dia recebeu o grau de Farmaceutico o Sr. Secundino de Brito, vivo ainda neste ano de graça de 1850.

(266) — Ainda hoje o mesmo, dentro na sua disposição primitiva, perto do quarto em que Rita dormiu, com duas janelas de frente para o Sodré, o mesmo quarto em que padecera Castro Alves.

(267) — Nessa tarde, entre palmas entusiasticas dos intimos, o velho Francisco Lopes entregava à escrava Clarinda a carta de alforria, comemorando, com êste gesto, a diplomação da filha extremecida. Procedeu, também, da mesma forma o Tenente Col. Antonio Vicente de Magalhães, paraibano, quando a sua filha Ambrosina ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

(268) — Rita Lobato, que aprendera a dançar aqui na Bahia, foi por assim dizer requestada pela "jeunesse dorée" presente à grande festa do seu tempo. A todos ela atendeu e com todos dançou a "valsa", a "polka" e o "lanceiro", êste "lanceiro" que ao voltar para o Rio Grande ensinou às suas conterrâneas. A filha do Dr. Tomaz d'Aquino Gaspar, Sub-Secretario da Faculdade de Medicina, deixou a festa em casa pela formatura do irmão Fernando Gaspar, preferindo a de Rita Lobato, sua grande amiga.

Terça-feira, 20 de dezembro de 1887!

O vapor alemão "Kronprinz Fried Wilhelm" deixa, vagaroso, o porto desta Cidade do Salvador, rumo à capital do Império. Corridos momentos, ao se diluir na linha azul do horizonte a Cidade distante, uma passageira, debruçada à amurada de bordo, relanceia ainda para êste "ninho murmuroso de eterna poesia" um derradeiro e esvaido olhar de despedida. E, sem mesmo saber porque, ela sente nesse angustioso instante que qualquer coisa mais que um simples adeus lhe confrange o coração sonhador; as suaves recordações do convivio amigueiro, experimentado durante três anos na bôa terra que se afastava, as pungidas recordações da gente prestimosa, das gentilezas recebidas, dos folguedos tradicionais, enfim as recordações profundas da Bahia inesquecida.

Rita Lobato, os olhos marejados de lágrimas, torna, assim (269) ao berço extremecido, a êsse Rio Grande do Sul que tanto honrou e dignificou. (270) E nunca mais esqueceu essa quadra de sua vida, a quadra acadêmica, a melhor da sua mocidade, passada nesta Bahia de seu coração agradecido, coração hoje de velhinha, alaúde de sentidas melancolias sempre a suspirar as mesmas nênias, as mesmas elegias, os mesmos lamentos, as mesmas evocações, as mesmas saudades.

---

(269) — "No vapor alemão "Kromprinz Fried Wilhelm" que seguiu para o Rio de Janeiro foram os seguintes passageiros: Horacio Martins do Nascimento, Dr. A. de Souza, Dr. M. Aragão, Francisco Lobato Velho Lopes, Ana Manhardt, Coriolano F. Amaral e um africano liberto" ("Diario da Bahia", 21-12-1887).

(270) — Tanto que consignou na sua tése de doutoramento: "A Província do Rio Grande do Sul" — Prosperidade.

VII

A CLINICA, O LAR E A POLITICA

CAPÍTULO VII

A CLINICA, O LAR E A POLITICA

"Minha carreira achei muito penosa e sacrificada para uma Senhora".

RITA LOBATO

O vapor alemão "Kromprinz Fried Wilhelm" que deixou esta cidade a 20 de dezembro de 1887 entrou na baia de Guanabara a 24 do mesmo mês, véspera de Natal.

Francisco Lobato desembarcou no Rio de Janeiro com a família, pois precisava resolver assuntos comerciais e tratar da matrícula e acomodação dos filhos Francisco, Matias e Antonio. (271) Depois, então, prosseguiria viagem para o Rio Grande do Sul. Ora, das pessoas que o acompanharam em maio de 85 à Bahia, uma não voltou: o filho José (272) que

---

(271) — Francisco matriculou-se, novamente, no curso de Farmacia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde ingressara anos antes em 1884. Estudou ainda três anos mais, diplomando-se, afinal, a 21 de novebmro de 1890. Matias formara-se em Farmacia na Bahia, a 22 de dezembro de 1886, e agora, com os certificados de todos exames necessários, ia ingressar no 1.º ano do Curso Médico, formando-se em Medicina em 1893. O Antonio, tendo realizado já dois anos do Curso Médico na Bahia, matricula-se na 3.ª série, recebendo o respectivo diploma em 1891.

(272) — Nascido em 1873, falecido aos 12 anos, em 11 de junho de 1885. Os seus despojos foram remetidos, meses depois, para o Rio Grande do Sul a pedido da família.

morreu de varíola (273) no mesmo ano da chegada, na primeira residência ao Jogo do Carneiro, nesta capital. (274)

Volvidas semanas, resolvidos os negocios comerciais e acertada a situação dos filhos acadêmicos, Francisco Lobato Lopes continuou o seu roteiro para o Rio Grande do Sul, levando, apenas, a filha doutora e os três escravos domesticos.

Chegado, porém, a Porto Alegre, logo correu ao Rio Pardo, para rever e abraçar parentes, tornando logo à capital gaucha, onde Rita Lobato iniciou a sua clínica especializada em doenças de Senhoras e Partos. (275)

Durante ano e meio a jovem médica atendeu em Porto Alegre a dezenas de chamados, realizando outras dezenas de partos nessa primeira fase de sua atividade clínica. Casando-se, porém, a 18 de julho de 1889, na Estância Santa Vitoria, (276) arredores de Rio Pardo, com o primo Antonio Maria, seguiu Rita Lobato para Jaguarão, na fronteira, onde continuou a clinicar até 1890, quando resolveu viajar para a Europa.

Suspensa, pela segunda vez, a clínica, embarcou com o esposo para o Rio de Janeiro, donde rumaria ao Velho Continente.

Forte temporal colheu, entretanto, o navio, entre Rio Grande e S. Catarina, pondo em risco a vida dos passageiros, durante várias horas. Ao saltar o casal gaucho no Rio, o Antonio Maria estava ainda tão amedrontado com o ocorrido que três meses depois, Rita Lobato teve que voltar ao Rio Grande, desistindo, contrariadamente, da viagem à Europa. Não sabemos porque abandonou a clínica, nessa ocasião. Adquiriu é certo, uma estância em Capivari (277) para onde

---

(273) — O primeiro registo da varíola na Bahia e no Brasil vamos encontrar neste lanço de uma carta do jesuita Antonio Blasquez, escrita a 30 de maio de 1564: "...umas varíolas ou bexigas, tão asquerosas e hediondas que não havia quem as pudesse suportar com a grande fetidez que delas saia, e por essa causa morreram muitos ao desamparo comidos dos vermes que das chagas das bexigas nasciam e se engendravam em seus corpos em tanta abundância e tão grandes que causavam um grande horror e espanto a quem as viu..."

(274) — Hoje, Marquês de Barbacena, primeira rua em que residiu a família gaucha, nesta Cidade do Salvador.

(275) — Rita Lobato desejou ser cirurgiã, a sua vontade maior, mas não foi possivel.

(276) — Nessa mesma Estância morrêra a mãe de Rita, Rita Carolina, em 1883.

(277) — Adquirida pela jovem médica com dinheiro de sua clínica e onde residiu durante a mór parte de sua vida, a partir de 1891.

se trasladou em 1891 com o marido e já com uma filhinha de meses, nascida em Porto Alegre. (278)

De 1891 a 1909 viveu, pois entregue de todo aos afazeres múltiplos da nova estância, esquecida por completo da clínica.

Estava ainda em Porto Alegre, atendendo aos primeiros chamados, quando morre, a 11 de junho de 1888, em avançada idade, a avó materna Luciana Francisca Terra Velho, pessôa de sua grande estima e admiração. Corridos, apenas, nove anos, um telegrama de S. Paulo noticia-lhe a morte em fevereiro de 1897, do irmão mais velho Francisco Lobato Velho Lopes Filho. Mas, o golpe profundo que lhe abateu, nessa quadra, o coração amativo foi, indiscutivelmente, o do trespasse do velho pai (279) ocorrido a 24 de abril de 1898 na cidade do Rio Grande, provincia do Rio Grande do Sul.

Durante meses seguidos pranteou Rita Lobato o desaparecimento de Francisco Lopes, extremecido progenitor, companheiro dedicado na sua luta pela conquista do diploma de médica.

Março de 1910!

Enfastiada da monotonia de Capivari, saudosa mesmo da clínica, Rita Lobato realiza, agora, uma viagem de recreio e estudos à Buenos Aires, por então em grandes festas centenairas. (280)

Chega, pois, à Argentina em abril do ano aludido e durante cinco meses visita os hospitais platinos, toma cursos, assiste a várias conferências médicas.

Voltara-lhe o gosto pela clínica, tão inexplicavelmente abandonada. Nessa proveitosa estada em Buenos Aires, conheceu Rita Lobato, em certa festa íntima, a colega Cecilia Guierson, a primeira médica argentina, que lhe contou, então, o seguinte episódio: numa recepção em Madrid, ela Cecilia Guierson foi apresentada à assistência como a primeira médica da America do Sul. Terminados, porém, os aplausos, pede

---

(278) — Hoje Isis Lobato Freitas Silveira, espôsa do Sr. Mario Amaro da Silveira. Nasceu em Porto Alegre a 26 de outubro de 1890, consorciando-se a 19 de dezembro de 1925, ainda em Porto Alegre.

(279) — Francisco Lobato Lopes faleceu na mesma cidade em que nascera sessenta e cinco anos antes, isto é, a 10 de agosto de 1833. Era filho de Manoel Antonio Lopes, da nobreza lusa, e de Joaquim Correia Lobato Lopes, gaucha.

(280) — A República Argentina festejava realmente, nessa ocasião o primeiro centenario da sua Independência, ocorrido a 25 de maio de 1810.

a palavra o embaixador brasileiro Pedro Toledo, presente à reunião festiva, para esclarecer que semelhante prioridade cabia, indiscutivelmente, à sua patricia Rita Lobato (281) diplomada em 1887, dois anos antes, portanto, da sua colega argentina.

Estrugem, então, novas palmas, aplaudindo o nome da médica brasileira, revelado naquele momento pela palavra autorizada de um diplomata patricio.

Cecilia Guierson alegrava-se, por conseguinte, em tão feliz conjuntura, de conhecer a sua predecessora, tida e havida como a primeira médica da America do Sul. (282)

Depois de muito passear e de muito estudar, Rita Lobato retorna ao Rio Grande, em fins de setembro de 1910. Nesta ausencia sofrera rude golpe: o irmão Antonio, "Sorotina", falecera em S. Paulo. Agora, na Estância Capivari, arredores de Rio Pardo, dedica-se, novamente, de corpo e alma à clínica, atendendo a quantos chamados lhe venham à porta, a qualquer hora do dia ou da noite. (283)

Não esquecia, assim, o conselho materno, lema permanente do seu sacerdocio: "Si fores médica, praticas a caridade"!

Praticou-a na mais comovente das homenagens filiais. Praticou-a, vezes sem conta, prestando serviços gratuitos e fornecendo medicamentos inumeros da sua inseparavel ambulancia Praticou-a em tal geito, que esqueceu de si mesma, chegando ao termo de uma existência trabalhosa com as mãos limpas de haveres, embora cheio o nome de bençãos sinceras.

De 1910 a 1925, vale dito, durante quinze anos longos Rita Lobato exerceu diligentemente a clínica domiciliar numa fase de trabalho intenso, fase derradeira, aliás, pois aos 59 anos

---

(281) — Patricia e conterrânea, pois o embaixador Pedro Toledo nascera também no Rio Grande do Sul.

(282) — Pelo que logramos apurar após três anos de pesquiza, a primeira médica formada na Aemrica do Sul, não foi Cecilia Guierson, nem mesmo Rita Lobato. Foi a chilena Eloiza Diaz Inzunza, formada a 29 de novembro de 1886.

(283) — "Nunca deixou de atender a chamado algum diurno ou noturno para fazer partos". Quando morreu Rita Carolina tomára o compromisso de honra de procurra evitar por todos os meios que alguem morresse de parto, como morrera sua mãe, sem socorros médicos imediatos. Em Capivari, saiu vezes muitas, noite alta, sol, aguaceiros, por caminhos escuros e inundados, montada numa alimária, levada pelas rédeas por um empregado prsetimoso, o Davi. Assim "como médica durante muitos anos cliniquei... cavalgando pelas coxilas, afrontando as intempéries, levando conforto desde o lar do mais rico até o rancho do mais pobre" — (De certo Boletim citado).

de idade encerrava de vez a sua atividade profissional. Nessa ocasião, confessou, "conhecendo as necessidades do distrito que por largos anos atendi no exercício da minha profissão (284) senti impressões muito comoventes, acompanhando o povo nas suas alternativas de dôr e de prazer. (285)

Perdendo em 1926, Antonio Maria, seu companheiro diléto de 37 anos de ditosa vida conjugal (286) Rita Lobato, que um ano antes "doára seus aparelhos a um hospital e fechara os tratados", (287) procura derivar a sua magua ingressando na política, onde o seu temperamento iria encontrar, também, ambiente propício. E é militando na política que perde em 1935, o irmão Matias, falecido em S. Paulo; o irmão Cassio, falecido em Porto-Alegre em 26-1-39 e a irmã Joaquina falecida também em Porto-Alegre em 21-4-41. Três golpes profundos. Eleita vereadora, septuagenaria já, do Rio Pardo, onde então residia, (288) a doutora gaucha representou com dignidade e eficiencia a sua agremiação política, o Partido Libertador, exercendo o mandato até o "golpe" de 10 de novembro de 1937.

Ainda assim, corridos dez anos, somados então 31 anos de existência, Rita Lobato assinava como Prseidente de honra do "Comité Feminino Pro-Candidatura Darcy Porto Bandeira", expressivo manifesto (289) em favor da candidatura do seu conterrâneo à Prefeitura de Rio Pardo.

---

(284) — Da Proclamação feita em 1937, aos seus conterrâneos.

(285) — Carta em nosso poder, de 1-7-48.

(286) — Casamento realizado a 18-7-1889. Antonio Maria Amaro de Freitas nasceu a 10-1-1861 na Estância Passo da Areia, Município Herval-do-Sul, Rio Grande do Sul e faleceu na Estância Capivari, aos 65 anos de idade, no dia 20 de setembro de 1926.

(287) — "Revista do Globo" de 15-4-1950 — Entrevista de Rita Lobato.

(288) — Rita Lobato residiu muito tempo com a família, filha, genro, e netos, à rua Julio de Castilhos, 740, em Rio Pardo. Mudou-se em fevereiro dêste ano de 1950 para Porto Alegre onde voltou a residir já agora à rua Mariano de Matos, 84, Bairro Menino-Deus. Presentemente, 1952, voltou para Rio Pardo, para outra casa.

(289) — Ao Eleitorado de Capivarita.

"Por intermédio do "Comité Feminino Pró-Candidatura Darcy Porto Bandeira" do qual muito me orgulho de fazer parte, quero dirigir estas poucas palavras às minhas velhas amigas e antigas correligionarias de Capivarita, desta vez, sem *expressão partidaria*. Faço, assim, a minha concitação para cerrardes fileiras em torno da candidatura a Prefeito Municipal, do digno filho desta terra Darcy Porto Bandeira. Embora afastada da política, dada a minha avançada idade, ainda estou em condições de "democraticamente" e de sã conciência fazer a escolha e de recomendar-vos o "Dr. Casinho", pois, conhecendo eu as necessi-

Afastada, presentemente, de tôda atividade política, Rita Lobato ainda é a mesma "federalista dos tempos de Silveira Martins". (290) E também "monarquista, porque sempre gostou do Imperador, pois, pelo seu voto, teríamos novamente reis no Brasil. Mas enquanto isto não acontece continua no Partido Libertador". (291)

Rita Lobato vive, hoje, em Rio Pardo cercada de zelos e de atenções e de carinhos dos que tanto a estimam e consideram: seus parentes e seus amigos.

Goza relativamente de bôa saúde, (292) "possúe bôa memoria, conta casos humoristicos, dá bôas risadas, não sai de ao pé de um radio, seu inseparavel companheiro, que lhe permite inteirar-se diariamente de tudo que se passa no mundo". (293)

Sente uma particular veneração pela Bahia que não sai da sua lembrança, cujo nome é repetido a todo instante, por qualquer pretexto, com bondosas expressões de elogios, salpicadas de saudades.

A Bahia está assim no seu coração, cultuada, dia e noite, pela sua profunda admiração que tanto nos cativa, que tanto nos comove, que tanto nos orgulhece.

---

dades do distrito que por largos anos atendi, no exercício de minha profissão, sei que êle encontrará a medicação adequada para os males que afligem não só a êste Distrito como a todo o Municipio. Se pois desejardes aceitar o meu conselho e atender o apêlo que vos faço, preparados e munidos da respectiva chapa, aguardai a hora do voto para darmos a vitoria a Darcy Porto Bandeira, a única esperança dos que desejam um Rio Pardo melhor.

Rio Pardo, 8 de novembro de 1947.

Dra. Rita Lobato Freitas".

Êste manifesto foi publicado em Boletim e distribuido avulsamente por todo Rio Pardo e adjacencias.

(290) — "Sou federalista braba", exclamara, certa vez. ("Revista do Globo" — de 15-4-950).

(291) — Mas "para manter vivo o culto aos reis e imperadores auxilia a neta Maria na organização de uma vasta coleção de retratos de testas coradas. E todos êsses monarcas, em crômos amarelecidos ou recortes de revistas ilustradas cuidadosamente colados num grande album, representam o passado em que ela tinha 20 anos e estudava medicina" — ("Revista do Globo", 15-4-1950).

(292) — "A 5 de janeiro de 1940, em Rio Pardo, foi ameaçada de derrame cerebral, permanecendo mais de um mês em cima da cama". Hipertensa, ouve pouco, e enxerga menos. E' sóbria na alimentação.

(293) — O radio é de fato a sua grande e única distração. "Ouve tudo e às 7,45' já está atenta ao jornal falado. Até futebol a velha doutora ouve com prazer e torce sorrateiramente pelo Internacional". (Idem).

VIII

EXALTAÇÃO

VIII

EXALTAÇÃO

"Homenageada a primeira médica formada na Bahia em 1887: *Dra. Rita Lobato Velho Lopes. — "Correio do Povo" (Porto Alegre,* 8-3-50).

Rita Lobato vive ainda, a Deus graças, para sentir, confortada, a justiça da Historia, esta justiça tarda tantas vezes, mas lá um dia presente no seu julgamento.

Quando, haverá mais de três anos, iniciamos as nossas pesquizas em torno da personalidade da primeira mulher que se formou em Medicina no Brasil, não conheciamos, confessamos aqui à puridade, a Dra. Rita Lobato Velho Lopes, hoje reconhecida a primeira médica diplomada em nosso país. Sabiamos, porém, por leituras esparsas, da propalada prioridade, no particular, da Dra. Ermelinda Lopes de Vasconcelos, graduada em Medicina, a 26 de dezembro de 1888, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Decididos, portanto, à concretização da tarefa escolhida, certo o nosso primeiro intento foi, naturalmente, o de verificar a procedência da honraria conferida à ilustre esculapia Ermelinda de Vasconcelos, natural do Rio Grande do Sul. Rodados, contudo, dois anos, concluiamos, surprezos, pelo direito de outra gaucha, Rita Lobato Velho Lopes à tão alta distinção. E' que esta doutora sulista conquistara o seu diploma

a 10 de dezembro de 1887, isto é, um ano antes da sua colega e conterrânea Ermelinda de Vasconcelos.

Não descobrimos, como se tem escrito, esta prioridade da Dra. Rita Lobato. Devemos esclarecer, por honestidade e por justiça, que quatro meses depois desta jovem sul-riograndense receber o seu grau na Faculdade de Medicina da Bahia já Eduardo Chapon escrevia o seguinte no seu jornal "Ventarola", editado em Pelota, Rio Grande do Sul. "A Dra. Rita Lobato é a primeira brasileira que se forma nas Faculdades de Medicina do Império, gloria essa que cabe em maior proporção à nossa Provincia que é o berço de Sua Excelência". (294) Por essa mesma época também um escritor baiano, José Alvares do Amaral, confirmava com as palavras seguintes a opinião do jornalista gaucho: "Coube ainda à Faculdade de Medicina da Bahia a primazia de conferir o grau de doutora a Dra. Rita Lobato Velho Lopes, natural do Rio Grande do Sul. Foi a primeira Senhora que recebeu no Brasil essa distinção científica, em 10 de dezembro de 1887". (295) Finalmente, razão é que mencionemos o nome do Dr. Ayres Neto, nosso prezado colega paulista, que defendeu, de sua vez, o direito da Dra. Rita Lobato, ao honroso título da Primeira Médica do Braisl, vale esclarecer sempre, da Primeira Brasileira formada numa Faculdade Brasileira. (269)

Se mérito possuimos nesta competição, em que entramos com o espírito banhado de verdade, êste ha-de ser, naturalmente, o de haver assegurado, com os documentos em mão, o título da Dra. Rita Lobato, isto é, o de Primeira Médica diplomada no Brasil.

Basta-nos êste.

Sim, basta-nos a comprovação (297) da prioridade, neste debatido assunto, da Dra. Rita Lobato, o que determinou, de

---

(294) — "Ventarola" — Pelotas — Rio Grande do Sul — N. 49 — De 11 de maio de 1888. Êste jornal pelotense constitue, portanto, o primeiro documento reconhecedor da prioridade da Dra. Rita Lobato Velho Lopes. Acrescentemos que tal afirmativa foi mesmo feita antes da formatura da Dra. Ermelinda de Vasconcelos que se verificou, nove meses depois, isto é, em dezembro de 1888.

(295) — José Alves do Amaral — "Resumo Cronologico e Noticioso da Província da Bahia, desde o seu descobrimento em 1500" — Anotado por J. Teixeira Barros — In. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia — N. 47 — Ano 1921-1922 — pág. 139.

(296) — José Ayres Neto — "Médicas".

(297) — "O Prof. Alberto Silva, historiador e médico da Bahia descobriu quem foi a primeira médica brasileira. Mas outros estudiosos e outros médicos não aceitaram as suas conclusões. O Prof. Silva renovou as pesquizas, e, finalmente encerrou sem dúvidas o seu trabalho; a primeira médica brasileira a formar-se em medicina no Brasil

logo a improcedência de várias opiniões contrárias, como a de Licurgo Santos Filho (298) a de Barros Vidal (299) a de Ferreira Araujo (300) a de Paulo Roberto (301) e outros.

---

fôra a Dra. Rita Lobato". "Revista do Globo" — n. 506 — Porto-Alegre, 15-4-1950 — "Porto Alegre e o Rio Grande do Sul devem, pois, ao Dr. Alberto Silva e à Bahia a descoberta da doutora Rita Lobato como primeira médica formada em faculdade brasileira, pois se bem muitos a conheciam, todos ignoravam tivesse sido ela a primeira doutora feminina do Rio Grande do Sul e do Brasil" — *Valter Spalding* — "A Tarde" — Salvador — Bahia, 17-3-1950". "E provou com cerrada documentação que expoz em quadro à assistência de como a Dra. Rita Lobato iniciou seus estudos no Rio de Janeiro, onde cursou o primeiro ano de medicina, indo depois para a Bahia onde em 3 anos apenas fez os restantes cinco anos, tomando dessarte a dianteira a três outras senhoras uma pernambucana, uma paraibana e uma carioca que se haviam matriculado antes" — "Correio do Povo" — Porto Alegre — Rio Grande do Sul, 8-3-950. "Verifiquei que se trata de uma gaucha, Rita Lobato a primeira médica do Brasil" — ("Correio do Povo", 5-3-950).

(298)— "A primeira mulher a se doutorar em medicina na Bahia foi Rita Lopes Lobato em 1887" — (*Licurco Santos Filho* — História da Medicina no Brasil — Tomo 1.º — pág. 280). Ha dois grandes "cochilos" do ilustre colega paulista: 1.º o nome é Rita Lobato Velho Lopes e não Rita Lopes Lobato; 2.º esta não foi somente "a primeira mulher a se doutorar em medicina na Bahia", porque foi mais, foi no Brasil. Pensou naturalmente o distinto colega que semelhante título deve ser conferido à Dra. Ermelinda de Vasconcelos, formada um ano depois.

(299) — "A primeira mulher que se formou em medicina no Brasil foi Ermelinda Lopes de Vasconcelos. E' verdade que antes dela outras se matricularam na Faculdade do Rio, e Maria Augusta Generoso Estrela concluiu o curso nos Estados Unidos. Mas o título de primeira médica brasileira pertence à luz dos documentos aqui reunidos, a essa doce e sofredora gaucha, cuja indômita fôrça de vontade soube vencer o próprio destino" — (*Barros Vidal* — Precursoras Brasileiras — pág. 207). "Positivamente a vida da primeira mulher que se formou em medicina no Brasil é um desses modelos" (Idem, Idem, pág. 228). "Rita Lobato Velho Lopes que concluiu o curso mais tarde" (Idem, Idem, pág. 216). Há vários enganos nestas afirmativas do ilustre colega Barros Vidal. Primeiro: os "documentos reunidos", "à luz dos quais" estudou o assunto forneceram uma conclusão precipitada. Os verdadeiros documentos que deviam ser pesquizados isto é, as teses defendidas por Ermelinda Vasconcelos e Rita Lobato e mais os seus respectivos diplomas, informam justamente o contrário das conclusões a que chegou o eminente autor de "Precursoras Brasileiras". Informam êle que Rita Lobato defendeu tése a 30 de sete mbro de 1887, diplomando-se a 10 de dezembro do mesmo ano, enquanto que Ermelinda de Vasconcelos o fez em 20 de dezembro de 1888, diplomando-se seis dias depois. Logo a Dra. Ermelinda Vasconcelos não pode ser a "primeira médica que se formou em médicina no Brasil" nem a Dra. Rita Lobato "concluiu o curso mais tarde na Bahia".

(300) — Segundo Barros Vidal "durante o percurso Ermelinda foi saudada por Ferreira Araujo, da sacada da "Gazeta de Noticias" que disse "saudar na primeira doutora a vitoria da mulher brasileira".

(301) — Médico Locutor da Radio Nacional. A 14 de junho de

Deste geito, numa completa modificação ambiente, foi afastada a prioridade insustentavel da Dra. Ermelinda de Vasconcelos, podendo então sentir a Dra. Rita Lobato, embora ao descair da existência, a justiça que já hoje lhe faz o Brasil inteiro, reverenciando o seu nome, exaltando o seu valor, reconhecendo o seu direito. Justiça, aliás, que começou em seu próprio berço, no seu Rio Grande do Sul, naquela noite histórica de 7 de março do corrente ano de 1950, quando, numa conjunta sessão solene da Academia de Letras e do Instituto Histórico de Porto Alegre, Rita Lobato recebeu a maior consagração que já se fez a u'a mulher em sua terra. (302)

Exaltação!

Uma grande e seleta assistência comprimiu-se, é nessa ocasião, na sala do Instituto Histórico portoalegrense, aplaudindo, vezes muitíssimas, de pé, a justiça da nossa homenagem de apreço e de admiração à ilustre médica sulista, incontestavlemente, a primeira mulher formada em medicina no Brasil. (303)

E a Bahia, pela palavra de um filho seu, estava também alí presente, juntando-se ao Rio Grande do Sul, compartindo mesmo dos seus jubilos, naquela oportuna consagração à filha dileta. Sim, a Bahia alí estava para acentuar o alto

---

1950 irradiou, no programa "Honra ao Mérito", um número especial dedicado a Dra. Ermelinda de Vasconcelos, que até então julgava haver sido a primeira médica formada no Brasil. Devemos, porém, acrescentar, em nome da justiça, que o Dr. Paulo Roberto retificou êste seu juizo em nova irradiação de 24 de setembro do ano presente.

(302) — "A sessão solene do Instituto Histórico ponto culminante de estada do Dr. Alberto Silva, entre nós, neste extremo sul ultrapassou tôdas as espectativas. Rarâssima foram as vezes em que o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul conseguiu reunir como na noite de 7 de março, auditório tão seleto, tão elevado número de socios e ainda mais encher a casa de tal forma que até pelos corredores ficou gente de pé" — *Valter Spalding*. — "A Tarde — Salvador, 17-3-50. "O sessão presidida pela mesa diretora do Instituto Histórico e da Academia Sul-Riograndense de Letras foi das mais concorridas..." ("Diario do Povo" — Porto Alegre, 8-3-50). "O Prof. Valter Spalding, saudou igualmente em nome dos dois sodalicios à ilustre médica riograndense Dra. Rita Lobato". (Idem, Idem). E no dia imediato jornais portoalegrense esclareciam já abertamente: "Homenageada a primeira médica brasileira formada na Bahia ha 63 anos (em 1887) ("Jornal do Dia" — Porto Alegre, 8-3-50). "A Primeira Mulher Brasileira formada em Medicina" — ("Correio do Povo" — Porto Alegre, 2-3-950).

(303) — "A conferência do Dr. Alberto Silva foi aplaudidíssima, deitendo tido parte, em que verdadeiramente comoveu o auditório, deixando a mais viva impressão" — ("Correio do Povo" — Porto Alegre, 8-3-50).

mérito de Rita Lobato, louvar o seu esforço, bemdizer o seu nome, exalçar a sua personalidade, fortalecer os seus direitos. (304)

Concretizou-se, pois, desta maneira, e para sempre, a requerida justiça, numa expressiva homenagem de exaltação, de gratidão e rehabilitação.

E de tal geito, que, volvidas semanas, serenado o suscitado debate em torno do palpitante assunto, compreenderam todos, afinal, o direito de Rita Lobato ao honroso título de primeira médica diplomada no Brasil.

Compreenderam e aceitaram.

Aceitaram e exaltaram, agora, de coração sincero, os comprovados merecimentos da médica sulista, a sua prioridade indiscutida, o seu título consagrado de primeira médica formada no Brasil.

E desde, então, aporfiaram todos em corirgir a enorme injustiça, em retificar o grande êrro, em reparar, enfim, a teimosa preterição.

Paulo Roberto, médico, espalha por todo Brasil, através da Radio Nacional, o engano em que incorrêra, proclamando, agora, o direito inconteste de Rita Lobato ao título de Primeira Médica formada no Brasil, (305) e, acrescentamos de

---

(304) — "E, em nome da Bahia, que não sabe esquecer os grandes méritos, beijamos, genuflexos, as mãos fidalgas, pergaminhadas pelo tempo, de Rita Lobato Velho Lopes, hoje Rita Lobato Freitas, veneranda Senhora de grandes virtudes, digna de todo aprêço, de todo respeito, de tôdas homenagens. Aqui chegamos e aqui estamos para trazer-lhe em nome da Bahia as expressões mais eloquentes do seu afeto e da sua saudade; para agradecer-lhe, ainda, a grande honraria concedida à sua Faculdade de diplomar a primeira médica brasileira que outra não foi e não é senão vós mesma Dra. Rita Lobato, orgulho dêste Rio Grande do Sul, admiração da Bahia e gloria do Brasil" — Da conferência — "A Primeira Médica do Brasil", pronunciada pelo Prof. Alberto Silva, a 7 de março de 1950 no Salão Nobre do Instituto Histórico de Porto Alegre — Rio Grande do Sul".

Numa irradiação feita a 24 de setembro do presente ano de 1950 para todo Brasil, o Doutor Paulo Roberto teve a elegância moral de retificar o seu engano cometido em irradiação anterior acentuando, então, que em vista das pesquizas realizadas pelo Prof. Alberto Silva, a Primeira Médica do Brasil isto é a primeira brasileira formada numa Faculdade Brasileira, foi a Dra. Rita Lobato Velho Lopes formada na Bahia em 10 de dezembro de 1887, ocupando então a Dra. Ermelinda de Vasconcelos, o segundo lugar por se haver diplomado um ano depois, em 26 de dezembro de 1888.

(305) — Como deixamos dito, fixamos pela primeira vez a verdadeira posição da Dra. Rita Lobato no cenario médico sul-americano. Ocupa o honroso lugar de segunda médica da América do Sul, isto é, de segunda mulher formada em medicina numa Faculdade Sul-Ameri-

segunda na America do Sul. (306) Por sua vez o Instituto Baiano de História da Medicina concede a Rita Lobato, o diploma de Socia Honoraria, (307) homenagem expressiva à sua condição de primeira médica formada no Brasil.

E a quarta Jornada Brasileira de Puericultura e Pediatria, reunida em Porto Alegre a 6 de novembro do corrente ano de 1950, ao iniciar os seus trabalhos, presta significativa homenagem à Dra. Rita Lobato, (308) a primeira brasileira diplomada no Brasil, aclamando então, de pé uma oportuna proposta de representantes baiano Dr. Elisio Ataide. (309)

---

cana. A primeira médica sul-americana foi a Chilena Eloisa Diaz Inzunza diplomada a 29 de novembro de 1888. Primeira da America do Sul e Primeira do Chile. A segunda é então Rita Lobato diplomada a 10 de dezembro de 1887. Ermelinda de Vasconcelos vem a ser, portanto, a segunda médica do Brasil e a terceira da America do Sul, porque a argentina Cecilia Guierson, a primeira do seu país, formou-se, entretanto, depois em 1889.

(306) — Apuramos haver sido Rita Lobato a segunda médica sul-americana a se diplomar na Faculdade do respectivo país. A primeira, formada em 20 de novembro de 1886, foi uma chilena Eloisa Diaz Inzunza; a segunda, Rita Lobato, a 10 de dezembro de 1887; a terceira Ermelinda Vasconcelos em 20 de dezembro de 1888, sendo a 2.ª do Brasil; a quarta, a argentina Cecilia Guierson, em 1889, sendo a primeira do seu país.

(307) — Instituto Baiano de Medicina — Por proposta do Prof. Alberto Silva, presidente do Instituto Baiano de História de Medicina foi aclamado membro honorário do aludido Instituto a Dra. Rita Lobato Freitas, a 1.ª médica do Brasil que ainda vive e reside em Porto Alegre — "A Tarde" — Salvador, 8-9-950.

(308) — "Pelo representante baiano Dr. Elisio Ataide foi proposto que a 4.ª Jornada interceda junto ao Governo do Estado no sentido de obter um auxilio para a veneranda gaucha Dra. Rita Lobato, a primeira médica brasileira formada na Bahia em 1887. A 4.ª Jornada deliberou encaminhar o pedido — "Correio do Povo" — Porto Alegre, 7-11-950.

(309) — Pediátra baiano dos mais conceituados em Salvador. Neto de D. Amelia Ataide proprietaria da Fazenda Ponta de Nossa Senhora, onde Rita Lobato passou uns dias, a passeio. De sua oração proferida a 6 de novembro de 1950, no Salão Nobre da Faculdade de Medicina, ao instalar-se, a 4.ª Jornada Brasileira de Pediatria e Puericultura destacamos o seguinte trecho: "Esta solenidade está a exigir por certo um orador à sua altura, mas para a homenagem talvez ninguém melhor lhe poderá falar mais de perto ao coração do que o neto de uma sua velha amiga do Salvador, de quem conserva até hoje profundas recordações. Justificada, assim, a nossa presença nesta tribuna saudamos, em nome dos companheiros da Bahia, aos quais se associam os outros participantes da 4.ª Jornada Brasileira de Puericultura e Pediatria, à veneranda Dra. Rita Lobato Freitas, a primeira mulher no Brasil e a segunda na America a receber um diploma de médico numa Faculdade Sul-Americana. No momento em que se reunem os pediatras e puericultores do Brasil para debelar e estudar o interesse da criança

E o Governo do Rio Grande remete ao Congresso o apelo (310) dêste grupo de Puericultores e Pediatras brasileiros reunidos em memoravel congresso, (311) na capital gaucha. E a Câmara Federal estuda, por sua vez, outro projeto (312) de amparo à ilustre Doutora Rita Lobato, gloria legítima do Brasil, cujo título de Primeira Médica graduada no Brasil fica assim reconhecido oficialmente depois da sua aceitação nos círculos culturais do país. (313)

Consagrada, desta maneira, (314) a personalidade da Dra. Rita Lobato Freitas, a primeira médica diplomada no Brasil,

---

para torna-la, no porvir, luzida e capaz para a grandeza da Patria, não poderiamos esquecer a nossa primeira médica, bandeirante ousada da emancipação da mulher brasileira, desbravando o caminho até então impenetravel para as suas patricias. A procedência desta homenagem àquela que teve a primeira entre as suas conterrâneas de receber a laurea doutoral, ajusta-se também a manifestação desta Jornada àquela que se dedicou à causa da criança, pois escolhendo a obstetricia como especialidade, não passou assim, para época, de uma legítima puericultura. A Argentina e o Uruguai veneram como uma reliquia nacional as Dras. Cecilia Guierson e Paulina Luisi, esta viva ainda, as primeiras médicas dos seus respectivos paises, amparando-lhes a velhice, reconhecendo-as como patrimônio nacional. E', pois, o que também deve fazer o nosso Governo.

(310) — "E propomos neste momento aos companheiros da 4.ª Jornada Brasileira de Puericultura e Pediatria que façamos um apelo ao Exmo. Sr. Governador do Estado e ao Legislativo Gaucho que a exemplo dos nossos vizinhos do Prata auxilie a Primeira Médica do Brasil de que é gloria, sendo orgulho do Rio Grande do Sul". Do apêlo lido na sessão inaugural em 5-11-50 da 4.ª Jornada Brasileira de Pediatria e Puericultura, pelo delegado baiano Dr. Elisio Ataide. Êste apêlo foi atendido conforme se conclue do trecho seguinte: "O Governo do Estado concedeu atendendo ao apêlo feito pelo Dr. Ataide no Congresso Médico uma pensão de 500 cruzeiros mensais a Dra. Rita, que lhe muito agradece dizendo que tudo isto é fruto da sua campanha" — (Carta de Auta Tereza ao Autor, datada de 21 de dezembro de 1950).

(311) — 4.ª Jornada Brasileira de Puericultura e Pediatria reunida em Porto Alegre — Rio Grande do Sul,, de 6 a 11 de novembro do corrente ano de 1950.

(312) — Projeto apresentado pelo deputado gaucho Damaso Rocha à Câmara Federal, no segundo semestre do corrente ano.

(313) — Já uma publicação intitulada "Honra ao Mérito", da Standard Oil saida em setembro do ano corrente na justa homenagem que presta à Dra. Ermelinda de Vasconcelos, não a considera mais a primeira médica do Brasil. Lêmos, de fato, à página 39 o seguinte: "a jovem Ermelinda Lopes de Vasconcelos, uma das primeiras mulheres no Brasil e em tôda a America Latina que se formaram em Medicina".

Justo.

(314) — Entre as homenagens prestadas em por Alegre a 7 de março de 1950 na sessão do Instituto Histórico vale ressaltar a dêstes

resta-nos encerrar estas linhas com a conciência tranquila de quem cumpre o seu dever, e sobretudo de quem sente vê-lo compreendido. A vitoria dêste livro é a vitória da Verdade, que ha-de ser sempre a vitoria da História, quando entendida ao criterio de Flavio Josefo, em sua obra, "As Guerras dos Judeus": "a verdade foi a única aspiração em todo êste trabalho".

---

versos recitados pela Senhorinha Suely Isabel Luisa Rossler, da Academia Literaria Feminina do Rio Grande do Sul:

TUA FRONTE

À Dra. Rita Lobato.

Na tua fronte
altiva e serena
que o poder do tempo não alterou
minh'alma oscula a sabedoria suprema
que Deus a uma criatura ofertou.

que de paz!
em seu brilho fulgura
irradiando, sôbre nós
imensa bondade
Que de paz!
resplandecente de ternura

cai sôbre quem sofre,
por amor à humanidade.

Espelho fiel
tua fronte nobre e tranquila
revê o passado, que nem sempre suave desfila
E em teus olhos,
às vezes,
uma lágrima pequenina
mais e mais, te engasta
na saudade que domina.

Tua fronte serena
pensativa de amor
quantas vezes
ensombrou-se por alheia dor
Mas, ei-la, entre nós,
triunfante agora
derramando paz na dçoura desta hora

Se dado me fôsse,
bimbalhar sinos d'ouro
Pétalas de sonhos
espalhar sôbre teu caminho

sons divinos de harpas,
ocultas sob louros
eu seria feliz
E' ao contemplar-te, sob roséo arminho,
comovida ante tua augusta passagem
envolta de uma auréola de imagem
coroando a sabedoria suprema
que Deus criou
minh'alma oscula
tua fronte altiva e serena
que o poder do tempo não alterou.

MÉDICAS DIPLOMADAS PELA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA ENTRE 1887 E 1951

MÉDICAS DIPLOMADAS PELA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DA BAHIA

(1887-1951)

1887

1.ª *Rita Lobato Velho Lopes*
Graduação: — 10 de dezembro de 1887 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Rio Grande do sul
Nascimento: — 7 de junho de 1866
Filiação: — Francisco Lobato Lopes
Tése: — "Paralelo Entre os Métodos Preconizados na Operação Cesariana".

NOTA: — Foi a primeira brsaileira a receber o diploma de Doutora em Medicina numa Faculdade brasileira.

1890

2.ª *Amelia Pedroso Benebien*
Graduação: — 28 de março de 1890 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Ceará
Nascimento: — 6 de janeiro de 1860
Filiação: — Joaquim Pedro Benebien
Tése: — "Disposições Anomalas do Coração Umbilical".

3.ª *Efigenia Veiga*
Graduação: — 4 de dezembro de 1890 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 30 de maio de 1864
Filiação: — Capitão José Ferreira Veiga
Tése: — "Métodos Antiopaticos em Obstetricia".

1892

4.ª *Glafira Correia de Araujo*
Graduação: — 3 de dezembro de 1892 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 13 de janeiro de 1871
Filiaçãos — Firmo Caetano de Araujo
Tése: — "Hemorragias Puerperais".

1893

5.ª *Francisca Barreto Praguer*
Graduação: — 9 de dezembro de 1893 — Doutora em Medicina
Naturalidades — Bahia
Nascimento: — 21 de outubro de 1872
Filiação: — Henrique Praguer
Tése: — "Raspagem do Utero".

1898

6.ª *Laura Amelia de Souza Bahiense*
Graduação: — 13 de dezembro de 1898 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 21 de abril de 1875
Filiação: — João Joaquim de Souza Bahiense
Tése: — "Alimentação das Crianças na Primeira Infância".

1909

7.ª *Maria Odilia Teixeira*
Graduação: — 15 de novembro de 1909 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 5 de março de 1884
Filiação: — Dr. José Ferreira Teixeira
Tése: — "Curabilidade e Tratamento das Cirroses Atroficas".

1916

8.ª *Isaura Leitão de Carvalho*
Graduação: — 26 de dezembro de 1916 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 6 de fevereiro de 1892
Filiação: — Martinho Roberto Conceição
Tése: — "Transfusão Sanguinea".

1919

9.ª *Euridice Lopes Seixas*
Graduação: — 15 de janeiro de 1919 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Alagôas
Nascimento: — 20 de dezembro de 1895
Filiação: — Francisco Seixas e Silva
Tése: — "Hereditariedade Normal e Mórbida".

1926

10.ª *Nise Magalhães da Silveira*
Graduação: — 29 de dezembro de 1926 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Alagôas
Nascimento: — 10 de janeiro de 1905
Filiação: — Faustino Magalhães da Silveira
Tése: — "Ensaios Sôbre a Criminalidade da Mulher no Brasil".

1927

11.ª *Itala Silva Oliveira*
Graduação: — 27 de dezembro de 1927 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Sergipe
Nascimento: — 18 de outubro de 1897
Filiação: — Silvano Oliveira
Tése: — "Da Sexualidade e da Educação Sexual".

12.ª *Cacilda Vieira Reis*
Graduação: — 27 de dezembro de 1927 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 8 de abril de 1902
Filiação: — João Paulo dos Reis
Tése: — "Ligeira Contribuição ao Estudo da Sub-alimentação nos Latentes".

1928

13.ª *Maria Barbosa Gomes*
Graduação: — 27 de dezembro de 1928 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 26 de abril de 1900
Filiação: — Guilherme Gomes Barbosa Castro
Tése: — "Contribuição ao Estudo Jurídico e Médico do Infanticidio".

1929

14.ª *Josefina Peixoto*
Graduação: — 16 de dezembro de 1929 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Pernambuco
Nascimento: — 12 de agosto de 1907
Filiação: — José Ulises Peixoto
Tése: — "Frequência do Glaucoma na Raça Negra na Bahia".

15.ª *Teolina Osorio Pimentel*
Graduação: — 26 de dezembro de 1929 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 6 de novembro de 1906
Filiação: — José Paulo Osorio Pimentel
Tése: — "Envenenamento Homicido".

1930

16.ª *Carmen Mesquita*
Graduação: — 20 de dezembro de 1930 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 18 de abril de 1903
Filiação: — Dr. Raimundo Mesquita
Tése: — Não apresentou tése.

NOTA: — Primeira Aluna Laureada da Faculdade de Medicina da Bahia.

17.ª *Esmeralda Cunha Vasconcelos*
Graduação: — 20 de dezembro de 1930 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 14 de janeiro de 1896
Tése: — "Em Torno do Processo de Dalmas".

18.ª *Dinorah Bittencourt Moscoso*
Graduação: — 22 de dezembro de 1930 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 22 de dezembro de 1908
Filiação: — Dr. Braz Moscoso
Tése: — "A Higiene nas Escolas".

1931

19.ª *Maria José Salgado Lages*
Graduação: — 31 de março de 1931 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Alagôas
Nascimento: — 22 de junho de 1907
Filiação: — José Gonçalves Lages
Tése: — "Infecção Focal e Surdez".

20.ª *Angelica de Almeida Monteiro*
Graduação: — 26 de outubro de 1931 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 16 de setembro de 1908
Filiação: — Abeilard Monteiro
Tése: — Não.

21.ª *Cleonice Alàkija*
Graduação: — 24 de outubro de 1931 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 26 de fevereiro de 1910
Filiação: — Porfirio Máximo de Assunção
Tése: — "As Infecções Cervicais e a Infecção Focal".

22.ª *Olga Conceição*
Graduação: — 24 de outubro de 1931 — Doutora em Medicina
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 28 de maio de 1904
Filiação: — José Maria Conceição
Tése: — "Lactose e sua Dosagem".

23.ª *Noelia Augusto da Silva*
Graduação: — 24 de outubro de 1931 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 19 de janeiro de 1910
Filiação: — José Augusto da Silva
Tése: — Não.

1932

25.ª *Gessy Duarte Vieira*
Graduação: — 19 de dezembro de 1932 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 21 de janeiro de 1910
Filiação: — José Antonio Duarte Vieira
Tése: — Não.

1933

26.ª *Alina B. Almeida Souza*
Graduação: — 7 de dezembro de 1933 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 4 de junho de 1910
Filiação: — Antonio Almeida Souza
Tése: — Não.

1934

27.ª *Antonieta Peçanha Martins*
Graduação: — 8 de dezembro de 1934 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 21 de agosto de 1910
Filiação: — Francisco Martins Junior
Tése: — Não.

28.ª *Adelina Lessa Borges*
Graduação: — 13 de dezembro de 1934 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 28 de junho de 1910
Filiação: — Dr. Francisco Borges
Tése: — Não.

1935

29.ª *Alzira de Oliveira Chaves*
Graduação: — 5 de dezembro de 1935 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 2 de janeiro de 1905
Filiação: — Antero Chaves
Tése: — Não.

30.ª *Ana Rubem*
Graduação: — 5 de dezembro de 1935 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 15 de março de 1911
Filiação: — José Rubem
Tése: — Não.

31.ª *Maria Zita Guimarães de Souza*
Graduação: — 5 de dezembro de 1935 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 1 de setembro de 1902
Filiação: — Sebastião de Souza
Tése: — Não.

32.ª *Layce Machado de Araujo Costa*
Graduação: — 9 de dezembro de 1935 — Médica
Naturalidade: — Maranhão
Nascimento: — 13 de janeiro de 1917
Filiação: — Carlos Araujo Costa
Tése: — Não.

33.ª *Maria de Lourdes Pereira de Souza*
Graduação: — 5 de dezembro de 1935 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 3 de julho de 1907
Filiação: — Isidorio Pereira de Souza
Tése: — Não.

34.ª *Nair Perolina Guena*
Graduação: — 5 de dezembro de 1935 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 29 de março de 1910
Filiação: — João Oliveira Guena
Tése: — Não.

1936

35.ª *Nair do Passo Cunha*
Graduação: — 5 de dezembro de 1936 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 30 de dezembro de 1912
Filiação: — Dr. Arnaldo Pimental da Cunha
Tése: — Não.

36.ª *Bella Fucs*
Graduação: — 5 de dezembro de 1930 — Médica
Nacionalidade: — Russia
Nascimento: 10 de agosto de 1913.
Filiação: — Marcus Fucs
Tése: — Não.

37.ª *Feiga Fucs*
Graduação: — 7 de dezembro de 1936 — Médica
Nacionalidade: — Russia
Nascimento: — 1 de agosto de 1911
Filiação: — Marcus Fucs
Tése: — Não.

38.ª *Adalgisa Teixeira Chagas*
Graduação: — 5 de dezembro de 1936 — Médica
Naturalidade: — Ceará
Nascimento: — 14 de agosto de 1913
Filiação: — Francisco Teixeira Chagas
Tése: — Não.

39.ª *Gladys Browne Boia*
Graduação: — 22 de dezembro de 1936 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 24 de junho de 1913
Filiação: — Miguel Pereira Boia
Tése: — Não.

40.ª *Maria de Lourdes Ramos Costa*
Graduação: — 5 de dezembro de 1936 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 19 de fevereiro de 1912
Filiação: — João da Mata Ramos Costa
Tése: — Não.

41.ª *Ofelia Santos Brito*
Graduação: — 5 de dezembro de 1936 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 22 de setembro de 1912
Filiação: — Antéro Brito
Tése: — Não.

42.ª *Rosa Ossiovia*
Graduação: — 5 de dezembro de 1936 — Médica
Nacionalidade: — Rumania
Nascimento: — 5 de julho de 1914
Filiação: — Devi Ossiovia
Tése: — Não.

43.ª *Zenir Castro de Aragão*
Graduação: — 5 de dezembro de 1936 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 19 de agosto de 1912
Tése: — Não.

1937

44.ª *Stela Medeiros*
Graduação: — 15 de dezembro de 1937 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 9 de setembro de 1913
Filiação: — Manuel Luiz Medeiros
Tése: — Não.

45.ª *Anita Andrade*
Graduação: — 15 de dezembro de 1937 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 18 de março de 1913
Filiação: — João Andrade
Tése: — Não.

46.ª *Elza Lobão Guimarães*
Graduação: — 15 de dezembro de 1937 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 10 de outubro de 1912
Filiação: — Mario Castro Guimarães
Tése: — Não.

47.ª *Rita Lirio Alves de Almeida*
Graduação: — 7 de março de 1937 — Médica
Naturalidade: — Bahia.
Nascimento: — 11 de setembro de 1914
Filiação: — Prof. Isaias Alves de Almeida
Tése: — Não.

48.ª *Dina Morais Barbosa Gomes*
Graduação: — 15 de dezembro de 1937 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 21 de maio de 1913
Filiação: — Alvaro Barbosa Gomes
Tése: — Não.

1938

49.ª *Romilda Valentino*
Graduação: — 5 de dezembro de 1936 — Médica
Naturalidade: — São Paulo
Nascimento: — 21 de agosto de 1910
Filiação: — Antonio Valentino
Tése: — Não.

50.ª *Adélia Nascimento*
Graduação: — 15 de dezembro de 1938 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 29 de agosto de 1910
Filiação: — Deocleciano Nascimento
Tése: — Não.

51.ª *Anita Uchtel*
Graduação: — 29 de dezembro de 1938 — Médica
Nacionalidade: — Russia
Nascimento: — 6 de maio de 1911
Filiação: — Saul Uchtel
Tése: — Não.

52.ª *Cora de Moura Pedreira*
Graduação: — 5 de dezembro de 1938 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 24 de março de 1915
Filiação: — Francisco Pedreira
Tése: — Não.

53.ª *Dagmar Santos Guedes*
Graduação: — 6 de dezembro de 1938 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 2 de janeiro de 1913
Filiação: — Julio Guedes
Tése: — Não.

54.ª *Eunice Machado Lemos*
Graduação: — 5 de dezembro de 1938 — Médica

Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 30 de agosto de 1913
Filiação: — Manoel Machado Lemos
Tése: — Não.

55.ª *Auzenda de Lima*
Graduação: — 6 de dezembro de 1938 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 5 de julho de 1936
Filiação: — Alfredo Vieira de Lima
Tése: — Não.

56.ª *Rute Pedreira do Couto Ferraz*
Graduação: — 16 de dezembro de 1939 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 13 de janeiro de 1917
Filiação: — Cicero Pedreira do Couto Ferraz
Tése: — Não.

57.ª *Avany Anselmo*
Graduação: — 9 de dezembro de 1939 — Médica
Naturalidade: — Paraná
Nascimento: 14 de dezembro de 1916
Filiação: — José Anselmo
Tése: — Não.

58.ª *Cléa Silva França*
Graduação: — 11 de dezembro de 1939 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 4 de dezembro de 1917
Filiação: — Antonio Coutinho França
Tése: — Não.

59.ª *Lucy Montserrat Hiltner*
Graduação: — 9 de dezembro de 1939 — Médica
Naturalidade: — Estado do Rio
Nascimento: 13 de março de 1915
Filiação: — Oto Hiltner
Tése: — Não.

60.ª *Carlosina Ferreira de Abreu*
Graduação: — 11 de dezembro de 1939 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 22 de maio de 1918
Filiação: — Dr. Carlos Pompilio de Abreu
Tése: — Não.

1940

61.ª *Araci Lopes de Souza Aguiar*
Graduação: — 14 de dezembro de 1940 — Médica
Naturalidade: — Territorio do Acre
Nascimento: — 12 de julho de 1916
Filiação: — Alfredo Lopes Aguiar
Tése: — Não.

62.ª *Cremilda de Oliveira S. Ana*
Graduação: — 14 de dezembro de 1940 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 19 de julho de 1917
Filiação: — Manoel Sérvulo de S. Ana
Tése: — Não.

63.ª *Maria José Imbassahy da Silva Santos*
Graduação: — 20 de dezembro de 1940 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 6 de maio de 1910
Filiação: — Manoel Joaquim dos Santos
Tése: — Não.

64.ª *Nanci Salgado de Carvalho*
Graduação: — 14 de dezembro de 1940 — Médica
Naturalidade: — Alagôas
Nascimento: — 8 de março de 1916
Filiação: — Alipio Nascimento Salgado
Tése: — Não.

1941

65.ª *Lidia Margarida Campos Paraguaçu*
Graduação: — 13 de dezembro de 1941 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 1 de maio de 1917
Filiação: — Mario Paraguaçu
Tése: — Não.

66.ª *Iracema Daniel Moura*
Graduação: — 20 de dezembro de 1941 — Médica
Naturalidade: — Maranhão
Nascimento: — 13 de outubro de 1915
Filiação: — Lucio Fausto Moura
Tése: — Não.

67.ª *Maria de Lourdes Barreto*
Graduação: — 13 de dezembro de 1941 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 26 de abril de 1917
Filiação: — Manoel Barreto Rocha
Tése: — Não.

68.ª *Maria de Lourdes Borges Pereira*
Graduação: — 13 de dezembro de 1941 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 25 de setembro de 1911
Filiação: — José Pereira Borges
Tése: — Não.

69.ª *Maria Neumara Borges Mendes*
Graduação: — 13 de dezembro de 1941 — Médica
Naturalidade: — Ceará
Nascimento: — 16 de novembro de 1918
Filiação: — Sebastião Mendes dos Santos
Tése: — Não.

70.ª *Maria do Céu Santos Pereira*
Graduação: — 13 de dezembro de 1941 — Médica
Naturalidade: — Sergipe
Nascimento: — 12 de maio de 1913
Filiação: — Manoel Cândido dos Santos Pereira
Tése: — Não.

71.ª *Maria José Guedes de Morais*
Graduação: — 14 de dezembro de 1943 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 15 de agosto de 1918
Filiação: — Dr. José Paulo de Morais
Tése: — Não.

72.ª *Suzete Mandarino Hipólito*
Graduação: — 14 de dezembro de 1943 — Médica
Naturalidade: — Sergipe
Nascimento: — 6 de março de 1917
Filiação: — Nicolau Antonio Hipólito
Tése: — Não.

1944

73.ª *Maisa Cândida Barbosa Amorim*
Graduação: — 13 de dezembro de 1944 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 17 de agosto de 1919
Filiação: — Lidio Santos Amorim
Tése: — Não.

74.ª *Aidil Freitas Cavalcanti*
Graduação: — 13 de dezembro de 1944 — Médica
Nascimento: — 5 de agosto de 1916
Filiação: — Augusto Vieira Cavalcanti
Tése: — Não.

75.ª *Helena Marques de Carvalho*
Graduação: — 13 de dezembro de 1944 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 12 de agosto de 1916
Filiação: — Clarindo Marques de Carvalho
Tése: — Não.

76.ª *Isaunita Paiva Ribeiro*
Graduação: — 13 de dezembro de 1944 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 12 de dezembro de 1919
Filiação: — Joaquim Ribeiro
Tése: — Não.

77.ª *Carmen Moreira Gomes*
Graduação: — 13 de dezembro de 1944 — Médica
Naturalidade: — Alagôas
Nascimento: — 28 de outubro de 1917
Filiação: — Dr. Otavio Gomes
Tése: — Não.

1945

78.ª *Bety Souto Maior Costa*
Graduçaão: — 19 de dezembro de 1945 — Médica
Naturalidade: — Distrito Federal
Nascimento: — 20 de junho de 1922
Filiação: — Alvaro Souto Maior Costa
Tése: — Não.

79.ª *Clarice Moniz de Almeida Costa*
Graduação: — 22 de dezembro de 1940 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 13 de agosto de 1917
Filiação: — D. Maria da Gloria Moreira
Tése: — Não.

1946

80.ª *Judite Chicourel*
Graduação: — 14 de dezembro de 1946 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 24 de janeiro de 1923
Filiação: — Alberto Chicourel
Tése: — Não.

81.ª *Maria Gurriti Pessôa*
Graduação: — 14 de dezembro de 1946 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 22 de abril de 1921
Filiação: — Gabriel Gurriti Pessôa
Tése: — Não.

82.ª *Odete Diniz Faro Dantas*
Graduação: — 16 de dezembro de 1946 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 13 de dezembro de 1920
Filiação: — Gonçalo Faro Dantas
Tése: — Não.

83.ª *Regina Viana*
Graduação: — 14 de dezembro de 1946 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 21 de outubro de 1921
Filiação: — Mario Viana
Tése: — Não.

1947

84.ª *Maria Alice Fonseca Firpo*
Graduação: — 15 de dezembro de 1947 — Médica
Naturalidade: — Sergipe
Nascimento: — 8 de agosto de 1922
Filiação: Artur Firpo
Tése: — Não.

85.ª *Zaida Ruas de Sá Lucas*
Graduação: — 19 de dezembro de 1947 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 18 de agosto de 1922
Filiação: — Julio Ruas Gaspar
Tése: — Não.

86.ª *Artemiza Laredo Reis*
Graduação: — 15 de dezembro de 1947 — Médica
Naturalidade: — Amazonas
Nascimento: — 14 de março de 1922
Filiação: — Artur Leopoldo Reis
Tése: — Não.

87.ª *Stela Medeiros*
Graduação: — 15 de dezembro de 1947 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 9 de outubro de 1913
Filiação: — Manoel Luis Medeiros
Tése: — Não.

88.ª *Ary Brasil F. Pinto*
Graduação: — 15 de dezembro de 1947 — Médica
Naturalidade: — S. Paulo
Nascimento: — 13 de outubro de 1923
Filiação: — Dr. José F. Pinto
Tése: — Não.

89.ª *Silvia Augusta Soares Santos*
Graduação: — 13 de dezembro de 1947 — Médica
Naturalidade: — Maranhão
Nascimento: — 12 de julho de 1922
Filiação: — Dr. João Soares Santos
Tése: — Não.

90.ª *Dulce Sampaio Tavares*
Graduação: — 15 de dezembro de 1947 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 18 de setembro de 1921
Filiação: — Prof Armando Sampaio Tavares
Tése: — Não.
NOTA: — Segunda aluna Laureada da Faculdade de Medicina da Bahia.

91.ª *Laurita Cravo Rabelo*
Graduação: — 13 de dezembro de 1947 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 10 de setembro de 1922
Filiação: — Dr. Oscar Rabelo
Tése: — Não.

92.ª *Maria Teresa Lopes Rodrigues Coelho*
Graduação: — 13 de dezembro de 1947 — Médica

Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 6 de agosto de 1917
Filiação: — Dr. Metodio Coelho
Tése: — Não.

1948

93.ª *Hilda Rodrigues Gago*
Graduação: — 16 de dezembro de 1948 — Médica
Naturalidade: — Maranhão
Nascimento: — 11 de junho de 1924
Filiação: — Enrique Gago
Tése: — Não.

94.ª *Margarida Orenstein*
Graduação: — 16 de dezembro de 1948 — Médica
Naturalidade: — Pernambuco
Nascimento: — 16 de fevereiro de 1924
Filiação: — Simão Orenstein
Tése: — Não.

95.ª *Maria Cecy Lopes Moura*
Graduação: — 16 de dezembro de 1948 — Médica
Naturalidade: — Maranhão
Nascimento: — 27 de fevereiro de 1924
Filiação: — Dr. Orestes Moura
Tése: — Não.

96.ª *Odete Barreto Nunes*
Graduação: — 16 de dezembro de 1948 — Médica
Naturalidade: — Piaui
Nascimento: — 23 de agosto de 1923
Filiação: — Raimundo Nunes
Tése: — Não.

97.ª *Rute Barros de Nascimento*
Graduação: — 16 de dezembro de 1948 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 2 de abril de 1924
Filiação: — Raul Sales Nascimento
Tése: — Não.

98.ª *Regina Pereira Coelho*
Graduação: — 16 de dezembro de 1946 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 5 de abril de 1922
Filiação: — Gregorio Coelho
Tése: — Não.

1949

99.ª *Siomâra Baltazar da Silveira*
Graduação: — 15 de dezembro de 1949 — Médica
Naturalidade: — S. Paulo
Nascimento: — 26 de fevereiro de 1926
Filiação: — Prof. Evandro Baltazar da Silveira
Tése: — Não.

100.ª *Risoleta Barbuda Sanches*
Graduação: — 15 de dezembro de 1949 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 7 de junho de 1924
Filiação: — Normando Sanches
Tése: — Não.

101.ª *Maria Espinheira Mesquita*
Graduação: — 15 de dezembro de 1949 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 30 de julho de 1925
Filiação: — Dr. Oscar Mesquita
Tése: — Não.

102.ª *Alice Maria Meister*
Graduação: — 15 de dezembro de 1949 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 14 de janeiro de 1924
Filiação: — Valter Meister
Tése: — Não.

103.ª *Maria de Lourdes Moniz Mariano*
Graduação: — 15 de dezembro de 1949 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 31 de dezembro de 1924
Filiação: — Aristóteles Mariano
Tése: — Não.

104.ª *Anita Guiomar Franco*
Graduação: — 15 de dezembro de 1949 — Médica
Naturalidade: — Sergipe
Nascimento: — 7 de outubro de 1925
Filiação: — José Gonçalves Franco
Tése: — Não.

105.ª *Aurora de Magalhães Meireles*
Graduação: — 15 de dezembro de 1949 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 14 de maio de 1925
Filiação: — Vitor Meireles
Tése: — Não.

106.ª *Elvira Mendes de Araujo*
Graduação: — 15 de dezembro de 1949 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 11 de outubro de 1919
Filiação: — Evarista Araujo
Tése: — Não.

107.ª *Irene Castro Sales*
Graduação: — 15 de dezembro de 1949 — Médica
Naturalidade: — Ceará
Nascimento: — 15 de novembro de 1918
Filiação: — João Rufino Sales
Tése: — Não.

108.ª *Lindaura Falcão de Azevedo*
Graduação: — 15 de dezembro de 1949 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 15 de dezembro de 1924
Filiação: — Manoel Martins de Azevedo
Tése: — Não.

109.ª *Maria da Piedade Pinto de Melo e Silva*
Graduação: — 15 de de dezembro de 1949 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 16 de outubro de 1925
Filiação: — Felix Afonso de Melo e Silva
Tése: — Não.

110.ª *Liuba Rosemberg*
Graduação: — 14 de dezembro de 1950 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 2 de dezembro de 1925
Filiação: — Thil Rosemberg
Tése: — Não.

111.ª *Hilde Moreira da Hora*
Graduação: — 14 de dezembro de 1950 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 18 de outubro de 1920
Filiação: — Claudelino da Hora
Tése: — Não.

112.ª *Dulce Serrano Schaeppi*
Graduação: — 14 de dezembro de 1950 — Médica
Naturalidade: — Espírito Santo
Nascimento: — 25 de outubro de 1925
Filiação: — Dr. Rômulo Serrano
Tése: — Não.

113.ª *Maria de Lourdes Rocha Santos*
Graduação: — 14 de dezembro de 1950 — Médica
Naturalidade: — Sergipe
Nascimento: — 20 de fevereiro de 1923
Filiação: — João Francisco dos Santos
Tése: — Não.

114.ª *Marysses da Cruz Bomfim*
Graduação: — 14 de dezembro de 1950 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 31 de dezembro de 1924
Filiação: — Ulisses Bomfim
Tése: — Não.

115.ª *Iolanda Bezerra Brandão*
Graduação: — 14 de dezembro de 1950 — Médica
Naturalidade: — Alagôas
Nascimento: — 11 de agosto de 1922
Filiação: — Satiro de Souza Brandão
Tése: — Não.

116.ª *Geilza Cravo Batinga*
Graduação: — 14 de dezembro de 1950 — Médica
Naturalidade: — Alagôas
Nascimento: — 24 de dezembro de 1922
Filiação — Jonas Batinga
Tése: — Não.

117.ª *Maria Angélica da Silveira Fonseca*
Graduação: — 14 de dezembro de 1950 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 30 de abril de 1923
Filiação: — João Venceslau da Fonseca
Tése: — Não.

118.ª *Alda de Andrade Gaspar*
Graduação: — 14 de dezembro de 1950 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 19 de maio de 1925
Filiação: — Francisco de Assis Gaspar
Tése: — Não.

119.ª *Maria Berila Conceição*
Graduação: — 13 de dezembro de 1950 — Médica
Naturalidade: — Sergipe
Nascimento: — 19 de maio de 1925
Filiação: — Quintino Conceição
Tése: — Não.

120.ª *Antonia Nina dos Santos*
Graduação: — 14 de dezembro de 1950 — Médica
Naturalidade: — Alagôas
Nascimento: — 9 de junho de 1926
Filiação: — Artur Emidio dos Santos
Tése: — Não.

1951

121.ª *Denakã Rodrigues Philocreon*
Graduação: — 12 de dezembro de 1951 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 10 de março de 1924
Filiação: — Oton Garcia Philocreon
Tése: — Não.

122.ª *Jacira Duarte de Oliveira*
Graduação: — 12 de dezembro de 1951 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 12 de abril de 1926
Filiação: — Antonio Oliveira e Silva
Tése: — Não.

123.ª *Dorothy Doval*
Graduação: — 12 de dezembro de 1951 — Médica
Naturalidade: — S. Paulo
Nascimento: — 2 de abril de 1926
Filiação: — Manoel Doval
Tése: — Não.

124.ª *Dulce Fernandes Neves*
Graduação: — 12 de dezembro de 1951 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 14 de março de 1926
Filiação: — Antonio Fernandes Neves
Tése: — Não.

125.ª *Altar Moreira do Nascimento*
Graduação: — 12 de dezembro de 1951 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 8 de agosto de 1926
Filiação: — Libanio Moreira do Nascimento
Tése: — Não.

126.ª *Aila Benevides Magalhães*
Graduação: — 12 de dezembro de 1951 — Médica
Naturalidade: — Ceará
Nascimento: — 1 de janeiro de 1928
Filiação: — Floriano Benevides Magalhães
Tése: — Não.

127.ª *Durvalice Maria Catão Favila*
Graduação: — 12 de dezembro de 1951 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 6 de janeiro de 1927
Filiação: — Durval Favila
Tése: — Não.

128.ª *Giselda Lessa Ribeiro*
Graduação: — 12 de dezembro de 1951 — Médica
Naturalidade: — Alagôas
Nascimento: — 21 de junho de 1928
Filiação: — Anfrisio Ribeiro
Tése: — Não.

129.ª *Silvia Mercedes Almeida Castro Calmon de Siqueira*
Graduação: — 12 de dezembro de 1951 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 2 de março de 1928
Filiação: — José Calmon de Siqueira
Tése: — Não.

130.ª *Maria Vanda Barroso Pinto*
Naturalidade: — Sergipe
Graduação: — 12 de dezembro de 1951 — Médica
Nascimento: — 9 de maio de 1926
Filiação: — Julio Pinto
Tése: — Não.

131.ª *Maria Lucia Guimarães Vieira*
Graduação: — 12 de dezembro de 1951 — Médica
Naturalidade: — Bahia
Nascimento: — 8 de dezembro de 1925
Filiação: — Gilberto Bastos Vieira
Tése: — Não.

As duas seguintes doutoras revalidaram os seus diplomas na Faculdade de Medicina da Bahia:

1.ª — Em 1890 — Ana Machado Marinho Falcão — Doutora em Medicina pelo "New-York Medical College".

2.ª — Em 1930 — Margo Anderson — Doutora pela Universidade da Letonia.

A doutora mais jovem diplomada pela Faculdade de Medicina da Bahia foi a Srta. Fransca Barreto Praguer, contando apenas 21 anos, 1 mês e 19 dias.

Formaram-se de 1887 a 1951 na Faculdade de Medicina da Bahia 131 mulheres, das quais 20 sustentaram téses e foram Doutoras em Medicina e 111 não sustentaram téses e foram Médicas.

Dessas 121 diplomadas 4 foram estrangeiras, 3 russas e 1 romania e 128 brasileiras assim descriminadas:

Bahia	65
Alagôas	10
Sergipe	8
Maranhão	5
Ceará	5
S. Paulo	4
Pernambuco	2
Paraná	1
Rio Grande do Sul	1
Estado do Rio	1
Espírito Santo	1
Territorio do Acre	1
Amazonas	1
Piaui	1
	128

FONTES PESQUIZADAS

(Manuscritos — Téses — Jornais — Cartas)

FONTES PESQUIZADAS

1 — MANUSCRITOS — TÉSES — JORNAIS — REVISTAS — CARTAS

1 — *Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil*:

Téses de Doutoramentos dos anos de 1887, 1888, 1889 e 1890.

2 — *Arquivo da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil*:

Documentos de Matrícula da aluna Rita Lobato Velho Lopes — Recibos — Atestado de Saúde e Vacinação — Requerimentos — Certidão de Idade, etc. (Inéditos).

Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia:

Téses de Doutoramentos — Anos de 1886 — 1887 — 1888 — 1889 — 1890 e 1891.

Arquivo da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia:

Documentos de Matrículas e Exames da aluna Rita Lobato Velho Lopes — Requerimentos — Atestados — Certificados — Recibos — (Inéditos).

Secretaria da Faculdade de Medicina de Montevideu — Uruguai:

Documento sôbre a primeira Médica Uruguaia — (Inédito).

Secretaria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Buenos-Aires — Argentina:

Documento sôbre a Primeira Médica Chilena — (Inédito).

Secretaria da Faculdade de Biologia e Ciências Médicas da Universidade do Chile:

Documento sôbre a Primeira Médica Uruguai — (Inédito).

Arquivo da Biblioteca Pública de Pelotas — Rio Grande do Sul:

Coleção do jornal "Ventarola" de 1888 e 1889.

Biblioteca Pública da Bahia:

"Jornal de Noticias" de1885-1886-1887 — "Diario de Noticias" de 1885-1886-1887 — "Gazeta Médica da Bahia" — 1868.

Biblioteca Nacional:

"Jornal do Comercio" de 1888 e 1889. "A Cidade do Rio" de 1888 e 1889. "Gazeta de Noticias" de 1888 e 1889. "O Globo" — 1828 e 1950. "Diario de Noticias" de 1878, 1888 e 1889. "Diario Carioca" de agosto e setembro de 1950.

Arquivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia:

"Diario da Bahia" de 1885, 1886 e 1887.

Fontes particulares:

Cartas ao autor, da Dra. Rita Lobato Velho Lopes de Rio Pardo e de Porto Alegre — Rio Grande do Sul; do Sr. Ayres Echenique de Pelotas — Rio Grande do Sul e da Dra. Paulina Luisi, de Montevideu — Uruguai.

Dados Biográficos, sôbre Paulina Luisi — Montevideu — Uruguai — Revista Bile-Ken — 20-11-950 — Buenos-Aires — Argentina.

TRABALHOS CONSULTADOS

TRABALHOS CONSULTADOS

A

Albuquerque, Anselmo Pires de — "Arquivos da Fac. de Med. da Bahia" — 1916-1918.

Amaral, Braz do — "A Capela dos Jesuitas na Bahia" — In. Rve. Inst. Hist. — Bahia n. 47.

Alves, Antonio José — "Memorias Históricas" — 1857.

Aragão, Gonçalo Moniz Sodré de — "A Medicina e a sua Evolução na Bahia".

Aragão, Gonçalo Moniz Sodré de — "Memoria Histórica da Fac. de Med. da Bahia" — 1924.

B

Barros, F. Borges de — Arqueologia e Historia.

Barros, J. Teixeira e Amaral, José Alvares — "Resumo Cronológico e Noticioso da Providência da Bahia desde 1500" — In. Revist. Inst. Geo. Hist. da Bahia n. 47.

Barros, Vidal — "Precursoras Brasileiras".

Bebel, August — Les Femmes Dans le Passé, le Present et l'Avenir — Blasques, Antero — Carta ao Padre Provincial — em 30-5-1364.

Block, M. W. — "Esquise d'une Histoire de la Medicine".

Bouchint, E — Histoire de la Medicine.

C

Calmon, Pedro — História da Fundação da Bahia.
Calmon, Pedro — História do Brasil.

Campos, João da Silva — "Tempo Antigo".
Carvalho, José Eduardo Freire de — "Datas e Fatos".
Castiglione, Artur — "História da Medicina".
Cendeming, Logar — "O Romance da Medicina".
Cormick, Elsie — "Independent Woman".
Coleção das Leis do Império do Brasil — Anos de 1879, 1882 e 1884.

D

Deizeméries, J. E. — Lettres Sur L'Histoire de la Medecin.
Dias, Antonieta César — Hemorragia Puerperal — Tése, 1889.
Diepgen, P. — História da Medicina.

F

Figueredo, Antonio de — "Recordações e Viagens".
Filho, Licurgo dos Santos — História da Medicina no Brasil.
Flores, Enrique — Las Reinas Católicas.
Fonseca, Anselmo da — Memoria Histórica da Fac. de Med. da Bahia — 1891.

H

Hoggard, Horvard W. — O Médico na História.

J

Junior, Silio Bocanera — "Bahia Cívica e Religiosa".
Junior, Silio Bocanera — "Bahia Histórica".

L

Lima, José Francisco da Silva — "A Bahia de ha sessenta e seis anos". — Rev. Inst. Hist. da Bahia — n. 38, vol. 15.
Lopes, Rita Lobato Velho — "Paralelo Entre os Métodos Preconizados na Operação Cesariana" — Tése, 1887.
Luisi, Paulina — "Dados Biográficos".

M

Magalhães, Basilio de — História do Brasil.
Magalhães, Olinto Máximo de — "Febre Amarela" — Tése, 1887.
Matos, Valdemar — "A Bahia de Castro Alves".
Meneses, Inacio de — Na Bahia — Em Bôa Terra.
Moacir, Primitivo — "A Instrução e o Império".
Mulher, Cristiano — "A Religião na Bahia".

N

Neto, José Ayres — "Médicas".

O

Osorio, Ubaldo — "A Ilha de Itaparica".

P

Peixoto, Afranio — "Breviario da Bahia".
Peixoto, Afranio — "Livro de Horas".

Q

Querino, Manoel — "A Bahia de Outrora".

R

Rezende, Artur — "Curiosidades Latinas".

S

Santos, Malaquias Alvares dos Santos — "Mem. Hist. da Fac. de Med. da Bahia" — 1864.
Silva, Alberto — "A Cidade de Tomé de Souza".
Silva, Alberto — "Gloria e Sofrimento de Castro Alves".
Spalding, Valter — Um historiador Baiano em Porto Alegre.

T

Torres, Mario — "Os Sodrés" — Rev. Genealogica Brasileira, n. 5.
Torres, Otavio — "Esbôço Histórico dos Acontecimentos Mais Importantes da Vida da Faculdade de Medicina da Bahia".

V

Vasconcelos, Ermelinda Lopes de — Formas Clínicas de Meningite na Criança — Diagnóstico Diferencial — Tése, 1888.
Vasconcelos, Ivolino de — Francisco de Castro.
Viana, Antonio — Casos e Coisas da Bahia.

ÍNDICE

Justificação 5

Parte Primeira — A mulher e a Medicina

I — Ambiente Hostil 11
II — Ação e Reação 19
III — Triunfo da Perseverança 25
IV — A Brasileira do "New-York College" 33
V — Pioneiras Sul-Americanas 41

Parte Segunda — A Grande Controversia

I — As Três Gaúchas 51
II — Prioridade Reconhecida 65

Parte Terceira — Vocação Singular

I — Predestinação 83
II — Amor... Amor... 93
III — Tragedia Doméstica 103

Parte Quarta — A Primeira Médica do Brasil

I — Desejos de Mãe 111
II — A Estudante de Medicina 121
III — Vida Acadêmica 129
IV — Vida Social 143
V — Arrancada Triunfal 155

VI — A Clínica, o Lar e a Política 195b
VII — Velle Est Posse (Querer é Poder) 173a
VIII—Exaltação 203

* * *

Doutoras e Médicas pela Faculdade de Medicina da Bahia 215
Fontes Pesquisadas 237
Trabalhos consultados 241

médico severo, ministrado com rigor absoluto pelos velhos mestres da Medicina no Brasil.

Pertencendo a distinta família, Rita Lobato Velho Lopes era de uma beleza invulgar e sobressaía como figura de relêvo no grande círculo de suas relações. A mulher, tanto quanto a cientista, soube conduzir-se com a dignidade e o humanismo que se poderiam esperar da sua grande sensibilidade.

Empenhado a fundo na reconstrução dessa personalidade, o autor realizou viagens que se estenderam também aos países vizinhos, tornando-se sua obra um estudo completo sôbre as pioneiras sul-americanas da Medicina, que concluiram curso e se dedicaram proficientemente à difícil e humaníssima arte de curar. No trato minucioso dessas vidas, recompõe-se o ambiente social dos fins do século passado, adquirindo a obra uma vivacidade que encanta, delicioso sabor de crônica.

As notas elucidativas e as obras consultadas atestam a excelência das fontes, dando ao trabalho do Professor Alberto Silva a exatidão indispensável aos bons livros do gênero.

IRMÃOS PONGETTI — Editores

RIO DE JANEIRO